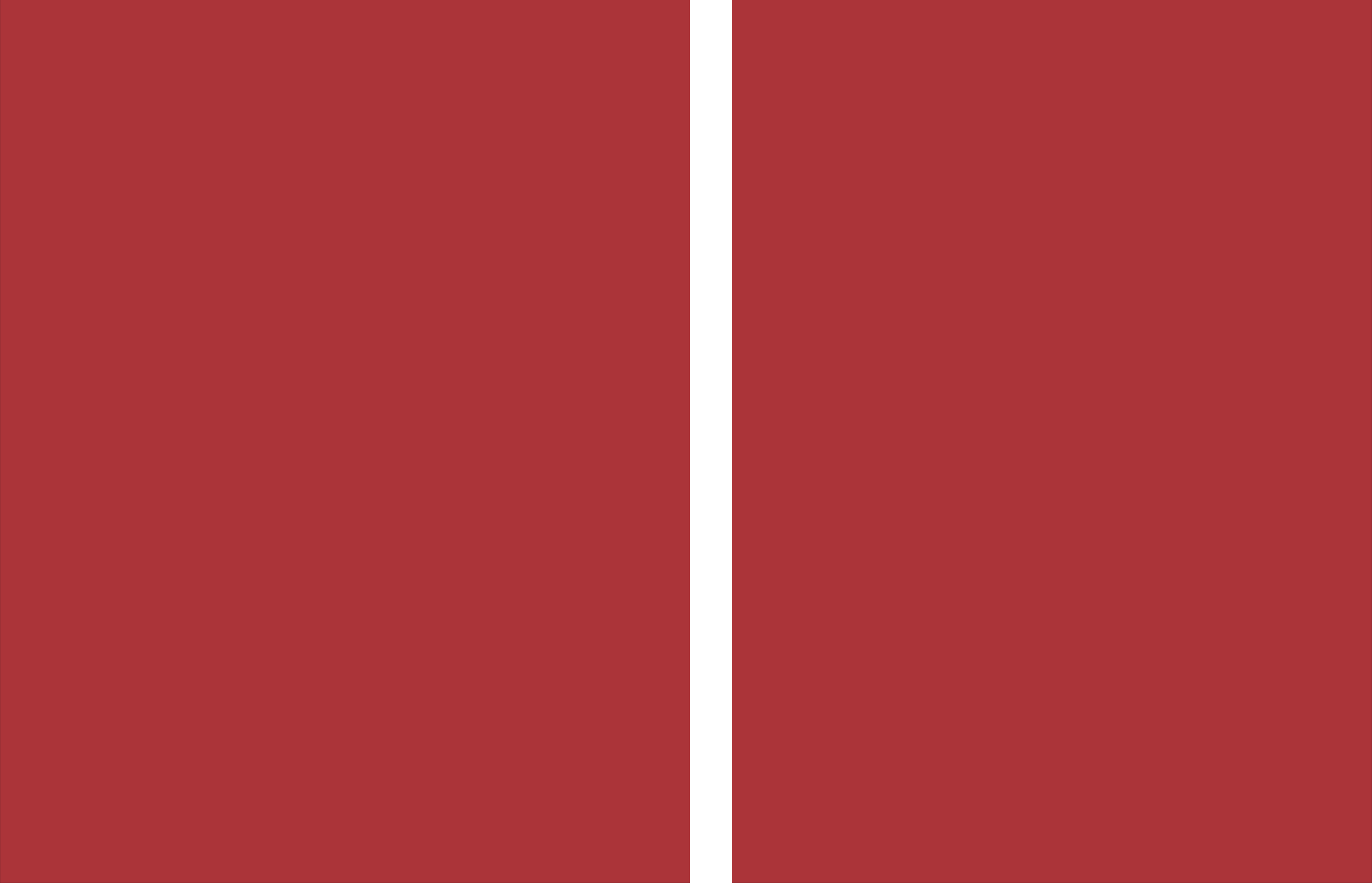
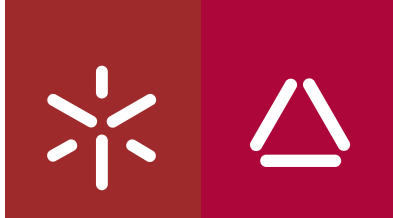


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Matthias Ammann

Narciso, o arquiteto do vazio





Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Matthias Ammann

Narciso, o arquiteto do vazio

Tese de Doutoramento em Estudos Culturais
Especialidade em Sociologia da Cultura

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Jean-Martin Rabot

abril de 2017

DECLARAÇÃO

Nome: Matthias Ammann

Número do passaporte: X 3192754

Endereço de correio eletrónico: matthiasammann@gmail.com

Título da tese: Narciso, o arquiteto do vazio.

Orientador: Professor Doutor Jean-Martin Rabot

Ano de conclusão: 2017

Designação do Doutoramento: Doutoramento em Estudos Culturais, na Especialidade de Sociologia da cultura.

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 28/04/2017

Assinatura

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Matthias Ammann', is written over a light blue horizontal line.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 28 de abril de 2017

Nome completo: Matthias Ammann

Assinatura: 

Agradecimentos

Agradeço o afeto, o conhecimento e a compreensão que obtive dos meus pais, irmãos, amigos, professores e mestres.

E agradeço em especial a presença inteligente e vivaz do meu orientador Jean Martin Marie Rabot e a compreensão do meu psicanalista Raul Fernandes que me auxiliaram a navegar por mares um pouco revoltos nos anos de escrita da tese.

Assim, pois, em 1937 — um dia, outro dia, outro dia... — quando chegou a hora de o Sagarana ter de ser escrito, pensei muito. Num barquinho, que viria descendo o rio e passaria ao alcance das minhas mãos, eu ia poder colocar o que quisesse. Principalmente, nele poderia embarcar, inteira, no momento, a minha concepção-do-mundo. (Rosa, 2015, para. 3)

João Guimarães Rosa

Mais um barquinho.

É ruim ter um capataz sulista, pior ter um nortista. Mas a situação pior de todas é quando se é feitor de si mesmo. (Thoreau, 2007, p. 3)

A liberdade é a possibilidade do isolamento. És livre se podes afastar-te dos homens, sem que te obrigue a procurá-los a necessidade de dinheiro, ou a necessidade gregária, ou o amor, ou a glória, ou a curiosidade, que no silêncio e na solidão não podem ter alimento. Se te é impossível viver só, nasceste escravo. (...)

Por isso a morte enobrece, veste de galas desconhecidas o pobre corpo absurdo. É que ali está um liberto, embora o não quisesse ser. É que ali não está um escravo, embora ele chorando perdesse a servidão. Como um rei cuja maior pompa é o seu nome de rei, e que pode ser risível como homem, mas como rei é superior, assim o morto pode ser disforme, mas é superior, porque a morte o libertou. (Pessoa, 1982, para. 1-4)

Ninguém escapa a depressão que está ligada à condição humana, pois este é o preço que pagamos pelo vínculo com objetos que nos dá a alegria de viver. (Green, 1988, p. 297)

Resumo

Este trabalho procura compreender o mal-estar da atualidade em sua dimensão relacional e social a partir do narcisismo. Segundo a nossa abordagem, todos os indivíduos trazem dentro de si as marcas de um narcisismo primário advindo de uma fase remota do desenvolvimento psicoemocional que podem ser acionadas, retomadas e acentuadas em algumas configurações socioculturais. Uma vez regredido às partes narcísicas e insuflado o seu ideal, é almejado evitar todo o mau e corresponder ao ideal de perfeição que no limite visa excluir a morte. Todavia, quanto mais a morte e o mau são excluídos, mais eles atormentam e impregnam o viver, exigindo que todos os vértices em que o mau e a morte possam surgir sejam limados. Desta forma diversas facetas sociais como o trabalho, a sexualidade, a política e o conhecimento são destruídas ou desinvestidas, restando apenas um sistema de reprodução da imagem especular e familiar. Felizmente, apesar dos protestos de Narciso, o mau e a morte sempre vencem e, talvez em tempo, a revelação do princípio vital da desunião mediado por um objeto amoroso poderá ceifar os ideais narcísicos, remediar a pobreza existencial da atualidade e permitir o surgimento do outro, do afeto e do pensamento. Para embasar nossa reflexão, utilizamos múltiplos referenciais teóricos e diferentes abordagens metodológicas perpassando áreas como mitologia, psicanálise, economia, sociologia, estudos culturais, filosofia, estatísticas descritivas e análises qualitativas, sem mencionar o fértil exercício do pensamento especulativo e ensaístico, apesar dos protestos de nossa ciência narcísica e positivada.

Palavras-chave: narcisismo de morte, mau, psicanálise, economia, pensamento.

Abstract

The present work seeks to understand the current civilization's discontents in its relational and social dimension starting from the perspective of narcissism. According to our approach, all individuals carry within themselves the marks of a primary narcissism arising from a remote phase of the psycho-emotional development that can be accessed, triggered and accentuated in some sociocultural settings. Once regressed to the narcissistic parts and its ideal inflated, the aim becomes to avoid evil and to correspond to the ideal of perfection that, at its limit, aims excluding death. However, the more death and evil are avoided, the more they torment and impregnate life, demanding that all the areas from which evil and death may arise have to be abandoned. In this way diverse social facets as work, sexuality, politics and knowledge are either destroyed or disinvested, leaving only a reflex system of reproduction of the familiar image. Fortunately, despite Narcissus's protests, evil and death always prevail, and perhaps in time, the revelation of the vital principle of disunion mediated by a loving object may mow narcissistic ideals, remedy the existential poverty of today and allow the emergence of affection and thought. To support our reasoning, we used multiple theoretical references and different methodological approaches ranging from mythology, psychoanalysis, economics, sociology, cultural studies, philosophy, descriptive statistics and qualitative analysis, not to mention the fertile exercise of speculative and essayistic thinking, despite the protests of our narcissistic and positive science.

Key words: narcissism of death, evil, psychoanalysis, economy, thought.

ÍNDICE GERAL

1.	Introdução.....	1
2.	O mito de Narciso	11
2.1	Hinos Homéricos à Deméter, século VI a.C.	15
2.2	As narrativas de Conon, século I d.C.	16
2.3	Pausânias, Descrição da Grécia, II. d.C.....	18
2.4	Ovídio, <i>Metamorfoses</i> , I. d.C.....	20
2.5	O papiro de Oxirrinco (P. OXY. 69, 4711), I a. C.....	21
2.6	Considerações sobre o mito de Narciso	22
3.	Narciso na psicanálise	25
3.1	Narcisismo em Freud	26
3.2	Narcisismo de vida e narcisismo de morte.....	49
3.2.1	Narcisismo de vida	50
3.2.2	Narcisismo de morte.....	55
3.3	Ideal do eu e a psicologia de massas	62
4.	Capitalismo, o atual contexto.....	79
4.1	Do controle à cobrança narcísica	82
4.2	Dos instrumentos da massificação à massificação dos instrumentos	94
4.3	Desenraizamento e globalização econômica.....	104
5.	Narcisismo e capitalismo	117
5.1	O líder	118
5.2	Sedução/ação capitalista e a agonia de Eros	142
5.3	Melancolia e narcisismo de morte.....	156
6.	Faces do narcisismo de morte	165
6.1	Assexualidade	166
6.2	Apatia política e apolitismo	189
6.3	Saber frio	204

7.	Sou amado, amo, amamo-nos: a morte enquanto conselheira.....	223
8.	Da reta ao ciclo	237
9.	Considerações finais	251
10.	Referências	255
11.	Anexos	269
11.1	Anexo I - Hino Homérico à Deméter I, versão Massi (2001)	269
11.2	Anexo II - Ovídio, Metamorfoses, l. d.C, versão Carvalho (2010)	280
11.3	Anexo III - Sites sobre as qualidades do líder.....	283

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Ego e Id.	44
Figura 2 - Ideal do eu e objeto externo	69
Figura 3 - Ebenen gesellschaftlicher Wirklichkeitskonstruktion. (Contributos para a construção da realidade social.)	102

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - No interest in politics: by age, 2011-12(%)	193
Gráfico 2 - Trends in Research by Agency, FY 1976-2017.....	212
Gráfico 3 - Trends in Federal Research by discipline, FY 1970-2016.....	213
Gráfico 4 - Support by discipline as a share of total research funding, FY 1970-2016.	214
Gráfico 5 - Antidepressant drugs consumption, 2000 and 2013 (or nearest year).....	247

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 - Líder 1	122
Imagem 2 - Líder 2	122
Imagem 3 - Líder 3	122
Imagem 4 - Líder 4	122
Imagem 5 - Líder 5	123
Imagem 6 - Líder 6	123
Imagem 7 - Líder 7	123
Imagem 8 - Líder 8	123
Imagem 9 - Líder 9	124
Imagem 10 - Líder 10	124
Imagem 11 - Líder 11	124
Imagem 12 - Líder 12	124
Imagem 13 - Líder 13	125
Imagem 14 - Líder 14	125
Imagem 15 - Líder 15	125
Imagem 16 - Líder 16	125
Imagem 17 - Líder 17	126
Imagem 18 - Líder 18	126
Imagem 19 - Líder 19	126
Imagem 20 - Líder 20	126

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Forbes (2014), Trinta pessoas mais poderosas do mundo	119
Tabela 2 - Qualidades do líder	137
Tabela 3 - Qualidades do líder com marcações	138
Tabela 4 - <i>Political Interest Index 2015</i>	194
Tabela 5 - <i>For each of the following institutions, please tell me if you tend to trust it or tend not to trust it. (Answer: Tend to trust)</i>	195
Tabela 6 - Quão interessado está na política, Portugal/ How interested in politics, Portugal	196
Tabela 7 - Interesse pela política da população portuguesa, 2007-2015. Total da população, por faixa etária (%).	197
Tabela 8 - Satisfação com a Democracia da população portuguesa, 2007-2015. Total da população, por faixa etária (%)	197
Tabela 9 - Participação política da população portuguesa, 2007 e 2015. Total da população que responde 'pertence e participa ativamente' e 'pertence mas não participa ativamente'	198
Tabela 10 - A eficácia da ação social e política da população portuguesa, 2015-2007.	198
Tabela 11 - <i>Perception of corruption levels for different institutions and groups</i>	201
Tabela 12 - <i>Gross expenditures on R&D for selected countries, by performing sector and source of funds: 2013 or most recent year</i>	211
Tabela 13 - Publicações de maior impacto nos indexadores	218
Tabela 14 - Exemplo hipotético para o país A	241

1. Introdução

Produzir este trabalho foi enveredar pelo mal-estar.

Diferente do mal-estar na civilização/cultura enunciado por Freud (1930/1996)¹ em que o incômodo advinha dos conflitos entre as pulsões e o aparato civilizatório/repressor, na atualidade o conflito está situado entre o individualismo ou dificuldade em estabelecer vínculos e o vazio.

Este conflito se relaciona certamente com o contexto das forças de mercado que integram, unificam e aceleram uma dimensão do humano, mas nos parece que muitas vezes os críticos e os pensadores negligenciam a base sobre a qual essa estrutura de dominação é construída – o psiquismo humano.

Psiquismo que não é passivo, mas tampouco é livre e consciente das suas dependências emocionais, sendo, logo, capaz de ser arrebatado por estruturas ideológicas ou de dominação que dialogam com os seus conflitos inconscientes e primitivos, e simultaneamente é criador de alianças ocultas que endossam e propulsionam algumas configurações sistêmicas.

Nessa abordagem, o indivíduo é ora criatura influenciada pelo sistema e ora é criador que se manifesta na dinâmica social encampando algumas estruturas em detrimento de outras.

Se pensarmos em um tipo ideal para a atualidade muitos virão à mente, mas um que provavelmente não escapa é Narciso.

Narciso é um tipo ou uma estrutura que bem caracteriza o humano hoje. Seu apego excessivo à imagem reflexa e à beleza, a dificuldade que tem em se relacionar com o diverso e sua pobreza existencial advinda da incapacidade de ir além da afirmação compulsiva do igual.

Tipo ideal que é uma generalização e simplificação, mas que também dialoga ou expõe os elementos favorecidos na atual estrutura de dominação, tornando-se, logo, hegemônica. Neste caso, parece que os predicados advindos

¹ No presente trabalho utilizamos significativamente a obra de Freud e citamos a sua obra com a data original da publicação seguida da data de publicação da coletânea que utilizamos. Fizemos isso para melhor demonstrar a evolução do pensamento do autor.

das partes narcísicas dos indivíduos vêm ganhando proeminência na atual estrutura social em detrimento de outras. Essa apreciação faz com que retomemos temas antigos como ideologia, poder e dominação.

Na perspectiva de Hall (2005), o movimento pós-marxista deixou de utilizar os conceitos marxistas fechados, sendo que muitas vezes os utiliza de modo diverso ou mesmo demonstrando a sua inadequação.

Ao nos focarmos no debate sobre ideologia, ou neste caso meta-ideologia, gostaríamos de enfatizar a forma que a consciência de massa ou grupos é transformada em um contexto pós-indústria cultural e, mais importante ainda, como é chancelado um consentimento em relação ao atual sistema de dominação que salienta as partes narcísicas do humano.

Neste caso concordamos que a ideologia se tornou algo mais amplo, descritivo e menos sistemático do que nos textos do marxismo clássico, podendo ser compreendida como a estrutura mental – a língua, os conceitos, categorias, imaginário de pensamento e sistemas de representações – por meio do qual diferentes classes e grupos sociais se posicionam para atribuir sentido, compreender e conferir uma inteligibilidade ao viver em sociedade (Hall, 2005). Mas ainda nos fica a dúvida de como os seus elementos se infiltram, consolidam e salvaguardam uma posição hegemônica que se articula com a mente de grupos, tornando-se forças simbólicas e materiais.

Hall (2005) enfatiza que depois da revisão althusseriana foi deslocada grande atenção para o modo que as ideologias são internalizadas, como ocorre a transmissão de seus elementos, os limites para as categorias de pensamento e a busca por elementos mais adequados para pensar os constructos sociais. Mas também é necessário lembrar que muitas reflexões à volta da ideologia foram abandonadas em pensadores como, por exemplo, Foucault em benefício de construções teóricas mais sofisticadas.

Em acordo com o pensamento expresso acima, não há a intenção de retomar integralmente este debate, mas também não o refutamos inteiramente, pois ele nos oferece elementos de base cruciais para a reflexão sobre a dinâmica de poder e, eventualmente, expande a compreensão e as possibilidades de transformações psíquicas, sociais e materiais.

Situamo-nos, logo, em uma perspectiva simultânea de criação e revisão, sendo que o último aspecto nos parece crucial especialmente se considerarmos os elementos mais básicos de teorias que versam sobre o humano.

Um exemplo que nos parece pertinente se encontra na gênese do modelo teórico económico hegemônico que busca descrever os aspectos motivacionais que lançam o indivíduo na dinâmica social, especialmente no mercado, mas é notória certa amplitude ou pluralidade de visões, distinta da atual abordagem que propaga apenas uma verdade.

Explicamos melhor, no bem conhecido trecho de Smith (1996) é enfatizado que apenas a busca pelo interesse individual é a força motriz do bem-estar coletivo.

Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse. Dirigimo-nos não à sua humanidade, mas à sua auto-estima, e nunca lhes falamos das nossas próprias necessidades, mas das vantagens que advirão para eles. (Smith, 1996, p. 74)

Também Marx (1996a) reitera o mesmo ponto em uma perspectiva histórica à medida que afirma

A esfera da circulação ou do intercâmbio de mercadorias, dentro de cujos limites se movimentam compra e venda de força de trabalho, era de fato um verdadeiro éden dos direitos naturais do homem. O que aqui reina é unicamente Liberdade, Igualdade, Propriedade e Bentham. Liberdade! Pois comprador e vendedor de uma mercadoria, por exemplo, da força de trabalho, são determinados apenas por sua livre-vontade. Contratam como pessoas livres, juridicamente iguais. O contrato é o resultado final, no qual suas vontades se dão uma expressão jurídica em comum. Igualdade! Pois eles se relacionam um com o outro apenas como possuidores de mercadorias e trocam equivalente por equivalente. Propriedade! Pois cada um dispõe apenas sobre o seu. Bentham! Pois cada um dos dois só cuida de si mesmo. O único poder que os junta e leva a um relacionamento é o proveito próprio, a vantagem particular, os seus interesses privados. E justamente porque cada um só cuida de si e nenhum do outro, realizam todos, em decorrência de uma harmonia preestabelecida das coisas ou sob os auspícios de uma providência toda esperta, tão-somente a obra de sua vantagem mútua, do bem comum, do interesse geral. (Marx, 1996a, p. 293)

Nessa abordagem, o livre arbítrio humano, a liberdade e o individualismo seriam sinónimos. E a dinâmica competitiva dos mercados seria a expressão

máxima de liberdade, ressaltando apenas o traço universal da natureza humana que figura ao redor do egocentrismo, individualismo e auto-interesse, endossando ideias como

'Freedom', 'Equality', 'Property' and 'Bentham' (that is, Individualism)—the ruling ideological principles of the bourgeois lexicon, and the key political themes which, in our time, have made a powerful and compelling return to the ideological stage under the auspices of Mrs Thatcher and neo-liberalism—may derive from the categories we use in our practical, commonsense thinking about the market economy. (Hall, 2005, pp. 45-46)

Ideias essas fortemente difundidas no ideário neoliberal, mas que são uma verdade parcial. Dizemos isso, pois o mesmo Smith (1982) em *The Theory of Moral Sentiments* ressaltou a importância de apoiarmos sistemas que vão além dos interesses econômicos e políticos e que estão baseados nos sentimentos morais, na simpatia, na empatia e na compaixão. Esses sistemas criariam a base que permitiria ir além ou flexibilizar o autointeresse, incluindo gradualmente a família, os vizinhos, os concidadãos nacionais e a humanidade em uma trama afetiva e moral.

Encontramo-nos, então, em uma guerra de posições ou disputa ideológica?

A resposta que consideramos mais adequada para essa pergunta é sim e não. Sim, pois na atualidade é mediada uma realidade unidimensional (Marcuse, 2011) ou um sistema mistificador que impede de ver, formular e pensar abordagens múltiplas sobre o humano na atual trama social, havendo a necessidade de uma guerra ideológica em benefício de visões plurais. Não, pois concordamos com Smith (1982) que no início do desenvolvimento psico-emocional o indivíduo tem fortes impulsos auto-conservadores, individualistas e onipotentes, mas que por meio de estruturas sociais afetivas e que estimulem o conhecimento e o autoconhecimento é possível ir além da posição narcísica.

Todavia, o oposto também parecer ser possível. Alguns sistemas podem propiciar uma regressão individual e coletiva ou simplesmente a não evolução para sistemas mais generosos, acirrando traços e estruturas narcísicas.

Para construirmos essa reflexão, foi fundamental incluir o referencial psicanalítico a partir de Freud (1914/1996) que afirma que o narcisismo pode ter curso regular no desenvolvimento humano e que sua função original migraria para o ideal do ego no decorrer do desenvolvimento.

Em acordo com a visão psicanalítica, esses elementos fariam parte do processo primitivo de cisão da realidade, internalização e preservação do objeto bom/idealizado e exclusão do mau, sendo esta a única forma de fazer o incursão na realidade. Ou seja, o narcisismo seria uma forma compensatória para abdicar da onipotência inicial, idealizando a si mesmo e criando um objeto redentor, uma vez que o indivíduo ainda é incapaz de unificar a dimensão negativa da realidade e de si mesmo.

Cria-se, deste modo, a base sobre a qual as partes ideais estruturam e organizam muitos aspectos da dimensão social verticalmente e horizontalmente e que não podem ser abdicadas enquanto o indivíduo não for capaz de tolerar a morte das suas partes ideais e a aceitação da realidade em sua dimensão de perda.

A articulação dos elementos ideais individuais em uma trama grupal e social que busca unidade, estabilidade e orientação normalmente projetando o seu ideal sobre a figura do líder não é uma teoria necessariamente nova, pois Freud, os pensadores da Escola de Frankfurt e outros mais já elaboraram reflexões a respeito que sintetizaremos no decorrer do trabalho, mas nos interessa ir além destes pensadores à medida que incluímos a relação entre os elementos ideais e a exclusão do mau, mas que no fundo cria uma sociedade em que há apenas o mau.

Também neste ponto não buscamos um ineditismo, pois pensadores como Nietzsche e Baudrillard já apontaram este aspecto, mas gostaríamos de inserir o contributo de Green (1988) que no fundo sistematiza e expande o pensamento psicanalítico sobre o narcisismo e as pulsões de vida e de morte, consolidando os termos narcisismo de vida e narcisismo de morte, pois acreditamos que, deste modo, fica mais evidente a atual faceta social do mau que tende a regredir ao nada ou vazio.

Em acordo com Green (1988), o narcisismo de vida mediado por uma estrutura afetuosa e elucidativa permite a criação e o investimento de uma unidade psíquica capaz de lidar com as perdas e as frustrações e de viver os encontros afetivos apesar da sombra da perda. No narcisismo de morte, devido a sua hipersensibilidade narcísica, há uma dificuldade em abdicar dos aspectos ideais e a única solução diante de uma realidade com dimensões negativas é aspirar o repouso no neutro e na ausência de perturbações, aproximando-se fortemente do niilismo criticado por Nietzsche.

No último caso, as partes narcísicas têm como objetivo único corresponder à idealização e excluir toda dimensão de frustração, dependência e negatividade ou, genericamente, todo mau.

Mau que nada tem de moral, mas é o princípio de desequilíbrio e vertigem, de complexidade e estranheza, um princípio de incompatibilidade, de antagonismo e de irredutibilidade (Baudrillard, 1991). Mau que é no fundo o reconhecimento da impermanência, do não controle, da morte, do tempo e das perdas.

As partes narcísicas ainda fortemente dependentes das suas partes ideais, buscam a qualquer preço afirmar uma positividade e segregar radicalmente todo mau e toda morte, fazendo com que eles ressurgam em toda parte (Baudrillard, 1991). Isto, pois, a luta de Narciso é inglória, uma vez que a mudança é inerente ao viver e a busca narcísica por uma preservação ideal é constantemente frustrada em realidade, exigindo o deslocamento para uma realidade paralela que o consola, mesmo que estéril.

Ainda no que tange a manutenção do delírio positivo das partes narcísicas, é necessária aceleração e preenchimento contínuo para impedir qualquer falha, ruptura e um possível encontro com a realidade total que possa lembrar do mau.

Infelizmente a fantasia de Narciso termina inevitavelmente em um encontro com a realidade e provavelmente uma depressão melancólica, pois a realidade em sua dimensão de perda não pode mais ser negada, mas também não é tolerada diante da incapacidade de renunciar à fantasia ideal.

Incapaz de superar o conflito melancólico e fazer um luto, Narciso vive uma incessante batalha entre o seu sonho ideal e a realidade que o frustra. E o último recurso da onipotência narcísica é enveredar pela destruição dos vínculos, das relações objetais e de qualquer elemento que desperte emoção, apagando deste modo qualquer sombra da perda.

No presente trabalho demonstraremos como é possível que essa destrutividade ideal pode fazer ruir constructos sociais como a sexualidade, a política, o conhecimento entre outras dimensões sociais do viver. No limite, a própria unidade psíquica é desinvestida e destruída, tornando-se um nada.

Eis que o narcisismo que tem curso regular no desenvolvimento humano tem, por um lado, potencial de vida e, por outro lado, de morte. Se mediado ou apoiado por um objeto afetuoso ou por uma estrutura social competente e capaz de compreendê-lo, pode atuar em benefício das pulsões de vida. Mas o seu oposto também é possível, incapaz de lidar com a realidade envereda pelas pulsões de morte.

E, infelizmente, parece-nos que o atual contexto técnico-mediático-mercantil à medida que acentua a fantasia narcísica, insuflando o desejo de onipotência e de afirmação do ideal do ego em detrimento da realidade com suas componentes negativas, torna o encontro com a realidade cada vez mais penoso, restando somente a opção destrutiva.

Nessa perspectiva, nos propusemos fazer uma análise do poder e das estruturas de dominação em nossa sociedade, partindo não de epicentros alheios e distantes, mas de elementos constituintes e presentes em cada um de nós. Em poucas palavras, buscamos compreender os traços narcísicos e narcisistas que ganharam relevo na modernidade tardia e que visam exclusivamente manter uma estabilidade ideal, mas cujo preço é a inanição e o vazio ou no limite destruição e desinvestimento.

A análise deste tema se mostrou complexa, mas, felizmente, amparados pelos Estudos Culturais – área reconhecida pela sua abertura e versatilidade teórica, bem como o seu espírito reflexivo e ênfase crítica sobre as questões da vida cotidiana (Johnson, 2004) – tentamos fazer leituras amplas do tema com vista a compreendê-lo melhor. Para realizar nossa investigação, utilizamos

elementos da mitologia, psicanálise, sociologia, economia, história entre outras áreas do saber, buscando funcionar “como agente e sintoma na reconfiguração da estrutura disciplinar quer das Humanidades, quer das Ciências Sociais” (Baptista, 2009, p. 452).

O caminho escolhido para realizar essa tarefa foi o ensaio crítico que, por meio da interpretação de textos e dados, permitiu-nos fazer um pequeno deslocamento e olhar para esse desconforto de modo diferente, sendo o elemento base a figura de Narciso.

Iniciamos nossa jornada com um capítulo que estudou versões mitológicas do mito de Narciso. Entre os elementos mitológicos, estão os Hinos homéricos à Demeter, uma narrativa de Conon, três versões de Pausânias, a versão mais famosa de Ovídeo elaborada em *Metamorfoses* e uma versão recente que consta no papiro de Oxirrincos. Iniciamos nossa incursão sobre o tema a partir do vértice mitológico, pois consideramos os mitos proto-histórias eternas e recorrentes, informações preciosas sobre os profundos mistérios da existência ou mesmo ricos recursos alegóricos que estão inseridos no tempo forte (Eliade, 2000) e sagrado dos primórdios, sendo, portanto, também o tempo das emoções que é revivido e experienciado constantemente no viver.

Depois no terceiro capítulo incluímos o contributo da psicanálise demonstrando a extensa reflexão concedida ao tema por Freud, sendo o narcisismo elemento central em sua teoria, ainda que no final da sua reflexão teórica tenha sido deixado de lado. Entre os psicanalistas contemporâneos, trouxemos o contributo de André Green que faz uma síntese atual sobre a temática quando elabora conceitos como narcisismo de vida e narcisismo de morte. E resgatamos o amplo debate entre os elementos narcísicos ou partes ideais e a psicologia de massas encampada por inúmeros teóricos.

Uma vez exposta as bases individuais e coletivas sobre as quais os elementos narcísicos se articulam, buscamos caracterizar melhor o atual contexto capitalista no capítulo quatro. Nessa contextualização refletimos sobre a apreciação subjetiva da temporalidade, sobre a configuração comunicacional erigida em um contexto pós-indústria cultural com os seus múltiplos instrumentos acoplados ao humano e sobre o contínuo processo de desenraizamento que é simultaneamente uma inserção/vinculação ao contexto de massa global.

No capítulo cinco apontamos o espaço sobre o qual os traços ideais são projetados, isto é, sobre a lógica econômica e tentamos qualificar este espaço. Depois demonstramos como se estrutura uma unidade sedutora que exaure os indivíduos e simultaneamente oferece pouca ou nenhuma satisfação, culminando na exaustão de Eros. E finalizamos o capítulo evidenciando que diante da incapacidade em satisfazer as demandas tirânicas e megalômanas do seu ideal, instaura-se um quadro melancólico que, impossibilitado de ser liquidado, aspira a dissolução no nada.

Deste modo a onipotência narcísica que almejava tudo pode inverter a polaridade e enveredar pela destruição total de todos os vínculos sociais e afetivos como demonstramos no capítulo seis. Destruição que atua na sexualidade, a força que nos arrebatava em direção ao outro e permite o encontro dos corpos, sendo que buscamos compreender melhor a identidade sexual que tem como cerne a ausência de atração sexual. Depois demonstramos o número crescente de indivíduos que desinveste a política, endossando uma posição de apolitismo ou apatia política. E o terceiro eixo destrutivo, dissocia a produção de conhecimento das paixões humanas com a exceção do medo da morte.

O capítulo sete deste trabalho sugere uma alternativa para fazer capitular os ideais narcísicos e permitir o surgimento do outro e do diverso, quiça uma nova era para a humanidade. Neste sentido, o caminho do afeto, isto é, da compreensão é caminho para o surgimento do eu, do outro e finalmente do nós, sendo que nessa trajetória o mau e, principalmente, a morte perdem sua componente aterrorizadora e se tornam agradáveis conselheiros.

Todavia, o ritmo da transformação descrita acima que permite o encontro de si, do outro e uma harmonização com os ciclos da natureza vem sendo ignorado por uma ideologia do progresso infinito e crescimento econômico ilimitado. Criticamos a linearidade narcísica no capítulo oito e sugerimos a retomada de perspectivas cíclicas para que não incorramos em catástrofes ambientais e sociais.

Nas considerações finais sintetizamos alguns aspectos trazidos no trabalho e inserimos a provocação de pensar, sentir e viver a existência partilhada de modo complexo e diverso da atual reflexividade unidimensional.

2. O mito de Narciso

O mito de Narciso é um mito cuja aderência ou ressonância na civilização ocidental foi ampla, gerando uma sucessão de produtos culturais que permeiam o imaginário coletivo em diferentes áreas da arte como, por exemplo, nas obras de Dante, Shakespeare, Paul Valéry, Stendhal, Goethe, Oscar Wilde, Paulo Coelho, Hermann Hesse, Herman Melville, Caravaggio, Dali, Poussin, Turner, Waterhouse entre outros artistas, bem como gerou uma sucessão de reflexões nas ciências humanas e tornou-se um importante predicado para caracterizar o humano e a sociedade contemporânea.

Impossibilitados de resgatar toda a obra que aborda o tema, optamos pelas seguintes versões mais expressivas e antigas do mito: Hinos Homéricos à Deméter, Conon, Pausânias, Ovídeo e um antigo papiro – Papiro de Oxirrincó 69, 4711 – descoberto em 2004 cuja origem e autoria ainda está em debate.

Salientamos que o objetivo deste resgate é expor e qualificar o universo simbólico construído ao redor deste mito sem, no entanto, esgotá-lo, uma vez que muitas produções e reflexões já foram produzidas a respeito de Narciso e fugiria ao escopo deste trabalho um detalhamento minucioso da trama mitológica construída ao redor desta figura.

Antes de descrever propriamente algumas versões mitológicas de Narciso, vale refletir um pouco sobre o poder do mito.

O mito é detentor de grande poder, pois é sagrado. Sagrado por remeter ao tempo dos deuses, mas sagrado, principalmente, por dialogar com os profundos mistérios interiores.

Segundo a poesia de Pessoa (1972),

ULISSES

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.

Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.
(Pessoa, 1972, para.1-4)

A poesia descrita acima nos auxilia a compreender que o mito é um fragmento de tudo e simultaneamente de nada. Uma proto-história de tempos remotos e do agora, uma existência vazia e por isso capaz de criar e recriar o todo, um processo que escorre e fecunda a realidade e a vida, vida essa fugaz, uma vez que o que permanece é o mito.

Para Campbell (1990), os mitos são:

bocados de informação, provenientes dos tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta. Mas assim que for apanhado pelo assunto, haverá um tal senso de informação, de uma ou outra dessas tradições, de uma espécie tão profunda, tão rica e vivificadora, que você não quererá abrir mão dele. (p. 15)

Fica evidente, portanto, que além de proto-histórias eternas e recorrentes, há nos mitos preciosas informações sobre os profundos mistérios da existência sintetizados e expressos de modo a servirem de sinal ao longo da travessia. Sinais que, quando apanhados, informam sobre os aspectos mais delicados da vida e vivificam. E, quando desconhecidos, exigem uma penosa produção por conta própria.

A amplitude de sentidos dos mitos insere os mesmos em um tempo inexistente e simultaneamente sempre presente. Uma sombra que pode ser projetada sobre qualquer época, sendo sempre verdadeira e atualizável, ainda que nunca precisa.

Diferente do tempo linear mais próximo da abordagem judaico-cristã, o tempo dos mitos é cíclico. Tempo que se encerra e se abre renovadamente,

reatualizando e revivendo alguma “história verdadeira (...) altamente preciosa, porque sagrada, exemplar e significativa” (Eliade, 2000, p. 9). Nesse caso estamos, portanto, no “tempo-forte” do sagrado e dos primórdios, tempo no domínio da religiosidade que integra em sua dimensão significativa, preciosa e exemplar, assim como também no “tempo-forte” das emoções que é presente em todos sujeitos e é revivido e experienciado constantemente no viver.

Diferente do tempo linear, este “tempo-forte” não é superado, mas integrado na forma de um conhecimento aberto que auxilia diante dos renovados ciclos de vida e morte, cosmologia e escatologia, criação e destruição.

Do sagrado às emoções, a “certeza” ampara-se na fluidez, na mudança cíclica e na transformação, e cabe a efêmera existência subjetiva uma posição passiva à medida que compreende a transitoriedade do viver, mas também ativa à medida que integra aprendizados e conhecimentos preciosos que permitem interagir de modo mais adequado nas situações singulares do cotidiano.

Uma vez em sintonia com o poder sagrado do mito, este estende o seu vitalismo e a sua plenitude sobre a existência ainda que a trajetória possa ser árdua, mas o seu desconhecimento ou mesmo a sua negação pode encerrar a existência em penosas repetições inertes e desprovidas de sentido e de vitalidade.

Segundo Eliade (2000), tomando por base a dinâmica cíclica do tempo-forte, os rituais auxiliam a reviver a ordem do passado e ter acesso aos modelos de pensamento e de experiência, sendo que a sua repetição e reatualização permite o aprendizado ou a descoberta do segredo das coisas em sua dimensão mágica-religiosa. E as mensagens ou imagens mediadas pelo mito trazem ou agregam informações importantes para a compreensão do todo revelando ou iluminando todas as atividades humanas significativas, entre elas, a alimentação, o trabalho, o casamento, a cura, a arte e a sabedoria, bem como relatam os acontecimentos iniciais que tornaram o homem em ser mortal, sexuado, organizado em sociedade e obrigado a trabalhar.

Ainda na perspectiva cíclica dos mitos, estes reiteram a necessidade de retorno às origens para permitir a vitalização, a cura e o renascimento da vida. E

“a origem por excelência é a explosão prodigiosa de energia, de vida e da fertilidade que ocorreu por ocasião da Criação do Mundo” (Eliade, 2000, p. 32).

Destacamos que o retorno às origens em muitos casos se assemelha à morte, morte para reatualizar ou reintegrar a vida ao momento da criação, ao começo absoluto, permitindo a regeneração do mundo.

O desejo de conhecer e retornar às origens para facilitar o viver também está presente na cultura ocidental em sua investigação da história, mas especialmente na investigação do verdadeiro primórdio humano, a infância, promovida pela psicanálise e que tanto se assemelha ao tempo mítico inicial, sendo que posteriormente parte dessa mitologia privada orbita na estrutura inconsciente com toda a sua potência de “sacralidade cósmica” (Eliade, 2000, p. 68).

Retornar, integrar-se com o todo e regenerar a existência. Regresso ao útero, paraíso ou tempo mítico e sagrado. Diferentes abordagens e técnicas auxiliam neste processo, mas vale enfatizar que este retorno é dotado de tormentos, escuridão e trevas, isto é, segundo (Eliade, 2000), as trevas pré-natais correspondem à noite anterior à criação e às trevas da cabana iniciática que preparam um novo nascimento e uma nova forma de existência.

Além de desempenhar um papel crucial na cura, na regeneração e na longevidade, este regresso também desempenha um papel fundamental na salvação final e na comunhão com o grande-uno cósmico.

Encontramos, portanto, no modelo exemplar dos mitos uma série de conteúdos, informações e sinais que auxiliam a desempenhar as tarefas mais simples do cotidiano e também as mais difíceis e profundas. Mas, a sua apresentação e o seu conteúdo, uma vez que imprecisos, pois atemporais, necessitam de leituras e releituras constantes para que sua essência seja aprendida.

Situamos, assim, os mitos em uma posição intermediária entre a história e a ficção, caracterizando a história como a certeza e a ficção como a invenção livre. Especialmente se lembrarmos que a origem e a transmissão de muitos mitos inicialmente aparavam-se fortemente na oralidade ou em estruturas rudimentares de escrita ou simbolização, conferindo aos mitos uma dimensão

fluída, uma vez que eram utilizados para responder aos distintos enigmas e necessidades condizentes às diversas épocas.

O mito de Narciso não é diferente, havendo diversas versões com alguns aspectos variantes e outros invariantes entre eles.

2.1 Hinos Homéricos à Deméter, século VI a.C.²

Os Hinos Homéricos à Deméter fazem parte dos Mistérios de Elêusis que eram ritos celebrados na cidade grega de Elêusis e que cultuavam as deusas agrícolas Deméter e sua filha Perséfone.

Estes hinos retratam o rapto de Perséfone por Hades, rei do mundo inferior, enquanto colhia flores com suas amigas, as ninfas Oceânides, no vale de Nisa. Deméter ao desconhecer o paradeiro da filha deixa de cuidar da fertilidade das plantas até que Zeus intercede e consegue trazer Perséfone de volta para que a sua mãe garanta novamente a fertilidade dos frutos e dos cereais. Contudo, Hades, às escondidas, havia dado um grão de romã à Perséfone, selando um compromisso entre eles. Para solucionar o impasse entre Hades e Deméter, Perséfone deve permanecer um terço do ano no submundo e as outras duas partes com sua mãe no mundo dos mortais e dos deuses.

Para o presente trabalho, é crucial analisar o poder de narciso (uma flor) produzida por Gaia (terra) que, por meio do seu poder entorpecedor, tornou-se objeto de desejo de Perséfone e, no momento que ela vai colhê-lo, a terra cede e Perséfone é levada pelos carros dourados de Hades ao submundo. Nesta perspectiva narciso serve de vínculo belo e pérfido entre o mundo e submundo, selando a entrega da filha de Zeus à Hades, seu irmão.

No tocante às interpretações desta obra, muitas abordagens podem ser realizadas. Uma que consideramos significativa é a de Massi (2001) que vê em Perséfone um duplo de Deméter que volta ao caos para renovar as forças e o vigor que asseguram à mãe o poder da transformação. Acrescentamos ainda a

² Utilizamos a tradução que se encontra em Massi (2001). Não reproduzimos o texto na íntegra, pois é muito extenso, o texto se encontra no Anexo I.

visão de Correia (2003) que exalta “a coincidência radical entre beleza que consome a alma, simbolizada por narciso, e a morte, indicada no rapto de Hades” (p. 138), bem como a necessidade de recolhimento da energia a um universo obscuro para o futuro desabrochar da vida.

Acreditamos haver aqui uma rica alegoria que retrata a trajetória cíclica da vida sob a perspectiva do reino vegetal, ou seja, a morte e o lançar de uma semente à terra são o pré-requisito para o brotar de novas colheitas e este processo se sucede constantemente na natureza.

Agrupa-se assim ao redor de Perséfone e, por que não dizer de narciso, duas forças paradoxais, ou seja, a origem da vida corporificada em Deméter e a morte que Hades traz. Sendo que a vida necessita da morte e a morte da vida. Ou, segundo Correia (2003), este contexto representa a máxima afirmação da vida no seio da própria morte.

2.2 As narrativas de Conon, século I d.C.³

As narrativas de Conon fazem parte da Biblioteca de Photius e são compostas de cinquenta aventuras dedicadas ao rei Arquelau Philopator. A narrativa de número 24 é especialmente importante, uma vez que retrata uma versão do mito de Narciso.

Essa narrativa conta que na cidade de Téspias, na Beócia, nasceu uma criança com o nome de Narciso de grande beleza, mas que desprezava o Amor (Eros) e a todos que eram sensíveis a essa paixão. Entre os seus adoradores se encontrava Amintas que, após ser desprezado cruelmente, recebe uma espada de Narciso e, entendendo o significado daquele presente, comete suicídio com a espada na frente do seu amado, mas antes invoca o Amor e pede por vingança. O Amor, atendendo às súplicas de Amintas, faz Narciso se encantar pela sua própria imagem ao passar por uma fonte de águas límpidas. Desesperado por não poder gozar daquilo que ele amava e acreditando sofrer uma punição justa pelo sentimento que provocou em Amintas, ele se mata. Vale contar ainda que

³ Utilizamos a versão francesa de Conon (1738), mas há um trabalho mais recente elaborado por Brown (2002), cujo acesso se mostrou difícil.

os cidadãos de Téspias instituíram sacrifícios em sua homenagem e para eles, o primeiro Narciso – flor – teria brotado do sangue de Narciso.

Segue a tradução francesa do texto:

[24] Vingt-quatrième récit. A Thespie ville de la Béotie, peu distante du mont Hélicon, naquit un enfant qui eut nom Narcisse & qui fut un prodige de beauté, mais qui méprisa souverainement l'amour & tous ceux qui étaient sensibles à cette passion. Aussi désespéra-t-il les adorateurs. Il n'y eut que le seul Amintas qui s'opiniâtra à lui rendre des assiduités, des soins, jusqu'à ce que Narcisse joignant la cruauté au mépris, s'avisa de lui envoyer une épée. Amintas entendit ce que cela voulait dire; après avoir invoqué l'Amour & l'avoir conjuré d'être son vengeur, il prend cette épée & va s'en percer le cœur sous les fenêtres du cruel Narcisse. L'Amour exauça ses vœux. Narcisse un jour, se contemplant dans l'eau d'une claire fontaine, crut voir les charmes dans un autre & fut tellement épris de cette image, que pour la première fois & pour la dernière, on vit en lui un homme assez insensé pour brûler d'une flamme dont il était l'objet. Enfin, désespéré de ne pouvoir jouir de ce qu'il aimait & croyant porter la juste peine des rigueurs qu'il avait exercées contre Amintas, il se tua lui-même. Ce fut en ce temps-là que sur un Oracle qui ordonna qu'on révérait l'Amour à l'avenir plus qu'on n'avait fait par le passé, outre le commun culte que les autres lui rendirent, les Thespiens en particulier instituèrent des sacrifices en son honneur. Ces peuples; sont persuadés que les premiers Narcisses que l'on a vus, sont sortis de la terre qui avait été trempée du sang de Narcisse. (Conon, 1738, para. 26)

Na versão de Conon, destacamos uma crueldade em Narciso, quando envia para Amintas uma espada, insinuando assim o seu aniquilamento. Ou seja, há neste ato de Narciso uma proximidade com os sentimentos destrutivos infantis que não reconhecem a alteridade, o outro, e o isenta de sentimentos de empatia, culpa e remorso.

Além da ausência de compaixão ou mesmo remorso na relação homossexual com Amintas, é invocado a providência divina punitiva nos moldes da lei de Talião, cujo cerne é a reciprocidade e não a compreensão e a aplicação de penas diversas e adequadas a cada contexto. Neste caso, o castigo por desprezar uma relação homossexual com Amintas é morrer devido a outra relação homossexual – ele e o seu reflexo – que adquire o status de impossível.

Somamos que no final do mito, talvez devido à tradução, há uma confusão sobre o surgimento da flor e os sacrifícios em Téspias. Estes podem homenagear Narciso, sua morte, a revanche divina, o Amor (Eros), ou lembrar o custo da

exclusão do Amor (Eros) e do outro. Não dá para saber ao certo, mas parece que é criada uma celebração para aquele desfecho trágico.

2.3 Pausânias, Descrição da Grécia, II. d.C.⁴

Outras duas novas versões são trazidas pelo geógrafo Pausânias quando descreve um local chamado Donacon no território de Thespieae, além de reafirmar a versão já descrita nos Hinos Homéricos à Deméter.

Na primeira versão o autor menciona que havia uma fonte que era conhecida como a fonte de Narciso. Naquelas águas, Narciso olhou sem entender que via o seu próprio reflexo e inconscientemente se apaixonou por si mesmo e morreu. Porém, Pausânias salienta que essa versão parece ser demasiadamente estúpida, pois um homem com idade suficiente para se apaixonar seria capaz de diferenciar a si mesmo do seu reflexo.

Segue a tradução em inglês,

In the territory of the Thespians is a place called Donacon (Reed-bed). Here is the spring of Narcissus. They say that Narcissus looked into this water, and not understanding that he saw his own reflection, unconsciously fell in love with himself, and died of love at the spring. But it is utter stupidity to imagine that a man old enough to fall in love was incapable of distinguishing a man from a man's reflection. (Chapter 31, section 7, para. 3)

Uma outra versão menos popular menciona a existência de uma irmã gêmea de Narciso. Eles eram idênticos na aparência, os seus cabelos eram iguais, eles vestiam as mesmas roupas e caçavam juntos. Narciso se apaixona pela irmã e, quando a irmã morre, ele vai até a fonte, sabendo que era o seu próprio reflexo que via, mas, ainda assim, encontrava naquela imagem algum alívio para o seu amor, imaginando a irmã no seu reflexo.

Segue a tradução em inglês,

There is another story about Narcissus, less popular indeed than the other, but not without some support. It is said that Narcissus had a twin

⁴ Utilizamos a tradução do inglês de Jones e Omerod disponível em Pausanias (1918).

sister; they were exactly alike in appearance, their hair was the same, they wore similar clothes, and went hunting together. The story goes on that Narcissus fell in love with his sister, and when the girl died, would go to the spring, knowing that it was his reflection that he saw, but in spite of this knowledge finding some relief for his love in imagining that he saw, not his own reflection, but the likeness of his sister. (Chapter 31, section 8)

A terceira versão, versão mais do gosto do autor, menciona que a flor já crescia antes e se baseia nos versos de Pamphos que retratariam o rapto da filha de Deméter enquanto colhia flores, narcisos.

Segue a tradução em inglês,

The flower narcissus grew, in my opinion, before this, if we are to judge by the verses of Pamphos. This poet was born many years before Narcissus the Thespian, and he says that the Maid, the daughter of Demeter, was carried off when she was playing and gathering flowers, and that the flowers by which she was deceived into being carried off were not violets, but the narcissus. (Chapter 31, section 9)

A despeito da impressão de Pausânias, a primeira versão é significativa para o nosso trabalho, quando coloca o enamoramento de Narciso por si e a incapacidade de se reconhecer em seu reflexo. A grande contribuição desta versão é a simplicidade com que é colocada a possibilidade de alguém se apaixonar pela sua própria projeção fantasiosa mesmo sem perceber que não há o outro, mas apenas a reafirmação de si ou uma cegueira narcísica. Ademais, doce ilusão é emparelhar maturidade psico-emocional com idade.

No tocante à segunda aparição do mito em Pausanias, é com certa ternura que podemos ver a relação heterossexual de Narciso com sua irmã, apesar da carga incestuosa e da dessexualização da irmã dado que ela era exatamente igual a Narciso, e como a perda gera uma projeção fantasiosa de parte de si para tentar servir de consolo ou substituto imagético de uma relação passada.

2.4 Ovídio, *Metamorfoses*, I. d.C.⁵

Outra abordagem é dada ao mito de Narciso no poema *Metamorfoses* de Ovídio. Nesta versão, Narciso nasce na Beócia e é fruto de uma violação da ninfa Liríope por Céfiso, deus dos rios. Quando sua mãe, Liríope, interroga o cego e sábio Tirésias sobre a longevidade do rebento, este responde que ele viverá: “se não se conhecer”. Narciso é um belo rapaz desejado por muitos, moças e rapazes. A ninfa Eco faz parte daqueles que se apaixonam por Narciso, mas, uma vez que era impossibilitada de falar, apenas repetia o que ouvia e quando consegue se lançar sobre Narciso é refutada e se consome em tristeza, definhando até restar apenas a sua voz. Após muitas decepções em relação a Narciso, uma das ninfas suplica à Némesis que também Narciso ame o que não possua e seu pedido é atendido. Ao passar por uma fonte límpida e beber daquela água, Narciso se encanta com o seu belo reflexo e não consegue mais deixá-lo. Narciso chega a reconhecer que a imagem que tanto amava era ele mesmo (Correia, 2003), mas não consegue largar o seu reflexo, o que o leva a definir lentamente até a morte. A caminho da sua morada infernal, o jovem ainda busca a sua imagem no Estige (rio que separa os vivos dos mortos). No momento em que as ninfas vão buscar o seu corpo, nada encontram, apenas uma flor com o broto cróceo e as pétalas brancas.

Essa versão mais conhecida do mito de Narciso tem alguns aspectos interessantes, entre eles destacamos que Narciso toma consciência do que ocorre, mas não consegue deixar a sua obsessão pelo seu reflexo; há uma aversão ao amor desde a sua concepção que foi violenta e também em suas relações com a ninfa Eco e com os demais que se aproximam dele; e seu castigo não é a morte, mas a condenação de um amor impossível que prossegue ininterruptamente (Ubinha & Cassorla, 2003).

Destacamos o papel do sábio Tirésias que aponta um aspecto crucial para a vida e a morte de Narciso que é o conhecer a si próprio, bem como um valioso elemento de ligação entre este mito e, por exemplo, o Édipo Rei de Sófocles que

⁵ Baseamo-nos na versão traduzida por Carvalho (2010) elaborada no seu trabalho de pós-doutoramento e inserimos a parte que aborda o mito de Narciso no Anexo II.

foi fartamente utilizado pela cultura moderna dando origem, por exemplo, ao complexo de Édipo.

Correia (2003) acrescenta que Narciso mantém uma grande proximidade com duas figuras femininas, sua mãe, Leiriope, que deriva do latim flor de lírio e a ninfa Eco, aquela cuja voz ao fundo é apenas uma repetição, um reflexo ou um duplo, duplo este que o rapaz reconhecerá também nas águas.

2.5 O papiro de Oxirrinco (P. OXY. 69, 4711), I a. C.

Recentemente, a equipe do professor Dr. Benjamin Henry, buscando em dezenas de milhares de papiros encontrados no final do século XIX e início do século XX na antiga lixeira em Oxyrhynchus, no Egito, descobriu entre os antigos manuscritos uma versão anterior do mito, cuja autoria provável é de Parténio de Niceia, um grego nascido por volta de I a.C.

Segundo os dados disponíveis no papiro de Oxirrinco (P. OXY. 69, 4711), apesar das más condições de preservação do documento e das muitas lacunas encontradas no texto, Narciso não morre devido a um amor impossível, mas após cometer suicídio.

Utilizando a tradução de Jesus (2006) e um pouco de criatividade para preencher as lacunas do texto, um sujeito que acreditava ser imortal e com aparência divina tinha um coração inquebrantável e era odiado por todos. Em um dado momento ele se apaixona pela sua própria imagem, mas lamentando não poder viver o sonho, chora pela sua beleza e, incapaz de suportar a vida, derrama o seu sangue sobre a terra.

Apesar de incompleta, segue a tradução de Jesus (2006),

.....
.....
.....
.....
.....
.....(julgando que) é um imortal[
.....
..... de aparência semelhante aos deuses.
.....

um inquebrantável] coração ele tinha, odiado por todos,
(Narciso então) se apaixonou pela sua própria figura
.....] mas lamentava o prazer de um longo sonho
.....] chorou pela sua beleza
(e então) derramou (o seu sangue) sobre a terra
.....] suportar
.....
(p. 13)

Este papiro agrega alguns vértices interessantes para a compreensão do mito de Narciso. O primeiro aspecto é a crença na imortalidade que era corroborada pela sua aparência divina e que se traduz pela sua postura onipotente frente ao mundo. Também o ódio e o desprezo aos demais, uma vez que nenhum outro humano teria os predicados para se relacionar com ele – um deus. Fica-nos também evidente a solidão de Narciso, bem como sua impotência, pois não poder realizar o seu amor consigo mesmo, é o que o leva à morte.

Além das versões elencadas acima, ainda há o trabalho elaborado pelo escritor sofista grego Philostratus em *Images* (III d.C.), as obras de Calistrato (III d.C.) e Plotino (III d.C.), e muitas outras elaboradas no decorrer dos séculos.

2.6 Considerações sobre o mito de Narciso

Fazendo um breve apanhado sobre as versões aqui abordadas, há normalmente uma beleza sem igual e um traço trágico. Esta beleza pode estar concentrada em uma flor que inebria e trai; em uma imagem que faz lembrar a irmã, caracterizando, logo, uma relação heterossexual e uma vontade de suplantar a perda da irmã como no caso da segunda versão de Pausanias; mas normalmente a beleza e o encanto surgem de uma relação homossexual (Narciso - projeção de Narciso) que leva Narciso a desprezar as demais relações afetivas e o outro.

O desfecho do mito pode ser reunido em dois grupos. Em alguns casos a morte é o desenlace final da história como ocorre em Pausanias e no papiro de Oxirrincos, mas em outros casos a morte conduz a um renascimento ou a uma transformação como no caso dos Hinos Homéricos à Deméter, de Conon e de Ovídio.

O mito retrata normalmente o frescor da juventude e uma postura de superioridade e de desprezo. Narciso não reconhece nada digno de apreço que não a própria imagem, imagem que, após se encantar por ela no seu reflexo, o frustra, haja vista a impossibilidade de viver o sonho de comunhão de si consigo mesmo, conduzindo-o a um abrupto suicídio ou a um penoso definhamento.

Há normalmente a referência a duplos, imagens reflexas, repetições e outros traços de igualdade, que impedem o reconhecimento ou a interação com o diverso e o diferente, incapacitando o contato com o outro e a possibilidade de viver uma realidade partilhada.

A sedução é traço marcante. Uma sedução baseada na aparência, na ilusão e em fantasias onipotentes, mas que geram sofrimento naqueles que se encantam por Narciso e também em Narciso quando quer consubstanciar uma união consigo mesmo e não consegue.

Há predomínio do universo da beleza, da juventude e da ilusão onipotente característico da juventude e dos deuses.

Apesar da atmosfera de sedução, não há contato e a solidão é aspecto recorrente, burlada eventualmente por jogos de espelhos, mas sem um contato real.

E finalmente o duplo sentido da morte. Fim de uma vida de sedução superficial e restrita ao domínio da extrapolação onipotente e, em alguns casos, a possibilidade do renascimento e regresso à vida obtido por meio do autoconhecimento. Mas, que é acompanhado de um grande medo, medo daquilo que se encontra do outro lado do espelho, um terror que representa a descida ao fundo de si e o pavor de encontrar uma grande mentira ou a pior das verdades (Jesus, 2006).

3. Narciso na psicanálise

A relação entre a psicanálise e os mitos é antiga. Para a psicanálise, os mitos auxiliam a esclarecer o desenvolvimento primitivo e o desenvolvimento infantil, além de serem o repositório do acervo histórico e pré-histórico da mente humana (Ubinha & Cassaralo, 2003). Acrescentamos que os mitos também podem ser compreendidos como a primeira sistematização ou produção de conhecimento sobre inúmeros fenômenos naturais, sociais e espirituais, sendo que os dois últimos inevitavelmente atuam no universo emocional.

Se pensarmos em alguns mitos recorrentes na psicanálise facilmente listamos o Édipo, Electra, Mut, Moisés, Jesus, José, o jardim do Éden, Psyche, Eros, a torre de Babel, Urano, os titãs entre muitos outros.

Esses mitos relatam por um lado o tempo e a força dos deuses, mas também atendem a um desejo humano de entrar em contato com essa força oculta, primitiva e primária, ainda que em muitas ocasiões isso signifique desafiar a ordem sagrada.

Da escuridão mágica à transgressão, este processo está na base da produção do conhecimento ocidental e é um moto recorrente em alguns mitos, bem como na psicanálise. Bion (1994) exemplifica a curiosidade ou a pulsão epistemofílica humana em histórias mitológicas como o Éden, a Torre de Babel, o Édipo e o assalto às Minas do rei Ur que retratam o homem desafiando a ordem dos deuses sob pena de sofrer castigos. Outras histórias mitológicas similares encontram-se, por exemplo, na trajetória de Prometeus e de Sísifo.

Há, portanto, na gênese da psicanálise e do conhecimento uma tênue linha entre a preservação sagrada e a transgressão que normalmente é acompanhada de sofrimento e liberdade.

Freud (1917c, 1996) lista, por exemplo, três momentos em que o sagrado ou narcisismo humano é desafiado pelo conhecimento. O primeiro golpe ocorre com a constatação do heliocentrismo, destituindo o domicílio humano do seu espaço privilegiado na ordem cosmológica com as descobertas de Copérnico. O segundo golpe é realizado por Darwin quando não diferencia o homem dos demais animais. E finalmente, mas talvez o mais profundo golpe, depõe o

homem da posição de senhor da própria mente quando afirma a existência de uma dimensão inconsciente.

Entre os muitos mitos que subsidiaram a psicanálise, o mito de Narciso certamente está entre os mais relevantes. As reflexões acerca desse emaranhado mitológico geraram vasto material teórico ora afirmando a existência de traços narcísicos ora descartando essa perspectiva.

3.1 Narcisismo em Freud

Freud teorizou amplamente sobre o narcisismo e elaborou dois verbetes para enciclopédias sobre o tema em 1923. Inserimos os verbetes para oferecer uma primeira impressão do tema na perspectiva freudiana.

Narcisismo. - O mais importante progresso teórico foi certamente a aplicação da teoria da libido ao ego repressor. O próprio ego veio a ser encarado como um reservatório do que foi descrito como libido narcísica, do qual as catexias libidinais dos objetos fluíam e para o qual podiam ser novamente retiradas. Com a ajuda dessa concepção tornou-se possível empenhar-se na análise do ego e efetuar uma distinção clínica das psiconeuroses em neuroses de transferência e distúrbios narcísicos. Nas primeiras (histeria e neurose obsessiva), o sujeito tem à sua disposição uma quantidade de libido que se esforça por ser transferida para objetos externos, fazendo-se uso disso para levar a cabo o tratamento analítico; por outro lado, os distúrbios narcísicos (demência precoce, paranóia, melancolia) caracterizam-se por uma retirada da libido dos objetos e, assim, raramente são acessíveis à terapia analítica. Sua inacessibilidade terapêutica, contudo, não impediu a análise de efetuar os mais fecundos começos do estudo mais profundo dessas moléstias, que se contam entre as psicoses. (Freud, 1923a/1996, p. 260)

Narcisismo. - Um progresso decisivo foi realizado quando se aventurou a análise da demência precoce e outros distúrbios psicóticos e assim o exame foi iniciado do próprio ego, que até então fora conhecido apenas como instância da repressão e da oposição. Descobriu-se que o processo patogênico na demência precoce é a retirada da libido dos objetos e sua introdução no ego, ao passo que os sintomas clamorosos da moléstia surgem dos vãos esforços da libido para encontrar um caminho de volta aos objetos. Mostrou-se assim ser possível à libido de objeto transformar-se em catexia do ego e vice-versa. Uma reflexão mais detida demonstrou que foi preciso presumir que esse processo ocorre na maior escala e que o ego deve ser encarado como um grande reservatório de libido, do qual a libido é enviada para os objetos, e que sempre está pronto a absorver a libido que flui de volta dos objetos. Assim, os instintos de autopreservação também eram de natureza libidinal: eram instintos sexuais que, em vez de objetos externos,

havia tomado o próprio ego do sujeito como objeto. A experiência clínica familiarizou-nos com as pessoas que se comportam de uma maneira notável, como se estivessem enamoradas de si mesmas, e essa perversão recebeu o nome de narcisismo. A libido dos instintos autopreservativos foi então descrita como libido narcísica e reconheceu-se que um elevado grau desse auto-amor constituía o estado de coisas primário e normal. A fórmula primitiva estabelecida para as neuroses de transferência conseqüentemente exigia ser modificada, embora não corrigida. Era melhor, em vez de falar de um conflito entre instintos sexuais e instintos do ego, falar de um conflito entre libido de objeto e libido de ego, ou, de vez que era a mesma a natureza desses instintos, conflito entre as catexias de objeto e o ego. (Freud, 1923a/1996, pp. 266-267)

Os verbetes acima correspondem a uma fase já avançada da teoria freudiana e demonstram duas versões deste conceito que compreendiam o narcisismo como o processo pelo qual o ego toma o lugar dos objetos nos investimentos libidinais e torna-se um grande reservatório de libido, culminando em uma série de patologias entre elas as temidas e inacessíveis psicoses.

Porém, se formos contextualizar o surgimento do narcisismo na psicanálise, é necessário dizer que este conceito surge na teoria freudiana entre a primeira e a segunda teoria tópica do funcionamento psíquico, sendo que as teorias tópicas eram tentativas de oferecer uma representação espacial para explicar a dinâmica e o funcionamento do aparato psíquico.

A primeira tópica situa os conflitos psíquicos entre as instâncias: inconsciente, pré-consciente e consciente. Sendo que os conflitos se revelam principalmente entre as instâncias inconscientes de um lado e pré-conscientes e conscientes de outro. Todavia, as sucessivas descobertas relacionadas ao inconsciente e a maior importância das identificações na estruturação dos elementos internos tornou necessário criar uma segunda tópica.

Na segunda tópica, a organização psíquica se estrutura a volta das instâncias: id (polo pulsional⁶ e instintual⁷ da personalidade), ego (que representa os interesses da totalidade da personalidade) e superego (instância que avalia e critica, constituída pelas exigências e proibições parentais introjetadas). Nessa nova configuração, os elementos da primeira tópica foram

⁶ Pulsão, do alemão *Trieb*, que significa empurrar ou tracionar, e, segundo Laplanche & Pontalis (2004), é um processo dinâmico que empurra ou traciona um objeto fazendo o organismo tender para algum determinado fim, visando cessar o estado de tensão que se origina na fonte pulsional.

⁷ Inicialmente *Trieb* do alemão era traduzido por instinto e atualmente a expressão pulsão é mais recorrente.

agregados na forma de qualidades, ou seja, as três instâncias listadas nessa teoria teriam as qualidades conscientes, pré-conscientes e inconscientes.

A transição da primeira para a segunda tópica incorpora uma visão mais dinâmica e sistêmica em que múltiplos elementos internos (conscientes e inconscientes) e externos com interesses distintos necessitam ser “geridos”.

No espaço de tempo entre a primeira e a segunda tópica, é elaborado o conceito narcisismo. Segundo Ernest Jones (1955, *apud* Freud, 1914/1996, p. 388), em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, em 10 de novembro de 1909, Freud declarou que o narcisismo era uma fase intermediária necessária entre o auto-erotismo e o amor objetal.

Depois, em 1910, é publicada a segunda edição dos “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” e o conceito é abordado em uma nota de rodapé quando reflete sobre a escolha dos objetos sexuais pelos invertidos – os homossexuais. Neste caso, a intensa fixação na mãe nos primeiros anos de vida faz com que posteriormente estes indivíduos se identificassem excessivamente com ela e tomassem a si mesmos como objetos sexuais, isto é, “a partir do narcisismo buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou” (Freud, 1905/1996, p. 137), mas é feita a ressalva de que o tema é muito complexo e havia a necessidade de mais investigação.

No texto “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância” (Freud, 1910/1996), Freud faz uma exposição mais detalhada da homossexualidade masculina e reafirma que o grande amor pela mãe que passou a ser reprimido leva o filho a colocar-se no lugar da mesma, identificando-se com ela e tomando a si como um modelo para os demais objetos de amor. Neste caso haveria o retorno ao auto-erotismo, uma vez que os objetos (meninos) que ama remetem às lembranças de si durante sua infância, ou seja, ele ama a maneira que a mãe o amava quando criança. E finaliza dizendo que estes indivíduos encontram seus objetos de amor segundo o modelo do narcisismo que prefere a sua imagem a qualquer outra como foi relatado pela lenda grega. Mais adiante em seu texto ainda destaca que o homem que se torna homossexual conserva-se inconscientemente fixado à imagem mnêmica da mãe.

Em um texto no qual discorre sobre a paranoia, Freud (1911a/1996) expõe que a mesma surge devido à repressão de uma fantasia homossexual que ressurge como delírios. E segue dizendo que parece haver um estágio intermediário entre o auto-erotismo e o amor objetal, o narcisismo. Nessa abordagem do desenvolvimento psicosssexual, a fase auto-erótica inicial pode ser compreendida como um comportamento sexual infantil precoce no qual uma pulsão parcial ligada a um órgão e a uma zona erógena encontra satisfação em si mesmo, isto é, sem recorrer a um objeto externo e sem referência a uma imagem unificada do corpo ou um primeiro esboço do ego⁸. O narcisismo seria, portanto, o momento que existe após a fase auto-erótica, em que há a concentração ou a convergência dos instintos sexuais criando uma unidade – um esboço de ego – antes do amor objetal.

Nessa perspectiva, a fase narcísica reúne os instintos sexuais antes empenhados em atividades auto-eróticas e começa a investi-los em si mesmo, tornando-se indispensável para estruturar o ego.

Todavia, há a possibilidade de demora nesse estado e algumas de suas características podem ser transportadas para estádios posteriores do desenvolvimento, conduzindo, por exemplo, a escolhas homossexuais de objeto amoroso como enfatiza Freud (1911a/1996).

A demora ou fixação no decorrer do desenvolvimento da psicosssexualidade é uma questão central na psicanálise e, se compreendermos o narcisismo como uma etapa do desenvolvimento, também pode haver fixação neste estágio, fazendo com que

As pessoas que não se libertam completamente do estágio de narcisismo – que, equivale a dizer, têm nesse ponto de fixação que pode operar como disposição para uma enfermidade posterior – acham-se expostas ao perigo de que alguma vaga de libido excepcionalmente intensa, não encontrando outro escoadouro, possa conduzir a uma sexualização de seus instintos sociais e desfazer as sublimações que haviam alcançado no curso de seu desenvolvimento. Este resultado pode ser produzido por qualquer coisa que faça a libido fluir regressivamente (isto é, que causa uma “regressão”): quer, por um lado, a libido se torne colateralmente reforçada, devido a algum desapontamento com uma mulher, ou seja diretamente represada devido a um infortúnio nas relações sociais com outros homens, ambos

⁸ Auto-erotismo também pode ser compreendido como uma qualidade do comportamento sexual que recorre unicamente ao seu corpo sem utilizar qualquer objeto exterior (Laplanche & Pontalis, 2004).

os casos sendo exemplos de “frustração”; quer, por outro lado, haja uma intensificação geral da libido, de maneira que ela se torne poderosa demais para encontrar um escoadouro ao longo dos canais que já lhe estão abertos, e, conseqüentemente, irrompa por suas margens no ponto mais fraco. Visto nossas análises demonstrarem que os paranoicos se esforçam por proteger-se contra esse tipo de sexualização de suas catexias sociais instintuais, somos levados a supor que o ponto fraco em seu desenvolvimento deve ser procurado em algum lugar entre os estádios de auto-erotismo, narcisismo e homossexualismo, e que sua disposição à enfermidade (que talvez seja suscetível de definição mais precisa) deve estar localizada nessa região. (Freud 1911a/1996, pp. 69-70)

Parece-nos que a fase do narcisismo quando não bem resolvida pode conduzir a problemas posteriores, principalmente em momentos de frustração e intensificação da libido, desfazendo uma série de sublimações úteis e culminando na alucinação da paranoia. Ou seja, em momentos de excesso libidinal e sacrifício das catexias⁹ ou relações sociais, o universo libidinal pode transbordar sob a forma de paranoia e/ou colocar o ego em seu lugar conduzindo a uma supervalorização do mesmo, a megalomania. Neste caso, a energia libidinal excessiva se vincula ao ego para o seu engrandecimento, retornando ao estágio do narcisismo em que o objeto sexual de uma pessoa é seu próprio ego. Haveria, por conseguinte, uma fixação no estágio do narcisismo em paranoicos.

Dois anos depois em um texto de cunho antropológico, “Totem e Tabu” (Freud, 1913/1996), são desenvolvidos paralelos entre o desenvolvimento dos povos primitivos e as fases mais remotas do desenvolvimento psicosssexual humano. Nessa perspectiva, haveria, entre o auto-erotismo e as relações com os objetos externos, uma fase intermediária na qual

os instintos sexuais até então isolados já se reuniram num todo único e encontraram também um objeto. Este objeto, porém, não é um objeto externo, estranho ao sujeito, mas se trata de seu próprio ego, que se constituiu aproximadamente nessa mesma época. Tendo em mente as fixações patológicas dessa nova fase, que se tornam observáveis mais tarde, demos-lhe o nome de ‘narcisismo’. O sujeito comporta-se como se estivesse amoroso de si próprio; (...) (Freud, 1913/1996, pp. 101-102)

Há, portanto, um narcisismo normal e saudável e outro patológico, sendo a diferença entre a patologia e o funcionamento normal tênue, especialmente a

⁹ Catexia é o processo em que certa energia psíquica disponível é vinculada a uma representação ou grupo de representações.

partir do momento em que é ressaltado que o investimento narcisista nunca é totalmente abandonado, perdurando em certo grau no ser humano mesmo após encontrar objetos externos para direcionar a sua libido. E que certas catexias de objetos podem em alguns momentos serem novamente arrastadas para o ego e permanecerem nele até o surgimento de uma opção mais adequada de alocação como será demonstrado de forma mais pormenorizada em “Luto e melancolia” (Freud, 1917a/1996).

Ainda em “Totem e Tabu” (Freud, 1913/1996), acrescenta que os homens primitivos e os neuróticos supervalorizam os atos psíquicos, ação que estaria relacionada com o seu narcisismo, conduzindo-os a uma fé exagerada na onipotência dos pensamentos, na sua inabalável confiança em controlar o mundo e na sua inacessibilidade às experiências reais que poderiam lhes ensinar importantes lições sobre sua verdadeira posição no universo. E lembra que tanto o narcisismo intelectual quanto a onipotência de pensamentos visam constituir um solipsismo axiomático¹⁰ para recusar o reconhecimento dos limites, da castração e da morte.

Na sua tentativa de tecer analogias entre as fases do desenvolvimento da humanidade e as fases do desenvolvimento libidinal do indivíduo, Freud (1913/1996) elenca três etapas: a primeira delas é a animista e corresponderia ao narcisismo; a segunda é religiosa e corresponderia a uma escolha de objeto tal como ocorre com os pais; e a terceira seria a científica e corresponderia à maturidade, ao ajuste do prazer à realidade e a busca no mundo externo de objetos de desejo.

Ainda no mesmo manuscrito (Freud, 1913/1996), em uma nota de rodapé, surge um interessante lembrete de que o narcisismo original das crianças influencia fortemente o desenvolvimento de seu caráter, uma vez que exclui a possibilidade do surgimento de sensações primárias de inferioridade. Este refúgio distante onde não há melhor ou pior, perda ou ganho, pode servir de reduto escapista para lidar com os fortes sentimentos gerados pelo contato com a realidade.

¹⁰ Um modelo baseado apenas nas experiências próprias, não conseguindo ir para além de si.

O caso do pequeno Árpád, criança analisada por Ferenczi, reitera a visão acima à medida que os seus interesses totêmicos surgiram baseados em sua condição narcisista, isto é, surgiram do temor da castração que adveio de um susto que teve quando urinava no galinheiro e uma galinha bicou o seu pênis, fazendo com que Árpád se identificasse com o animal responsável ou capaz de arrancar-lhe o pênis, isto é, castrá-lo ou limitar o seu poder.

No ano de 1914, é produzido o artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução”. Neste artigo são detalhados alguns aspectos já trazidos em reflexões anteriores sobre o narcisismo e acrescidos outros aspectos importantes.

Acreditamos que a grande contribuição deste artigo se encontra em afirmar ou endossar a visão de Otto Rank que supõe que o narcisismo pode ter um curso regular no desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, os parafrênicos¹¹ desenvolveriam uma forma de narcisismo secundário, mas que no fundo seria uma forma de regressão ao narcisismo primário. Nestes casos a libido se afasta dos objetos externos e se dirige ao ego, inflando-o em uma atitude megalômana.

Se compreendermos esse processo como parte integrante do desenvolvimento humano, o narcisismo primário ocorreria no passado infantil quando as catexias libidinais originais são destinadas ao ego, sendo este momento crucial para a sua formação. Mas lembramos que no início não existe uma diferença clara entre a libido do ego, a libido objetual e os instintos ao ego, pois somente “quando há catexia objetual é que é possível discriminar uma energia sexual – a libido – de uma energia dos instintos do ego” (Freud, 1914/1996, p. 84). Em caso de saúde, haveria uma transição entre o auto-erotismo inicial, libido ao ego e finalmente libido ao objeto, sendo o narcisismo a fase de libido ao ego, apesar de ser mantida certa carga auto-erótica e de libido ao ego no decorrer da vida para realização de uma série de processos individuais e cruciais para a sobrevivência de qualquer criatura viva.

Nesta abordagem, o narcisismo primário seria crucial para o desenvolvimento do ego que, após formado, pode intermediar interesses auto-

¹¹ Parafrênico era uma definição para os casos de demência precoce e esquizofrenia.

eróticos e a alocação libidinal sobre os objetos externos, atuando entre os instintos do ego e os instintos sexuais, inserindo o indivíduo em uma existência dúplice: “uma para servir as suas próprias finalidades e a outra como um elo numa corrente” (Freud, 1914/1996, p. 85).

No mesmo artigo, Freud ressalta o caso de doença física e psíquica que faz as pessoas se desinteressarem pelo cotidiano, interessando-se apenas por aquilo que diz respeito ao seu sofrimento e retirando as suas catexias libidinais de seus objetos amorosos, deixando de amar e voltando ao seu próprio ego, podendo novamente investir em objetos externos após a recuperação. E acrescenta que neste caso a libido e o interesse do ego partilham do mesmo destino, tornando-se mais uma vez indistinguíveis entre elas.

Todavia, em alguns casos a introversão ou a retirada da libido de pessoas e de coisas do mundo externo é mais severa, direcionando grande parte desta libido ao ego, gerando um processo de narcisismo secundário que tem como característica o represamento da libido no ego.

Esse represamento ou não aplicação da libido sobre objetos externos gera um aumento da tensão e insufla o ego em atitude megalômana. Uma das estratégias para gerir este acúmulo de tensão já elucidada nos três ensaios sobre a teoria da sexualidade (Freud, 1905/1996) é utilizar certas partes do corpo conhecidas como zonas erógenas, substituindo os órgãos genitais (órgãos que ligariam aos objetos externos). Neste caso, as zonas erógenas se comportam analogamente aos órgãos genitais, auxiliando na alocação libidinal do ego, mas de forma auto-erótica. A utilização excessiva desse procedimento origina uma série de “doenças” que conhecemos na atualidade como psicossomáticas.

Depreende-se da visão acima que, no início do desenvolvimento dos instintos sexuais, a satisfação é encontrada no próprio corpo, ou seja, auto-eroticamente, uma vez que o auto-erotismo seria a atividade “sexual” do estágio narcísico da distribuição da libido (Freud, 1917b/1996). Porém, permanecer no narcisismo ou no auto-erotismo indeterminadamente é um erro, pois o bem-estar normalmente envolve o outro, isto é, quando a catexia de libido ao ego ultrapassa uma certa quantidade, são buscados objetos reais ou imaginários para ocorrer a descarga e o intercâmbio, visando diminuir a tensão e enriquecer o universo psíquico.

É coerente dizer que no início da vida psíquica, o bebê está envolvido basicamente em uma trama auto-erótica que visa satisfazer as funções vitais e descarregar qualquer acúmulo de tensão imediatamente e autonomamente, mas ao passo que são integradas frações da realidade, a fantasia de onipotência se torna frágil, fazendo surgir uma divisão entre o eu e o não-eu, ou, em outras palavras, é constatada a existência de dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele.

A transição para essa nova configuração só é possível sob o viés do ego-prazer (Freud, 1925/1996), ou seja, uma vez descoberta a existência do outro, a realidade só é aceita revestindo o ego de grande carga ideal, construindo a fantasia do ego ideal¹² que “se acha possuído de toda a perfeição de valor” (Freud, 1914/1996, p. 100), mas que gradualmente vai cedendo a sua componente ideal à medida que for capaz de tolerar e fazer concessões ao seu narcisismo e assim perceber a realidade própria e alheia de modo menos distorcida.

Nesta fase também é formado o ideal do ego¹³, componente fundamental na repressão e censura. Ou seja, o amor a si mesmo desfrutado na infância pelo ego real, ressurgiu deslocado em direção a uma projeção ideal possuidora de toda perfeição e valor (Freud, 1914/1996) como foi outrora o ego infantil. Esta projeção ou cisão seria um substituto do narcisismo perdido na infância e ao mesmo tempo uma expectativa ou promessa de reconciliação com o mesmo. Porém, esse ideal aumenta as exigências do ego e é um poderoso agente na repressão, uma vez que discrimina o que é bom e apropriado para reviver o narcisismo infantil do que é mau e deve ser excluído.

Neste caso, fica evidente que a cultura, a escola, a família e outras instâncias normatizadoras atuam na formação do ideal do ego narcisista mobilizando grande parte na libido homossexual (eu – eu ideal), “encontrando assim um escoadouro e satisfação em conservá-lo” (Freud, 1914/1996, p. 102),

¹² O ego ideal é um ideal de onipotência narcisista forjado sobre o modelo do narcisismo infantil (Laplanche & Pontalis, 2004).

¹³ O ideal do ego seria uma instância da personalidade que resulta da convergência do narcisismo (ego ideal) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos, sendo, logo, um modelo ao qual o sujeito tenta adequar-se (Laplanche & Pontalis, 2004).

mas que, em caso de excesso libidinal, pode se tornar um agente perseguidor nos conhecidos delírios.

Se avançarmos na teoria freudiana, em “Conferências introdutórias sobre psicanálise” (Freud, 1917b/1996), é lembrado que “a capacidade para o auto-erotismo é a base do atraso da sexualidade no processo de educação no princípio de realidade” (Freud, 1917b/1996, p. 417), isto, pois em circunstâncias normais a libido do ego é constantemente transformada em libido objetal e novamente devolvida ao ego. Mas em circunstâncias patológicas, a libido regride ao narcisismo – narcisismo secundário – e não consegue mais retornar aos objetos, expandindo o ego em atitude megalômana.

No plano dos investimentos libidinais, vale lembrar que o indivíduo que ama se priva voluntariamente de parte do narcisismo do seu ego, uma vez que a relação traz vantagens compensatórias ao sujeito, normalmente supervalorizando o objeto amado. E em sujeitos que perderam a capacidade de amar devido a perturbações físicas ou mentais, estes têm a sua auto-estima significativamente diminuída, havendo o empobrecimento do ego uma vez que parte expressiva do seu investimento libidinal não consegue ultrapassar o “muro narcisista” (Freud, 1917b/1996, p. 424). Destacamos que a auto-estima pode ser dividida rudimentarmente em três grupos: parte da auto-estima seria o resíduo do narcisismo infantil, outra parcela advém da onipotência corroborada pela experiência através da realização do ideal do ego e finalmente há a satisfação libido-objetal (Freud, 1914/1996).

Já a escolha objetal, o passo adiante no desenvolvimento da libido, que se faz após o estágio narcísico, realiza-se segundo dois tipos diferentes: a escolha do tipo narcísico em que o próprio ego da pessoa é substituído por um outro o mais semelhante possível; e de tipo anaclítico ou de ligação em que as pessoas valorizam objetos que satisfazem outras necessidades vitais (Freud, 1917b/1996).

E pontua que o sono talvez seja o estado ou a “lembrança” mais próxima de um narcisismo total vivido provavelmente no âmbito intra-uterino. No sono “todas as catexias de objeto, tanto as libidinais como as egoísticas, são abandonadas e retiradas para dentro do ego” (Freud, 1917b/1996, p. 418). A pessoa que dorme bem, reconstitui “o primitivo estado de distribuição da libido –

narcisismo total, no qual a libido e o interesse do ego, ainda unidos e indiferenciáveis, habitam o ego autosuficiente” (Freud, 1917b/1996, p. 418), contribuindo para a recuperação e regeneração das estruturas físicas e mentais. Quando as perturbações psíquicas ou físicas são excessivas, o sono é um dos primeiros processos vitais que é perturbado, acumulando uma série de complicações e limitações ao corpo e à mente gerando ciclos que se retroalimentam negativamente enquanto o sujeito não conseguir submergir novamente no narcisismo total do sono.

Há, assim, uma trajetória de um narcisismo auto-suficiente para uma gradual percepção da realidade externa cambiante, mas que devido às excessivas novidades se mostra extenuante e a melhor alternativa encontrada é regressar periodicamente ao estado anterior de ausência de estímulos e fuga de objetos novos, o sono, para depois novamente regressar à realidade.

Os sonhos podem ser compreendidos como concessões feitas pelo ego ao id para permanecer no estado de não-estímulos ou poucas perturbações característico da vida intra-uterina e fundamental para restaurar as forças à medida que regressa ao estado anterior das coisas. Ou seja, o ego adormecido se foca no desejo de manter o sono e consegue realizar esta tarefa ao passo que se subordina ao id, submetendo-se ou negligenciando a sua vigília é permitida a realização “inofensiva” de um desejo, o sonho. Sonhos que invariavelmente são o produto de um conflito e buscam retratar ou expressar-se por meio de uma estrutura conciliatória. E lembramos que, se as exigências feitas pelo id ao ego adormecido são demasiadas, ele abandona o sono e retorna à vida desperta (Freud, 1940/1996).

Além do sono, em muitas ocasiões a vontade de se alimentar é prejudicada, indo contra o instinto de sobrevivência que se articula fortemente à volta dos processos básicos do viver (Freud, 1917a/1996).

Ao falarmos no processo de investimento libidinal inevitavelmente esbarramos no seu oposto, isto é, a perda de objetos e o abandono ou desinvestimento libidinal dos objetos perdidos, questão abordada em “Luto e melancolia” (Freud, 1917a/1996).

Tanto o luto como a melancolia são reações a perdas de algum objeto e suas consequências para o ego. A perda de algo significativo ao ego produz um desânimo profundo, cessa o interesse pelo mundo externo, diminui a capacidade de amar, inibe as atividades e, especialmente na melancolia, diminui consideravelmente a auto-estima, gerando intensos sentimentos de culpa, auto-recriminação e auto-envilecimento.

O desânimo e o desinteresse característico desses processos parecem apontar a necessidade de concentrar toda a atenção e empenho e trabalhar a ausência ou a perda daquilo que não pode ser ignorado.

Uma vez revelada a inexistência do objeto amado, inúmeras lembranças e expectativas em relação ao mesmo necessitam ser gradualmente desligadas, integradas como símbolo ou lembrança e a carga libidinal ser realocada para outros objetos. Em caso de luto, quando este trabalho se conclui, o ego fica novamente livre e desinibido para investir novas relações objetais (Freud, 1917a/1996).

Mas nos famosos processos melancólicos algo impede o seu retorno, fazendo com que ocorra uma identificação narcísica com o objeto perdido que se estabelece no ego, recriando em parte internamente o objeto perdido (Freud, 1917b/1996). Ou seja, em um determinado momento, a catexia objetal não pode mais ser mantida, mas a libido é incapaz de ser deslocada para outro objeto, retirando-se para dentro do ego e erguendo internamente, por meio da identificação, o objeto amado. Neste caso, “a sombra do objeto caiu sobre o ego” (Freud, 1917a/1996, p. 254).

A perda do objeto amado é contornada com uma identificação narcisista em relação ao objeto, substituindo a catexia erótica por uma outra sob o mando da onipotência narcísica. Mas ainda que o objeto tenha sido reerguido internamente, o ego é dividido, uma parte mantendo o vínculo afetivo e libidinal com o objeto narcísico, e outra parte censurando-o e manifestando severas críticas ao objeto amado. Dessa forma surgem os intensos sentimentos ambivalentes dos melancólicos que nutrem afeição e ódio ao objeto que agora faz parte de si mesmo.

Esta regressão à fase oral (canibal¹⁴) e narcisista da libido normalmente vai além do caso nítido de perda por morte, incluindo as situações de desconsideração, desprezo ou desapontamento, que acirram os sentimentos de amor e ódio em relação ao objeto.

Nas palavras de Freud (1917a/1996),

Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja – se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento. (pp. 256-257)

Notamos que, além do objeto fracassar ao teste de realidade e despertar censuras por isso, há um retorno a fase do sadismo degradando o objeto, uma vez que em realidade ele se mostra independente da vontade narcísica e, no limite, pode aproximar o indivíduo do suicídio. Suicídio que pode ser compreendido pela perspectiva da reversão do ódio ao objeto ao seu oposto¹⁵ e retorno em direção ao próprio corpo como foi descrito em Freud (1915/1996).

Para nos aprofundarmos um pouco mais sobre a ambivalência de sentimentos direcionada ao mesmo objeto, vale lembrar as intensas fixações desenvolvidas por alguns instintos e a consequente oposição ao desligamento de algumas catexias especialmente no contexto das exigências da sexualidade e do ego.

Se tomarmos a sexualidade e a formação do ego, estes são possíveis apenas à medida que descobrem uma realidade alheia, descentrando, portanto, o indivíduo. Não mais onipotente, o ego percebe que integrar a realidade traz uma carga de impotência que fere o anseio narcísico original. Freud (1911b/1996) teorizou sobre isto quando criou a dualidade “ego prazer” e “ego realidade”, sendo que o primeiro encontro com a realidade gera uma organização sob o domínio do “ego prazer”, ou seja, o mundo é dividido em uma parte que é agradável e incorporada por meio da introjeção e uma parte que é desagradável,

¹⁴ Lembramos que muitas tribos canibais acreditavam que devorar seus oponentes mais bravos faria com que seus poderes fossem absorvidos.

¹⁵ Reversão ao seu oposto é uma vicissitude que um instinto pode passar transformando, normalmente, uma posição ativa em uma posição passiva. Dois exemplos dados por Freud (1915) são transformação do sadismo em masoquismo e transformação da escopofilia em exibicionismo.

hostil e que deve ser projetado para longe. Logo o ego inicialmente coincide com o prazer e o mundo externo, uma vez que acolheu as frações negativas, como desprazer.

Se resumirmos a trajetória psíquica freudiana, inicialmente há a onipotência e a indiferença. Depois o encontro com a realidade divide ou cinde o universo entre bom e mau. Bom é tudo o que atende o sujeito e mau é aquilo que o frustra. Em relação aos objetos bons, há uma ânsia de trazê-los para perto e incorporá-los, já em relação aos objetos desagradáveis ou maus há o oposto, havendo em muitas situações uma inclinação agressiva e destrutiva em relação aos objetos que contrariam o seu desejo.

Ou seja, a ambivalência entre amor e ódio surge após um certo avanço na psicosexualidade e, à medida que há o avanço no desenvolvimento psicosexual, o indivíduo aceita a existência separada dos objetos e se conforma com a sua independência, não necessitando mais corresponder ao desejo de controle e segurança imperativos nas primeiras fases do desenvolvimento.

Uma vez delineado o surgimento do amor e do ódio, lembramos que muitas vezes o mesmo objeto é amado e odiado, sendo que em relação à parte que atende ao ego é direcionada uma série de catexias libidinais e em relação à parte que frustra ou pode frustrar são direcionados o ódio e a vontade de destruir.

Cronologicamente temos inicialmente a indiferença, depois o surgimento do ódio em relação aos objetos que não correspondem aos desejos iniciais ou o repúdio original do ego narcisista ao mundo externo que foge do seu controle, e, finalmente, se for capaz de fazer concessões em seu narcisismo, o amor. Havendo, contudo, muitas vezes a existência de traços simultâneos de amor, ódio e até alguns traços de indiferença em relação aos objetos, herança da primeira fase em que o sujeito era indiferente.

Os melancólicos encontram-se especialmente danados, pois oscilam entre fortes sentimentos de ódio e de amor em relação ao mesmo objeto. Ora o aniquilam, ora reinvestem e revivem aquele objeto, haja vista que ainda necessitam dele, sendo que este jogo ambivalente e extenuante pertence majoritariamente à esfera do reprimido e inconsciente. Isto é bem caracterizado na insônia típica dos melancólicos. A insistência dos conflitos impede que ocorra

o retraimento geral das catexias necessárias a um sono revigorante. Nas palavras de Freud (1917a/1996), a melancolia “se comporta como uma ferida aberta, atraindo a si as energias catexias – que nas neuroses de transferência denominamos de ‘anticatexias’ – provenientes de todas as direções, e esvaziando o ego até este ficar totalmente empobrecido” (p. 258).

E as flutuações de humor dos melancólicos entre depressão e mania também se relacionam diretamente com a incapacidade de realizar um luto em relação ao objeto perdido. Neste caso, quando há a depressão, o ego se esgota diante das emoções ambivalentes e das “anticatexias” que o esvaziam. Na mania a perda é superada temporariamente, deixando disponível um forte potencial libinal que pode ser converter em catexias que buscam avidamente novos objetos para estabelecer vínculos.

Gostaríamos de recordar que na perspectiva da psicanálise os vínculos uma vez criados podem existir indeterminadamente, nas palavras de Freud (1921/1996),

A psicanálise, que ilumina as profundezas da vida mental, não tem dificuldade em demonstrar que os vínculos sexuais dos primeiros anos da infância também persistem, embora reprimidos e inconscientes. Ela nos dá coragem para afirmar que um sentimento afetivo, onde quer que o encontremos, constitui um sucessor de uma vinculação de objeto completamente ‘sensual’ com a pessoa em pauta ou, antes, com o protótipo (ou Imago) dessa pessoa. Ela não pode verdadeiramente revelar-nos, sem uma investigação especial, se em dado caso essa antiga corrente sexual completa ainda existe sob repressão ou já se exauriu. Mais precisamente: é inteiramente certo que essa corrente ainda se encontra lá, como forma e possibilidade, podendo sempre ser catexizada e novamente colocada em atividade por meio da regressão; a única questão é (e nem sempre pode ser respondida) que grau de catexia e força operativa ela ainda possui no presente momento. (pp. 140-141)

Temos, deste modo, que as primeiras relações objetais e a forma como elas foram realizadas têm grande poder sobre as sucessivas relações e podem em muitos momentos serem resgatadas e novamente catexizadas especialmente quando ocorre a regressão psíquica. Neste caso, o indivíduo pode regredir a cisão dos objetos entre bons e maus e sofrer as consequências ambivalentes da sua cisão ou desintegração, principalmente após uma perda,

almejando, se os conflitos ambivalentes forem excessivos, regressar à indiferença inicial.

Na sucessão dos trabalhos que abordam sistematicamente a questão do narcisismo temos o trabalho “Psicologia de grupo e análise do ego”, (Freud, 1921/1996) que busca explicar a psicologia de grupos com base em mudanças na psicologia individual. Esse trabalho é muito rico e será abordado novamente em uma etapa posterior do trabalho, sendo que nos concentraremos nas contribuições a respeito do narcisismo e os seus desdobramentos.

Nessa visão, a formação de um grupo limita parte do narcisismo individual quando cede uma parcela de sua libido às pessoas do grupo. Normalmente a limitação ao narcisismo persiste apenas por um período limitado de tempo que corresponde ao lucro imediato obtido na colaboração com as outras pessoas, havendo, contudo, situações em que a formação de grupo se prolonga para além do lucro imediato.

Freud (1921/1996) elabora dois exemplos em que há transformações no amor narcisista em amor civilizador para benefício do grupo. O primeiro é a sublimação do amor sexual em relação às mulheres para as coisas que são caras a elas e o segundo seria o amor homossexual dessexualizado em relação a outros homens que surge sob a forma de trabalho comum (Freud, 1921/1996).

Além do amor, há outra forma de desenvolver laços emocionais e estes ocorrem por meio das identificações. A identificação seria a mais antiga expressão de um laço emocional com outra pessoa, tomando parcialmente ou integralmente uma outra pessoa como o ideal, trazendo-a para dentro de si, fazendo com que o ego assuma as características do objeto, sendo que nos grupos existem inúmeros laços mútuos, ou identificações, algumas entre o grupo fraterno e outras com o líder.

Do conjunto das identificações de um indivíduo forma-se o ideal do ego que é herdeiro do narcisismo original em que o ego infantil desfrutava de auto-suficiência. Para este ideal, é transferida a fantasia de obtenção de uma satisfação mais próxima da onipotência inicial, se o indivíduo conseguir corresponder a essa instância que se diferenciou do ego. Em grupos primários

ou simples, os indivíduos do grupo colocam o mesmo objeto no lugar do seu ideal do ego, havendo uma identificação uns com os outros em seu ego.

Freud (1921/1996) lembra que em alguns indivíduos, “a separação entre o ego e o ideal do ego não se acha muito avançada e os dois ainda coincidem facilmente; o ego amiúde preservou sua primitiva auto-complacência narcisista” (p. 132). Neste caso, o indivíduo comporta-se de modo onipotente, há poucos limites e exigências ao ego e a interação com a realidade orbita excessivamente à volta dos processos primários que visam a descarga reflexa e o prazer.

Retomando a dissociação entre o ego e o ideal do ego, esta não pode ser mantida por muito tempo, exigindo ser desfeita em determinadas circunstâncias, proporcionando um banquete ao ego que se satisfaz consigo mesmo.

Neste ponto, Freud gradualmente inicia um novo direcionamento da sua teoria culminando na segunda tópica e parte de sua ênfase teórica é deslocada para a destrutividade, sendo que a plena formulação da dicotomia entre os instintos de vida e os instintos de morte é elaborada em “O Ego e o Id” (Freud, 1923/1996).

Em “Além do princípio do prazer”, Freud (1920/1996) argumenta existir uma tendência no sentido do princípio do prazer, mas que há certas forças ou circunstâncias que parecem contrariar essa tendência.

E especialmente quando analisa o jogo de uma criança em que a repetição busca assumir um papel ativo em uma circunstância desagradável em que outrora foi objeto passivo, tornando-se, logo, senhora da situação antes tida como desagradável, vigando-se de um substituto. Essa atitude parece demonstrar a existência de tendências mais primitivas do que o prazer e que independem dele.

Ainda calhou dessas reflexões ocorrerem após as neuroses traumáticas de guerra, em que não havia necessariamente um desejo reprimido que visava satisfação, mas uma grande excitação ou quantidade de energia não vinculada que exigia grande afluxo de anticatexias para restabelecer alguma estabilidade, empobrecendo significativamente o psiquismo, uma vez que ocorreu uma

grande ruptura no escudo protetor¹⁶ oriunda de trauma ou susto de guerra sem uma preparação prévia para acolher o choque. Essa configuração fez com que Freud cogitasse que além da busca do prazer havia outros elementos atuando na estrutura psíquica.

Ou seja, além do prazer, Freud (1920/1996) elaborou a existência de um instinto que busca vincular e conectar, e outro “impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas” (Freud, 1920/1996, p. 46), isto é, retornar ao estado das coisas inanimadas que existiram antes da vida, o universo inorgânico.

Por um lado, o instinto desfragmentador acima, por outro lado Eros que se esforça para combinar substâncias orgânicas em unidades maiores e encontrar vitalidade na aglutinação e integração de duas partes, agindo, por exemplo, no instinto sexual e na geração da vida, neutralizando parte dos instintos de morte e preservando a vida.

É deixada a partir de então a oposição entre os instintos do ego e os instintos sexuais, surgindo uma nova dicotomia entre os instintos de vida e os instintos de morte, um atuando em direção à matéria inanimada e que procura restaurar o estado inorgânico e o outro buscando promover a junção e a vida.

E o esforço para manter constante ou remover excessos de tensão que se articulam com o princípio do prazer constitui uma forte razão para acreditar nos instintos de morte, haja vista que visam a dissolução da tensão. O oposto deste processo seria a coalescência de dois corpos celulares que asseguram a imortalidade nos organismos vivos superiores por meio da reprodução.

Nessa nova abordagem há uma interação constante entre os instintos de vida e os instintos de morte, que simultaneamente se opõe e se constituem. Lembramos que os processos primários estão mais vinculados ao prazer e aos instintos de morte enquanto que os secundários e mais elaborados exigem sistemas mais complexos e capacidade para adiar descargas cruciais para a não dissolução da vida.

¹⁶ A proteção contra estímulos excessivos do universo externo e interno é uma das funções do ego para evitar o desprazer e maximizar o prazer.

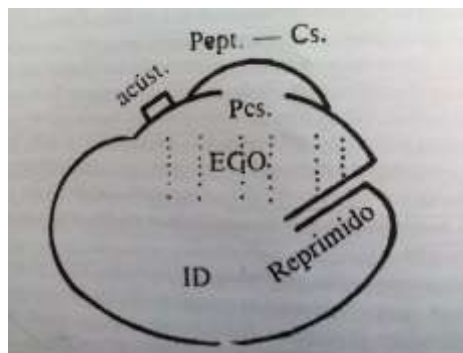
O trabalho de 1923b/1996, “O Ego e o id”, parece ser aquele em que as formulações de Freud mais avançaram consolidando a divisão tríplice da mente em id, ego e superego com qualidades conscientes e inconscientes em todas as instâncias. Para o presente trabalho, interessa-nos algumas contribuições acerca do ideal do ego que compõe o superego e reflexões sobre os instintos de vida e instintos de morte.

Em relação ao primeiro ponto, é amadurecida a ideia de que o narcisismo na primeira infância é substituído na idade adulta por um ideal que simultaneamente vigia e mede o ego real. Este é herdeiro da autoridade do pai (ou dos pais) que foram as primeiras relações objetais das crianças e tem forte aspecto compelidor e proibidor sobre o indivíduo, medindo e, por vezes, gerando sentimento de culpa.

Falar sobre os processos mentais inevitavelmente exige que situemos a posição do ego. O ego é a estrutura que quer organizar os inúmeros processos internos e externos, gerindo e regulando as diversas fontes de excitação e a sua motilidade, sendo que o prazer normalmente é interpretado como uma redução da tensão efetuada por meio de uma descarga. Lembramos que, para a psicanálise, o grande desafio é interagir ou entrar em contato com o universo inconsciente que, apesar de estar oculto (inconsciente) ou semi-oculto (pré-consciente), deseja obter passagem a despeito dos esforços contrários.

A estrutura conhecida por ego repousa e interage com a coisa, o id, fundindo-se com ela. Ao nível de esboço pictórico, reproduzimos a seguinte figura publicada por Freud (1923b/1996)

Figura 1 - Ego e Id.



Fonte: Freud (1923b/1996, p. 38).

A figura acima deixa evidente que o ego atua entre o princípio do prazer que age majoritariamente no id e o mundo externo regido pela realidade. E acrescenta que o ego é “um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo” (Freud, 1923b/1996, p. 39), tomando de empréstimo as suas forças.

Uma vez traçada a relação do id com o ego, vamos fazer o mesmo com o superego (ideal do ego). Neste caso, tal como ocorre nos processos melancólicos, a identificação e a canibalização dos objetos própria da fase oral faz com que uma série de objetos sejam introjetados formando um precipitado/depósito que seria o caráter do ego, ou seja, são assumidas as características dos objetos. Há, portanto, uma transformação da libido do objeto em libido narcísico que atua em nível da dessexualização e sublimação, criando objetos internos que outrora foram amados, sendo que se houver identificações objetais excessivamente poderosas e incompatíveis é provável ocorrer um desfecho patológico. Lembramos que as primeiras identificações são mais profundas e duradouras e especialmente a volta do ideal do ego – herdeiro do narcisismo infantil – há grande identificação com o pai ou com os pais.

Nessa perspectiva as primeiras escolhas objetais e identificações agrupam-se a volta do ideal do ego à medida que este toma emprestado, por assim dizer, a força ao pai, retendo o seu caráter (Freud, 1923b/1996). E neste ponto fica evidente o engano de quem pensa que o poder do ideal do ego e do superego são apenas um apanágio dos valores superiores dos pais e da cultura, pois esta instância traz em si também as vicissitudes libidinais do id que em muitas circunstâncias atuam ignorando grande parte do mundo externo e da realidade. E naqueles que não conseguem superar o complexo de Édipo, a comunicação abundante entre o ideal do ego e os impulsos instintuais conduzem ao retorno e a um constante reviver dos conflitos até o surgimento de uma organização mais apta a lidar com as contradições inerentes a vida psíquica.

A culpa muitas vezes também surge neste momento e advém da tensão entre as exigências içadas pelo ideal do ego e o desempenho concreto do ego, quando não corresponde às imposições do seu ideal.

Fica-nos evidente a existência de “dois caminhos pelos quais os conteúdos do id podem penetrar no ego. Um é direto, o outro por intermédio do

ideal do ego” (Freud, 1923b/1996, p. 70). Logo, as vicissitudes instintuais podem atuar diretamente sobre o ego ou por meio da sua instância avaliadora. Decorre desta configuração que o ego necessita gerir, além da adaptação à realidade externa, também os instintos do id e a severidade do superego.

Uma vez pontuada a inter-relação entre os instintos do id e o superego, é crucial darmos mais ênfase aos instintos que atuam no id. Lembramos que os instintos de morte são aqueles que buscam conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado e os instintos de vida combinam as diversas partes em unidades mais complexas, preservando sempre a vida. Sendo que “ambos os tipos de instinto estariam ativos em toda partícula de substância viva, ainda que em proporções desiguais” (Freud, 1923b/1996, p. 56), atuando normalmente de forma fundida, misturada e ligada.

Da fusão à difusão, estes instintos parecem constantemente em processo de interação, ora os instintos de destruição são colocados ao serviço de Eros para descarga, ora são vinculados por Eros visando prolongar uma unidade. E especialmente à medida que o indivíduo regride psiquicamente, há uma tendência à difusão, sendo que a fase pré-genital anal-sádica é um exemplo da destrutividade característica dos instintos de morte.

Ao refletir sobre a origem desta energia, notamos que parece existir uma energia deslocável e neutra ativa no ego e no id que advém “do estoque narcísico de libido – que ela seja Eros dessexualizada” (Freud, 1923b/1996, p. 59). Uma vez que “os instintos eróticos parecem ser em geral mais plásticos, mais facilmente desviados e deslocados que os instintos destrutivos” (p. 59) que agem majoritariamente a serviço do princípio do prazer; o potencial erótico ou energia de ligação zela pela unidade e contenção que também é uma das características do ego e que é crucial para garantir o adiamento da descarga e o surgimento do pensamento.

Ingressamos agora em um tema controverso que é a transformação da libido erótica em libido ao ego. Neste ponto, há menção à necessidade de haver um abandono dos objetivos sexuais, uma dessexualização, atuando contra os instintos de Eros. Ou seja, na perspectiva do narcisismo, enquanto o ego ainda é fraco, a libido acumulada no id é enviada diretamente aos objetos, mas, à medida que o ego se fortalece, este se impõe ao id como objeto amoroso (Freud,

1923b/1996). Contudo, em Freud (1940/1996), é dito que a energia inicialmente de Eros, libido, encontra-se no ego-id ainda indiferenciado e neutraliza suas tendências destrutivas simultaneamente presentes. E, segue dizendo que, como é difícil afirmar algo sobre o comportamento da libido no id e no superego, só é possível saber coisas a respeito do ego onde

toda a cota disponível de libido é armazenada. Chamamos a este estado absoluto de narcisismo primário. Ele perdura até o ego começar a catexizar as ideias dos objetos com a libido, a transformar a libido narcisista em libido objetal. Durante toda a vida, o ego permanece sendo o grande reservatório, do qual as catexias libidinais são enviadas aos objetos e para o qual elas são também mais uma vez recolhidas, exatamente como uma ameba se conduz com os seus pseudópodos. (Freud, 1940/1996, p. 163)

Sem podermos confirmar ou refutar qualquer uma das duas hipóteses, parece-nos adequado seguir o raciocínio empregado no apêndice B de Freud (1923b/1996) quando é levantada a hipótese de no estado inicial o id e o ego ainda serem indiferenciados, sendo, logo, o grande reservatório da libido. Depois o id continua sendo o grande tanque de armazenamento da libido, mas no momento em que começa a enviar catexias aos objetos e ao ego, ele – o id – se torna a grande fonte de energia. Já o ego seria um “tanque de armazenamento da libido narcísica, bem como, (...), uma fonte de suprimentos para as catexias objetais” (p. 81). Concordamos com a argumentação do anexo, pois os dois processos – no primeiro, “as catexias objetais originais como saindo diretamente do id e só chegando ao ego indiretamente; no segundo, a totalidade da libido é imaginada como indo do id para o ego e só chegando aos objetos indiretamente” (p. 82) – não parecem ser incompatíveis e é bem possível que ambos ocorram.

Antes de finalizar a abordagem de Freud, gostaríamos de sintetizar três aspectos que nos parecem importantes e servirão de base para o desenvolvimento posterior do trabalho. O primeiro aspecto está relacionado à unidade tão cara a Narciso, o segundo aspecto diz respeito ao ideal do ego e o terceiro centra-se ao redor dos instintos de vida e de morte.

A unidade em Freud é abordada de modo simples e precisa. Parece que inicialmente há um narcisismo primário que está incluído na trajetória normal do desenvolvimento humano e que permite a formação de uma unidade

compreendida como ego. Este ego inicial seria formado por meio de um investimento inicial em si mesmo ou por meio da apropriação gradual de uma série de investimentos objetais, tornando-se um grande reservatório da libido que é gerenciado para melhor satisfazer os interesses internos e externos em suas múltiplas instâncias. Em algumas ocasiões da vida pode ocorrer uma regressão ao narcisismo, narcisismo secundário, que retira dos objetos grande parte dos investimentos objetais e os concentra novamente no ego, insuflando-o e gerando uma série de complicações. Em resumo, uma unidade inicial necessita ser gerada e, em alguns casos, ela é capaz de suportar as adversidades da vida investindo, desinvestindo e re-investindo objetos que permitem ao sujeito sentir-se (re-)unido (vazio de tensão e pleno de experiências), mesmo que o sentimento seja temporário. Mas em outros casos, há uma regressão que torna o ego incapaz de re-investir no mundo externo, fechando-se em si mesmo, configurando também uma unidade, mas uma unidade estéril e incapaz de se vincular.

Dada a incompletude do ser, é posta a importância do diverso e da alteridade, isto é, do outro. Lembramos que grande parte dos sentimentos sociais é mediada por meio do amor em sua forma direta ou sublimada ou repousa “em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal do ego” (Freud, 1923b/1996, p. 51), ideal do ego que é adquirido por meio de identificações, mas que carrega parte significativa das vicissitudes instintuais do id.

Este ideal veicula, além de componentes individuais, uma série de elementos sociais no âmbito da família, da classe e da nação. E é portador de uma quantidade considerável de libido homossexual e narcisista, permitindo ao homem descontente consigo próprio encontrar satisfação no seu ideal que foi diferenciado do ego no início do seu desenvolvimento psicosssexual, mas que ainda carrega uma série de anseios primários, onipotentes e fantasiosos. Porém, incapaz de afirmar explicitamente a sua aspiração onipotente, este ideal se compõe de uma série de identificações ocorridas no decorrer da história de vida do indivíduo advindas de inúmeros elementos sociais e culturais que o envolveram e alguns elementos pessoais que agregou, criando simultaneamente o seu ideal, um líder que mais se aproxima deste ideal e um grupo fraterno.

E finalmente lembramos a dualidade entre o instinto de vida e o instinto de morte. Neste sentido, advertimos que há uma tendência fundamental no universo de conduzir as coisas ao estado inorgânico inicial ou dissolução e outra tendência contrária que trabalha no sentido da união. Ambas as forças se mostram cruciais para a manutenção dinâmica das inter-relações psíquicas, sendo que um balanço e uma interação entre os instintos é o que oferece uma dinâmica saudável à estrutura psíquica, ora libertando o excesso de tensão, ora criando estruturas e junções que garantem a sobrevivência da espécie e tornam o viver mais seguro. Por um lado, o id “se achando sob o domínio dos silenciosos mas poderosos instintos de morte, que desejam ficar em paz e (incitados pelo princípio do prazer) fazer repousar Eros, o promotor de desordens” (Freud, 1923b/1996, p. 73); e, por outro lado, uma força que permeia a existência em sua dimensão sexual, relacional e simbólica, promovendo vínculos internos e externos e a apreensão da imortalidade em sua dimensão de alteridade.

3.2 Narcisismo de vida e narcisismo de morte

A trajetória do narcisismo na teoria freudiana é central e serviu de base para fazer a transição entre a primeira e segunda tópica freudiana, perdendo gradualmente relevância na obra do autor, mas não sem antes abrir muitos vértices para a investigação.

Felizmente as ciências sociais e a psicanálise retomaram as reflexões sobre o narcisismo em suas múltiplas variações. Na psicanálise autores como Heinz Kohut, Heinz Hartmann, Béla Grunberger, Jacques Lacan, Herbert Rosenfeld, Otto Kernberg, André Green entre outros fizeram importantes contribuições sobre o assunto. E na sociologia crítica diversos autores integraram em suas leituras o referencial psicanalítico.

Interessa-nos inicialmente fazer um corte entre o narcisismo de vida e o narcisismo de morte à luz das contribuições de André Green, sendo que ambos são uma reação à inconstância dos objetos.

No narcisismo de vida, a perda cria uma organização ou unidade compensatória que coloca para dentro de si tudo o que é bom e projeta para o

exterior o que é ruim. Todavia, com o auxílio do objeto materno que se torna gradualmente estrutura enquadrante, há a possibilidade de diminuir a cisão entre bom e mau, integrar o ego e os objetos, estabelecer relações com objetos totais, enriquecer o universo psíquico com novas experiências, perde-las novamente e novamente iniciar o ciclo. Ou seja, ter uma vida emocional ativa.

No narcisismo de morte, por outro lado, sem um objeto absolutamente necessário devidamente internalizado na forma de estrutura enquadrante, o indivíduo tem muita dificuldade em lidar com as pulsões despertadas pelos objetos externos e internos que constantemente relembram a dependência em relação ao objeto primário, gerando fortes sentimentos ambivalentes que no limite podem fazer com que o indivíduo capitule e se entregue aos instintos destrutivos, desinvestindo as relações objetais e no limite a própria estrutura psíquica.

E em meio aos dois extremos, há uma série de matizes intermediárias que dependem das exigências do ideal do ego ou ideal do eu e que têm relação com as demandas do id e com a qualidade da estrutura enquadrante conseguida por meio da função materna e da tolerância ao negativo do objeto primário.

3.2.1 Narcisismo de vida

Escrever sobre o narcisismo de vida é no fundo especular sobre uma história de sucesso, uma vez que tenta descrever uma trajetória generalista de êxito nas primeiras etapas do desenvolvimento psicosssexual e a criação de uma estrutura capaz de lidar com os objetos em realidade.

A criação da estrutura ou organização narcísica pode ser compreendida como uma reação à realidade após a fantasia infantil da ausência de limites ser contrariada. Neste caso, o sujeito que era infinito se reconhece finito e inicia uma dolorosa transição em direção à realidade em suas dimensões de tempo e espaço. Para compensar a perda, é criada uma organização ego-prazer que introjeta tudo o que é bom e projeta tudo o que é mau para fora. Recordamos que o mau, o estranho ao ego e aquilo que é externo, “são, para começar,

idênticos” (Freud, 1925/1996, p. 269), sendo bom apenas o que é conhecido e interno.

Esta cisão, além de tentar compensar a perda da fantasia de onipotência inicial, é “um mecanismo de defesa normal no início da vida, quando tem o objetivo de proteger o self e o objeto do perigo da aniquilação por impulsos destrutivos que derivam da pulsão de morte” (Rosenfeld *in* Spillius, 1991, p. 249), sendo que apenas gradualmente a estrutura psíquica torna-se capaz de lidar com a plenitude dos impulsos destrutivos.

Temos, portanto, que o narcisismo primário é uma reação de religação frente à perda do amor fusional que existiu na relação mãe-bebê sem haver, contudo, a percepção da separação de ambos. O indivíduo antes infinito passa a ter que se contentar consigo mesmo – “um par de si mesmo” (Green, 1988, p. 26), criando a primeira dimensão rudimentar de unidade e limite que é investida com todas as qualidades boas. Em outras palavras, a ruptura inicial libera energia libidinal erótica que cria um contorno, neste contorno são precipitados traços de um ego rudimentar e é acumulada energia libidinal.

A energia pode ser apropriada dos investimentos objetivos e/ou diretamente de sua fonte pulsional após o ego se tornar objeto, permitindo o investimento tanto em objetos como também em si mesmo por meio do investimento narcisista.

Temos que a perda da onipotência inicial oriunda da diferenciação id-ego (isso-eu) recupera parcialmente a “função da qual abdicou em favor do Isso (id) para garantir prioritariamente o investimento narcisista” (Green, 1988, p. 106). De reação a consolo, o investimento narcisista realizado sob os auspícios de Eros unificando a psique será sempre movimento posterior a ruptura provocada pela percepção da realidade. E o preço a ser pago é não mais poder ser o outro, abdicar da fantasia primitiva de fusão criança-mãe e assumir a separação, conferindo espaço ao objeto, ao eu, ao desejo e ao pensamento que surge na ausência, apesar da angústia de separação.

Ainda que o processo de separação individualizante descrito acima pareça simples, ele é delicado e difícil de ser compreendido com exatidão, mas

somando reflexões teóricas e experiência clínica, alguns psicanalistas produziram alguns modelos a respeito dessa trajetória.

Green (1988) delinea uma ruptura inicial provocada pela realidade, depois a criação de uma unidade em si investida de tudo o que é bom e gradualmente a percepção do objeto primário entre sua ausência e presença. Este objeto torna-se estrutura enquadrante por meio da identificação, alucinação negativa do objeto e “narcisização” de si mesmo. Em outras palavras, o apagamento da marca do outro é compensado “pela investidura narcisista” (Green, 1988, p. 136) ou desejo pelo Um, livrando o indivíduo das vicissitudes e da dependência de um objeto externo. Mas este apagamento só é possível por meio da influência de Eros e encontra no cuidado materno (objeto primário) um forte aliado. Uma vez que a identificação com o objeto primário estiver bem assente, tem-se um poderoso cúmplice para lidar com os conflitos advindos da relação com os demais objetos no decorrer da vida.

O objeto primário ou cuidado materno tem a sua importância quando media uma presença reconfortante e também na sua ausência. A ausência do objeto alerta a criança para o fato de que o mesmo não é uma extensão de si e este descentramento do objeto primário é percebido e compensado por meio da alucinação negativa do objeto que é identificado, invertido e incorporado enquanto estrutura enquadrante, garantido bem-estar e segurança mesmo na ausência do objeto.

Para compreender melhor este processo, Green (1988) afirma que a inversão da atividade em passividade é fundamental, pois a criança passa a tratar a si mesmo como a mãe a tratava e fica evidente o paralelo com a brincadeira de *Fort-Da* descrita por Freud (1917a/1996) ao apresentar o comportamento do seu neto na ausência materna. Temos, portanto, que a inversão transforma o cuidado materno em estrutura enquadrante de si mesmo à medida que o corpo da criança substitui o cuidado do mundo externo. Esta perspectiva é apropriada apenas para os investimentos que podem ser satisfeitos pela criança por meio da identificação, sobre os demais cuidados que não podem ser satisfeitos, atua o recalçamento.

Sob o lema de “fazer o que mamãe fazia”, o cuidado externo torna-se cuidado próprio ou narcisista e este é sofisticado ao longo do interjogo de

aparição e ausência materna. Este interjogo, além de consolidar a estrutura enquadrante que é investida narcisicamente, gera também o seu revés que é despertar no sujeito a consciência de sua incompletude ou impossibilidade de satisfazer algumas necessidades e desejos e, se almeja satisfazê-los, terá que recorrer a objetos externos. Neste processo, se as frustrações forem mediadas numa proporção adequada por uma mãe suficientemente boa (Winnicott, 1990) e se o indivíduo tolerar certo grau de impotência, haverá a criação de uma estrutura enquadrante adequada que permite reconhecer-se incompleto, buscar satisfação em objetos externos e tolerar às frustrações quando ocorrerem.

Uma vez ocorrendo uma boa identificação enquadrante advinda da alucinação negativa do objeto primário, este torna-se continente do espaço representativo (Green, 1988) do eu, fundando os limites e a base sobre a qual os investimentos posteriores se farão. Em outras palavras, um bom objeto enquadrante tornará as pulsões posteriores toleráveis, inclusive uma série de investimentos agressivos e destrutivos que, apesar de se manifestarem, não destruirão a estrutura enquadrante, garantindo segurança e estabilidade ao viver.

Tiramos disso que o esquecimento se situa do lado da vida, enquanto que processos melancólicos intermináveis são fruto do não abandono do objeto primário ainda absolutamente necessário que seduz nas profundezas do desejo e impede de viver a presença e a ausência dos demais objetos, pois sempre haverá a sombra do objeto primário.

O fracasso da experiência de separação individualizante faz com que

o jovem Eu, em vez de constituir o receptáculo dos investimentos posteriores à separação, luta para reter o objeto primário e revive repetitivamente sua perda, o que provoca, ao nível do Eu primário confundido com o objeto, o sentimento de uma depreciação narcisista que se traduz fenomenologicamente pelo sentimento de vazio, tão característico da depressão, que é sempre o resultado de uma ferida narcisista com desperdício libidinal. (Green, 1988, p. 267)

Retornamos aqui à depressão melancólica que nos quadros narcísicos são uma repetição constante do desejo fusional e a ameaça de perda do objeto absolutamente necessário que infiltra terror e por antecipação gera angústia de separação, além do sentimento de vazio advindo da ausência de uma estrutura

enquadrante consolidada que permitiria enriquecer o universo psíquico com experiências emocionais diferentes, pois tudo ainda orbita à volta do doloso processo de presença e ausência do objeto absolutamente necessário. Para lidar com este conflito doloroso, é criada uma “carapaça narcisista protetora e preventiva contra os traumas, mas ao preço de uma esclerose mortificante que mina o prazer de viver. A frieza, a distância, a indiferença tornam-se eficazes escudos contra os golpes vindos do objeto” (Green, 1988, p. 171).

Para que a ferida narcísica não seja revivida com cada objeto no decorrer da vida, o objeto primário absolutamente necessário necessita morrer deixando uma doce lembrança que nutra de amor os demais objetos que tomam o seu lugar. Este apagamento do objeto materno “enquanto objeto primário da fusão” (Green, 1988, p. 264) de caráter vital e indispensável cede lugar aos investimentos narcísicos e permanece enquanto estrutura enquadrante do Eu.

Nessa perspectiva, a identificação narcisista propicia o narcisismo de vida, um narcisismo positivo, que gradualmente elabora os limites e a segurança necessária para instalar a capacidade de estar só e a aptidão de estar na presença de alguém. O contorno criado por Eros elabora um narcisismo positivo e funda as bases do eu que permitem estabelecer funções objetalizantes significativas e dotadas de desejo sem esbarrar em aspirações fusionais e ansiedades de separação.

Mas em estruturas narcisistas imaturas há sempre uma

hiper-sensibilidade notável à intrusão no espaço do Self, ainda que guarde a nostalgia da fusão e tema a separação geradora de angústia mesmo se ela aspira à autonomia e, sobretudo, a evitar a desvalorização, efeito do desprezo do objeto e do desprezo por si mesmo por ser inacabado, incompleto, dependente. O narcisismo não pode efetuar o esquecimento de si com o outro. Este abandono de si equivale à ameaça de abandono do objeto. (Green, 1988, p. 54)

Neste caso o vínculo e a função objetalizante ocorre de modo limitado e temeroso. Não sendo possível o esquecer-se na solidão e tampouco na presença do outro.

Em outros termos, a condição pela qual o id pode abandonar seus objetos é transformar “uma escolha objetual erótica numa alteração do ego” (Freud,

1923/1996, p. 44), tornando também “um método pelo qual o ego pode obter controle sobre o id, e aprofundar suas relações com ele – à custa, é verdade de sujeitar-se em grande medida às exigências do id” (p. 45), mas que no caso das estruturas narcisistas ainda não ocorreu ou não foi finalizado a contento. Como consequência desta fragilidade, o indivíduo está sujeito às exigências do id que podem ocorrer de modo direto, mas é mais provável que ocorram de forma “indireta” por meio do ideal do ego. Ideal que é “expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id” (p. 50) e que é o “mais tirânico dos agentes de sujeição” (Green, 1988, p. 170).

Lembramos que nos indivíduos que viveram o narcisismo positivo e que elaboraram uma boa estrutura enquadrante, a perda e o luto ainda existem, exigindo, em algumas circunstâncias, o recolhimento narcisista para lamber a ferida, mas, depois de um período de luto, há uma nova expansão em direção ao diferente que nutre e enriquece. Fato que não ocorre em estruturas cujo narcisismo positivo não foi finalizado adequadamente. Neste caso, toda perda faz lembrar os brutais sentimentos de inferioridade e de dependência em relação aos objetos, vivendo constantemente um doloroso processo depressivo e melancólico.

3.2.2 Narcisismo de morte

Nesta parte do trabalho exploraremos estruturas em que o objeto enquadrante não foi consolidado e as relações objetais são carregadas de hipersensibilidade narcísica. Estamos agora no reino do narcisismo morte ou narcisismo negativo em que os fortes sentimentos gerados pelos objetos podem, no limite, almejar a dissolução e o desinvestimento total e para isso utilizam as pulsões de destruição (Green, 1988).

Essas estruturas hipersensíveis estão normalmente divididas em dois conflitos. Os conflitos inerentes ao Édipo e o conflito em relação ao objeto primário que não se consolidou enquanto estrutura enquadrante.

Quando os conflitos são demasiados, utilizam maciças cisões e identificações projetivas¹⁷ para gerir o ódio à realidade externa e interna e almeja em última instância o “repouso” no espaço neutro da ausência de relações objetais. Em outras palavras, a grande dependência e impotência frente ao objeto necessário desperta grande carga destrutiva que torna o objeto, antes necessário, em objeto trauma e

(...) objeto-louco. Enlouquecido e enlouquecedor, contra o qual será tentada uma neutralização pelas pulsões de destruição. Neste caso, o refluxo narcisista não conseguirá mais sustentar tão eficazmente a ilusão da megalomania do Eu. Ou seja, o narcisismo, de positivo, se tornará negativo. Negativo em todos os sentidos do termo. Negativo no sentido contrário do positivo: o bom torna-se mau, e negativo no sentido da nadificação onde Eu e objeto tendem para a anulação mútua. (Green, 1988, p. 158)

Uma “saída” para o enlouquecimento seria destruir e desconstruir todos investimentos para permanecer em um estado de quietude (negação da insatisfação), invulnerabilidade, abolição das tensões ao nível zero, morte ou imortalidade.

Abolida a diferença em relação ao objeto primário também são abolidas as demais diferenças, entre elas, a diferença sexual. Elimina-se, portanto, a falta ou ausência do objeto, bem como toda a gama de sentimentos de inferioridade, finitude, incompletude e impermanência.

O fracasso narcísico de totalização sempre advém do poder do objeto – e da realidade – que se mostra impermanente e independente. Incapaz de lidar com a realidade e sentindo-se ameaçado por ela, há a regressão ao narcisismo e a clivagem característica desta fase, mantendo o que é bom e idealizado protegido no seu interior e o que é mau e inferior no exterior.

O mau é o que frustra e o idealizado é o que não frustra. Sendo que as estruturas narcisistas são marcadas pelo despotismo absoluto de um ideal do Eu que arbitra as questões referentes ao desejo segundo a lei do tudo ou nada. Como recorda Green (1988), “o ideal do eu do narcisista moral edifica-se sobre

¹⁷ Expressão introduzida por Melanie Klein para designar um mecanismo psíquico que se traduz por fantasias de introduzir a sua personalidade, em sua totalidade ou partes, no interior de um objeto com a intenção de destruir, possuir ou controlar o objeto.

os vestígios do Eu ideal, isto é, sobre um poder de satisfação onipotente, idealizante que não sabe nada das limitações da castração” (p. 209).

Fica evidente as grandes exigências dos narcisistas em relação a si e em relação aos outros e, como as decepções corriqueiras da vida geram fortes sentimentos de recusa da realidade que se manifestam por meio de depressão, lutos difíceis, rejeição (recusa radical de conhecer sobre) da pulsão e dos seus representantes, ou renegação por meio de um recalçamento da percepção.

Parece que nos narcisistas a realidade foi aceita pelo id (isso) com a compensação de deslocar grande parte dos seus anseios para o seu ideal,

Como se a limitação especial imposta ao Isso, pelo menos pela fronteira que o põe em relação com o Eu, fosse compensada pelo campo livre deixado à função do ideal. Pois se o Eu conseguiu, pela ligação dos processos psíquicos, que o Isso seja, ainda que somente em parte, amordaçado, o Isso só pode consentir com isso mascarando sua derrota. Consequentemente, instala, ao invés da satisfação pulsional obedecendo o princípio do prazer, uma nova exigência tão imperiosa quanto a sua que é seu decalque ou o duplo negativo. Esta só cessará quando tiver alcançado a ilusória superação daquele. O Ideal do Eu, em relação ao qual o Eu se avalia e busca alcançar a perfeição, é aferido de acordo com a demanda do corpo feita ao espírito. As pretensões da função do ideal não aparecem a título de consolação ou de contrapartida. Ali onde a satisfação pulsional ocorria, ela instaura seu contrário. Atribui um valor ainda maior à renúncia. O orgulho tornou-se um objetivo ainda mais elevado do que a satisfação; o Eu ideal foi substituído pelo Ideal do Eu. (Green, 1988, p. 113)

Em meio a contradição da necessidade e do horror à dependência, o orgulho é a saída na qual o Ideal do Eu se refugia em renúncia ascética. Deste modo o narcisismo negativo, duplo sombrio de Eros, almeja o retorno ao zero.

Mas a renúncia não é ausente de conflitos, o objeto primário ainda se faz necessário quando está ausente e na sua presença aparecem fortes sentimentos fusionais e confusionais, além do terror da perda.

Diante dos fortes conflitos descritos acima, há uma aspiração de abandonar ou desinvestir os objetos para alcançar o ideal ascético de invulnerabilidade, especialmente no âmbito da sexualidade. Para tanto, são criados múltiplos esquemas “que podemos qualificar seja de bissexualidade auto-suficiente, seja de assexualidade indiferente, ou, ainda, de indiferenciação sexual” (Green, 1988, p. 295) que visam apagar a necessidade do outro.

Constatamos que a busca pela auto-suficiência é na verdade reação a um objeto primário ainda fusionado ao eu onipotente e que tenta desesperadamente não mais necessitar dele, eliminando com isso a angústia de castração e a possibilidade da morte.

Temos, assim, a contradição básica dos narcisistas que ainda almejam um objeto cativo, mas descobriram a independência do mesmo.

Freud (1913/1996), no início de sua teorização sobre o narcisismo, já tinha deixado claro que o narcisismo original das crianças influencia fortemente o desenvolvimento de seu caráter à medida que exclui a possibilidade do surgimento de sensações primárias de inferioridade.

Sohn (*in* Spillius, 1991) diz que

As relações de objeto onipotentes e narcísicas previnem o surgimento de sentimentos agressivos causados pela frustração e qualquer percepção de inveja, de tal modo que a posse onipotente do seio e de suas funções não pode frustrar ou despertar inveja. (p. 278)

Fica evidente que as estruturas narcísicas buscam evitar a qualquer preço a inferioridade, as frustrações advindas da percepção de um objeto independente e os fortes sentimentos invejosos e destrutivos que isso provocaria.

Assim, para não entrar em contato com estes fortes sentimentos destrutivos e invejosos, as estruturas narcísicas transferem o desejo pelo outro para o desejo pelo não-desejo, comportando-se como se tivessem encontrado contentamento no abandono da busca por satisfação. Neste ponto, o prazer não é substituído pelo desprazer, mas pelo neutro. Uma realidade indiferente à agitação das paixões e, no limite, o desejo de retorno ao narcisismo primário absoluto, aquele que “anseia pelo repouso mimético da morte” (Green, 1988, p. 300).

O desinvestimento ou desligamento dos objetos secundários gera também um massivo desinvestimento do objeto primário que deixa no inconsciente um imenso vazio. A pulsão de morte neste caso se manifesta, não na forma de ódio e violência ao objeto que frustra descrito pelas escolas kleinianas, mas por meio do abandono ou desinvestimento.

Ocorre, portanto, a seguinte cadeia de desinvestimentos:

Em sua forma primordial, o desinvestimento afeta o próprio processo de ligação, o seu movimento e, em seguida, os seus componentes (representações, objetos, tramas, “vias colaterais”). E, no limite, pode afetar os próprios alicerces organizadores do psiquismo: é o narcisismo de morte (enquanto desinvestimento da própria estrutura e unidade narcísica primária). Desenvolvendo essa visão, Green propõe que o segundo dualismo pulsional freudiano seja reformulado mediante o par conceitual função objetualizante e função desobjetualizante. (Urribarri, 2010, p. 21)

Urribarri (2010) lembra que em geral a pulsão de destruição costuma se instalar depois de uma série de frustrações; que elas não têm relação direta com as pulsões de vida; e que dependem em grande medida da relação com o objeto que pode intrincá-las ou desintrincá-las em caso de fracasso.

Nessa perspectiva, há um objeto que é simultaneamente composto por outros objetos e que tem relação direta com o objeto primário. Se houver um bom enquadramento e apagamento do objeto primário e seus sucessores, ele conseguirá intrincar as pulsões destrutivas, do contrário, é aberta a caixa de pandora.

No caso de fracasso do enquadramento do objeto primário, ocorre uma confusão entre pulsão e objeto que impede a emergência do desejo e prejudica o pensamento. Ou seja, o objeto primário continua “enquistado e absoluto, impedindo a constituição de um espaço interno no qual acontecem os movimentos psíquicos e, mais importante, se constituem as representações sem as quais o desejo não pode surgir” (Garcia & Pena, 2010). E no caso extremo, os intensos sentimentos desta falha podem conduzir à regressão “ao Ego unidade ou uma regressão ainda mais profunda à ilusão do zero, ascese e retorno a um estado de não-estímulo” (Green, 1988, p. 41).

O indivíduo que aspira retornar ao não-estímulo ou ao nada, ainda que não alcance o seu objetivo, adota um comportamento “auto-restritivo de significação suicida” (Green, 1988, p. 227), diferente de suicídio vingativo que deseja infringir dor ao objeto, mas um suicídio lento e apático. Não havendo somente “indivíduos que se deixam morrer. Há também civilizações inteiras que parecem sofrer de apatia, renunciando a seus ideais, soçobrando na

passividade, sinal antecipador de seu desaparecimento, quando perderam qualquer ilusão sobre o futuro” (p. 300).

E para concluirmos teceremos algumas reflexões sobre o duplo oculto, o revés negativo da realidade.

O duplo, uma fantasia de um estranho que acompanha. O estranho (*unheimlich* em alemão) “é secretamente familiar (*heimlich-heimisch*), que foi submetido à repressão e depois voltou” (Freud, 1919/1996, p. 262), algo que é assustador, mas muito familiar ou conhecido. Estranho que “deveria ter permanecido secreto e oculto mas veio à luz” (p. 258) ao parafrasear Schelling.

Duplo que, após o encontro com a realidade ou com a castração infantil, fraciona a existência entre um eu castrado e outro eu ilimitado (alma, sombra, espírito guardião, deuses), mas cuja fantasia necessita permanecer oculta. Duplos que brotam

no solo do amor-próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo. Entretanto, quando essa etapa está superada, o “duplo” inverte seu aspecto. Depois de haver sido uma garantia da imortalidade, transforma-se no estranho anunciador da morte. (Freud, 1919/1996, p. 252)

Duplo que é simultaneamente refúgio narcísico e projeção para dentro da ausência intolerável, mas que se torna anunciador da morte. A transição da imortalidade para a mortalidade, mostra o estranho papel deste que a princípio nega a morte, mas cuja origem se encontra no encontro com a finitude e que a partir de um momento passa a reafirmar os limites da vida.

Duplo individual e simultaneamente duplo coletivo. Duplo acolhedor e materno, olhos de deus, complemento perfeito ou alma gêmea, salvador, redentor, santos, duplo diabólico, sombra, duplo de poderes infinitos. Da sua aparência discreta no cotidiano ao culto enaltecido nas religiões.

Duplo onipotente que acompanha constantemente, que tudo sabe e tudo observa. Duplo sem os limites da realidade temporal e espacial, duplo infinito.

Será o duplo apenas o refugio da onipotência infantil que para ingressar na realidade escamoteia a fantasia narcísica para um local distante, mas

acessível em casos extremos? Duplo fantasia que quando retorna se torna duplo fantasma?

Duplo estranho que se parece com a sombra do objeto ainda tão necessário. Duplo que pode vir acompanhado do sinal positivo ou negativo, deus e o diabo. O divino positivo seria um objeto sempre a mão e o divino negativo é a ausência, a lembrança da separação e da finitude – a inexistência da fantasia reconfortante.

Mas renunciar à fantasia e incluir a realidade não é tarefa fácil. A negatização ou integração do negativo é uma tarefa difícil como demonstra Freud (1925/1996)

O desejo geral de negar, o negativismo que é apresentado por alguns psicóticos, deve ser encarado como sinal de uma desfunção de instintos efetuada através de uma retirada dos componentes libidinais. O desempenho da função de julgamento, contudo, não se tornou possível até que a criação do símbolo da negativa dotou o pensar de uma primeira medida de liberdade das consequências da repressão, e, com isso da compulsão do princípio do prazer. (p. 271)

Parece-nos que a realidade e a liberdade necessitam ser tomadas em doses moderadas e, para tanto, o negativo ou a ocultação de um desejo latente de onipotência é benéfico para criar um espaço que permite o surgimento do símbolo, do pensar e do julgamento.

Mas, por outro lado, o mito platônico da caverna pode ser alimentado e insuflar o desejo infantil de tornar-se onipotente e invulnerável, distanciando o universo psíquico da realidade e da totalidade dos objetos.

Situamo-nos na bifurcação entre integração ou reafirmação da fantasia a despeito da realidade que sempre se mostrará. Especialmente onde o enquadramento materno não ocorreu de modo satisfatório, o medo faz apelar à ferramenta da cisão e é alimentada a figura do duplo que pode facilmente ser deslocado da figura materna para a figura paterna onipotente.

a negativização da presença do enquadre materno remete ao pai como ausência primordial – como ausência do princípio de paternidade, cujos laços posteriores com a Lei serão percebidos. No caso do narcisismo moral é inegável que este desvio só visa a posse de um falo paterno como princípio de dominação universal. A negativização deste desejo

sob a forma da celebração da renúncia não muda nada na sua finalidade última. E não é por acaso que se trata, nos dois sexos, de uma negação da castração. Deus é assexuado, mas é um Deus pai. Seu falo, para o narcisista moral, é desencarnado, vazio de substância, molde oco e abstrato. (Green, 1988, p. 213)

Deus ou princípio de dominação universal, mesmo nos casos do narcisismo de morte em que é celebrada a renúncia ao desejo, retrata em última instância a negação da castração, isto é, da realidade enquanto limite.

Fica-nos evidente que a função do duplo é negar a castração, ainda que o preço pela onipotência e ausência de limites possa ser um falo divino, universal, oco e abstrato – vazio.

Abordar a temática do narcisismo abre um rico campo de reflexão, sendo que em nosso trabalho nos interessa especialmente observar as organizações psíquicas que deslocaram grande carga para os seus componentes narcísicos – duplo ideal – na trajetória de se aproximarem da realidade. Duplo que é simultaneamente singular e coletivo podendo ser projetado sobre figuras externas que tenham alguma correspondência com o seu anseio onipotente, oferecendo organização e orientação. Duplo que também é extremamente demandante e que, em caso de frustrações recorrentes, pode almejar o desinvestimento objetual absoluto e o repouso na ausência de perturbações.

3.3 Ideal do eu e a psicologia de massas

Se avançarmos na reflexão entre o narcisismo e os fenômenos sociais, é necessário expandir o nosso entendimento sobre a psicologia social ou das massas e sua relação com o herdeiro do narcisismo infantil, o ideal do ego. Resgatamos alguns aspectos da psicologia das multidões, grupos e massas para melhor compreendermos este processo.

Um dos primeiros trabalhos realizados para estudar o poder das massas ou das multidões foi o trabalho de Gustave Le Bon em 1895 com o título de *Psicologia das Multidões*. Este trabalho serviu de base para Freud e para outros cientistas sociais delinearem reflexões posteriores sobre grupos e massas de pessoas.

No trabalho de Le Bon (1980) o autor procura estudar como o “novo” poder, o poder das multidões, atua na esfera social, subtraindo parte significativa da racionalidade e inteligência individual, e gerando uma forte interação emocional que conduz a grandes ações sociais e muitas vezes rupturas, algumas boas e outras bárbaras.

Segundo o pensador francês, quando há um sentimento latente de pertencer a uma multidão, localizada espacialmente ou até mesmo dispersa geograficamente, é exacerbado o poder de sugestão e contágio entre seus integrantes, conduzindo-os em um sentido único por determinado tempo. Nessas multidões os sentimentos preponderantes são impulsividade, mobilidade, irritabilidade, credulidade, sugestibilidade, exagero, simplismo, intolerância, autoritarismo, conservantismo e uma moralidade incalculável.

Sem esmiuçar o trabalho de Le Bon (1980), destacamos dois aspectos que são centrais para o presente trabalho. Em primeiro lugar, é a regressão a estágios mais primitivos de existência em que as demandas e os desejos têm um forte caráter imediatista, havendo pouco espaço para a sua repressão e adiamento. E segundo, a facilidade com que essa multidão se submete a uma ideia-imagem ou a um déspota que ao mesmo tempo a aterroriza e seduz, sendo que o poder das ideia-imagens está ligado às ilusões ou às fantasias que proporciona, independente do seu sentido real.

Especialmente o segundo ponto nos interessa, pois os condutores das multidões seriam o centro à volta do qual se formariam e identificariam as opiniões. Este condutor teria uma grande intensidade de convicção que confere às suas palavras grande poder de sugestão, fazendo as massas vibrarem. Neste sentido nota-se que há latente nas multidões um anseio de servidão e uma fome por obediência.

Entre os principais meios para difundir uma ideia-imagem por um condutor que seria a corporificação desta ideia teríamos: a afirmação concisa de uma ideia, sua repetição sucessiva e finalmente um efeito contágio que faz com que a ideia entre gradualmente nas camadas mais profundas do inconsciente e se difunda entre os diferentes integrantes da multidão.

Aqui trazemos as próprias palavras de Le Bon dada a atualidade de sua reflexão no tocante à publicidade.

Compreender-se-á claramente a influência da repetição sobre as multidões se se observar o poder que ela exerce sobre os espíritos mais esclarecidos. Efetivamente, a afirmação acaba sempre por se gravar nas regiões profundas do inconsciente onde se geram os motivos das nossas ações. Ao fim de algum tempo, esquecido já o autor dela, acabamos por lhe dar total credibilidade. Assim se explica a força espantosa da publicidade. (Le Bon, 1980, p. 78)

Notamos que é antecipada uma grande discussão encampada no seio da Escola de Frankfurt sobre o poder da publicidade. Há, contudo, ainda um aspecto importante trazido no texto sobre as multidões que seria a força misteriosa do prestígio, isto é, o poder ou fascínio que um indivíduo, uma obra ou uma doutrina exerce sobre o espírito humano que paralisa as faculdades críticas e enche a alma de admiração e de respeito. Esse ser, ideia ou coisa que possui o prestígio seria imitado e acabaria impondo a sua forma de sentir e de expressar os pensamentos aos demais indivíduos, fazendo capitular qualquer faculdade crítica ou de contestação.

Simmel (2004) também refletiu sobre as estruturas sociais no início do século XX quando aborda os sentimentos de fidelidade e de gratidão na construção e principalmente na manutenção da estrutura social.

A fidelidade seria crucial para a não desintegração da sociedade por assegurar a continuidade de uma relação além das forças originais que lhe formaram ou a perseverança da alma em manter as coisas no caminho, mesmo depois das condições iniciais ou motivos iniciais de ligação não mais existirem. Neste caso, a fidelidade e a lealdade preservam a relação mantendo os indivíduos fortemente unidos um ao outro.

A fidelidade é essa constituição da alma (que é constantemente movida e que vive num fluxo contínuo), mediante a qual ela incorpora plenamente em si a estabilidade da forma supra-individual da relação e mediante a qual admite na vida, como o sentido e o valor da vida, um conteúdo que, embora criado pela própria alma, está, na sua forma, porém destinado a contradizer o ritmo ou a ausência de ritmo da vida, tal como ela é de fato vivida. (Simmel, 2004, p. 41)

E a gratidão manteria unida e estável a vida social à medida que faz perdurar um sentimento ou uma obrigação infinita nos vínculos entre os indivíduos. Teríamos, portanto, graças recebidas no passado que perduram na alma sob a forma de gratidão ainda que a potência original – estética, ética ou intelectual – que a gerou, não mais exista, mantendo a unidade. Nas palavras de Simmel (2004)

Esta natureza indissolúvel da gratidão dá-lhe a forma de um vínculo entre os indivíduos, tão subtil quanto firme. Toda a relação humana, qualquer que seja a sua duração, produz mil oportunidades para a gratidão, e mesmo as mais efêmeras não permitem que se perca o seu contributo para a obrigação recíproca. Nos casos mais afortunados, mas por vezes até naqueles em que abundam as contra-instâncias, a soma destes contributos produz um ambiente de obrigação generalizada (o dizer-se que alguém está “obrigado” para com outra pessoa que ganhou o seu agradecimento é perfeitamente adequado) que não pode de todo ser compensado por uma qualquer ação. Este ambiente de obrigação pertence aos fios “microscópicos” mas infinitamente resistentes que ligam um elemento da sociedade a outro e que assim, finalmente, os mantêm unidos uns aos outros numa vida coletiva estável. (p. 51)

Notamos que Le Bon (1980) observou o surgimento de características espontâneas e ligeiras nas multidões enquanto que Simmel (2004) deu mais atenção a elementos que mantêm uma estabilidade e a unidade social duradoura.

Freud (1921/1996) deu sequência às reflexões sobre os elementos de ligação que mantem unida e estável uma vida coletiva em seu trabalho “Psicologia de Grupo e Análise do Ego”, sobre o prisma dos imbricamentos entre a psicologia, a comunicação e a sociologia, quando investiga as relações entre a psicologia de grupos e a psicologia individual, ponderando a sua evidente interdependência e procurando a origem para o instinto social (*herd instinct*, *group mind*) em círculos mais restritos como, por exemplo, a família.

Em acordo com Le Bon, Freud (1921/1996) pontua que as repressões aos impulsos instintuais inconscientes são arrefecidas nos grupos e a função de verificação da realidade recai para segundo plano, havendo o predomínio dos impulsos plenos de desejo. E acentua que nos grupos – tal como na mente inconsciente, nas crianças e nos neuróticos – há uma maior aceitação de ideias contraditórias. Freud (1921/1996) recorda que o trabalho de Le Bon (1980)

analisou a formação de grupos de curta duração normalmente em contextos de rupturas e, para fazer um contraponto a este trabalho, é citado o contributo de McDougall (1927), *The Group Mind*, que destaca os elementos para a formação de grupos mais duradouros. Elementos estes que incutiam uma organização na estrutura dos grupos, aparelhando o indivíduo com características individuais como, por exemplo, continuidade, autoconsciência, tradições, costumes, funções e posições, permitindo uma distintividade individual no grupo.

Todavia, falta explicar o que unia o grupo. Neste ponto foi inserida a teoria da libido, da força amorosa ou erótica que seria o poder de ligação no interior dos grupos e que seria responsável pela construção dos laços emocionais, sendo a essência da mente grupal (Freud, 1921/1996).

Esses laços libidinais atuam em relação ao líder e em relação aos demais membros do grupo, podendo o líder ser substituído por uma ideia dominante. Freud (1921/1996) constrói a hipótese de que há uma tendência em grupos mais primitivos de serem dominados ou regidos por um líder e, à medida que se transita para contextos mais evoluídos, tal figura passaria para ideias e objetos mais invisíveis ou subjetivos, sendo que a fase intermediária ou de transição, seria o grupo religioso.

Ademais, há normalmente uma divisão entre os incluídos e os excluídos do grupo com os respectivos benefícios e retaliações de acordo com as posições que ocupam. Interessante notar que o elemento unificador nos grupos pode ser tanto positivo como negativo, por exemplo, o ódio a um grupo externo pode unificar um grupo e, em muitas circunstâncias, são utilizadas ambas as estratégias, isto é, uma ideia redentora é içada e o grupo dos incluídos são escolhidos e sobre os excluídos é lançado o ódio.

A dissolução repentina dos laços emocionais conduz normalmente a uma grande desorientação que pode culminar no pânico, havendo, portanto, uma força que atua no sentido de preservar os laços emocionais que mantem o grupo unido e que zela por uma estabilidade emocional.

Vale frisar que em toda relação emocional íntima entre duas ou mais pessoas que perdura no tempo, há sentimentos de aversão e de hostilidade que normalmente são reprimidos. E além dessa hostilidade interna nos grupos, há

também uma forte aversão ao estranho cujo fundamento estaria no amor a si mesmo ou narcisismo. Narcisismo que considera o efeito perturbador gerado pelo diferente como uma crítica que ameaça a preservação do indivíduo ou da sua fantasia de unidade. Neste ponto, parece haver uma regressão aos instintos mais primitivos do humano, sendo o diferente um elemento desestabilizador que necessita ser refutado e excluído.

Em acordo com a visão acima, Simmel (2005) enfatiza uma leve aversão ou repulsa mútua de concidadãos em momentos de contato próximo, uma vez que pode rebentar em ódio e luta. Também Canetti (2014) abre o seu livro com uma afirmação muito similar quando enfatiza o receio do homem de ser tocado pelo desconhecido, sendo que para Canetti (2014) apenas na massa o homem se libertaria do receio do contato. A massa compacta parece retomar a percepção de pertencer a um corpo único e forte, remetendo talvez ao primeiro vínculo físico e emocional, o vínculo do bebê com a grande mãe que lhe confere acolhimento e segurança, serenando o receio de contato, haja vista a apropriação da segurança e da força conseguida por meio do objeto primário.

Ao falarmos sobre a força libidinal que une ou força que confere certa concessão narcisista é crucial dividi-la em dois mecanismos principais que permitem a formação de laços emocionais: a idealização e a identificação.

A idealização ocorre quando são exagerados as qualidades e o valor do objeto. No caso do amor ou do enamoramento pelo outro ou por objetos, parte da libido narcísica é transferida para o objeto criando normalmente uma sobrevalorização do mesmo que toma o lugar do ideal do ego ou corporifica uma série de traços desse ideal do ego, reduzindo ou anulando as suas funções críticas.

A identificação seria o processo psicológico mediante o qual o sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, diante do modelo assimilado. A personalidade se constitui e diferencia mediante uma série de identificações (Laplanche & Pontalis, 2004).

Na teoria freudiana, a identificação seria a forma mais primitiva e original de laço emocional com uma outra pessoa, desempenhando um papel crucial na história singular elaborada à volta de um Édipo arcaico. Para Freud (1921/1996),

os meninos têm normalmente uma predileção pelo pai e o tomam como seu ideal e depois fazem uma catexia do tipo de ligação (anacítica) ou objeto amorosa com a mãe.

Ainda na questão da identificação, Freud (1921/1996) ressalta que este processo é ambivalente desde o início, mobilizando intensos sentimentos de ternura e ódio; e que teria muitas características da fase oral em que a ingestão assume as qualidades do objeto (o seio), sendo o canibalismo uma herança primitiva que perdurou em algumas sociedades. A identificação em muitas leituras foi substituída pela introjeção trazida por FÉRENCZI (1910).

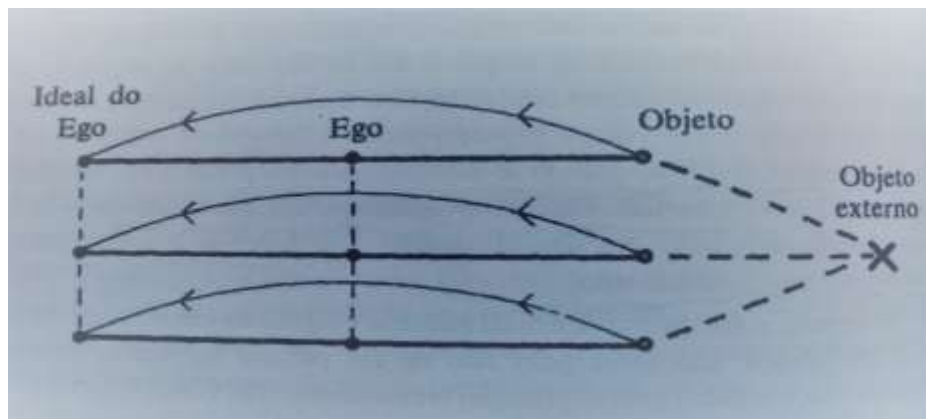
A possibilidade de introjeção ou de identificação canibalesca é especialmente importante no quando da perda dos objetos amados, havendo a possibilidade de reproduzi-los internamente em fantasia para gradualmente ir fazendo um luto em acordo com o modelo de “Luto e melancolia” (Freud, 1917a/1996), bem como para organizar uma estrutura psíquica com os seus diversos componentes, principalmente em nível de ego e superego, assumindo assim traços dos objetos e das relações objetais com que interage.

Ressaltamos que a identificação vai além de escolhas apenas positivas de objetos, são introjetados também traços negativos ou que não correspondem diretamente ao amor, mas que atendem aos desejos ou às necessidades do indivíduo.

Retomando a questão do laço mútuo entre os membros do grupo, este ocorre por meio de identificações baseadas nas qualidades emocionais comuns e tem uma forte idealização e identificação com a natureza do líder.

Para melhor explicar a relação do líder com o indivíduo, é trazida a relação existente na hipnose que pode ser compreendida como uma versão simplificada de estar amando, uma vez que o indivíduo perde a capacidade de discernir a realidade e se sujeita à autoridade do hipnotizador, com a diferença de não haver satisfação sexual. Nesta formação simplificada de um grupo, alguns indivíduos colocam no lugar do seu ideal do ego um mesmo objeto, havendo conseqüentemente uma identificação uns com os outros em seu ego como retrata a Figura 2 abaixo:

Figura 2 - Ideal do eu e objeto externo



Fonte: Freud (1921/1996, p. 120)

Este modelo simplificado de organização se aproximaria da horda primitiva em que é atribuído importante papel ao chefe que orienta a horda e simultaneamente serve de referencial para os instintos gregários no grupo. Ainda no mesmo modelo, Freud (1921/1996), argumenta que a inveja primária em relação a um objeto pode ceder e formar o “espírito de grupo” por meio da identificação de um amor semelhante ao mesmo objeto. Ou seja, há essencialmente um líder e um grupo de pessoas que sistematicamente igualam-se em submissão e dependência a este líder, mas que no fundo reprimem uma inveja primária e o medo dele, e cuja manipulação desses sentimentos é essencial para a estabilidade da organização grupal.

Em outra perspectiva, o hipnotizador é colocado nas posições maternas e paternas (Ferenczi, 1910) e faz reviver toda herança arcaica de submissão em relação às primeiras relações objetais com toda a carga ambivalente de emoções, bem como recorda a dependência original da criança e os fortes sentimentos controversos que essa dependência gerava. Especialmente em relação ao pai, Freud (1921/1996) acreditava existir uma grande carga passiva-masquista que revive no líder da horda primeva ou pai primevo, uma paixão pela autoridade ou sede de obediência (Le Bon, 1980) e vontade de vingança.

Idealização, identificação e medo são traços constituintes da organização grupal e reforçados pelo líder, mas também mantidos e aceitos pela horda ou grupo que poderia facilmente declinar a subordinação ou mesmo ascender em

violência, mas que barganha liberdade por orientação e segurança, além de ter atendido o seu desejo masoquista.

Sem diminuir a importância do líder, é crucial compreender que há uma força significativa entre os membros do grupo que atua na manutenção das estruturas de (inter)dependência. Neste ponto trazemos Freud (1921/1996), quando resume que

Somos lembrados de quantos desses fenômenos de dependência fazem parte da constituição normal da sociedade humana, de quão pouca originalidade e coragem pessoal podem encontrar-se nela, de quanto cada indivíduo é governado por essas atitudes da mente grupal que se apresentam sob formas tais como características raciais, preconceitos de classe, opinião pública etc. A influência da sugestão torna-se um grande enigma para nós quando admitimos que ela não é exercida apenas pelo líder, mas por cada indivíduo sobre outro indivíduo, e temos de censurar-nos por haveremos injustamente enfatizado a relação com o líder e mantido demais em segundo plano o outro fator de sugestão mútua. (p. 121)

Ocorre-nos que o enigma da sugestão é uma grande força mútua que zela pela unidade e estabilidade cara àqueles emocionalmente dependentes e que evitam a qualquer preço rupturas e separações, pois remete ao desamparo original.

Isolada sobre as bases patriarcais, a visão freudiana reafirma a existência do pai ou do líder como figura central que necessita transmitir força e independência. Este o faz com uma posição distanciada e uma vontade que não necessita de reforço dos demais. Há uma ilusão de que o líder ama a todos da mesma forma, igual e justa. Este líder divino ou benzido por deus fornece a impressão de maior força e liberdade libidinal, e com o feitiço que lhe é próprio incute nos demais membros, por meio do olhar, o misterioso e o familiar, induzindo a suspensão dos limites habituais. Fantasia de transgressão da realidade que provavelmente se encontra no duplo ideal que almeja a onipotência.

Os demais indivíduos estariam ligados por vínculos de identificação com o grupo fraterno, consolidando uma trama que confere estabilidade horizontal e reafirmam o seu ideal do ego à medida que tem o mesmo ideal do eu

corporificado pelo líder, totem ou ideia dominante, solidificando a organização vertical.

Se lembrarmos a importância do totemismo na obra freudiana, podemos compreender este símbolo como a sublimação de uma vasta gama de sentimentos antagônicos que convergem para uma estrutura que ao mesmo tempo organiza e divide hierarquicamente a estrutura social primitiva, havendo, entre as lembranças arcaicas, a força dominadora do macho poderoso e a vontade de assassiná-lo e ascender ao seu lugar.

O sentimento de vingança solidifica o laço comunitário entre os irmãos, mas cinde a possibilidade de ascensão ao patamar de Deus, pois romperia o tratado tácito que sublimou o poder em direção a uma lembrança despersonalizada (o totem), visando maior estabilidade social.

A distinção entre o ego e o ideal do ego corporificado pelo líder que foi conseguida por meio da identificação e colocação de um objeto no lugar do ideal do ego permite dupla satisfação, mas com o custo da submissão “totêmica”. A satisfação sadomasoquista advinda das cargas destrutivas que perpetuam a ordem e a hierarquia e a satisfação de alucinar o gozo ilimitado, se estivesse no lugar do líder, mas sem o risco do parricídio.

A organização psíquica construída à volta do líder não é apenas negativa. Em uma sociedade cuja tônica fosse a libertação, muitos indivíduos com o seu desenvolvimento incompleto poderiam buscar líderes esclarecidos e serenos e avolumar sobre eles todo emaranhado libidinal dependente e, dessa forma, esses líderes, tal como uma segunda mãe, poderiam paulatinamente consolidar um objeto interno absolutamente necessário, forjando uma estrutura enquadrante sólida e um contingente crescente de indivíduos emocionalmente libertos.

Recordamos que cada indivíduo traz componentes de inúmeras mentes grupais adquiridas e vinculadas por identificações e idealizações, construindo suas referências em nível de ideal do ego e ego para realizar as diversas atividades psíquicas requeridas no viver.

Em relação ao mesmo texto de Freud (1921/1996), Adorno (1972) tece uma série de reflexões a respeito da publicação no contexto do fascismo em seu

artigo “Freudian theory and the pattern of fascist propaganda” publicado pela primeira vez em 1951.

Inicialmente Adorno (1972) salienta o papel do agitador no contexto fascista que propositalmente promove a criação de uma atmosfera emocional, irracional e agressiva, isto é, uma atmosfera de “*pogrom*” que significa um ataque violento e maciço às pessoas com destruição de todo o seu ambiente (casas, fábricas, centros religiosos). Esses agitadores profissionais utilizam a repetição contínua de ideias simplificadas e acentuam qualquer sentimento de paranoia que possa existir.

Questionando o modelo da horda freudiana, Adorno (1972) indaga como que sujeitos majoritariamente filhos de uma sociedade liberal, competitiva e individualista teriam regredido e se transformado em uma massa. Para o teórico alemão, a resposta jaz na produção artificial do elemento de ligação – o elo libidinal – que fez render os diferentes sujeitos ao seu lado passional, permitindo o surgimento da massa. Neste processo foram criadas novas características por meio das identificações e, principalmente, evocados traços arcaicos presentes nas massas que estavam escondidos ou ocultos.

A energia primária sexual é transformada em sentimentos ou identificações que unem a massa, sendo que essa união não ocorre sob o domínio do amor que é propositalmente mantido em nível inconsciente e inibido, mas, sim, sob a tônica da obediência tão valorizada nas instituições fascistas. E a natureza e o conteúdo da propaganda fascista conseguem por meio da sua autoridade irracional, despertar porções arcaicas de uma subjetividade dormente em seu benefício.

Em acordo com Freud (1921/1996), muita reflexão orbita ao redor da questão do líder ou da figura do pai primordial em sua versão onipotente e ameaçadora que utiliza a sua força ou aparência de força para incrustar um vínculo libidinal frequentemente às expensas da razão. Este líder, simultaneamente misterioso e familiar, precisa agrupar em uma única imagem a idealização e também a continuidade de si para satisfazer os impulsos narcisistas transferidos ao objeto, à imagem do líder.

A abordagem expressa acima se mostra ainda mais fecunda no contexto da racionalidade moderna, pois há um conflito situado entre um ego racional com forte caráter de preservação e a constante falha em atender as suas demandas onipotentes, abrindo espaço para que parte dos impulsos narcisistas sejam transferidos e satisfeitos pelo objeto. Nesse sentido, fazer do líder o seu ideal é uma forma de também amar a si mesmo, apagando as frustrações com a própria autoimagem. Em outras palavras, a unificação simultânea de características onipotentes e traços de uma pessoa comum sobre o líder permitem que as partes narcisistas que não foram lançadas sobre a imagem idealizada do líder, mas que permanecem atadas ao ego do sujeito, possam se identificar com o líder à medida que ele se mostra um indivíduo comum, o seu semelhante.

Em um sentido similar, Le Bon (1980) salienta que o líder é admirado pelas multidões enquanto há uma certa distância que, neste caso, é necessária, pois permite ao mesmo tempo a identificação, mas também um espaço para que a fantasia possa atuar projetando uma série de qualidades e desejos sobre a figura do líder, permitindo assim a criação da sua aura mítica ou projeção idealizada.

Adorno (1972) acrescenta a importância da estrutura hierárquica para corroborar com um ciclo sadomasoquista que exige a responsabilidade para cima e a autoridade para baixo (*Verantwortung nach oben, Autorität nach unten*), assim como a divisão entre os pertencentes e os excluídos ou diferentes. Aspecto crucial para a compreensão da formação das massas.

A divisão entre dentro e fora, pertencente e excluído, produz um ganho narcisista que é reiterado pela propaganda quando sugere que os pertencentes ao grupo são melhores, maiores e mais puros do que os excluídos. E também quando despreza toda crítica e auto-conhecimento, uma vez que a novidade e a diferença atuam na perda do narcisismo, abalando a continuidade e a certeza centrada na imagem do líder.

A continuidade e a igualdade referida acima também são a base para o sentimento de irmandade que estabelece um compromisso fechado e controlador que suprime os prazeres individuais e singulares, sempre remetendo a uma grande promessa que apenas pode ser gozada em coletivo.

Entre as características do líder, temos que ele normalmente é um indivíduo de caráter oral com compulsão para falar, lançando assim o seu feitiço sobre os seguidores, regredindo estes à massa. Feitiço que explora excitação e sensibilidade em uma complexa trama de força e fraqueza, força na hora de transmitir a ideia e fraqueza na hora de pedir contribuições a causa. Este feitiço utiliza aspectos racionais, mas principalmente necessita colocar em sintonia os problemas e a irracionalidade do líder com os da massa para gerar o contágio.

Especialmente em contextos em que os agitadores se tornaram uma profissão e uma forma de viver, houve amplas possibilidades de experimentar estratégias para verificar o apelo do feitiço e os feiticeiros mais exitosos em suas estratégias sobrevivem. Soma-se à profissionalização dos agitadores, a standardização de certos estereótipos que são repetidos sistematicamente e que criam clichês ou chavões engraçados e motivos de deboche entre a massa, mas que exatamente devido a seu elemento zombeteiro deixa marcas profundas nos indivíduos à medida que são repetidos e apropriados pela massa em seu cotidiano (Adorno, 1972).

Esta leitura do fascismo destaca que a psicologia fascista, amparou-se em uma manipulação de técnicas racionais, na emoção do líder e nos seus portavozes para incitar as partes irracionais e encobertas das massas, acentuando os objetivos irracionais, inconscientes e regressivos latentes na população que sofre de uma frustração não objetivada – o duplo ideal – e por meio da repetição continua e autoritária de traços irracionais cria uma mentalidade atrofiada e irreflexiva que não almeja mudanças, mas requer apenas a manutenção do existente.

Porém, distante da ingenuidade, Adorno (1972) afirma que os agitadores tomam certas tendências econômicas e políticas, e que a disposição psicológica não causa o fascismo, mas que o mesmo explora com êxito o universo psicológico alheio em benefício próprio. Neste sentido, a psicologia das massas é apropriada pelos líderes e transformada em um meio para a dominação, tornando-se um elemento central para demover o potencial de resistência da massa ao sistema totalitário, isto é, demover a sua racionalidade. E acrescenta que os mecanismos de substituição do narcisismo individual pelo narcisismo do líder através da identificação com a sua imagem é um elemento central na

manipulação das massas pelo opressor. Este esquema perpetuaria a dependência em detrimento do potencial de liberdade, uma vez que expropria o inconsciente por meio do controle social e não o torna consciente.

No tocante à técnica, ela permitiu a transmissão do feitiço hipnótico para a escala mais ampla da coletividade. A sua institucionalização e coletivização incutiu um aspecto performático ao líder que fez crescer e expandir a sua influência, mas que também carrega em si uma fragilização do laço de identificação com ele e entre os demais “irmãos”, havendo a possibilidade de um acordar coletivo do feitiço e toda a sua desorientação característica. Mas, para evitar o acordar, é trazido o carisma metafísico do líder que embala a massa no seu discurso onipresente, paródia diabólica da onipresença do espírito divino (Adorno, 2002).

Segundo Ellias Canetti em *Diálogo sobre as massas, o medo e a morte* de 1962 (Adorno & Canetti, 1988), a psicologia de massas e a sua utilização por um líder ou por ideia dominante ampara-se fortemente na questão concreta da sobrevivência e da satisfação que este sentimento oferece. Nesta visão, a experiência da morte alheia pode perigosamente ser acumulada, tornando-se o germe do poder. Visão similar é exposta por Baudrillard (1996) quando afirma que “(...) na manipulação, na administração da morte que o poder se funda em última instância” (Baudrillard, 1996, p. 177), isto pois, é

na suspensão entre uma vida e seu próprio fim, quer dizer, na produção de uma temporalidade literalmente fantástica e artificial (porque toda vida já está lá a cada instante, com a sua morte, isto é, sua finalidade realizada no instante mesmo), é nesse espaço esquartejado que se instalam todas as instâncias de repressão e controle (p. 177)

Papel normalmente exercido pelo poder sacerdotal – aquele que media as relações entre os vivos e os mortos.

Outra abordagem similar é trazida pelo conceito de autoconservação na obra de Adorno & Horkheimer (1947). A força de autoconervação ou experiência de sobrevivência, no limite, transforma-se em uma força destrutiva e ao mesmo tempo autodestrutiva, isto é, selvagem. Esse lado selvagem que regrida as alternativas disponíveis à sobrevivência – à vida e à morte – seria a face original da teoria do mando, teoria que se baseia em uma ordem de fuga e que se

perpetua à medida que em toda ordem há sempre uma ameaça. E mais, sempre que é executada uma ordem é acrescentado um aguilhão de ordem às demais ordens recebidas no passado e simultaneamente é produzida uma vontade de se libertar da ordem e livrar-se dos aguilhões. Assim, se os aguilhões não são trabalhados, estes podem se avolumar e se tornarem atos monstruosos. Para Canetti (Adorno & Canetti, 1988), é gerado um ciclo mítico de poder e violência, que exige o perdão do pacto de vingança para desconstruir o ciclo produzido pela palavra, perdão esse que também utiliza a palavra para a sua realização ou ruptura do ciclo de poder.

Especialmente Canetti (2014) despendeu expressivo esforço para compreender a relação entre as massas e o poder. Nessa trajetória enfatiza que as massas normalmente querem crescer rapidamente e encaram como um constrangimento tudo que se opõe ao seu crescimento. E que o costumeiro sentimento de perseguição que ocorre nas massas advém tanto do exterior como do interior, isto é, tanto da barreira externa que segrega quem deve ser incorporado ou não à massa, quanto a barreira interna, em nível de cave, que trama e articula sua estrutura oculta.

A vontade incessante de crescimento das massas consegue ser domesticada, segundo Canetti (2014), nas grandes religiões que buscam solidariedade e solidez e o conseguem com o peso das instituições que destacam constantemente a importância da moderação e da prudência. Aqui, o perigo latente da desagregação mantém viva a desconfiança em relação à massa e grande importância é atribuída à institucionalização da obediência no rebanho. Este rebanho é organizado por meio da ficção de igualdade entre os crentes – mito igualitarista inclusive no tocante à imortalidade das suas almas – e a existência de um objetivo comum em um futuro distante que exige muito esforço e sujeição. Há, portanto, a substituição do crescimento pela repetição de rituais, práticas e mensagens que quando executadas ou proferidas transportam os fiéis para um estado de massa moderada, visando uma excitação, mas uma excitação dosada que não promova rupturas e dissolução.

A repetição calculada e precisa e a criação do hábito da experiência promovida nos templos e nas igrejas criam a dependência dos fiéis em relação à religião institucionalizada. E sua perturbação tem consequências inimagináveis

sobre a gestão cuidadosamente equilibrada da massa, podendo culminar nas características de massa aberta cujo principal aspecto é a necessidade de crescimento que não encontra limites e a posterior dissolução.

Ainda referente à prática nas grandes religiões, esta desenvolveu uma capacidade para o adiamento da descarga, sendo que a descarga nunca pode ocorrer por completo, mas sim regularmente e reguladamente, visando manter a unidade conseguida. Sendo a descarga última adiada para um universo muito distante e muitas vezes realizada apenas no além vida.

Trazemos ainda os quatro traços principais das massas que constam em Canetti (2014): a massa quer sempre crescer e os limites criados artificialmente visam preservar sua evasão; no seio da massa reina a igualdade que confere a energia da experiência de massa; a massa gosta de densidade; e, finalmente, a massa precisa de uma direção – um objetivo exterior a cada indivíduo e comum a todos eles que acaba por subjugar os objetivos particulares e desiguais que podem representar a morte da massa.

Este último ponto ainda pode ser compreendido sob a ótica do receio da desagregação, ou seja, a massa tem a sua força e existência asseguradas apenas enquanto o objetivo não é alcançado e o alcance dele significa uma eventual dissolução ou uma mudança de objetivo e todos os efeitos desestabilizadores que este processo pode trazer.

Retomando o trabalho de Adorno & Canetti (1988), os autores enfatizam que apenas quando existe algo como a propriedade, algo que deve ser conservado, que tem um caráter fetichista (fim em si mesmo), torna-se automática a necessidade de transmiti-lo e preservá-lo com auxílio do agulhão imperativo da ordem e a sua componente sádica e o seu desdobrar masoquista que se perpetua em um ciclo de vingança sadomasoquista.

Esta ordem que une e orienta a massa, não apenas serve para gerar um telos fetichista, logo, autotélico, mas também promove a métrica para avaliar os desvios ao redor do seu eixo. Ou seja, a instituição da ordem carrega o apelo de segregar o que é tolerável e apropriado e o que é errado para a manutenção da integridade da massa e da sua organização interna, chancelando concomitante

a manutenção vertical da dominação em relação à figura do líder e horizontalmente no pacto fraterno.

A manutenção dos sistemas libidinais mobiliza enormes recursos à medida que necessita gerir e reproduzir o sistema vigente e as adaptações necessárias. Sendo que as mudanças, quando ocorrerem, trazem sempre um viés conservador para garantir a unidade tão almejada e consolidar a segurança, orientação e organização líder-massa e massa-massa com os seus símbolos e grilhões.

4. Capitalismo, o atual contexto

No ano de 1996, Umberto Eco em conferência proferida na *The Italian Academy for Advanced Studies in America*, cujo título foi “Da Internet a Gutenberg”, ressaltou dois dos principais problemas da “comunidade” eletrônica:

(1) Solidão. O novo cidadão desta nova comunidade é livre para inventar novos textos, cancelar a noção tradicional de autoria, deletar divisões tradicionais entre autor e leitor, mas o risco é que - estando em contato com o mundo por meio de uma rede galáctica - sente-se sozinho.... (2) Excesso de informação e inabilidade para escolher e discriminar. (Eco, 1996, para. 90)¹⁸

O mestre italiano conseguiu apreender dois dos principais problemas da comunidade eletrônica e simultaneamente içar dois aspectos cruciais da sociedade atual: solidão e excesso.

Começando pelo segundo, há atualmente um excesso, uma saturação (Maffesoli, 2010), um esgotamento, uma absolutização do poder (Han, 2012a), a sacralização da vida (Agamben, 2007) e o imperativo do valor presente líquido que nega o futuro, as incertezas e o outro, integrando e descontando todas as variáveis em um modelo ou um indicador que informa e decide em simultâneo.

Este modelo de constante igualar nega a atopia (Han, 2012a) – o não lugar, a falha, e preenche todas as lacunas com simulacros (Baudrillard, 1981), aparições fantasmagóricas que buscam preencher a falta com tentativas fetichistas, mas o vazio perdura.

A beleza é o imperativo, a visão é o sentido privilegiado e o esforço é empregado para corresponder ou se adaptar a um padrão exigente e mutável cujo ideal é a juventude, o frescor e a promessa.

A falha e a impossibilidade de corresponder ao ideal se pronuncia como depressão, melancolia e solidão e, apesar do hipercontato e das excessivas relações, não há contato significativo.

¹⁸ Traduzido por João Bosco da Mota Alves, Professor Titular Departamento de Informática e de Estatística Centro Tecnológico - Universidade Federal de Santa Catarina.

Para evitar o contato com a realidade castradora, negativa e o mau, o ideal narcísico é espelhado e projetado incessante, alimentando um sistema que promete a ausência de sofrimento e de limites e que personifica na figura do atual líder – o capital – o supremo poder. Filhos em busca de salvação, salvação que não ocorre por meio do acolhimento materno, mas que surge através do símbolo oco do signo paterno configurado como poder de mando dos cifrões digitais que, com um clique, comanda o equivalente geral a trazer um produto, um serviço, uma pessoa ou uma sensação que dará solvência ao sofrimento.

Sabotar a fantasia positiva da salvação com a realidade, a finitude ou quaisquer imagens negativas é insuportável e tudo que lembre a humanidade do humano é intolerável e excluído, buscando alienar todas fragilidades e sujidades. Suor, urina, fezes, doença, tempo, medo, morte são fraturados e preferencialmente terceirizados ou maquiados com produtos e serviços para segregar a lembrança humana.

O mundo digital ou duplo virtual tão onipresente na atualidade não é dotado de uma inteligência maligna, mas tampouco é neutro, e serve à estrutura social e psíquica à medida que reitera e infla o ideal do eu e aponta a distância entre o orgânico e o ideal, além de uma série de instrumentos e estímulos roubarem qualquer fração atópica. Silêncio e ausência são preenchidos constantemente, criando a ilusão de uma continuidade e comunidade que acompanha, acolhe e controla em tempo real, acentuando a massificação e tolhendo os desvios singulares por meio da vigilância fraterna.

As mídias alimentam o *make-up* social preenchendo os espaços com mais imagens ostensivas de sucesso, beleza, opções de consumo e promessas de felicidade. É reiterada constantemente a importância do consumo e da velocidade para manter as engrenagens da economia girando, são oferecidas opções ou estilos de vida que podem ser escolhidos e vividos em acordo com a aptidão individual, mas perdura, ao fundo, um gosto fraudulento de uma mimetização fetichista de algo alheio sem uma correspondência significativa interna. E, de tempo em tempo, um vencedor ascende temporariamente ao panteão dos deuses televisivos, deixando “evidente” a possibilidade de tornar-se uma celebridade ou obter o tão almejado êxito imagético.

No meio disto, há um eu indefinido e mutante que joga um jogo com regras externas, um jogo sem final, feliz ou infeliz. Um eu que quer afirmar sua onipotência e caminhar pelo familiar e seguro, colhendo sucessos e reconhecimento e, quando há qualquer dúvida, recorre-se ao indicador último da glória ou do fracasso, a métrica do capital. Capital que garante a unidade e assegura a fantasia escapista e positiva.

Ademais, o que uma vez foi apenas um sistema de produção, tornou-se um sofisticado sistema libidinal que promete sempre mais desejo ou um ideal ainda mais grandioso que é ora almejado e ora alimentado, criando uma grande trama que nada escapa aos ideais narcísicos.

E especialmente no contexto das economias globais em que a circulação e a valorização do capital são sem limites, a aparente onipotência dos cifrões inspira o poder ilimitado.

Neste mundo caminha Narciso. Um jovem ou uma jovem, dócil e doce, desfila com o caráter blasé (Simmel, 2005) na passarela de algum templo do consumo. Shopping center, aeroporto ou qualquer espaço limpo e com espelhos e luzes. Todo espaço devidamente higienizado e controlado serve de cenário para um jogo social de bonecas no qual manequins andróginos se confundem com homens e mulheres que desafiam as diferenças, buscando um constante igualar. A ausência de expressão remete à dúvida entre face ou máscara, mas no fundo reafirma o segredo, o feitiço. Segredo enigmático e incompreensível que embaralha e confunde, pois remete à autossuficiência de uma criança ou de um deus. Caras e bocas, expressões vazias e enigmáticas, flerte, um risco sobre a superfície do prazer, um arrepio, um suspiro, uma penumbra que remete ao sonho e evita a qualquer preço o mau.

Mas, para além das aparências, cansaço e falta de vigor atravessam a estrutura social dada a ausência de prazer legítimo e a inexistência de limites para a ação cotidiana.

Excesso e falta atuando simultaneamente. Excesso à medida que as engrenagens do capitalismo giram incessantemente transformando toda existência em uma sedução/ação sem fim, mas no qual jaz no fundo um grande vazio, deixando sempre a impressão de que a vida é apenas uma caricatura.

Após freneticamente tentar corresponder a essa trama sensual, mas sem obter sentido e sabor, o indivíduo ressentido agoniza em melancolia e, no limite, desinveste libidinalmente os objetos e a si mesmo.

4.1 Do controle à cobrança narcísica

No início do século XX, Weber (1990) destacou que a ética ascética protestante influenciou de sobremaneira o espírito do capitalismo, transformando o trabalho metódico e sistemático na única finalidade da vida. E, por outro lado, a mesma ética condena a inclinação ao ócio e ao gozo, bem como critica deliberadamente o gozo existencial despreocupado e as alegrias, sendo o viver sinônimo do dever profissional e “perder tempo é assim o primeiro e, do ponto de vista dos princípios, o maior de todos os pecados” (p. 122).

Parece-nos que a condenação do perder tempo incutida pela visão ascética protestante incrusta gradualmente o metrônomo do capitalismo na sociedade em sua dimensão unificadora e compulsória.

Paul Virílio já no final do século XX caracteriza o contexto atual como uma dromologia, corrida (dromos, correr em grego), cuja velocidade dita e integra a percepção, conduzindo finalmente à automação da percepção, isto é, a máquina de visão (Virílio, 2002). Na abordagem de Virílio, há uma fusão/confusão do factual e do virtual, reduzindo tudo a um presente real com a absolutização da luz (signo nulo). Luz que tudo presentifica, revela e previne, conduzindo a uma transparência obscena e a necessidade da violência continuada para romper e manter o universo catatônico. A estrutura benjaminiana dos choques (Benjamin, 1994) é atualizada para uma dimensão mais aguda e direcionada, visando aguçar a avidez e a inveja em sujeitos já entorpecidos e acentuando a marca indelével da dívida e da dependência.

Sob o ritmo da dromologia parte significativa da carga libidinal é captada e capitalizada, ora apelando para a ânsia de pertencimento, controle e segurança; ora recorrendo às fantasias agressivas e odiosas que também podem ser capitalizadas ou mobilizadas desde que sejam moderadas e não rompam o tecido social.

Para melhor delinear os traços massificados e a sua origem histórica, bem como algumas características dessa sociedade que culminam em estruturas homogêneas, narcísicas, masoquistas e invejosas, forjadas em uma trama pós-indústria cultural, mas que ainda traz muitos traços da antiga estrutura moderna, utilizaremos o vértice da cultura. Este rico e polissêmico conceito que adquiriu centralidade impar nas últimas décadas (Hall, 1996) e que ao mesmo tempo expõe e explica a atualidade, ocultando uma série de características da nossa época.

Segundo Lipovetsky e Serroy (2011), sob o escopo tardio das luzes iluministas, a cultura ou cultura-mundo qualifica uma cultura que se originou no período grego, ressurgiu durante o cristianismo e teve vasta expressão no Iluminismo “ao exaltar a unidade do gênero humano e os valores da liberdade e da tolerância, do progresso e da democracia” (Lipovetsky & Serroy, 2011, p. 13). Em suma, a origem de cultura-mundo ampara-se em ideais éticos e liberais com fortes referências a um humanismo universal e recusa em ver diferentes povos como figuras inferiores, considerando o amor à humanidade superior ao amor à cidade.

Porém, ainda segundo Lipovetsky e Serroy (2011), no nosso tempo aparece uma segunda época de cultura-mundo que não busca mais um ideal de “cidadão do mundo”, mas objetiva uma série de elementos concretos e sociais reduzidos às fronteiras do capital, do ciberespaço e do consumismo.

Também Stiegler (2007) demonstra um conflito similar no cerne da cultura quando delineia a existência de uma cultura compreendida como um conjunto de experiências que ampliam as perspectivas da sensibilidade humana, incrementando e diversificando os saberes e os sabores; e, por outro lado, o capitalismo cultural hiperindustrial.

Nesta perspectiva, finda a polarização mundial entre capitalismo e socialismo, afirmou-se a hegemonia do capitalismo, parte significativa das narrativas culturais foram fragmentadas e algumas integradas ao sistema global de produção de bens e de serviços, o consumo adquiriu forte apelo social e é estimulado incessantemente para escoar a produção abundante e fazer girar as economias, há uma forte difusão de informações e de tecnologias que intensificam a compressão das dimensões espaço-tempo (Harvey, 2001) e

disponibilizam ao humano acesso imediato a todo acervo global de produtos, e demandam uma interação contínua e em tempo real.

A vinculação e unificação global das partes em uma grande estrutura formaram um único sistema técnico-mediático-mercantil que frequentemente acrescenta a palavra democracia, isto é, técnico-mediático-mercantil-democrático. Ou seja, formou-se uma estranha unidade cujas partes distanciam-se em seus fundamentos ideológicos e epistemológicos, mas que foram e são constantemente integrados à grande malha mundial.

Sob o manto da democracia e dos direitos humanos, é frequentemente contrabandeado o principal e inquestionável imperativo contemporâneo, o modo de produção capitalista em sua versão (neo-)liberal, ou seja, um sistema político e econômico que tem entre os seus pilares a necessidade do crescimento econômico e pouca ou nenhuma intervenção e regulação das economias pelos Estados, uma vez que toda intervenção gera ineficiências que distorcem a competição entre os agentes econômicos.

Parece prevalecer uma ética liberal simplificada que interpreta a produção e a organização social como uma corrida de cavalos, na qual os participantes têm a mesma dotação inicial de fatores produtivos e a corrida refletiria o desempenho dos participantes com base em seu esforço e planejamento. Há, portanto, uma noção subjacente de justiça que remunera ou gratifica os diversos agentes na proporção do seu esforço e engenhosidade. Todavia, nota-se que as “externalidades” ao paradigma são inúmeras e o modelo, uma vez que é uma simplificação teórica da realidade, é viesado e limitado principalmente no âmbito financeiro. Isto sem abordarmos temas controversos como, por exemplo, a transmissão do patrimônio por meio de herança, as diferenças culturais e as diversas aptidões coletivas e individuais dos diversos agentes envolvidos.

Assim, parece haver um certo pacto que crê e sustenta uma relação direta entre esforço e retorno, mas, por outro lado, há também a fantasia de uma salvação ou ideia de prêmio (Adorno, 2002) que resgataria o sujeito de sua vida medíocre e o elevaria ao plano dos deuses, sendo esta glória preferencialmente mediada aos demais concidadãos para legitimar o sonho de libertação e onipotência. Essa ascensão pode ocorrer no domínio tradicional do esporte ou da beleza ou em esferas menos convencionais como no sistema financeiro que

exige atenção constante e um acompanhamento contínuo para não se perder uma oportunidade ou uma falha no sistema que permita a sua exploração e rentabilização, visando finalmente o sucesso.

Para melhor compreender o sistema produtivo atual, resgatamos três aspectos históricos do capitalismo içados por Marx quando analisou um capitalismo significativamente mais simples que o atual, mas cuja contribuição ainda nos parece pertinente. Estes são: a componente autotélica, a sua capacidade mutativa e o conceito de autômato.

Iniciamos com a importante constatação de Marx (1996a) em que descreve de forma precisa a lógica autoreferenciada da circulação do capital que almeja em última instância a sua reprodução ampliada, isto é, saltar de D (capital) para D' (capital ampliado). Sem entrar no mérito da pós ou da hipermodernidade, acreditamos que o capital especialmente em sua dimensão financeirizada ganhou relevância aumentada nas últimas décadas e a sua lógica autoreferenciada embotou ideais e alternativas de organização produtiva e social.

Neste ponto resgatamos três momentos históricos. O primeiro ocorre no acordo de Bretton Woods, 1944, que criou uma série de vinculações e obrigações entre as moedas nacionais na expectativa de zelar pela estabilidade no sistema econômico internacional nas esferas monetárias e cambiais. Depois, no regime de Richard Nixon, houve a suspensão de qualquer relação entre a moeda e o ouro, deixando a economia órfã de uma referência objetiva, concreta e partilhada de valor base, ou seja, o dinheiro abdicou definitivamente de qualquer contrapartida material sendo apenas uma questão de crença legitimada por um sistema de poder. E o terceiro momento compreende a descolagem do sistema financeiro do sistema produtivo intensificado nos anos noventa com a criação e generalização de uma série de instrumentos financeiros que somados à alavancagem bancária e a outros instrumentos já existentes anteriormente içaram o mercado financeiro a um *status* de jogo, quicá, autônomo.

Listamos especialmente esses três momentos históricos, pois eles enfatizam o papel autotélico da economia que multiplica e retira as restrições espaciais e concretas para circulação e reprodução do capital, deslocando o que já foi a administração da casa, *oikos* (casa em grego) *nomos* (administração em

grego), para administração dos sonhos ou talvez das emoções em que um infante joga o jogo numérico das bolsas de valores sem mais reconhecer as consequências na vida real dos seus atos que promovem ou destroem empresas, empregos e, no limite, arbitra sobre a vida ou morte de pessoas.

Reconhecemos as interpretações que salientam a importância das crises na reaproximação entre a economia financeira e a economia real como teria ocorrido em 2007 e 2008, mas não concordamos haver um real diálogo entre produção e finanças, mas, sim, um conjunto de decisões dos mercados financeiros que visam sempre a sua reprodução ampliada e a maximização dos seus ganhos, ignorando as consequências sociais e ambientais.

Neste contexto, a economia dominada pela sua vertente financeirizada busca explicações e culpados *a posteriori* e esbanja argumentos e modelos sofisticados para, de tempos em tempos, apontar culpados e justificar novos cortes e redistribuições do capital sempre em benefício dos credores, investidores e acionistas. Concomitantemente, é necessário garantir e legitimar centrifugamente a credibilidade no sistema que impõe a todas as demais áreas do humano e do ambiente natural limites que supostamente garantiriam a estabilidade, a unidade econômica e principalmente o crescimento ou reprodução ampliada.

O segundo aspecto abordado seria a capacidade mutativa do sistema produtivo. Divergindo neste caso das expectativas do pensador alemão a respeito das crises que levariam ao colapso do sistema produtivo, este – o sistema produtivo capitalista – demonstrou que as crises são um aspecto fundamental para o seu fortalecimento e um impulso para a apropriação criativa de elementos inovadores, reforçando a competitividade e a segregação entre vencedores e perdedores. Eis que, crise após crise, muda-se parte significativa da configuração política e tecnológica, mas a posição hegemônica do modo de produção é reafirmada, reiterando o seu *status* de pilar inabalável e inquestionável na atual organização social.

Pilar que se estrutura à volta do consumo, produção e acumulação, mas cuja base acreditamos estar no sentimento de segurança e controle advindo desta organização e estruturação homogeneizadora. Segundo Baudrillard (2011) antes o

trabalho, o lazer, a natureza, a cultura, que outrora se encontravam dispersas e provocavam a angústia e a complexidade na vida real, nas nossas cidades ‘anárquicas e arcaicas’, todas as actividades desgarradas e mais ou menos irredutíveis umas às outras – ei-las agora como um todo misturado, amassado, climatizado, homogeneizado no mesmo travelling de um shopping perene, completamente assexuado no ambiente hermafrodita da moda! Finalmente, eis tudo digerido e restituído à mesma matéria fecal homogéna (claro está, precisamente sob o signo do desaparecimento do dinheiro ‘líquido’. (p. 20)

E Baudrillard (2011) prossegue à medida que afirma ser o pensamento mágico que governa essa estrutura “no sentido em que foi definida como baseada na crença na onipotência dos pensamentos: no caso presente, trata-se da crença na onipotência dos signos” (p. 22). Neste caso, há a exclusão “maximal do mundo (real, social e histórico) o índice máximo de segurança” (p. 27).

Em nome da segurança e do controle, que no limite pode ser regredido ao medo da morte e do mau, surge um darwinismo social que acentua os traços competitivos e predatórios da nossa espécie biológica, assemelhando-nos às espécies que têm uma expectativa de vida curta, haja vista a sua forte componente destrutiva – endogâmica e exogâmica – em detrimento de estruturas mais cooperativas e precavidas.

E finalmente abordaremos a metáfora do autômato que levada ao extremo confirma a tese marxista sobre a influência normatizadora da infraestrutura econômica sobre a superestrutura social, com a diferença que no modelo marxista havia uma separação, enquanto que no atual modelo acreditamos que o primeiro – a economia – engendrou um processo de canibalização ou contágio através da superestrutura social e cultural.

O autômato explorado inicialmente por Marx (1996b) retratava o funcionamento da fábrica automática em sua configuração mais evoluída. Segundo o pensador alemão, este autômato é “composto por inúmeros órgãos mecânicos e conscientes, agindo em concerto e sem interrupção para a produção de um mesmo objeto, de modo que todos estão subordinados a uma força motriz central, que se move por si mesma (Marx, 1996b, p. 51, apud, Dr. Ure, 18--). Este extrato demonstra o poder adestrador e alienador da força motriz

central que é comandada em última instância pelo capital, ou força que se move por si mesma.

Parece-nos que o poder adestrador e alienador da força motriz central comandada em última instância pelo capital confirma a tese marxista da infraestrutura econômica, agindo sobre a superestrutura social, e reitera a tese weberiana sobre o grande pecado, isto é, perder tempo.

Ernst Jünger (2002) ao verificar a sinergia entre guerra e trabalho acentua a visão de Weber e Marx ao cunhar a expressão mobilização total. A mobilização total teria surgido a partir da Primeira Grande Guerra Mundial e insere uma diferença crucial na sociedade, se compararmos com os períodos anteriores. Essa mudança foi baseada na erosão de todos limites, permitindo ao gênio da guerra converter a vida em energia de modo que a ação e a mobilização fossem o imperativo. Não deixando de mencionar que a mobilização total só é efetiva se amparada pelo gigantesco processo de trabalho que subsidia o esforço de guerra.

Antes limitado ao universo bélico, a captação e mobilização da energia potencial “não basta mais armar o braço que carrega a espada, é preciso uma armação até a medula, até o mais fino nervo da vida” (Jünger, 2002, p. 195), fazendo com que toda a energia da sociedade seja canalizada para a corrente da energia bélica. E, quando se diz toda energia, é realmente toda. Homens, plantas, animais, florestas, carvão, minerais, petróleo (energia acumulada no decorrer de milênios) e energia atômica, tudo é mobilizado no esforço de sobrevivência da guerra.

Todavia, a armação ou estrutura de mobilização total antes existente apenas em períodos de conflito, se tornou permanente. Prontidão que não respeita qualquer limite ou exceção e estende o estado psíquico da atenção e do esforço produtivo comuns ao período de guerra ao cotidiano para gozo infinito da “finalidade utilitária” (Jünger, 2002, p. 191).

Neste ponto, parece que Jünger, retoma o sentimento de *pogrom* já trazido por Adorno (1972). Isto é, atualiza-se constantemente um sentimento de massacre eminente e perseguição cunhado inicialmente pelos judeus enquanto

eram perseguidos por russos, mas que atualmente parece tecer uma leve paranoia coletiva que impede o sujeito de parar.

O sujeito não pode parar, pois o capital “massa de meios facilmente identificáveis, permanentemente em ação” (Braudel, 1987, p. 33) necessita ser mantido em movimento pelo “capitalista, o homem que preside ou procura presidir à inserção do capital no processo incessante de produção” (Braudel, 1987, p. 33), isto, pois, o “capital só merece tal nome se participar no processo renovado da produção, o dinheiro de um tesouro sem emprego não é um capital, do mesmo modo que não é uma floresta inexplorada, etc” (Braudel, 1987, p. 34). E ainda, segundo Braudel (1987) “o indivíduo, o ‘agente’, está ou não incluído na troca, no que chamei a vida econômica, para opô-la à vida material” (p. 15). Sendo que o *pogrom* ou terror da exclusão da vida econômica ameaça constantemente, e, como alternativa delirante é buscada a antecipação e o ajuste sempre renovado para figurar entre aqueles no topo da cadeia predatória. O tempo que poderia ser aberto e fecundo, torna-se o maior algoz, pois constantemente relembra a impermanência das coisas que novamente necessitam ser integradas ao planejamento e ao modelo para permitir o melhor ajuste possível.

Sendo que o terror da exclusão da vida econômica desconstrói gradualmente qualquer ideia, essência, conceito, valor, referência, origem e final subjacentes, regredindo tudo a inclusão e exclusão.

No bojo da alienação marxista, esbarramos imprescindivelmente no conceito de fetichismo da mercadoria. Neste sentido, resgatamos a reflexão marxista sobre o misterioso caráter despersonalizador da mercadoria, que atribui aos homens os valores das coisas que produzem, retirando a sua qualidade de homem, isto é, a sua componente singular na relação social e a possibilidade de realização da experiência humana.

Neste ponto nos aproximamos da obra de Charles Baudelaire e de Paul Valéry e principalmente da teoria benjaminiana que teoriza sobre o fim da áurea na obra de arte e a migração de parte de suas faculdades auráticas para a mercadoria. Segundo Benjamin (1994), a reprodutibilidade técnica fez vacilar a autoridade da coisa à medida que corrompeu a autenticidade, a unicidade e a durabilidade da arte e lançou-a ao lugar-comum da mercadoria. Ainda que parte

do feitiço ou áurea tenha migrado para objeto-fetichismo, é impossível à mercadoria reivindicar a integridade do caráter aurático da arte, pois em sua origem falta todo ritual de nascimento ou de produção que a tornaria única.

Ademais a reprodutibilidade técnica da obra de arte reduz a importância do homem na produção e apropriação da arte. A arte que antes tinha um caráter distinto e mágico, torna-se massificada e massificadora, um processo que visa constantemente a aproximação e a generalização, tornando tudo próximo e similar ou idêntico (*Gleichartig* no alemão).

Da arte à mercadoria, finda a autenticidade e o feitiço, não há mais distância e diferença, tudo se torna similar, equivalente, intercambiável e, principalmente, substituível.

Como peças de uma engrenagem, produtos e pessoas são substituíveis. Qualquer ausência pode ser novamente preenchida por um equivalente ou uma versão nova e ainda melhor. Para aquele que dispuser de todo dinheiro, é vendida a fantasia de que a falta e a ruptura podem ser contornadas, satisfazendo a fantasia narcísica de segurança, controle e acima de tudo eterna continuidade e, por conseguinte, exclusão do mau.

Erigeu-se, assim, um mundo, ou uma cultura-mundo, no qual a técnica moderna comandada pelo capital aturde o sujeito por meio da experiência dos choques, despersonaliza e esvazia a componente aurática (Benjamin, 1994) e singular da produção humana e do humano, reduzindo a experiência no plano da comunhão, necessariamente singular, a um universo pragmático e reprodutível.

A igualização de tudo, faz com que nada exista. Nada nem ninguém é especial. É um vazio avassalador perdura.

Por um lado vazio, por outro excesso. Essa estrutura que cumulativamente impregna e preenche todas as saliências e pilha continuamente o fluxo de atenção “cria” uma série de doenças simultaneamente da mente e da digestão que não mais toleram a adição, o incremento incessante e conduzem ao “curto-circuito do Eu que se funde num processo de sobreaquecimento provocado por um excesso do idêntico” (Han, 2010, p. 17).

Este sobreaquecimento aparece sobre o domínio do “hiper” e acentua ou cria uma série de novidades como: o transtorno por déficit de atenção e hiperatividade, a síndrome borderline, o burnout, os transtornos de ansiedade, a depressão, as doenças autoimunes entre muitas outras manifestações que sinalizam o esgotamento frente ao excesso e que finalmente progridem em direção a uma (des-)organização monstruosa conhecida por tumor ou câncer.

Para amenizar os sintomas do terror da imanência (Han, 2010) diante da comunicação generalizada e da sobreinformação, criou-se uma série de alternativas estimulantes e tranquilizantes que normalmente exigem a sua combinação. Isto é, são difundidos amplamente estimulantes em suas versões legais e ilegais que ditam o ritmo alucinante do trabalho e do divertimento em tempo real e as suas múltiplas exigências, mas também houve a necessidade de criar uma série de produtos e serviços que drenam abruptamente as forças lançando o sujeito ao sono otimizado, permitindo uma performance adequada na manhã seguinte.

No plano ideal o sono seria suprimido, uma vez que é tempo perdido e indisponível para satisfazer a ânsia de objetivar uma vida planificada que necessita considerar a produção e geração de renda e riqueza, a qualificação pessoal, as diversas exigências institucionais e sociais impostas pelos diversos órgãos reguladores, a vontade de corresponder aos papéis sociais, a otimização do corpo físico e, finalmente, a acumulação de experiências e de prazeres.

E apesar de muitos teóricos afirmarem que estamos em um período posterior a modernidade clássica e que grande parte da caracterização atribuída à modernidade não pode mais ser generalizada para o atual período histórico, há, sem dúvida, fundamentos na estrutura de produção e reprodução social que se originaram na época moderna, que ainda se encontram latentes e que têm como substrato uma engenhosa articulação entre a estrutura produtiva capitalista e as demais camadas.

Antes de passar ao próximo tópico, gostaríamos de enfatizar o carácter paranoico construído à volta da velocidade e do tempo, tempo sempre cobrador, que impede o sossego e a fruição e açoita os indivíduos sempre em dívida.

Se retornarmos ao modelo freudiano, nas primeiras fases do desenvolvimento o narcisismo estaria empenhado em estruturar e unificar o ego e, como compensação à perda original ou encontro com a realidade, engradece o universo interno segundo o modelo do ego-prazer e projeta para o ambiente externo o mau, os instintos destrutivos e de morte incapazes de serem suportados.

E entre as principais características da sociedade atual temos a criação de uma unidade positiva e a exclusão do negativo arbitrado pelo ideal do ego – herdeiro do narcisismo infantil. É simples perceber como o controle narcísico facilmente se transforma em cobrança. Para o mundo permanecer cindido e positivado, haverá sempre algures o mau. O mau é aquele que desafia ou pode manchar a extensão plácida.

Eis que surgem dois tempos. O tempo bom e veloz que impede que ocorra a falha, falha pela qual pode vazar o mau; e o tempo mau, o tempo lento ou mesmo o tempo contemplativo.

O tempo “bom”, após a difusão da medição mecânica do tempo e intensificado com os instrumentos digitais e eletrônicos de integração global, criou um enorme e onipresente dispositivo de sincronização (Stiegler, 2007) ou uma fina teia que tudo permeia. Esse instrumento narcísico, cobrador por excelência, não apresenta qualquer compreensão e indulgência em relação às necessidades individuais, podendo na juventude e no auge do vigor humano servir de parâmetro delirante para o desempenho, mas, uma vez faltado o ar, torna-se facilmente um objeto perseguidor.

Tempo inclemente que com suas obrigações incessantes devora os bocados abertos de tempo, fazendo com que o viver seja uma vida em fuga. Fuga ou dromologia que aspira em última instância superar o seu objeto perseguidor tornando-se ou identificando-se com o seu poder divino.

Amaral (1997) nos lembra que o conteúdo persecutório da paranoia é proveniente das instâncias ideais (ideal do eu ou deus), logo, exigências demasiadas do ideal do eu podem culminar no desejo onipotente da imortalidade ou do além tempo.

Lembramos que a junção entre o divino e tempo não é um aspecto novo. Quando os relógios ainda não estavam difundidos em escala individual, as igrejas eram os locais que marcavam o tempo, criando uma junção entre Deus e o ritmo imparcial do relógio que gradualmente erode o ritmo singular em benefício do tempo linear e partilhado.

Também resgatamos o conflito entre Kairos e Chronos, sendo o primeiro o tempo cíclico, qualitativo e não-linear e o segundo o tempo linear, sequencial e quantitativo. Chronos, o devorador dos seus filhos, é aquele que faz lembrar da finitude e que sabota os encantos da beleza juvenil, sendo, por isso desprezado pelos traços narcísicos.

Parece-nos evidente que a positivação da vida exige a criação de um tempo cronológico e, logo, perseguidor ou devorador. Diante da tirania cronológica, existem três desfechos. Correr para alcançá-lo medindo forças com um deus, incorrendo necessariamente na frustração ainda que algumas pessoas acreditem no êxito¹⁹. Negar o tempo cronológico e enveredar pelo delírio maníaco como Schreber (Freud, 1911a) tonando-se deus (Chronos). Ou aceitar a realidade e Chronos em sua dimensão de perda e impermanência, fazendo abrandar os componentes narcísicos e tendo acesso à dimensão kairológico da vida.

A terceira opção parece simples, mas, no contexto de uma ideologia que exalta o trabalho e a mobilização de todas as instâncias sociais e individuais em benefício da reprodução ampliada da economia, nada resta a não ser a automação da percepção em uma máquina de visão (Virílio, 2002) que reitera as tiranias ideais de Narciso em sua busca por unidade e segurança, mas sem permitir o corte que permitiria o surgimento do tempo kairológico. Neste contexto Narciso corre, pois Chronos está no seu encalço.

¹⁹ Lembramos que existem projetos de congelamento em nitrogênio para aqueles que querem pagar milhões que prometem uma nova vida quando existir tecnologia para fazer reviver os mortos.

4.2 Dos instrumentos da massificação à massificação dos instrumentos

Adorno, Horkheimer entre outros pensadores críticos descreveram intensamente a força da indústria cultural. Segundo esses teóricos, o aparato sócio-técnico produzido pela indústria cultural teria papel decisivo na estandardização da sociedade, atrofiando a imaginação e a espontaneidade dos indivíduos e tolhendo alternativas diferentes daquelas geradas pelo sistema. Haveria uma sobrevalorização do familiar e as aparentes mudanças ou os frissons gerados seriam produzidos na medida certa para não promoverem rupturas, ou seja, o novo seria sempre uma continuação do velho com grande influência de um positivismo lógico, agindo diretamente na dinâmica social.

Em meados do século passado, uma gigantesca aparelhagem conhecida como indústria cultural utilizou habilmente a propaganda de massas para articular os interesses das mais diversas áreas como a indústria radiofônica, elétrica, cinema e bancos. E, a despeito da singularidade de cada área, estas convergiam e se alimentavam reciprocamente na geração de uma unidade autoreprodutiva que se restringia sempre a volta do idêntico familiar. As diferenças, quando existiam, vinham cunhadas e difundidas artificialmente e amparadas em subsídios numéricos e estatísticos.

Cinema e vida real se misturavam e a distração permitia um consumo jovial e divertido, imitando as celebridades e os demais concidadãos. Neste processo permanente de iniciação e de mimetização o interesse pela nova moda ou nova tendência garantiam a circulação continua de bens e serviços com um sentido (um pequeno gozo) já revelado a priori. O constante igualar celebrava a apoteose do tipo médio que tinha como instrumento de avaliação do seu entorno o preço (Horkheimer & Adorno, 2002).

Seguramente a realidade da indústria cultural retratada em meados do século passado foi modificada e reformada, isto, pois a estrutura técnica e produtiva se alterou. Mas é importante lembrar que o atual momento histórico decorre daquele passado homogeneizador e massificador que criou as bases técnicas, psíquicas e simbólicas sobre as quais atualmente atua a

personalização (Lipovetsky, 2013) e diversificação produtiva, mas com as marcas e vicissitudes da antiga indústria cultural.

Fazendo um breve apanhado histórico, a indústria cultural foi marcada pelos modelos fordista e taylorista de produção e administração fabril. Ambos visavam a padronização e a divisão de tarefas articuladas por um planejamento central e estavam sob mando do gerente ou do dono da fábrica. Este modelo amparava-se em uma produção em larga escala de produtos que necessitavam gerar a sua demanda para escoar a produção das diversas áreas produtivas.

O modelo de produção vigente tem os seus fundamentos no toyotismo ou pós-fordismo concebido nos anos 70 e que tinha como premissas uma maior flexibilidade nos diferentes elos produtivos e maior capacidade de se adaptar às diferentes exigências na cadeia produtiva. A maior flexibilidade do lado dos insumos e da demanda cunhou a expressão produção *just-in-time* que representava a melhor organização produtiva naquele momento. Acrescentamos que no modelo de origem nipônica havia o respeito ao trabalho em equipe, uma maior responsabilização individual no processo produtivo e grande ênfase era dada à criatividade e à objetividade ao solucionar os problemas da produção.

Acreditamos que este modelo toyotista ou pós-fordista perdura até hoje e gerou duas cabeças um tanto distintas do mesmo dragão japonês. A primeira cabeça é a mais bela e compreende as indústrias de tecnologia de ponta com forte peso das suas marcas ou *brands* no mercado. Estas empresas adequam constantemente a sua produção e exploram a influência de suas marcas para garantir o seu diferencial competitivo. Neste caso, há uma vigília constante da marca ou do capital de imagem da empresa para garantir a sua vantagem competitiva e os benefícios excepcionais de um segmento de mercado.

Para criar todo o encanto da marca, as empresas remuneram os seus funcionários com salários acima da média de mercado, estimulam um ambiente criativo e “feliz”, torando-se um *role model* da área em termos de boas práticas empregatícias e de dinâmica organizacional e normalmente são rigorosos no controle das diversas exigências legais, sociais e ambientais, uma vez que qualquer desvio pode ser explorado pela mídia e concorrência, eliminando a sua posição privilegiada.

A outra ponta do dragão japonês é composta por empresas inescrupulosas que não observam fronteiras nem ideologias e se amparam unicamente na relação preço-demanda, ignorando a qualidade dos produtos e os diversos impactos produtivos no micro e macro ambiente em que estão inseridas.

Acrescentamos que, além das duas estruturas definidas acima, a flexibilização toyotista trouxe a reboque uma série de flexibilizações legais, criando ou exagerando o fenômeno da terceirização, sendo este dotado de certo ar cruel e inocente. Isto, pois, por um lado, diminui o peso e as responsabilidades legais das diversas empresas e do Estado com os serviços de limpeza, informática, telemarketing e outros, e, por outro lado, cria a expectativa nos prestadores de serviço ou profissionais autônomos que realizam o trabalho que um dia obterão proeminência e reconhecimento nas atividades que desempenham e se tornarão grandes empresários, conquistando, logo, o sonho americano do *self made man* e toda a glória que acompanha este sonho.

Em resumo, alterou-se a técnica e a estrutura social foi reorganizada com as mudanças produtivas e sociais das últimas décadas, mas o sonho americano perdura no subterfúgio da mente, sonho este disfarçado, mas que ainda traz muitos traços da antiga indústria cultural de massas, mas agora sob o manto de uma maior flexibilidade, discrição e diversidade.

Um bom exemplo de nossa época é o bem-sucedido conglomerado Google, cujo slogan é “*Don’t be evil*”. O Google, empresa vanguardista na área de tecnologia digital, é uma gigantesca malha informacional e de processamento de dados que facilita, configura e controla “a proporção e a forma das associações humanas” (McLuhan, 1999, p. 23) no momento em que acessamos o universo do ciberespaço para realizar as inúmeras atividades cotidianas. Entre os inúmeros serviços oferecidos “gratuitamente” ao cidadão comum, listamos o seu poderoso motor de busca, softwares, aplicativos, ferramentas de redes sociais, navegadores da internet, tradutor de línguas estrangeiras, mapa interativo, sistemas operacionais para smartphones entre outros serviços oferecidos pela empresa ou por outras instituições parceiras. Esta empresa é a segunda mais admirada no mundo e situa-se entre as melhores empresas para se trabalhar nos últimos anos, segundo o ranking da Fortune de 2015.

Sem diminuir o êxito e as contribuições da empresa, convém refletir sobre o poder desta e de outras empresas similares sobre a vida cotidiana das pessoas. Este conglomerado tem facilitado e qualificado a mediação no ciberespaço, mas esta facilidade vem condicionada à sujeição e à normatização técnica, culminando em uma dependência de seus serviços e um controle técnico do que deve ou não deve ser mediado e assimilado para um determinado perfil subjetivo que é constantemente configurado e aprimorado por meio de estatísticas e matemática avançada, mas que não pode ser revelado, pois seria o fim da sua vantagem competitiva de mercado.

Apesar da empresa advogar a favor da neutralidade da rede digital, é questionável que possa existir uma neutralidade técnica e ética dos seus produtos e serviços, uma vez que em última instância a empresa necessita responder ao imperativo do modo de produção capitalista, isto é, necessita gerar lucros que permitem à empresa desfrutar uma vantagem competitiva no mercado em relação às demais concorrentes e assim perdurar no médio e no longo prazo. Isto, pois a lógica de mercado é binária, ou seja, sucesso e permanência enquanto houver vantagens competitivas, fracasso e exclusão em caso de desempenho aquém da demais empresas do setor.

Notamos, portanto, que antes a centralidade orbitava ao redor da lei dos grandes números e havia a expectativa de que uma série de cálculos e probabilidades pudessem prever e induzir comportamentos para garantir a apropriação de parte do mercado consumidor. Hoje a trama foi sofisticada e o horizonte temporal reduzido, mas a centralidade do cálculo está mais presente do que nunca, não atuando apenas *ex-ante* na esfera da projeção de mercado, mas também durante a tomada de decisões cotidianas, servindo de via, infovia, sobre a qual as decisões e escolhas são tomadas, conferindo um *status* de liberdade, mas trata-se de uma liberdade condicionada por uma mão invisível que elabora um tipo médio ou múltiplos estratos baseados em combinações estatísticas, oferecendo a ele um bom preço frente as suas possibilidades previamente esquadrinhas. Destacamos, portanto, que este novo paradigma oferece a aparência de liberdade, mas ao fundo perduram os antigos interesses que se articulam sobre uma nova trama técnica que permeia o cotidiano como nunca antes. Ou nas palavras de Marcuse, hoje “a dominação perpetua-se e

expande-se não só através da tecnologia, mas como tecnologia, e esta última fornece a grande legitimação da expansão do poder político, que absorve todas as esferas culturais” (Marcuse, 2011, p. 204).

Antes de prosseguirmos, faremos ainda uma pequena divagação sobre o slogan do Google. *Don't be evil* ou, em português, não seja mau. Peculiar a sugestão de uma das maiores corporações contemporâneas. Evocando William Blacke (1984) em “O casamento entre o céu e o inferno”, o autor afirma que o bem é passivo e obedece à razão e o mal (*evil*) é o ativo e o local de onde nasce a energia, sendo que o homem não possui um corpo como fonte de prazer – mau – distinto de sua Alma, Razão. Neste ponto notamos que a sugestão do Google pode ser compreendida como uma negação à energia e ao prazer genuíno, e uma recomendação a passividade oca que no limite conduziria aos valores niilistas negativos (Nietzsche, 2005) e a desvitalização característica de Narciso.

Sem nos alongarmos sobre o esgotamento da energia e do prazer real em benefício de uma apassivação alienante, retomamos à indústria cultural em sua composição atual. Mais do que no passado, a distração é o estado sob o qual os bens e serviços são consumidos em sua dimensão coletiva. Uma vez consolidada a fratura na arte aurática, tudo é banal e o júbilo não advém mais da atenção, contemplação e compreensão, mas sim de uma excitação ou mobilização coletiva.

Rouanet (2008) lembra que a atitude de recolhimento era a atitude para com a arte aurática e a atitude de dispersão se relaciona com a arte pós-aurática. Neste contexto, o homem-massa é mais um passante distraído e disperso no contexto citadino e que necessita da constante violência e autoridade dos choques para romper as suas barreiras protetoras e reativas, mas que não devem ser excessivamente fortes para romper a unidade e positividade sistêmica. Essa estrutura incapaz de assumir a separação, ceifa a possibilidade de entrega e da experiência (*Erfahrung*) ou do saborear desinteressado e torna todo encontro um comportamento reflexo que se encerra, quando muito, no âmbito da vivência (*Erlebnis*), muitas vezes utilitária, e das descargas.

O atual modelo de interação da técnica com as dimensões subjetivas do humano mascara uma passividade e inevitabilidade que deixou de ser questionada, mas que a história nos lembra. Recordamos, por exemplo, que a

técnica em muitas situações foi motivo de decepção e ira como ocorreu no ludismo no início da Revolução Industrial ou mesmo fonte de ressentimento como ocorreu com Pirandello quando descreve a sua irrealidade e frieza na transição do teatro para o cinema como é demonstrado no trecho que segue:

Exilado não somente do palco, mas de si mesmo. Com um obscuro mal-estar, ele sente o vazio inexplicável resultante do fato de que seu corpo perde a substância, volatiliza-se, é privado de sua realidade, de sua vida, de sua voz, e até dos ruídos que ele produz ao deslocar-se, para transformar-se numa imagem muda que estremece na tela e depois desaparece em silêncio... A câmara representa com sua sombra diante do público, ele próprio deve resignar-se a representar diante da câmara. (Benjamin, 1994, apud, Pierre-Quint, 1927, pp. 179-180)

Há no exemplo acima um incomodo e ódio evidente à máquina e à realidade artificial gerada, ou seja, há um certo fingimento ou dissimulação que causa aversão, sendo a realidade e o contato real – não mediados pela técnica – preferidos.

Na atualidade parece ocorrer o oposto, há a preferência pela simulação, pela trama hiper-real (Baudrillard, 1981) em que os simulacros precedem o real, fazendo com que a aversão antes ao universo artificial seja transferida para a universo real, aquele que não se assemelha aos desejos modelados e seguros do universo simulacral. Em outras palavras, transfere-se uma predileção pela extensão orgânica e original para uma inter-realidade produzida tecnicamente, estéril e pré-programada.

Pré-programada também é a obrigatoriedade da diversão e da produção, ambos fazendo parte da mesma sucessão automática de operações reguladas e em relação as quais não deve haver resistência (Adorno, 2002), reconduzindo o homem constantemente ao seu ponto de partida. A compulsoriedade cíclica ao movimento trabalho-diversão-consumo, apesar de manter a máquina girando, deixa no fundo um unísono sentimento de vazio e impotência, pois nada conduz finalmente a saída ou transgressão gloriosa ou funesta do ciclo estéril.

Poderíamos ponderar que alguns encontram algum prazer trágico no drama cotidiano construído sobre o binômio: permanecer ou ser excluído. O *pogrom*, ou estrutura de mobilização total, sempre atualizados frente ao caráter

genérico do homem atual que é reduzido a insumo passível de substituição diante da abundância do exército industrial de reserva e a possibilidade de ser excluído ou marginalizado do único sistema global. Em paralelo surge a já aludida terceirização que falsamente parece atribuir aos trabalhadores um status de empreendedores independentes e responsáveis pelo seu próprio sucesso e insucesso, mas que no fundo é uma forma do sistema produtivo deprimir o preço de alguns serviços bem como os custos de transação associados à aquisição e à manutenção dos mesmos. Sem mencionar que cada terceirização cria um novo defensor do livre-mercado, pois simultaneamente este novo prestador de serviço defende a sua existência (sobrevivência) e o seu sonho de tornar-se um expoente no sistema.

Retomando a questão da diversão, esta deixa de ser uma possibilidade para se tornar compulsória. Ou seja, é compulsório estar atualizado da última moda cultural para poder fazer parte do circuito intersubjetivo que legitima e segrega simultaneamente. Legitima os produtos culturais consumidos e segrega os atualizados e incluídos daqueles que estão fora da última moda do circuito cultural. Esse condicionamento estético acentua a sincronização, desconstruindo ou relegando o singular ao domínio do particular e permitindo a apropriação sistemática da energia libidinal das massas de consumidores (Stiegler, 2007).

Em acordo com a teoria da economia libidinal, a energia libidinal dos indivíduos é drenada e canalizada principalmente em seus conflitos psíquicos inconscientes para sistemas e estruturas mais estáveis. Sistemas que simultaneamente negam a origem, a volatilidade e a intensidade original desta energia e mediam um discurso de permanência e de estabilidade, tornando-se hegemônicas, limitando a expressão total de sua intensidade e as possibilidades de mudança (Lyotard, 1993).

O sistema atual também pode ser compreendido como um sistema libidinal em que ocorre o fluxo libidinal ou fluxo de trocas de afetos, mas com uma liberação da energia sem precedentes (Baudrillard, 1991) e com diminutas estruturas reguladoras e ordenadoras estáveis e estabilizadoras, exceto um grande sistema sincronizador, acelerador e unificador.

A nova configuração sócio-técnica permite certamente encontros e trocas de afetos antes impensáveis, mas também gera uma série de predicados negativos, entre eles, a exteriorização e normatização da memória, do conhecimento e finalmente do desejo. Este descentramento ou desindividualização acentua o sentimento de impotência e de incapacidade, e aumenta o controle e a normatização ou gramatização externa, sujeitando os indivíduos a um ritmo intensificado e sincronizador (Stiegler *in* Arthur, B. & Louis, 2006).

In our time – such is the eminently strange and disturbing character of contemporary capitalism – we see that knowledge is destroyed, and thereby the libido, by an exteriorization that enables both the control and the intensification of drives to the detriment of the libidinal economy, in other words, of anamnésis. The mimetic, gregarious and drive-led nature of consumer capitalism reactivates the technics of the Sophists at an incomparably more powerful and dangerous level, which is that of the veritable grammatisation of desire itself. (chapter 1, section 5, para. 33)

Diferentemente das estruturas libidinais anteriores em que de modo orgânico a tradição, o conhecimento e as estruturas libidinais sociais e individuais se interpenetravam, gerando legados culturais estabilizadores; neste modelo o conhecimento e a libido são alienados em detrimento do mimetismo gregário que estimula e descentra o indivíduo para alavancar o consumo e a produção de mais-desejo. Mesmo que essa externalização e padronização ou gramatização externa signifique a morte do desejo.

A externalização mencionada acima tem relação direta com os instrumentos sócio-técnicos que permeiam o cotidiano e geram uma trama eletrônica e numérica de interfaces constantemente atualizada pela versão mais atual da indústria cultural.

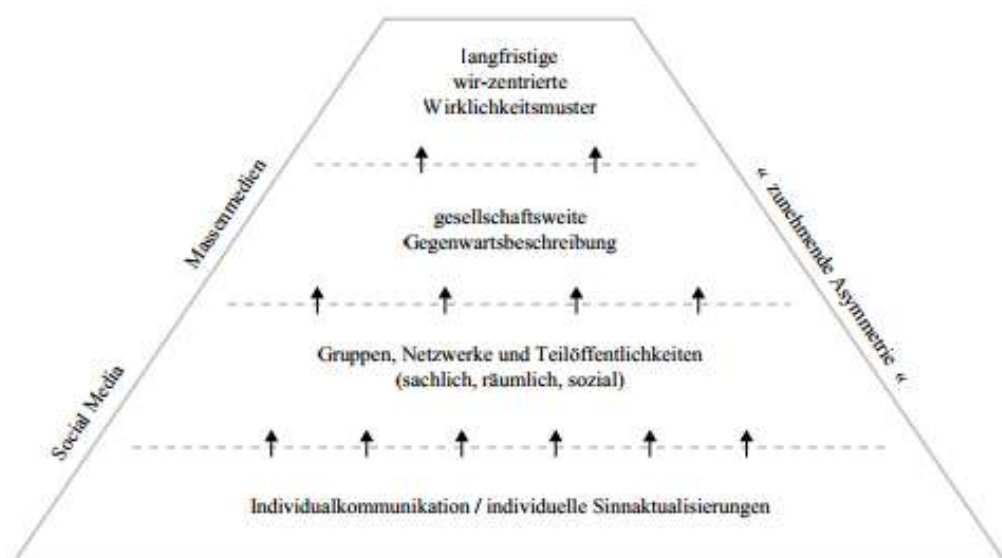
Propaganda e publicidade continuam desempenhando um papel central neste processo, datando a atualidade dos diversos produtos e estabelecendo uma métrica para o prestígio social, criando diversos estilos ou nichos sociais com a indumentária adequada e os produtos que necessitam ser consumidos para pertencer àquele estilo. Mas no bojo da diversificação toyotista, também há movimentos diversos da antiga estrutura hierárquica de propaganda homogeneizadora.

Além dos antigos elementos verticais e massificadores, uma série de novos emaranhados e conexões horizontais permitidos pelos *gadgets* e suas interfaces que acompanham os indivíduos constantemente geraram novas formas de contato e contágio. Neste caso, parece-nos favorável a leitura da atual estrutura social como sendo um misto da antiga cultura de massas e das novas mídias individualizadas que criam interações sociais mais restritas a pequenos grupos como afirmam, por exemplo, autores como Castells e Barroso (2005) e Schrape (2011).

Desta forma, as mídias centralizadas como a televisão, o rádio e os jornais de grande circulação ainda dominam segmentos importantes do espaço midiático, mas as mídias individualizadas vêm ampliando a facilidade de comunicação e de partilha de informação nas relações horizontais. O primeiro grupo representa os interesses dos conglomerados econômicos dominantes e o segundo grupo contém, além dos interesses dos conglomerados hegemônicos, diversos interesses de seus membros.

Para ilustrar a complementaridade e ação conjunta das mídias de massa e das mídias sociais, Schrape (2011) propõe o diagrama que segue.

Figura 3 - *Ebenen gesellschaftlicher Wirklichkeitskonstruktion.* (Contributos para a construção da realidade social.)



Fonte: Extraído de Schrape (2011, p. 20).

Segundo Schrape (2011), no topo da estrutura midiática estariam os conglomerados que gerem as mídias de massa e são responsáveis pela produção de modelos fortes de referências. Estes grupos têm grande poder, atuam visando o futuro e servem de referência para descrever o presente. Enquanto que na base da estrutura estão as mídias sociais, de impacto restrito, espacial e socialmente.

Parece-nos que este novo modelo permite a utilização criativa e social das mídias individualizadas, mas há também um perigoso potencial de acirrar a dominação e a intensificação do contrabando subjetivo por meio de um fluxo simbólico e libidinal que antes não tinha acesso direto aos canais mais íntimos de comunicação como a família, os grupos de amigos entre outros e que agora foi integrado à grande malha digital e econômica.

Ademais, a possibilidade de poder recorrer ao telemóvel que hoje se tornou um microcomputador e que erode qualquer distância, ausência e espaços, satisfaz decisivamente o anseio narcísico que abomina a possibilidade da falta. Mesmo que esse preenchimento seja ensosso, reflexo e desprovido de sentido, parece que cada vez mais é importante que toda “experiência” humana seja espelhada e/ou realizada também no âmbito da extensão digital.

Os instrumentos acoplados ao humano garantem contato imediato e em tempo real com a malha global que segrega o que existe do que não existe. O amor, a dor, a felicidade e a tristeza, tudo é partilhado e vivido em comunidade.

Essa criação e apropriação da tecnologia pelas partes mais débeis, narcísicas e massificadas do humano gerou

uma neutralização de todas as mensagens num éter vazio. Fase de uma glaciação do sentido. O pensamento crítico julga e escolhe, produz diferenças, e é pela seleção que ele vigia o sentido. As massas, elas não escolhem, não produzem diferenças, mas indiferenciação - elas mantêm a fascinação do meio, que preferem à exigência crítica da mensagem. Pois a fascinação não depende do sentido, ela é proporcional à insatisfação com o sentido. Obtém-se a fascinação ao neutralizar a mensagem em benefício do meio, ao neutralizar a idéia em proveito do ídolo, ao neutralizar a verdade em benefício do simulacro. Pois é neste nível que os meios de comunicação funcionam. (Baudrillard, 1985, p. 21)

A incapacidade de viver o sentimento e a experiência e a necessidade de espelha-lo e vive-lo enquanto partilha não seletiva transforma o psiquismo em uma grande máquina de expurgar ou coletivizar sob o preço do vazio. Nem bom, nem mau, tudo é vivido na trama simulacral em tons pasteis, apagando e branqueando simultaneamente interna e externamente os sentimentos que orbitam constantemente à volta do morno.

E onde foi parar o *pathos* – a paixão – nesta sociedade repleta de órgãos memotécnicos? Este, sempre que possível, é incluído e utilizado, mas de modo organizado e supervisionado tal como a libido. Principalmente, com vista a gerar mais fluxo e movimento, o universo sensível e trágico é evocado, mas por meio do gozo sádico da telepresença. Presença que abole qualquer risco ou possibilidade de ruptura, deixando a distância do botão “ON” a participação de uma brincadeira macabra de bombas que caem no Oriente Médio ou um voyeurismo no Big Brother, mas existindo sempre a possibilidade do “OFF” que fechará a janela e permitirá o retorno a zona de segurança sem qualquer consequência ou responsabilidade pela olhadela ainda que a excitação intensificadora tenha acelerado o coração por alguns segundos. Neste caso é lícito argumentar que é um falso *pathos* ou mesmo um simulacro de *pathos*.

Nessa perspectiva, concordamos que a atualidade não pode ser compreendida segundo os antigos parâmetros da indústria cultural de massa, mas que o legado dessa indústria cultural é inegável e que os novos instrumentos generalizados e massificados acentuam a erosão de todos os limites, convergindo para uma unidade antes impensável.

4.3 Desenraizamento e globalização econômica

A massificação do homem ocorrida na modernidade traz simultaneamente um outro aspecto do mesmo fenômeno, isto é, a retirada do homem de suas bases tradicionais e naturais e sua vinculação ou identificação artificial ao contexto da massa.

Esse processo se inicia com sucessivos movimentos de êxodo rural e busca por melhores condições de vida em vilas ou cidades devido a

mecanização da agricultura, as perdas competitivas dos trabalhadores tradicionais, as melhores ofertas de trabalho nas cidades entre outros motivos. Criou-se, assim, um montante de pessoas concentrado em vilas, cidades e em grandes centros urbanos que estavam sob influência direta de um novo contexto técnico e social.

Segundo Simmel (2005), nesse novo contexto ocorre uma mudança no ritmo, há intensificação da vida nervosa que resulta da mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores, a atitude espiritual dos habitantes uns com os outros é de reserva, solidão e abandono, e as reações das pessoas não são mais pautadas pelo ânimo e pelos sentimentos, mas sobretudo pelo entendimento, criando um caráter intelectualista da vida anímica e tanto a influência da economia monetária como o domínio do entendimento geram uma objetividade no tratamento de homens e de coisas que normalmente se junta a uma justiça formal e frequentemente a uma dureza brutal.

Ainda, Simmel (2005) enfatiza que nas cidades há individualização espiritual e o espírito torna-se cada vez mais contábil. E a intensificação nervosa descrita acima culmina em um sujeito acomodador e que renúncia a reação como segue no trecho abaixo:

Nelas de certo modo culmina aquele resultado da compressão de homens e coisas, que estimula o indivíduo ao seu máximo de atuação nervosa. Mediante a mera intensificação quantitativa das mesmas condições, esse resultado se inverte em seu contrário, nesse fenômeno peculiar de adaptação que é o caráter blasé, em que os nervos descobrem a sua derradeira possibilidade de se acomodar aos conteúdos e à forma da vida na cidade grande renunciando a reagir a ela — a autoconservação de certas naturezas, sob o preço de desvalorizar todo o mundo objetivo, o que, no final das contas, degrada irremediavelmente a própria personalidade em um sentimento de igual depreciação. (Simmel, 2005, p. 582)

Também Richard Hoggart (1973) descreve em parte o processo de degradação da personalidade e da cultura à medida que demonstra a transição de um ambiente urbano com traços de autenticidade para um ambiente massificado em seu livro *As utilizações da cultura*. Nesta obra o autor analisou as modificações ocorridas na cultura das classes trabalhadoras inglesas atribuídas à influência das publicações de massa. A partir da observação, empatia e da própria experiência como membro pertencente à classe

trabalhadora, o autor relata como as publicações de massa e outros artefatos culturais alteraram as atitudes tradicionais e comumente aceitas na classe trabalhadora. Neste extenso texto, o autor notou como os apelos elaborados pelos publicitários de massa se tornaram mais insistentes, eficazes e penetrantes, produzindo uma cultura de massa indiferenciada e destruindo os fragmentos de uma cultura urbana autêntica. E, especialmente no capítulo X que trata das “Molas deslassadas: uma nota sobre as desenraizadas e os ansiosos”, o autor aborda o paradoxal sentimento de desenraizamento e certa carga de ansiedade que a cultura e sua dimensão normatizadora traz, obrigando certos sujeitos a se separarem do grupo em que haviam nascido e crescido, relegando-os a solidão.

Notamos que a transição do ambiente rural para os grandes centros urbanos certamente trouxe benefícios culturais e intelectuais, mas subtraiu uma relação com os homens e com as coisas pautada no ânimo e nos sentimentos, e trouxe uma série de predicados como solidão, objetividade, reserva e normatização.

Safra (2004) também teoriza sobre o assunto e relata que a atual organização social, desalojou parte do *ethos* humano, gerando um grande sentimento de desenraizamento. Para compreender o enraizamento e o pertencimento, o autor traz o conceito de *Sobornost* que pode ser entendido como o fundamento do *ethos* humano. Este termo resgatado de pensadores russos da Idade da Prata remete à unidade, ao conciliar e ao comunitário. Segundo o autor, este conceito abole a concepção de indivíduo tal como a conhecemos atualmente e assinala que cada ser humano é a singularização da vida de muitos. Ou seja, “compreender o ser humano como a singularização da vida de muitos implica em dizer que cada ser humano é a singularização da vida de seus ancestrais e é o pressentimento daqueles que virão” (p. 43). Nestes termos, o sentido de si é um fenômeno ontologicamente comunitário, acontecendo na e como comunidade.

Compreendemos, portanto, que o gradual processo de desconstrução das raízes, do bairro (ou barro), das influências vernaculares e de toda uma gama de atributos de *Sobornost* retira o sujeito da trama identitária que gera sentido ao

viver, deixando-o órfão da comunidade de destino e de si, uma vez que o sujeito se constitui frente ao outro.

Adorno (1972) também endossa a visão acima à medida que explica o processo que se originou no século XIX e se estende deste então e é responsável por gradualmente reduzir o sujeito a um átomo social, desindividualizado e pertencente a um coletivo artificial.

Mas simultaneamente ao desenraizamento, há o surgimento de um novo contexto artificial que gera e reflete em grande parte a configuração das mídias atuais, mídias que são em simultâneo a orientação e a amálgama que mantem coesa a atual trama sistêmica.

Parece-nos, assim, que apesar do desenraizamento do sujeito de sua realidade orgânica e social, de *Sobornost* e de seus componentes vernaculares, compreendendo o vocábulo verna como escravo nascido em casa, surgiu um novo tipo de acorrentamento, cujo grilhão recorre às amarras digitais. Trama que esvai na metáfora do “tempo real” toda ausência por meio da justaposição de objetos sem sentido trazidos pelas mídias portáteis, dando a aparência da inexistência do negativo e da ausência— ausência ou realidade crucial para o crescimento psíquico.

De *Sobornost* ou enraizamento com sua natureza orgânica para o *wired*. Isto é, atualmente não é necessário ser um importante executivo ou uma figura política proeminente para estar constantemente conectado, *wired* em inglês. *Wired* é uma expressão interessante uma vez que conjuga pelo menos dois significados. O primeiro significa estar conectado ou interligado por um cabo (*wire*) e o segundo é estar nervoso ou excitado sobre o futuro.

Uma vez delineado o desenraizamento, vamos agora enfatizar a reconexão desses indivíduos desenraizados e a sua captação pelo sistema de propaganda em massa, mídias generalizadas e acopladas e um incessante fluxo circular que necessita ser alimentado e reproduzido.

Parece-nos que, além do fim das polaridades entre capitalismo e comunismo, também as diferenças entre Estado e esfera produtiva tiveram grande declínio nas últimas décadas, confluindo para um constante igualar ou fusão. Estados Nacionais e o sistema econômico-financeiro, principalmente após

os múltiplos acordos econômicos com destaque para o Consenso de Washington, criaram uma estrutura conhecida como neoliberalismo.

Nesta nova estrutura foi integrada a força das instituições tradicionais como o Estado, mas prevalece a orientação econômica normalmente sob o seu viés financeiro. Tomemos como exemplo o monopólio do que deve ser ensinado na educação. Ainda hoje, apesar da privatização de parte das escolas, cabe ao Estado decidir o que deve e não deve ser transmitido dentro delas. Porém, cada vez mais, é inserida uma visão utilitarista e pragmática nos currículos das escolas e a “demanda” da sociedade corrobora para que a escola prepare o aluno para o mercado de trabalho em detrimento de outros saberes. Isso sem falar na compulsão pela métrica avaliativa que impregna toda a lógica escolar. Notamos que, apesar do Estado ainda ser aquele que dita o que deve ser aprendido, há uma invasão crescente dos interesses do capital, buscando homogeneizar as identificações e as idealizações coletivas em idades precoces para garantir a continuidade e estabilidade do atual sistema econômico no futuro. Somamos ao poder das escolas, o poder das mídias de massa controladas pelos mesmos grupos econômicos que estimulam ideias, imagens e fantasias em idades precoces que podem ser exploradas depois, bastando tocar o fio daquele apanhado mnemônico.

Eis a criação de uma unidade que, apesar da diversidade de produtos e estilos que podem ser consumidos, tem na sua base o imperativo econômico que não deve ser mencionado – um segredo. Parece-nos, portanto, que o Leviatã hobbesiano está mais vivo do que nunca e que lança seu feitiço ou sua mística por meio do temor da ruptura, exigindo corpos dóceis e sincronizados para não despertar a ira do monstro vingativo e assustador. Lembramos que o Leviatã é um ser das águas, das emoções, e seu poder ameaçador advém da capacidade de arrebatrar e destruir de uma vez a ordem vigente, mas normalmente encontra-se oculto no fundo do mar, necessitando apenas da sua lembrança ou ameaça para manter a ordem.

Para melhor compreender o atual discurso que advoga a favor do *laissez-faire* sob pena dos mercados arrebatarem a ordem vigente, conduzindo a ruína uma empresa, um país ou um continente; é necessário pontuar brevemente o segredo que não é escrutinado pela ordem neoliberal.

Descemos para isso aos fundamentos ou premissas da ideologia neoliberal e encontramos inevitavelmente um complexo arranjo que entoa repetidamente os conceitos liberdade, democracia, eficiência, racionalidade, maximização do bem-estar e novamente liberdade.

Por meio de uma analogia direta, mas falsa, o neoliberalismo evoca a sua origem no liberalismo, isto é, no movimento político que ganhou relevo nos séculos XVII e XVIII e tinha como cerne os limites ou a proteção dos indivíduos contra a tirania dos governantes políticos. Nas bases do liberalismo clássico, era fundamental limitar a ingerência do poder absoluto do governante sobre a liberdade individual e entre as reivindicações mais recorrentes estavam: a liberdade de pensamento e de expressão, a individualidade como direito e a necessidade de um código civil, a preferência por regimes democráticos, a liberdade de credo, o direito à propriedade privada e o livre comércio.

No caso do livre comércio, como ressalta, por exemplo Stuart Mill (1997), as trocas comerciais seriam atos sociais e, como tanto, teriam que agregar certa margem de liberdade à medida que permitem aos produtores e compradores se relacionarem baseados nas suas avaliações de baixo preço e boa qualidade, não havendo a necessidade dos governos fixarem os preços.

Ainda neste ensaio, Mill (1997) ressalta que os fundamentos do Comércio Livre são diferentes do princípio da liberdade individual defendido, ainda que fossem solidários, e deixa claro que a relação entre o Comércio Livre e a liberdade individual é complexa, pois necessita ponderar, por exemplo, sobre a extensão do “controle público admissível na prevenção de fraude por adulteração; até que ponto devem ser impostas às entidades empregadoras precauções sanitárias ou disposições para proteger os trabalhadores de profissões perigosas” (Mill, 1997, p. 96).

O autor segue argumentando sobre a questão do Comércio Livre e que os aspectos que envolvem a liberdade devem ser considerados “apenas na medida em que é sempre melhor deixar as pessoas entregues a si próprias, *coeteris paribus*, do que controlá-las; mas é, em princípio, inegável que elas podem ser controladas com legitimidade para esses fins” (p. 96). Ou seja, é favorável aumentar a liberdade na economia desde que (*coeteris paribus*) não

haja dano individual e coletivo, sendo que é legítimo o controle da economia para zelar pela proteção social.

Ainda no mesmo ensaio acima, Mill (1997) termina com a seguinte frase:

Ao fim e ao cabo, o valor do Estado é o valor dos indivíduos que o compõem, e um Estado que adia os interesses da expansão e elevação intelectual dos indivíduos por um pouco mais de capacidade administrativa, ou daquilo que a prática faz parecer-se com ela, nos pormenores das questões; um Estado que reduz os seus homens à condição de anões para que eles se tornem instrumentos mais dóceis nas suas mãos até mesmo para fins benéficos, em breve descobrirá que com homens vulgares nada de grandioso poderá, de fato, ser alcançado, e que a perfeição da maquinaria à qual tudo sacrificou não terá servido para nada no fim, por falta de força vital que preferiu banir, para que a máquina pudesse funcionar melhor. (p. 115)

Paradoxalmente a frase empregada acima guarda certa similaridade com a crítica benjaminina feita em sua primeira tese sobre o conceito de história que segue:

Conhecemos a história de um autômato construído de tal modo que podia responder a cada lance de um jogador de xadrez com um contralance, que lhe assegurava a vitória. Um fantoche vestido à turca, com um narguilé na boca, sentava-se diante do tabuleiro, colocado numa grande mesa. Um sistema de espelhos criava a ilusão de que a mesa era totalmente visível, em todos os seus pormenores. Na realidade, um anão corcunda se escondia nela, um mestre no xadrez, que dirigia com cordéis a mão do fantoche. Podemos imaginar uma contrapartida filosófica desse mecanismo. O fantoche chamado "materialismo histórico" ganhará sempre. Ele pode enfrentar qualquer desafio, desde que tome a seu serviço a teologia. Hoje, ela é reconhecidamente pequena e feia e não ousa mostrar-se. (Benjamin, 1994, p. 222)

Antes de analisar os dois fragmentos, vale enfatizar a distância temporal entre eles, mais de 80 anos, e o pertencimento a escolas de pensamentos distintas para não dizer antagônicas. Ainda assim, há também similaridades, isto é, tanto o documento de Mill (1997), quanto o de Benjamin (1994) trazem uma evidente crítica e resposta às estruturas totalitárias e instrumentalizadoras promovidas por Estados autoritários e manipuladores que, apesar das vitórias, reduzem o homem a condição de anão (Mill, 1997) ou de autômato transvestido

de “materialismo histórico”²⁰ que sempre vence, mas com o custo de surrupiar a expansão, a elevação intelectual, a força vital e, por fim, aquilo que é definitivamente o último domínio do espírito humano que habita o cerne da máquina, isto é, a pequena e feia teologia ou potência humana.

Sem enveredar excessivamente na busca de perigosas semelhanças entre Mill e Benjamin, notamos que a questão do Comércio Livre já estava na base do liberalismo, mas definitivamente não era absoluta e estava condicionada a preservação do humano e da potência humana.

Fica-nos evidente que a ordem neoliberal que se autolegitima nos fundamentos do liberalismo com a liberdade e a igualdade individual, na prática se apoderou de uma parte marginal e viesada dos fundamentos liberais clássicos – a livre economia.

A partir disso, poderíamos definir o neoliberalismo como um sistema que quer mais liberdade ao sistema econômico ou, nas palavras de Chomsky (2002), o neoliberalismo seria “a transferência de poder dos cidadãos para as entidades privadas” (p. 45) que, por meio da fusão entre o Estado e os interesses dos grandes *players* econômicos e da transferência de poder da esfera pública para a privada, torna a lógica dessas instituições ou a lógica que sustenta essas instituições um sistema totalitário com direitos acima dos indivíduos, ainda que o capitalismo seja “impensável sem a cumplicidade ativa da sociedade” (Braudel, 1987, p. 43).

Além da farsa de origem do neoliberalismo, outras premissas ou ideias duvidosas de tanto que foram repetidas se tornaram verdades²¹ a respeito do neoliberalismo ou da ideologia do capital ilimitado, destacamos algumas: as relações entre os agentes econômicos sem intervenções externas otimizam o bem-estar de todos envolvidos (Eficiência de Pareto), a estabilidade econômica é necessária, o acesso às informações necessita ser ilimitado e igual para todos, a racionalidade é o imperativo nos processos de avaliação e tomada de decisão,

²⁰ Segundo Löwy (2005), este texto foi escrito após o pacto germano-soviético que significou o começo da Segunda Guerra Mundial e a ocupação da Europa pelas tropas nazistas, refletindo, assim, a decepção de Benjamin com a esquerda oportunista.

²¹ “Wenn man eine große Lüge erzählt und sie oft genug wiederholt, dann werden die Leute sie am Ende glauben.” Joseph Göbbels. Tradução: “Quando uma grande mentira é contada e repetida o suficiente, então as pessoas irão acreditar nelas”.

o circuito das trocas é sempre possível, o crescimento econômico é necessário e os diversos atores são remunerados na proporção do esforço e da perspicácia individual.

Contrariando o poder da sugestão advinda da repetição, mostraremos algumas fragilidades e limitações destes pontos.

O primeiro e talvez mais importante ponto é a acumulação coletiva e individual do capital intergeracional que inviabiliza uma competição justa e meritocrática dentro de um modelo de corrida de cavalos com um início nivelado. Neste ponto, a abolição da herança e redistribuição da riqueza daqueles que morrem poderia representar um avanço para uma competição mais justa entre os envolvidos, se quisermos ficar na ótica neoliberal.

Segundo, a suposta racionalidade é limitada ou impossível, pois o acesso total a todas informações e o seu processamento ou modelagem não é perfeito, mesmo se construirmos inúmeros indicadores e nos ampararmos em supercomputadores para tentar aglutinar informações que auxiliem nos processos decisórios. Acrescentamos que nem sempre é possível, apesar dos esforços, quantificar e precificar o meio ambiente, as emoções, a beleza entre outros fenômenos. Ponderamos também que os tempos de coleta, análise e decisão são diferentes. E existem forças internas (inconscientes) e externas (externalidades) que atuam constantemente impedindo um acesso à totalidade das forças que agem na realidade partilhada.

Terceiro, existem heranças culturais que atuam em benefício de alguns grupos ou empresas, distorcendo o jogo competitivo que supostamente atentaria apenas para as variáveis preço, técnica e qualidade.

Quarto, não há a possibilidade de um *reset* ou marco zero para o jogo competitivo recomeçar com suas rodadas de coleta de dados, análise e decisões. Isto faz com que muitos agentes tenham uma série de benefícios acumulados no jogo competitivo, por exemplo, os oligopólios e os conluíus construídos historicamente.

Quinto, a estabilidade é um desejo para facilitar a planificação e a gerência dos investimentos produtivos, mas é historicamente frágil. Tanto a história

biológica como a social são marcadas por sucessivas transformações e rupturas normalmente imprevisíveis.

Sexto, o Equilíbrio de Nash demove a leitura sobre o bem-estar coletivo estar baseado na maximização das decisões individuais, existindo pontos coletivos ótimos diferentes da soma da maximização dos pontos individuais.

Sétimo, existem “agentes” que não são considerados nos processos decisórios presentes e futuros por não terem voz, mas cuja força é real. Listamos, por exemplo, as forças populares, as forças da natureza em um contexto de degradação ambiental, as forças de resistência cultural e até as forças espirituais ou religiosas que para muitos grupos são mais reais que as forças de mercado.

Oitavo, crescimento constante e ilimitado contraria fluxos mais harmônicos de expansão e contração, crescimento e decrescimento, havendo forte tendência de aumento da entropia, agitação e fragmentação no atual modelo e suas consequências nos diferentes âmbitos naturais, sociais e psíquicos.

Nono, nem tudo é intercambiável ou passível de ser incluído no circuito de trocas das mercadorias. O mundo, a morte, as emoções, a natureza e outras inúmeras incertezas e transcendências tendem a rasgar a fantasia construída a volta do preço e do dinheiro enquanto integrador e avaliador geral.

Com os poucos e incompletos exemplos acima, acirramos as ambiguidades entre o discurso (fantasia) neoliberal e a realidade, ainda que este discurso seja constantemente repetido.

Em paralelo ao discurso neoliberal, surge outro discurso que destrói qualquer alternativa. Isto é, é reiterado constantemente que essa forma de conviver é a única possível, arrasando qualquer idealização e construção de alternativas. Parece que o slogan *there is no alternative* (TINA) utilizado por Margareth Thatcher nos anos oitenta, quando enfatizou a falta de alternativas ao liberalismo econômico, adquiriu o poder de ceifar qualquer esperança pelo diferente. Sem mencionar Francis Fukuyama que argumentou sobre o fim da história em meados dos anos 90.

Semeado o mito da inexistência de alternativas e de que este modelo é estável, ilimitado e justo, pois recompensa com liberdade e ganhos aqueles que lhe são fiéis; surge uma trama que exige alguns rituais como o culto ao capital financeiro, ao crescimento econômico e às suas ferramentas matemáticas e científicas.

Na década de sessenta, Marcuse (2011) já tinha tecido importantes considerações sobre o poder do progresso técnico que parecia reconciliar forças opostas no sistema, derrotando ou refutando as diferenças, fazendo surgir uma estrutura totalitária em que o aparato técnico de produção e distribuição forma um sistema que se autodertermina.

Nessa trama, as necessidades políticas da sociedade invadem as necessidades e aspirações individuais, e a sua satisfação mobiliza e aciona os negócios e a comunidade, parecendo constituir a própria personificação da Razão (Marcuse, 2011), razão grande, pois encontra seus pilares no mito inquestionável.

As esferas de tensão e contradição antes existentes perdem espaço, figurando apenas como termos descritivos, ilusórios ou operacionais.

Esta sociedade unidimensional, tudo atravessa, apagando a oposição entre existência privada e pública, entre necessidades individuais e sociais.

Produção, crescimento e consumo estabilizam este sistema e a racionalidade expansionista e tautológica invade as diversas esferas inclusive a política. Segundo Marcuse (2011), “os controles tecnológicos apresentam-se como sendo a própria encarnação da Razão em benefício de todos os grupos e interesses sociais – e uma tal medida que faz parecer toda a contradição irreal e toda a oposição impossível” (p. 31). A política como discussão de alternativas e empoderamento de projetos distintos, torna-se obsoleta e enfadonha.

Este pensamento unidimensional é sistematicamente promovido pelos elaboradores da política e seus provisionadores de informação, desafiando qualquer transcendência (Marcuse, 2011).

Quando é atingido este ponto, a dominação – sob a aparência de abundância e de liberdade – estende-se a todas as esferas da existência privada e pública, integra toda a oposição autêntica, absorve

todas as alternativas. A racionalidade tecnológica revela o seu carácter político à medida que se torna o grande veículo de uma dominação mais conseguida, criando um universo verdadeiramente totalitário no qual a sociedade e a natureza, o espírito e o corpo são mantidos num estado de mobilização permanente em defesa desse universo. (p. 41)

E continua dizendo que este processo “mecanizado no universo tecnológico invade a reserva mais íntima da liberdade e une a sexualidade e o trabalho num único automatismo inconsciente e rítmico” (p. 53).

Por um lado, o automatismo e o triunfo da realidade unidimensional e, por outro lado, uma sociabilidade baseada na pertença, na posse e no consumo. Sendo que consumir apresenta qualidades ambíguas: “alivia ansiedade, porque o que se tem não pode ser tirado; mas exige que se consuma cada vez mais, porque o consumo anterior logo perde a sua característica de satisfazer” (Fromm, 1980, p. 45).

E talvez já estejamos na transição da vida enquanto consumo para uma vida enquanto investimento, rendimento (Han, 2012a), ou mais-desejo em que não é mais buscado o pequeno gozo do consumo, mas a manutenção da esperança de algo maior que pode vir. Neste caso, o acirramento do processo de coisificação das relações sociais atinge, para além do outro, o próprio indivíduo que passa a abordar a vida como um projeto ou ativo a ser valorizado em um cenário de retorno futuro.

5. Narcisismo e capitalismo

A existência de traços ou de uma instância psíquica que agrega os desejos narcisistas e onipotentes e a existência de uma trama social e libidinal, ou um sistema que interage diretamente com esta instância narcísica e dependente, abre um interessante flanco de investigação já explorado por muitos teóricos, mas passível de mais exploração.

Parece-nos que o sistema capitalista por meio de inúmeras ferramentas consegue interagir com o ideal do ego com vista a manter uma unidade, segurança e controle tão almejados pela parte narcísica. Este fluxo de mão dupla alimenta a lógica de reprodução econômica especialmente em sua dimensão financeirizada e megalômana – sem contrapartida real, e, por outro lado, oferece a ilusão de que é possível viver a fantasia divina ou ideal se o indivíduo estiver atento e corresponder ao grande sistema global.

Diante deste cenário, demonstraremos que o traço capitalista perdura, apesar de estar dotado de características mais diversificadas, individualizadas e flexíveis.

Segundo, que este imperativo criou uma unidade sedutora que exacerba a dependência para uma escala jamais vista e, especialmente no contexto da globalização das forças econômicas com os instrumentos acoplados e a velocidade em tempo real, exaure os indivíduos e simultaneamente oferece pouca ou nenhuma gratificação e satisfação legítimas, culminando na exaustão de Eros.

Para finalizar este capítulo, será elucidado como o narcisismo de morte pode se tornar o último refúgio para indivíduos com grande dependência e desejo de satisfazer as demandas tirânicas e megalômanas do seu ideal. Neste caso, após uma grande frustração ou revelação e um agonizar melancólico, a dissolução no nada pode ser a última aspiração para liquidar o sofrimento.

5.1 O líder

Em 2007, o economista brasileiro Luiz Gonzaga Belluzzo (TERRA, 2007) afirmou a necessidade de conter “a mula-sem-cabeça da finança desregulada. Sob pena de os cidadãos serem atormentados periodicamente pelas tropelias da mão invisível” (para. 14).

Ler a afirmação de Belluzzo requer algum conhecimento econômico, mas o desconhecimento também pode ser interessante à medida que permite novas associações. Ou seja, há uma evidente analogia entre a mula-sem-cabeça e uma correria ou dromologia acéfala do sistema financeiro que atormenta e contamina os indivíduos, mas que no fundo é fruto da atuação da mão invisível.

A mão invisível descrita acima é uma simplificação teórica de modelos liberais que acreditam existir uma relação ótima entre oferta e demanda que conduz a uma satisfação máxima entre os diversos agentes econômicos e que qualquer ingerência estatal ou de outra ordem gera necessariamente ineficiências. Mas também é possível avaliar a mão invisível como sendo uma premissa ou algo que tem um fim em si mesmo e que traz, portanto, a necessidade de ser transmitida e preservada por meio do imperativo da ordem para que o ordenamento e a organização gerada com base nessa premissa não vão por terra.

Com uma dose de cinismo e de crítica, é duro aceitar uma ordem invisível ou um vagar acéfalo. Logo, empreendemos uma busca pela cabeça da mula em suas manifestações cefálicas ou de líderes que exercem o poder por meio do véu da mão invisível na estrutura social vigente proporcionalmente à alavanca que dispõe.

E, partimos do pressuposto de haver um sistema libidinal-sócio-técnico que utiliza instrumentos, relações simbólicas e desejos para criar uma unidade que se organiza à volta da figura do líder ou dos líderes.

Enfatizamos também que muitos desses líderes ou dessas ideias dominantes e seus predicados podem ter uma contrapartida real e material, mas que o seu feitiço também pode advir de um universo abstrato e não material.

Para encontrar esses traços, utilizamos diferentes abordagens e subsídios que pudessem auxiliar na compreensão do(s) centro(s) de poder em suas diversas facetas, auxiliando a compor as qualidades do líder ou da(s) ideia(s) dominante(s) e orientadora(s).

Iniciamos nossa caçada à cabeça da mula-sem-cabeça no site da revista Forbes que gera o ranking das pessoas mais poderosas e influentes do mundo. Fizemos a opção de delimitar as trinta pessoas mais poderosas e buscamos qualificar e analisar esta lista sob algumas perspectivas. Segue a tabela 1, salientamos que na posição 9 e 24 foram citados dois nomes, mas consideramos apenas um, uma vez que as características das pessoas são as mesmas.

Tabela 1 - Forbes (2014), Trinta pessoas mais poderosas do mundo				
	Nome	Organização	Idade	Sexo
1	Vladimir Putin	Rússia (Presidente)	62	Masculino
2	Barack Obama	EUA (Presidente)	53	Masculino
3	Xi Jinping	China (Secretário Geral)	61	Masculino
4	Papa Francisco	Igreja Católica Romana	78	Masculino
5	Angela Merkel	Alemanha (Presidente)	60	Feminino
6	Janet Yellen	Fed EUA	68	Feminino
7	Bill Gates	Bill & Melinda Gates fundação	59	Masculino
8	Mario Draghi	Banco Central Europeu	67	Masculino
9	Sergey Brin	Google	41	Masculino
9	Larry Page	Google	42	Masculino
10	David Cameron	Inglaterra (Primeiro ministro)	48	Masculino
11	Abdullah bin Abdul Aziz Al Saud	Arábia Saudita (Rei)	90	Masculino
12	Warren Buffett	Berkshire Hathaway	84	Masculino
13	Li Keqiang	China (Premier)	59	Masculino
14	Carlos Slim Helu	América Móvil	75	Masculino
15	Narendra Modi	Índia (Primeiro ministro)	64	Masculino
16	Jeff Bezos	Amazon	51	Masculino
17	François Hollande	França (Presidente)	60	Masculino
18	Jamie Dimon	JPMorgan Chase	59	Masculino
19	Ali Hoseini-Khamenei	Irã (Grande Aiatolá)	75	Masculino
20	Rex Tillerson	Exxon Mobil	63	Masculino
21	Jeffrey Immelt	General Electric	59	Masculino
22	Mark Zuckerberg	Facebook	30	Masculino
23	Michael Bloomberg	Bloomberg	73	Masculino
24	Charles Koch	Koch Industries	79	Masculino
24	David Koch	Koch Industries	74	Masculino
25	Timothy Cook	Apple	54	Masculino
26	Benjamin Netanyahu	Israel (Primeiro Ministro)	65	Masculino
27	Lloyd Blankfein	Goldman Sachs Group	60	Masculino
28	Li Ka-shing	Hutchison Whampoa	86	Masculino
29	Doug McMillon	Wal-Mart Stores	49	Masculino
30	Jack Ma	Alibaba's	50	Masculino

Fonte: Forbes (2014).

Notamos que dos trinta nomes considerados os mais poderosos no mundo, apenas dois são mulheres. Sendo a primeira a chefe de estado alemã e a segunda presidente do Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos que é o banco central dos Estados Unidos da América. Logo, concluímos haver uma assimetria de gênero nas pessoas mais influentes do mundo em benefício do sexo masculino.

Ao observarmos as organizações pertencentes, é possível notar que há 12 representantes de Estados, sendo que três agrupam simultaneamente os mais importantes cargos políticos e religiosos dos seus respectivos países, estes são: o papa da igreja católica romana, o rei da Arábia Saudita e o Grande Aiatolá do Irã. Há dois representantes do governo chinês que são indicados pelo partido dominante e os sete demais representantes advêm de processos democráticos com as suas peculiaridades locais.

Decorre, portanto, que apenas sete da lista das 30 pessoas mais influentes no mundo foram escolhidas em regimes democráticos, configurando um total de 77% indicadas por meio de decisões unilaterais.

Além dos representantes de Estados, temos duas instituições que podem ser consideradas guardiãs da economia ou finanças globais, ainda que atuem majoritariamente no seu espaço geográfico. Estes são: o Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos e o Banco Central Europeu.

Entre as instituições de caráter estritamente produtivo ou capitalista, observamos 17 organizações com o predomínio de dois grupos. O primeiro na área de tecnologias digitais e de informação é composto por Google, América Móvil, Amazon.com, Facebook, Apple e Alibaba's, ou seja, seis empresas, sendo que deixamos de lado a agência de notícias financeiras Bloomberg. E o outro grupo composto por empresas da área majoritariamente de investimentos e finanças com as empresas Berkshire Hathaway, JPMorgan Chase e Goldman Sachs Group, totalizando três organizações, sendo que não contabilizamos os grupos mistos Koch Industries, Hutchison Whampoa e todas as demais instituições que certamente também têm o seu elo com o sistema financeiro, uma vez que parte significativa das empresas têm capital aberto no mercado de ações e utiliza os diversos instrumentos financeiros e bancários para assegurar os seus ativos, financiar investimentos e diversificar a sua aplicação de capital.

A última organização, mas com significativo impacto e expressão no âmbito da caridade, é a organização criada por Bill Gates e Melinda Gates. Lembramos que Bill Gates foi um dos fundadores da Microsoft e obteve parte do capital que atualmente lhe permite realizar as suas atividades filantrópicas na área de softwares.

Fazendo uma análise geográfica das pessoas mais importantes do mundo, temos uma concentração nos Estados Unidos da América, EUA, com 16 pessoas, seguido pela China com quatro, se considerarmos Hong Kong que sedia a Hutchison Whampoa pertencente a China, e as demais nações dispõem apenas de um integrante.

E a última análise que faremos será da ordem de importância dos listados, neste ponto temos inicialmente uma série de chefes de estados das economias mais poderosas do mundo, o chefe de estado da Igreja Católica, os representantes dos dois bancos centrais mais importantes do mundo, uma instituição filantrópica, os criadores da Google e uma série de diretores executivos de empresas e chefes de estados intercalados entre si.

Com base nesta breve exposição, diríamos que o líder tem como características majoritárias: ser homem, localizar-se nos EUA ou China, atuar na área de tecnologias e finanças, ter maior probabilidade de ser católico e fazer algumas atividades filantrópicas após se tornar milionário.

Outra forma de investigarmos o líder contemporâneo será por meio do mais influente instrumento de busca de informações da nossa época, o Google. Para tanto, limparemos os dados de navegação da nossa máquina, visando uma busca menos influenciada e pesquisaremos pelas primeiras imagens/figuras do líder no buscador do google.com. Realizamos a consulta dia 15 de abril de 2015. Listamos as primeiras 20 figuras na ordem em que aparecem abaixo.

Imagem 1 - Líder 1



Fonte: pregadormanasses.com

Imagem 2 - Líder 2



Fonte: www.cinrh.com.br

Imagem 3 - Líder 3



Fonte: lucianonevesdossantos.com

Imagem 4 - Líder 4



Fonte: www.institutoeu.org

Imagem 5 - Líder 5



Fonte: meiobyte.com

Imagem 7 - Líder 7



Fonte: blog.passadori.com.br

Imagem 6 - Líder 6



Fonte: www.esoterikha.com

Imagem 8 - Líder 8



Fonte:www.recrutamentodepessoal.com

Imagem 9 - Líder 9



Fonte: faflor.com.br

Imagem 10 - Líder 10



Fonte: www.adcaminho.com.br

Imagem 11 - Líder 11



Fonte: www.sbcoaching.com.br

Imagem 12 - Líder 12



Fonte: www.g4solutions.com.br

Imagem 13 - Líder 13



Fonte: www.sbcoaching.com.br

Imagem 15 - Líder 15



Fonte: www.altag.net

Imagem 14 - Líder 14



Fonte: www.ambienteenergia.com.br

Imagem 16 - Líder 16



Fonte: tomerodrigues.org

Imagem 17 - Líder 17



Fonte: marketingnegociodesucesso.com

Imagem 19 - Líder 19



Fonte: acijs.com.br

Imagem 18 - Líder 18



Fonte: anderson-toledo.blogspot.com

Imagem 20 - Líder 20



Fonte: estudos.gospelmais.com.br

Com base nas imagens obtidas, notamos que estas podem ser divididas em dois grupos. Um grupo com imagens sem expressões ou bonecos e outro grupo com pessoas trajando roupas sociais em tons escuros.

Ao observarmos a ordem de disposição das imagens, ou seja, quais imagens aparecem primeiro e quais aparecem mais no final da lista, constatamos que há um maior número de figuras-bonecos nas imagens iniciais e, mais para o final da lista, aparecem mais imagens de pessoas. Acreditamos que isto ocorre, pois as imagens iniciais, mais acessadas na ferramenta de busca, são imagens mais neutras e que servem mais aos diversos propósitos das pessoas que as buscam, enquanto as imagens de pessoas específicas são menos úteis ou abstratas.

A organização privilegiada das imagens é normalmente em formato de seta com o líder na dianteira, remetendo a orientação promovida por ele. Também há alguns casos em que há formações circulares e o líder está em uma posição de evidência.

O líder sempre é destacado por meio da sua cor, posição, dimensão ou algo que representa o seu poder frente aos demais integrantes que, normalmente, se encontram identificados entre si por meio de uma dimensão reduzida ou cores brandas.

A associação entre o líder e alguém que usa terno e gravata ou a sua contrapartida feminina, isto é, camisa social e blazer, é recorrente. E as pessoas que aparecem nas imagens são pessoas com uma estética bela e na maioria dos casos jovens.

Em grande parte das imagens, há referência a proporção numérica de muitos indivíduos ou massa para uma única posição de destaque ou poucas posições de destaque.

Agora iremos analisar ideias recorrentes em alguns grupos de imagens e algumas imagens isoladas, visando qualificar mais o universo simbólico construído à volta do líder.

Iniciamos com as imagens 2, 4, 16 e 20 em que há uma mulher em evidência e os demais indivíduos em um plano distanciado. Neste caso, o simples fato de uma mulher estar em evidência ou comandar uma instituição já

evoca uma certa identificação narcísica, pois demonstra que é possível aos diferentes integrantes acenderem àquela posição de destaque e de liderança independentemente dos seus predicados de gênero, de raça, de orientação sexual etc. Apesar da construção deste argumento, ele é um tanto falacioso, uma vez que observarmos uma grande concentração de homens em posições de destaque como foi demonstrado na Tabela 1 e somamos que apenas 14% das posições de executivas nas 500 maiores empresas do mundo, segundo a Fortune 500, são ocupadas por mulheres, segundo estatísticas de Catalyst (2015).

Outra reflexão interessante advém das imagens 9, 11, 12, 13, 14 e 17. Nessas imagens há uma referência imediata à mão do líder. Essa mão aponta e direciona como é representado nas duas primeiras imagens; marca ou chancela os incluídos ou os tingidos como ocorre na imagem 12 ou mobiliza os recursos humanos, imagem 14; contribuindo finalmente para “fazer a diferença” como foi listado em 17. Notamos, portanto, que a diferença é produzida pelo líder e não advém do grupo, sendo o líder aquele que escolhe, segrega e inclui/exclui o “novo”. Encontramo-nos rapidamente nas instâncias de controle de Foucault (1987) que marcam e dividem simultaneamente os incluídos e excluídos na dinâmica de poder.

A última imagem que analisamos foi a 19 que nos parece rica, pois enfatiza a atual forma de liderança que diverge da antiga estrutura de chefia. Nessa perspectiva, a fantasia de líder que é mediada atualmente não é mais uma figura que apenas comanda e colhe os louros da decisão, mas sim um indivíduo que toma a dianteira em processos decisórios e divide o fardo com os demais.

Retomamos a recorrente alusão ao símbolo da seta, pois parece-nos importante aprofundarmos um pouco mais sobre este intrigante símbolo. A seta é constituída por uma reta e uma forma triangular na sua ponta que normalmente remete a um sentido e em muitas ocasiões foi confeccionada para atravessar algo. Se evocarmos a mitologia nórdica, a runa Tyr ou Tiwaz representada com uma seta ascendente, ↑, manifesta o Deus Tyr que tem atuação sobre assuntos como a guerra, a justiça, os contratos e o sacrifício.

Tyr, segundo Turville-Petre (1964), foi uma figura importante na mitologia nórdica presente em poemas rúnicos da Noruega e da Islândia, assim como em manuscritos de Salzburg e, posteriormente, foi fundido ao deus romano Marte, derivando dessa inter-relação o *Tuesday* (Tysdays) ou em latim *Dies Marties*. Este deus é normalmente retratado maneta, pois em um ato de coragem colocou sua mão na boca do lobo Fenrir para que os demais deuses o prendessem. Ademais, a palavra Tyr é derivada de Tiwaz e pode ser equacionado à palavra latina *deus*, em antigo irlandês *día*, em sânscrito *deva*, no plural *tivar* (deuses). Neste caso a palavra Tyr poderia simplesmente significar deus, apesar de alguns estudiosos a relacionarem ao grego Zeus ou ao sânscrito Dyaus. De qualquer forma, a palavra Tyr já representou o antigo deus do céu e do dia, ocupando alta hierarquia no panteão divino, mesmo que os registros não sejam claros.

Neste caso, a seta que orienta é simultaneamente a divisão e a conexão entre céu e terra, vitória e derrota, e Tyr é aquele que abençoa quem empodera a seta. Ainda segundo Turville-Petre (1964), no poema *As palavras de Sigrdrífa* é mencionado que aquele que busca vitória deve talhar a runa na espada e repetir o nome de Tyr três vezes.

Se fizermos a transição de Tyr para mitologia romana ou grega, chegaremos provavelmente a Marte e a Ares. O primeiro é o deus das guerras sangrentas entre os romanos e não do conflito diplomático e esclarecido como é sugerido por Minerva. Também Ares é sanguinário e imprevisível, enquanto Atena concilia a possibilidade da guerra estratégica, da sabedoria e da civilização.

Essa breve digressão, permite uma certa reflexão sobre o caráter belicoso e intolerante da atualidade que pode ser compreendido como o agrupamento da massa à volta de um líder, daquele que empunha Tyr e promove batalhas em acordo com Martes e Ares, atentando mais para a destruição do que para o (auto-)conhecimento, a compreensão e para as escolhas sábias.

Ademais, a seta delinea, percorre e transpassa uma orientação linear sem contemplar desvios e percursos sinuosos. Nesse sistema de orientação, há normalmente o bom e o mau, aqueles que devem ser protegidos e aqueles que devem ser atacados, aquilo que deve ser conquistado, estando de acordo com Han (2016) à medida que afirma que a “intencionalidade da modernidade é um

projetar-se. Dirigir-se para um fim” (p. 46). Mover-se para uma meta determinadamente sem contemplar a diversidade, a complexidade ou mesmo a indeterminação.

Caracterizado o perfil hegemônico do líder atual e feitas algumas reflexões sobre suas feições pictóricas, faremos uma breve análise sobre as suas qualidades ou lista de qualidades mais evidentes mediadas no ambiente do Google. Utilizamos a mesma estratégia anterior, mas nos limitamos a colher apenas as cinco primeiras listas de qualidades do líder que aparecerem no buscador quando colocamos as palavras “líder qualidades” e listamos os resultados na ordem em que apareceram. Excluimos parte do conteúdo das listas e fizemos algumas adaptações para facilitar a leitura, mas a versão integral dos artigos se encontra no Anexo III. Frisamos que excluimos o quarto resultado da busca, pois era uma apresentação de slides extensa e não se enquadrava no formato de lista que estávamos buscando para a presente tarefa, fazendo com que fosse incluída a sexta lista.

Lista 1

1.Honestidade. Um líder precisa ser admirado para ser seguido. Para isso, sua conduta ética tem que ser exemplar. Normalmente, os líderes seguem e passam aos subordinados os valores e crenças da empresa. O ideal é incentivar seus funcionários a criar o hábito da honestidade, o que influenciará no ambiente de trabalho e no resultado da empresa.

2.Capacidade de delegar. Delegar funções é essencial para criar uma equipe organizada e eficiente. Além de mostrar confiança nos empregados, você também tem liberdade para focar nas suas competências. O caminho para delegar é identificar os pontos fortes de cada um da equipe e tirar o proveito deste sistema.

3.Comunicação. Ser capaz de descrever de forma clara o que você quer é extremamente importante para o bom funcionamento de uma equipe. Treinar novos membros e criar um ambiente de trabalho mais produtivo depende de uma comunicação saudável também. Estar acessível aos seus funcionários e conversar fora do horário de trabalho pode ajudar no processo de estabelecer comunicação.

4.Senso de humor. O ambiente de trabalho influencia - e muito - na produtividade. Ter um chefe mal-humorado pode atrapalhar nesse quesito. O bom humor, por outro lado, é um motivo a mais para as pessoas acordarem de manhã para virem trabalhar. Não levar problemas e preocupações tão a sério pode quebrar o clima tenso do dia-a-dia.

5.Confiança. Qualquer empresa enfrentará tempos ruins, mas cabe ao líder mostrar confiança no negócio e passar tranquilidade aos funcionários. Grande parte do trabalho do líder é apagar incêndios e manter a moral da equipe, assim como o nível de confiança no negócio.

6. Compromisso. Se você espera que sua equipe trabalhe duro e o faça com qualidade, você é o primeiro a dar esse exemplo. Não há motivação maior do que ver o chefe estar comprometido com o projeto que você também ajuda a criar. Provar seu comprometimento com a empresa só vai ganhar o respeito dos subordinados, assim como inspirá-los a ir além.

7. Atitude positiva. Se sua equipe está feliz e otimista, ela não vai se importar de se doar um pouco mais por um objetivo comum. Como já foi dito, o exemplo é fundamental para os funcionários seguirem o líder. Portanto, ser otimista e ter atitudes positivas tornará o ambiente mais leve e produtivo.

8. Criatividade. Como líder, é importante aprender a ter decisões rápidas e lidar com imprevistos. Abusar da criatividade pode ajudar nessas horas.

9. Intuição. Nem tudo vai correr conforme o planejado, e aí que sua intuição entra em cena. Geralmente, se basear nas experiências passadas pode ajudar a tomar uma boa decisão.

10. Capacidade de inspirar. A criação de um negócio, muitas vezes, envolve um pouco de visão. Especialmente em startup, inspirar sua equipe para investir no futuro é vital. Incentivar os funcionários e passar a sensação de que o negócio também é deles é a melhor forma de reter talentos e mantê-los engajados.

Fonte: <http://www.infomoney.com.br/carreira/gestao-e-lideranca/noticia/3204345/qualidades-que-todo-bom-lider-deve-ter>

Lista 2

- 1-Caráter: Seja uma parte da rocha
- 2-Carisma: A primeira impressão pode selar o acordo
- 3-Compromisso: Separar os empreendedores dos sonhadores
- 4-Comunicação: Sem ela, viajará sozinho
- 5-Competência: Se a desenvolver, eles virão
- 6-Coragem: Uma pessoa com coragem é uma maioria
- 7-Discernimento: Coloque um fim aos mistérios insolúveis
- 8-Foco: Quanto mais preciso for, mais perspicaz será
- 9-Generosidade: A sua vela não perde nada quando ilumina os outros
- 10-Iniciativa: Não saia de casa sem ela
- 11-Escutar: Para se ligar com o coração deles, use os seus ouvidos
- 12-Paixão: Aceite esta vida e ame-a
- 13-Atitude positiva: Crer é poder
- 14-Resolução de problemas: Não pode deixar que o seu problema seja um problema
- 15-Relacionamentos: Se tiver bons relacionamentos, as pessoas terão bons relacionamentos
- 16-Responsabilidade: Se não assumir o controle, não conseguirá liderar a equipa
- 17-Segurança: A competência nunca compensa a insegurança
- 18-Autodisciplina: A primeira pessoa que lidera é a si próprio

19-Serviço: Para chegar à frente, coloque os outros em primeiro lugar

20-Disposição para aprender: Para continuar a liderar, continue a aprender

21-Visão: Sós e toca naquilo que se vê

Fonte: <http://www.portaldalideranca.pt/arquivo/destaque/as-21-indispensaveis-qualidades-de-um-lider>

Lista 3

Características básicas do líder

1 - Visionário: o líder se caracteriza pela sua visão em longo prazo, por se adiantar aos acontecimentos, por antecipar os problemas e detectar oportunidades muito antes que os demais.

O líder não se conforma com o que tem, é uma pessoa inconformista, criativa, que gosta ir à frente.

2- Pessoa de ação: o líder não só marca uns objetivos exigentes senão que luta de forma denodada por alcançá-los, sem render-se, com enorme persistência, o que no final das contas constitui a chave do sucesso.

O líder não se contenta com sonhar, o líder quer resultados.

3 - Brilhante: o líder destaca sobre o resto da equipe, bem por sua inteligência, bem por seu espírito combativo, bem por a claridade de seus planejamentos, etc., ou provavelmente por uma combinação de tudo o anterior.

4- Coragem: o líder não se derruba ante as dificuldades, as metas que propõe são difíceis (embora impossíveis), temos que salvar muitos obstáculos, tendo que convencer a muita gente, mas o líder não se desanima, está tão convencido da importância das mesmas que lutará por elas, superando aqueles obstáculos que vão surgindo.

O líder defende com determinação suas convicções.

5 - Contagia entusiasmo: o líder consegue entusiasmar a sua equipe; eles percebem que as metas que persegue o líder são positivas tanto para a empresa como para os empregados.

O futuro que oferece o líder é tão sugestivo que vale a pena lutar por isso.

Esta é uma das características fundamentais do líder, o saber contagiar seu entusiasmo, o conseguir que a equipe lhe siga, que comparta seus objetivos.

Sem uma equipe que lhe acompanhe, uma pessoa com as demais características seria um lobo solitário, mas nunca um líder (a liderança vai sempre unida a uma equipe).

6 - Grande comunicador: outra qualidade que caracteriza ao líder são seus dotes de bom comunicador, habilidade que permite “vender” sua visão, dar a conhecer seus planos de maneira sugestiva.

7 - Convincente: o líder é persuasivo, sabe apresentar seus argumentos de forma que consegue ganhar o apoio da organização.

8 - Grande negociador: o líder é muito hábil negociando. A luta por seus objetivos exige negociar continuamente, tanto dentro da empresa, como com clientes, provedores, entidades financeiras, acionistas, etc.

O líder demonstra uma habilidade especial para ir avançando no longo caminho de conseguir seus objetivos.

9 - Capacidade de mando: o líder deve basear sua liderança na arte da convicção, mas também tem que ser capaz de utilizar sua autoridade quando seja necessário.

O líder é uma pessoa compressiva, mas nunca deve ser uma pessoa branda (os subordinados lhe perderiam respeito).

O líder não pode abusar do “eu ordeno e mando”, pois assim resulta impossível motivar a uma equipe em base de autoridade, mas deve ser capaz de aplicar sua autoridade sem tremer em aquelas ocasiões que o requeiram.

10 - Exigente: com seus empregados, mas também, e muito especialmente, consigo mesmo. A luta por algumas metas difíceis requer um nível de excelência no trabalho que somente se consegue com um alto nível de exigência.

Se o líder fora exigente com seus empregados mas não consigo mesmo não seria um líder, seria um déspota que colocaria toda a organização em sua contra.

11 - Carismático: se além do mais das características anteriores, o líder é uma pessoa carismática, nos encontraríamos ante um líder completo.

O carisma é uma habilidade natural para seduzir e atrair as pessoas, é autêntico magnetismo pessoal. O carisma permite ganhar-se a equipe, que se sente atraída por seu líder. No entanto, temos que marcar que é perfeitamente possível um líder sem carisma.

Para uma empresa é preferível ter um líder sem carisma com um alto sentido da honestidade, que um líder carismático que utilize a organização em seu próprio benefício.

12 - Honestidade: uns elevados valores éticos são fundamentais para que a liderança se mantenha no tempo e não se trate de uma simples “moda” passageira.

A equipe tem que ter confiança plena em seu líder, tem que estar absolutamente convencido que o líder vai atuar honestamente e não os vai a deixar na rua.

Se os subordinados detectam que o líder não joga limpo e que só lhe preocupa seus próprios interesses, perderão sua confiança nele, processo que uma vez iniciado é muito difícil de parar.

13 - Cumpridor: o líder tem que ser uma pessoa de palavra: o que promete e cumpre.

É a única forma de que a equipe tenha confiança cega nele.

14 - Coerente: o líder tem que viver aquilo que predica.

Se ele exige dedicação, ele tem que ser o primeiro: se fala de austeridade, ele tem que dar exemplo; se pede lealdade, ele tem que ir à frente.

15 - O líder predica principalmente com o exemplo: não pode exigir algo a seus subordinados que ele não cumpre.

Além disso, a mensagem do líder deve ser coerente no tempo.

Não pode pensar hoje de uma maneira e amanhã de outra radicalmente distinta: confundiria a sua equipe.

Isto não implica que não possa ir evoluindo em seus planejamentos.

Fonte: <http://www.portalcursos.com/Lider/Curso/Lecc-6.htm>

Lista 4

1. Visão. Identificar uma oportunidade e persegui-la. Muitas pessoas sonham alto, mas o líder agita a si mesmo e aos outros para perseguir o sonho. A visão envolve saber onde quer estar ou mesmo onde todos poderiam estar, e recusando-se a estabelecer qualquer coisa menor do que conseguir alcançar o sonho.

2. Criatividade. Algumas vezes, o potencial da liderança fica visível em algo tão simples quanto encontrar uma maneira melhor de fazer operações-padrão. Outros podem ficar satisfeitos em fazer a mesma coisa, do mesmo modo, dia após dia. Além de tudo, eles provavelmente não terão seus salários aumentados por serem mais inovadores. Mas um líder de verdade vê sempre uma maneira de fazer algo melhor, e nunca ocorre a ele a idéia de que não deva executá-la. Se for capaz de ser inovador com bastante frequência, o futuro lhe reservará uma abundância de aumentos de salário.

3. Confiança. Muitas pessoas confundem confiança com arrogância. Não estou falando sobre ser impetuoso ou arrogante. Confiança é uma característica de maturidade, uma confiança em si mesmo, que flui da convicção. Uma pessoa com real confiança acredita que suas idéias e habilidades têm valor, e assim consegue seguir adiante sem necessitar da validação de outras pessoas.

4. Honestidade. Naturalmente você não quer fazer negócios com pessoas que não dizem a verdade. Uma pessoa genuinamente honesta abstém-se da pretensão, optando por ser ela mesma, em dizer o que sente. Você saberá onde está sempre que tiver perto de um bom líder.

5. Humildade. Há uma diferença entre humildade e humilhação. O último é coberto por um senso de vergonha, fraqueza e falha e está sempre se desculpando por alguma coisa. Entretanto, alguém que é verdadeiramente humilde não se deixa levar para baixo; em vez disso, levanta os demais, considerando-os tão importantes quanto ele mesmo. Visão, Criatividade, Confiança, Honestidade, Humildade. O mais importante sobre essas características é que elas trabalham igualmente bem em todos os níveis hierárquicos, incluindo a sala da diretoria. Onde quer que esteja, seja quem for, concentre-se em desenvolver essas cinco qualidades e você fará a diferença no mundo.

Fonte: <http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/as-5-qualidades-de-um-lider/13888/>

Lista 5

1. Siga em frente

O modelo de gestão é sobre tirarem os obstáculos dos caminhos de seus funcionários para ajuda-los a ter sucesso.

Isso se estende além da gestão de pessoas para capacitar e envolver as pessoas. A ideia tradicional de gestão foi baseada na liderança pelo medo e pela noção de comando e controle.

Funcionários costumavam trabalhar duro para permitir que seus gestores tivessem sucesso e agora são os gestores que se voltam para garantir que seus funcionários tenham sucesso.

Os funcionários são o ativo mais valioso que uma organização tem.

Ajude seus funcionários a superarem os obstáculos.

2. Compreenda a tecnologia

Isso não significa perícia técnica. Não estamos dizendo que o importante para os gestores é se tornarem profissionais de TI.

No entanto, os líderes precisam entender o cenário da tecnologia em geral e como ela está afetando a forma com que trabalhamos.

Isso significa ter um bom termômetro do que está acontecendo com o consumidor na internet, bem como a compreensão das tecnologias e mídias sociais que estão mudando os rumos dos negócios.

Líderes que compreendem o que está acontecendo com a tecnologia serão sempre capazes de estar à frente da concorrência.

3. Lidere pelo exemplo

Há um tempo atrás, dizer o que fazer era o suficiente para obter algum resultado das coisas. Um gestor só precisava aprovar as ações de seus funcionários e dizer “vá em frente”.

Mas hoje isso não é mais o suficiente. Os líderes precisam se comprometer com mais do que apenas financiar a colaboração.

Eles precisam estar ao nível dos funcionários, utilizando as mesmas ferramentas que o resto dos funcionários estão usando.

Não há nenhuma maneira dos funcionários evoluírem a menos que eles vejam seus gestores fazendo o mesmo.

4. Abraça a vulnerabilidade

Essas características andam de mãos dadas com ser aberto e transparente. Nossas organizações foram modeladas após o período militar e, se tem algo que um comandante não pode ser é vulnerável.

No entanto, os tempos mudaram e não podemos liderar nossas empresas como militares. Levamos toda a nossa vida aprendendo a ser o oposto de vulneráveis e acabamos vestindo um escudo que impede de ver nossa vulnerabilidade.

No entanto, a vulnerabilidade é sobre ter a coragem de aparecer e ser visto. Ela é o coração absoluto da inovação e criatividade. Ser vulnerável não é ser fraco. É sobre ser corajoso: uma qualidade fundamental que todo líder deve ter.

Não tente esconder sua vulnerabilidade com um escudo.

5. Acredite no compartilhamento

Tradicionalmente os gestores estão no topo da organização e têm acesso a todas as informações necessárias para tomar decisões. Os gerentes distribuem as ordens e os funcionários executam as ordens sem perguntas.

Gestores de hoje precisam partilhar as informações e o conhecimento, acreditando assim na inteligência coletiva.

Os líderes precisam ter certeza de que os funcionários podem se conectar uns com os outros e com a informação que precisam para realizar o trabalho a qualquer momento.

Os líderes contemporâneos já passaram a confiar em seus funcionários para ajuda-los a tomar decisões em vez de isolá-los desse processo.

Fonte: http://www.jornaldoempreendedor.com.br/destaques/lideranca/5-qualidades-do-lider-moderno#.VS_cdNzF-9Y

Com base nas cinco listas obtidas, confeccionamos o Quadro 2 com as qualidades na ordem em que aparecem nas listas. Como já foi mencionado acima, algumas alterações foram realizadas, mas procuramos manter o conteúdo principal dos textos. Depois o mesmo quadro deu origem ao Quadro 3 com a diferença de conter marcações entre os conteúdos similares. Fizemos um agrupamento por similaridade e atribuímos uma cor a cada grupo de características ou qualidades, mas temos consciência de que a linha divisória entre os grupos não é facilmente delineada e pode ser questionada. Listamos os Quadros/Tabelas 2 e 3 abaixo.

Tabela 2 - Qualidades do líder					
	Lista 1	Lista 2	Lista 3	Lista 4	Lista 5
1	Honestidade	Caráter	Visionário	Visão	Siga em frente
2	Capacidade de delegar	Carisma	Pessoa de ação	Criatividade	Compreenda a tecnologia
3	Comunicação	Compromisso	Brilhante	Confiança	Lidere pelo exemplo
4	Senso de humor	Comunicação	Coragem	Honestidade	Abrace a vulnerabilidade
5	Confiança	Competência	Contagia entusiasmo	Humildade	Acredite no compartilhamento
6	Compromisso	Coragem	Grande comunicador		
7	Atitude positiva	Discernimento	Convincente		
8	Criatividade	Foco	Grande negociador		
9	Intuição	Generosidade	Capacidade de mando		
10	Capacidade de inspirar	Iniciativa	Exigente		
11		Escutar	Carismático		
12		Paixão	Honestidade		
13		Atitude positiva	Cumpridor		
14		Resolução de problemas	Coerente		
15		Relacionamentos	O líder predica principalmente com o exemplo		
16		Responsabilidade			
17		Segurança			
18		Autodisciplina			
19		Serviço			
20		Disposição para aprender			
21		Visão			

Tabela 3 - Qualidades do líder com marcações					
	Lista 1	Lista 2	Lista 3	Lista 4	Lista 5
1	Honestidade	Caráter	Visionário	Visão	Siga em frente
2	Capacidade de delegar	Carisma	Pessoa de ação	Criatividade	Compreenda a tecnologia
3	Comunicação	Compromisso	Brilhante	Confiança	Lidere pelo exemplo
4	Senso de humor	Comunicação	Coragem	Honestidade	Abrace a vulnerabilidade
5	Confiança	Competência	Contagia entusiasmo	Humildade	Acredite no compartilhamento
6	Compromisso	Coragem	Grande comunicador		
7	Atitude positiva	Discernimento	Convincente		
8	Criatividade	Foco	Grande negociador		
9	Intuição	Generosidade	Capacidade de mando		
10	Capacidade de inspirar	Iniciativa	Exigente		
11		Escutar	Carismático		
12		Paixão	Honestidade		
13		Atitude positiva	Cumpridor		
14		Resolução de problemas	Coerente		
15		Relacionamentos	O líder predica principalmente com o exemplo		
16		Responsabilidade			
17		Segurança			
18		Autodisciplina			
19		Serviço			
20		Disposição para aprender			
21		Visão			

A partir das informações disponíveis acima e dos grupos de qualidades encontrados, obtivemos dois blocos mais evidentes de qualidades. O primeiro corresponde as qualidades de “ser” líder e o segundo está relacionado a mediação ou comunicação.

No “ser” líder temos dois subgrupos: justiça e competência.

A qualidade justiça orbita à volta da confiança e da honestidade vinculada à figura do líder e que é fundamental para manter a estabilidade e a credibilidade na dinâmica social elaborada ao redor do líder. Nesse caso surgiram as palavras honestidade, confiança, compromisso, caráter, responsabilidade, segurança, cumpridor e coerente. Nota-se que é esperada justiça e imparcialidade do líder, e ele necessita demonstrar uma postura ética exemplar para que a confiança ou a fé seja mantida sobre a sua imagem.

A segunda qualidade importante é a competência. Neste caso, o líder necessita ser competente naquilo que executa e realizar com maestria as diversas atividades do setor que gere ou lidera, além de ter uma organização e disciplina, e ser capaz de resolver problemas inusitados por meio da criatividade. Ou seja, este líder necessita corresponder às demandas de ser criativo, competente, ter discernimento, iniciativa, resolver problemas, ter autodisciplina, ser uma pessoa de ação, ser brilhante e exigente. Neste ponto também integramos a qualidade ou recomendação: compreender a tecnologia.

Este ponto aparentemente marginal é de suma importância, pois cada vez mais as diferentes tarefas são intensivas em tecnologias e a sua compreensão, além de eliminar pontos cegos na organização que muitas vezes surgem nos subterfúgios da complexidade tecnológica, habilita o líder a articular todos os demais pontos e concebe-los frente às possibilidades técnicas cambiantes de cada época. Com isso queremos dizer que a tecnologia permite criar, por exemplo, uma estrutura que melhor possibilita a transparência e, portanto, justiça no ambiente de trabalho, facilita a comunicação, auxilia a mediar o humor positivo e orientar a organização para o futuro, bem como pode servir de canal de diálogo com os colaboradores.

O segundo grupo é composto pelas qualidades comunicacionais ou de fluxo, sendo importante enfatizar que o “ser” líder exposto acima também deve ser mediado.

Neste caso temos evidentemente as aptidões comunicativas do líder e de fomentar a comunicação na estrutura organizacional. Capacidade de delegar, de estabelecer relacionamentos, grande comunicador e negociador, convincente, capacidade de mandar e acreditar no compartilhamento compõe este grupo. Ou seja, para o êxito da organização ou instituição é fundamental que o líder tenha boas capacidades comunicacionais e crie um ambiente em que a partilha de informações ocorra com facilidade. Os demais três blocos têm relação direta com a comunicação, mas resolvemos colocá-los em separado.

O primeiro aspecto a ser comunicado é a positividade ou o humor positivo fundamental para a criação de uma unidade positiva na organização e encampa aspectos como: ter senso de humor, atitude positiva, capacidade de inspirar, carisma, coragem, paixão, contágio entusiasmo e segue em frente. Essas qualidades parecem dar o tônus ou a tração para a dinâmica cotidiana sempre na dimensão do contágio positivo.

Outro ponto crucial é a visão futura que orienta no plano temporal mais longínquo e, quando generalizada, fornece a impressão de sentido às atividades cotidianas. Neste ponto incluímos as palavras: visão, intuição e foco. Nessa perspectiva, há a necessidade do líder ter em mente a direção e apontar o rumo, sendo que o rumo deve transcender o contexto imediato, esbarrando na intuição que o auxilia a compreender o futuro e fazer escolhas ideais para si (líder), para a organização e para a massa.

E a última qualidade é uma atitude receptiva em relação ao novo e ao outro. Neste bloco listamos os seguintes predicados: generosidade, escutar, serviço, disposição para aprender, humildade e abraçar a vulnerabilidade. Parece existir uma necessidade que vai além de dar, isto é, além de ordenar e dar orientação de cima para baixo, mas também de receber informações e críticas para otimizar as decisões e o sucesso da organização.

Após a análise acima, compreendemos alguns arranjos de características do líder à luz de qualidades estáticas e cinéticas. O núcleo estático é composto

pelo “ser” líder e tem como qualidades a justiça e a competência. E na dinâmica cinética ou de movimento/fluxo temos: a mediação holográfica do “ser” líder, boa capacidade comunicacional, transmissão da visão, transmissão do humor positivo e receptividade às informações.

Em nível de síntese das três análises realizadas neste tópico, podemos argumentar que a imagem do líder que orienta parte da sociedade atual tem uma predominância da figura masculina; parte minoritária dos exemplos de líderes foi “escolhida” democraticamente, apenas 23%; há grande interpenetração de chefes de estados, empresas do universo das tecnologias e uma grande rede financeira que articula o universo particular, público e instituições de interesses mistos como os órgãos reguladores das finanças internacionais; há a existência de alguns chefes religiosos que obtêm a força do seu poder espiritual e temporal; solidariedade é confundida com caridade realizada por milionários; e sua concentração geográfica orbita ao redor dos EUA, da China e da Europa.

A sua imagem é preferencialmente abstrata ou utiliza modelos sóbrios com traços neoclássicos em que predominam o formalismo, o racionalismo, a exatidão e a moderação. Os excessos de cores, texturas ou expressões são evitados, havendo uma exceção para emoção positiva. A organização privilegiada das imagens é em formato de seta e remete ao deus da guerra Tyr que tem como correspondentes Martes e Ares no universo greco-romano. Assim como os deuses, o líder normalmente tem uma estética jovem e fresca e dispõe de objetos de poder como a gravata. As mãos do líder são fundamentais, pois elas apontam a direção, marcam e chancelam os incluídos e produzem a diferença entre os incluídos e os excluídos. Diferente de um líder que comandava distante da frente de batalha, o líder atual é um general que participa das batalhas na dianteira, inspirando. A despeito da falta de mulheres na liderança, segundo as estatísticas, há muitas imagens de mulheres na liderança, criando uma fantasia de que todos podem ocupar aquela posição.

Entre as suas principais características, encontramos as qualidades estáticas de “ser” líder, isto é, exercer a justiça e ser competente nas diversas atividades que executa e executou na organização. E concomitantemente é necessário criar uma malha comunicacional para mediar ou colocar em movimento o “ser” líder (justiça e competência), bem como facilitar a

comunicação externa e interna do líder que, além de informar e convencer, necessita gerar o humor positivo na organização, produzir a visão de longo prazo e oferecer um canal para receber o novo e o outro.

Notamos, portanto, que há um evidente fio condutor que aglutina em si comunicação, tecnologia e uma face financeirizada da economia. Parece-nos que a articulação e orientação técnica-mediática-mercantil-democrática não condiz com a realidade, pois escassas organizações têm os seus líderes escolhidos democraticamente e que a lógica financeira melhor caracteriza a economia contemporânea do que a antiga ordem mercantil.

Conseguimos com isso agregar algumas características à cabeça da mão invisível que permeia as estruturas reais, principalmente, no plano da fantasia que é reproduzido na grande malha mediática, gerando a coesão e a orientação atual.

Em acordo com a nossa busca, vale lembrar que no passado sempre houve uma orientação ou polo de gravidade em torno do qual o capitalismo se organizava. Veneza, Antuérpia, Gênova, Amsterdam, Londres e Nova Iorque, sendo que Londres, segundo Braudel (1987), logrou fazer a transição das cidades para os Estados Nacionais na órbita dos centros “orientadores”. Estaríamos agora transitando para uma ordem em que os Estados perdem o seu poder ou o partilham com alguns conglomerados empresariais internacionais?

5.2 Sedução/ação capitalista e a agonia de Eros

Se recordarmos o capítulo 3.3 que tratou da relação do ideal do eu com a psicologia de massas, obtemos que a influência do grupo (multidão, massa) sobre o indivíduo atua ressaltando os seus elementos emocionais com toda a sua carga conflitiva e parte significativa dessa carga emocional ou libidinal é deslocada para a figura do líder.

O deslocamento acima é realizado por meio da projeção ou transferência de parte do narcisismo individual não satisfeito para uma figura que faz lembrar a onipotência desejada e que por meio de laços libidinais cria e mantém uma estrutura social com os seus níveis verticais e horizontais. Essa trama social cria

unidade e estabilidade, oferece a sensação de acolhimento e segurança, e necessita ser preservada, uma vez que as perturbações são sentidas no âmbito narcísico e evitadas.

Idealização e identificação são os principais elementos atuantes nesta trama. Entre os indivíduos da massa há fortes sentimentos de identificação. E em relação ao líder também há sentimentos de identificação que permitem a projeção do narcisismo individual sobre sua figura e principalmente a idealização do seu poder ilimitado que necessita lidar com a inveja primária e com o medo que evoca. Sentimentos esses que revivem a submissão original em relação aos primeiros objetos, normalmente os pais.

O líder reivindica o seu poder por meio da sugestão de maior força e de maior liberdade libidinal, incutindo o seu feitiço que se prolonga através das cadeias libidinais e suspende parte da racionalidade e do bom julgamento em benefício de porções subjetivas arcaicas dormentes. Demandas onipotentes individuais que não podem ser vividas podem ser transferidas e satisfeitas pelo objeto idealizado. Nesse sentido, fazer do líder o seu ideal é uma forma de também amar a si mesmo, apagando as frustrações com a própria realidade. E a unificação simultânea de características onipotentes e traços de uma pessoa comum no líder permite que as partes narcisistas que não são lançadas sobre a imagem idealizada do líder e permanecem atadas ao ego do sujeito possam se identificar com o líder e assim fantasiar o gozo da liderança, haja vista que o líder se mostra um indivíduo comum.

Son (in Spillius, 1991) recorda que nas organizações narcísicas é exacerbada a ilusão de poder se tornar o(s) objeto(s) que passa(m) a ser sentido(s) como dentro da possessão do seu self, dotando o indivíduo de uma qualidade plástica, mimetizando “uma variedade de situações aparentemente positivas” (p. 282). O líder seria desta forma mimetizado em seus aspectos aparentemente positivos e onipotentes.

Nessa trama libidinal, são eleitos os incluídos e os excluídos e se estrutura toda uma hierarquia, além de ser firmado um compromisso fechado e controlador que suprime os prazeres individuais e singulares, sempre remetendo a uma grande promessa que apenas pode ser gozada em coletivo.

A comunicação é fundamental para pregar o feitiço que vincula o narcisismo individual ao narcisismo do líder por meio da identificação com sua imagem. Sendo que a difusão do aparato técnico ampliou o potencial de transmissão do feitiço hipnótico para uma escala maior e, para que a massa não desperte, é trazido o carisma metafísico do líder que embala, à distância, a massa em seu discurso onipresente.

Oscilar entre proximidade e distanciamento em relação ao líder é fértil, pois o primeiro permite a identificação e o reconhecimento de atributos objetivos e concretos em sua figura e o segundo abre espaço para a projeção de qualidades e desejos individuais sobre uma imagem vaga. A oscilação entre ambas posições cria uma aura mística à volta do líder, pois em fantasia ele atende a diferentes desejos individuais.

Ainda no tocante ao seu discurso, este é fonte de prazer e direção individual e coletiva, excluindo os objetivos particulares e desiguais que podem representar a morte da massa. Lembramos que na massa há sempre o receio da desagregação, ou seja, a massa tem a sua força e existência asseguradas apenas enquanto o objetivo não é alcançado e o alcance do objetivo significa uma eventual dissolução ou pelo menos uma mudança de objetivo e todos os efeitos desestabilizadores que este processo pode trazer.

Para contornar a possível dissolução da massa após um objetivo ser alcançado, é tentador “escolher” um objetivo com um fim em si mesmo, autotélico e de caráter fetichista (fim em si mesmo) que necessita ser preservado por meio do imperativo da ordem. Ordem inquestionável e absurda, pois é incapaz de simbolização e de integração e cuja transmissão e preservação cria um ciclo de ódio e vingança.

Uma vez criada a trama horizontal e vertical que articula a massa, é necessário manter essas relações libidinais, dispendendo enormes recursos libidinais para garantir a sua reprodução e preferencialmente, como menciona Canetti (2014), satisfazer o seu desejo de expansão, densidade, sentimento de igualdade e objetivo externo comum.

Se pensarmos na atualidade, temos um líder que se transveste de “mão invisível” e reitera alguns imperativos entre eles a propriedade privada, o

crescimento econômico, a ausência de alternativas, a superação positiva pela racionalidade e a justiça econômica. E, para que o temor da dissolução e de quebra da unidade não sejam lembrados, é acentuada a fantasia narcísica por meio do gigantesco sistema libidinal que, com diversos instrumentos acoplados aos indivíduos sincroniza, seduz e faz seduzir com a promessa de eternidade ou satisfação do ideal em realidade.

Horkheimer e Adorno (2002) em meados do século passado já demonstravam como a indústria cultural continuamente privava seus consumidores do que constantemente lhes prometia

O assalto ao prazer que ação e apresentação emitem é indefinidamente prorrogado: a promessa a que na realidade o espetáculo se reduz, malignamente significa que não se chega ao quid, que o hóspede há de se contentar com a leitura do menu. (...) Expondo, continuamente, o objeto do desejo, o seio no sweater e o busto nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado, que, pelo hábito da privação, há muito tempo se tornou puramente masoquista. Não há situação erótica que não una à alusão e ao excitação a advertência precisa que não se deve e não se pode chegar a este ponto. (p. 14)

E prosseguem sua crítica à medida que exemplificam o mecanismo básico deste grande sistema libidinal que é: oferecer “uma coisa e, ao mesmo tempo, priva-los dela é processo idêntico e simultâneo. Este é o efeito de todo aparato erótico. Tudo gira em torno do coito, justamente porque este não pode acontecer” (p. 14).

O economista George Stiegler vai além ao afirmar que os indivíduos comuns não querem satisfazer os seus desejos, mas querem mais e melhores desejos²². Parece-nos, portanto, que o central se encontra no mais desejo, em um desejo alienado, externo e interminável.

No final da década de 70, Lipovsky (2013) já havia tecido muitas considerações sobre a sedução sem fim. O autor afirma que “a sedução tornou-se o processo geral que tende a regular o consumo, as organizações, a informação, a educação, os costumes” (p. 39) e que teve no consumo o seu ponto de partida com “a profusão luxuriante dos seus produtos, imagens e

²² “The chief thing which the common-sense individual wants is not satisfactions for the wants he had, but more, and better wants” (Stiegler, George *apud* Sedlacek, 2011, chapter 1, section 1, para. 34).

serviços, com o hedonismo que induz, com o seu clima eufórico de tentação e proximidade” (pp. 40-41) e que os antigos quadros rígidos e coercitivos foram substituídos por dispositivos suaves e flexíveis que privilegiam a comunicação em relação à coerção, “jogando a cartada da pessoa individual, do seu bem-estar, da sua liberdade, do seu interesse próprio” (p. 42).

E o autor francês consegue antever o poder dos microcomputadores, quando afirma que

A micro-informática e a galáxia do vídeo designam a nova vaga da sedução, o novo vetor de aceleração da aceleração da individualização dos seres, após a idade heroica do automóvel, do cinema, do electrodoméstico. ‘My computer likes me’: não nos enganemos, a sedução videomática não se refere apenas à magia das performances das novas tecnologias; enraíza-se profundamente no aumento da autonomia individual esperada, na possibilidade para cada indivíduo de ser um agente livre do seu tempo, menos pregado às normas das organizações pesadas. A sedução em curso é uma sedução privática. (Lipovsky, 2013, p. 44)

Parece um contrassenso o fenômeno social da sedução ser privático, mas efetivamente a sedução em curso é privática. Especialmente com a difusão maciça dos microcomputadores e dos medias generalizados, o limite privado é desconstruído por meio da estrutura tecno-mercantil que invade e conecta suavemente as dimensões antes privativas e tem como estratégia apelar para os traços narcísicos individuais por meio da comunicação e da informação.

Qualquer limite, segredo ou desejo deve ser trazido para a superfície e compor um grande mapa à luz da razão e passível de exploração. Viver é explorar, agregar mais experiências e tomar parte dos múltiplos eventos de êxtase dos sentidos. E, simultaneamente, há a responsabilização individual pela participação ou exclusão desse universo caleidoscópico e inebriante de sensações. Uma vez descartadas as alternativas estruturais, cabe ao indivíduo gerir o seu capital estético, social, físico, libidinal e informacional dentro dos limites unidimensionais, visando maximizar o seu ganho ou acréscimo de experiências e mais desejo. Não há espaço para o tédio ou para a depressão, basta alguns cliques para, em tempo real ou na velocidade da luz, penetrar e ser penetrado pela grande malha transparente e invisível e ter acesso a um novo desejo, uma nova expectativa de excitação.

Tudo está disponível na trama pornográfica dos desejos, basta acessar a rede invisível e continua regida pela absolutização da luz, signo nulo segundo (Virílio, 2002). Luz sem limites que produz a sociedade da transparência (Han, 2012b), sociedade obscena e desprovida de negatividade. Eis uma trama libidinal em tempo real que tipifica os indivíduos enquanto quantidade de seguidores. Seguir e ser seguido, talvez esse seja o motus mimético da atualidade. Muitos seguidores, “likes” ou acessos oferecem a ilusão de poder viver a onipotência e o desejo ilimitado.

Hordas vigilantes, diferentes daquelas descritas por Chomsky (1999) quando discorre sobre os agentes críticos ao poder hegemônico e antidemocrático das grandes corporações, temos hordas vigilantes que criam listas dos mais importantes e influentes e distribuem gratificações com base nos indicadores de sucesso e reconhecimento na trama libidinal que exige sempre a melhor versão individual, versão jovem e potente.

Narciso almeja o poder infinito, Narciso almeja aniquilar Chronos que o lembra de sua finitude ou identificar-se definitivamente com ele em sua dimensão atemporal e onipotente.

Cyborg, meio homem, meio imortal ou máquina. Narciso é esse entre lugar em que o desejo divino e a condição finita do humano se cruzam, e todo ódio que advém da impermanência.

A coação antes alheia, tornou-se coação própria em um mundo de profissionais liberais, empresários, acionistas e empreendedores. As oportunidades são escassas e não há espaço para desatenção. Cria-se a atmosfera de terror da imanência (Han, 2010) em que o descanso e a profundidade são solapados em benefício de um agora absolutizado pelo signo da luz que tudo permeia e aciona.

Viver e desesperar-se caminham juntos em uma corrida cíclica que tem como algoz ou instrumento de açoite o próprio ideal tirânico estimulado constantemente por um sistema que exige sempre mais. Mais movimento, mais fluxo (Martins, 2011), ultrafluidez e circulação (Baudrillard, 1991), mais crescimento, a vida é tida como uma enorme dívida que cresce, uma mimetização de todos ideais positivos.

Estar em tudo, espelhar-se em tudo, responder a tudo. Narciso despreza os limites e o viver torna-se um infinito prolongamento ou jogo de espelhos em que tudo sou eu. Esse poder ilimitado termina por aniquilar o outro. O outro aparece somente “através de um não poder poder” (Han, 2012a, p. 19). Quando o indivíduo é capaz de suportar a realidade em sua dimensão negativa, limitadora e atópica, é aberto o espaço ao outro e ao contato com o outro.

Mas, sob o império do eu que tudo iguala e aproxima, não há espaço para o outro e para Eros. Viver, enquanto reprodução do eu, é estéril, apenas quando o indivíduo estiver sujeito à “negatividade da ferida, do assalto ou da queda” (Han, 2012a, p.19), haverá espaço para Eros que vivifica a existência.

Amar é encontrar o que não se tem e poder perder no futuro o amor encontrado, mas Narciso é avesso a qualquer desastre e satura o tempo com a sua confirmação onipresente para não ver a falha passada, presente e futura. E faz o mesmo com o espaço, sendo que apenas na atopia do outro, há a possibilidade de Eros construir sua utopia (Han, 2012a). Eros, diferente de Narciso, põe em ação um desconhecimento voluntário de si mesmo, um voluntário esvaziamento de si mesmo.

O oposto ao esvaziamento é uma positividade que transborda, apagando os limites e saturando a existência com o “inferno do igual” (Han, 2012a, p. 9). Positividade que desde o século das luzes e principalmente na modernidade tardia encontrou na racionalidade tecno-científica uma forma disfarçada de prolongar o desejo de controle e dominação narcísica. Luzes que, em fantasia, tudo poderiam iluminar com o fogo de Prometeus, eliminando os redutos sombrios e escuros da existência.

Autores como Marcuse (2011) e Horkheimer & Adorno (2002) analisaram detalhadamente os efeitos da racionalidade instrumental sobre os modelos mentais e comportamentais que culminaram em novas formas de controle social, mas vão além quando afirmam que há a exclusão de “qualquer substância exterior ao contexto operacional” (Marcuse, 2011, p. 196). Exclusão que trata a realidade “como sistema (hipotético) de instrumentação: o termo metafísico `ser enquanto tal´ cede o seu lugar ao `ser enquanto instrumento´” (p. 196), culminando na “idealização da objetividade” (p. 200).

De neutra a positiva, a tecnologia, enquanto forma de controle social e de dominação, é posta ao serviço da razão como a única possibilidade, “o Logos das técnicas tornou-se um Logos da servidão permanente” (Marcuse, 2011, p. 205). E segundo a crítica husserliana à realidade “ideacional”, a matematização do universo ignora a prática pré-científica da ciência galileana à medida que tenta criar uma “verdade absoluta autônoma” (p. 208), escamoteando a possibilidade de um conhecimento novo, imprevisível e revolucionário.

Matematização que com sua exatidão, validade universal e equivalência matemática satisfaz o desejo de “antecipação e projeção de relações calculáveis e previsíveis entre unidades exatamente identificáveis” (Marcuse, 2011, p. 210), desejo notadamente narcísico. Freud (1913/1996) abordou este tema quando descreveu o narcisismo intelectual como sendo a construção de um solipsismo axiomático para recusar o reconhecimento dos limites, da castração e da morte, mas não conseguiu prever que este modelo poderia transcender os limites individuais e enveredar por uma dimensão social.

Se somarmos aos predicados elencados acima a capacidade de antecipação e projeção, surge um modelo de ordenamento seguro e previsível que satisfaz a parte narcísica que tanto almeja controle e segurança, mas com a exigência de ser exclusivo e inquestionável.

Lembramos que a matemática é um sistema lógico e abstrato, mas que a aplicação do instrumental matemático à realidade exige uma série limitações e consideração que, contudo, parecem ser ignoradas por Narciso que se apropria da matemática para satisfazer o seu universo ideal de certezas inquestionáveis.

Assim, o pensamento positivo e a filosofia positivista geram um universo auto-suficiente, fechado e bem protegido que encontra na matematização e na tecnologia a sua bandeira política, oferecendo a ilusão reconfortante da continuidade.

A posição social do indivíduo e a sua relação com os outros não só parece determinada por qualidades e leis objetivas, como também essas qualidades e leis surgem como tendo perdido o seu caráter misterioso e incontrolável; surgem como manifestações calculáveis da racionalidade (científica). O mundo tende a torna-se matéria de uma administração total, que absorve os próprios administradores. A teia da dominação tornou-se teia da própria Razão, e a atual sociedade

encontra-se fatalmente enredada nela. Assim, os modos de pensamento transcendentais parecem transcender a própria Razão. (Marcuse, 2011, p. 215)

Para a segurança da posição narcísica, o positivismo é reificado e luta contra as metafísicas, os transcendentalismos, os idealismos e outras qualidades não-quantificáveis e ocultas. Simultaneamente é recusado o pensamento negativo em suas dimensões especulativas, utópicas, ilógicas, estranhas, afetivas, antagônicas e conflituosas.

Não-contradição e não-transcendência são o denominador comum, pois não se deve tocar naquilo que faz lembrar do que é estranho e incompreensível, dos limites do narcisismo que inevitavelmente trazem as lembranças da ruptura, da finitude e da incompreensão.

Crítica e contradição são perigosos e o pensamento positivo se estende enquanto reiteração ideológica e conformismo. Porém, apesar do esforço em viver o universo dos deuses em vida, a realidade e o negativo insistem em aparecer.

Para a psicanálise, o negativo ou o oculto obscuro é estruturante. Podemos dizer que, desde os seus primórdios, é atribuída especial importância àquilo que se consagrou como inconsciente. E quando são abordados conceitos como repressão, negação, exclusão e forclusão, estes buscam normalmente dissociar uma parte conflitua e negativa em benefício de uma fantasia positiva e segura. Não temos a pretensão de discorrer sobre o papel do negativo na psicanálise neste trabalho e recomendamos àqueles que se interessarem pela temática que consultem Green (2006).

A nossa abordagem, por outro lado, retornará a Freud quando no início do século XX busca compreender a aproximação da realidade e os desdobramentos para o funcionamento mental.

Freud (1911b/1996) explicou que no início do desenvolvimento psicosssexual o sujeito é orientado pelos processos primários que visam a satisfação imediata e o prazer característico dos processos reflexos, circulares e onipotentes. Porém, os processos primários gradualmente desaparecem e juntamente com o desenvolvimento dos órgãos sensoriais e da consciência

atrelada a eles, e acrescida a capacidade de tolerar mais tensão, é agregado o princípio da realidade ao universo psíquico.

Nessa nova fase, formam-se os processos secundários que contornam uma insatisfação não mais com uma descarga, mas com a suspensão da ação que permite o surgimento de ideias e de pensamentos para obtenção de um benefício ampliado, considerando a realidade. Nas palavras de Freud (1911b/1996),

A coibição da descarga motora (da ação), que então se tornou necessária, foi proporcionada através do processo de pensar, que se desenvolveu a partir da apresentação de ideias. O pensar foi dotado de características que tornavam possível ao aparelho mental tolerar uma tensão aumentada de estímulo, enquanto o processo de descarga era adiado. (p. 240)

Ou seja, é característico dessa fase intermediária entre o desconforto e a descarga, entre o desejo e a realidade, a procura de “uma identidade ou uma verdade, entre um traço desejado pelo passado e um efeito percebido no presente” (Gibello, B *in* Anzieu et al., 1979, p. 55). Esta fase intermediária cria e suporta (tolera) o desconforto, suspendendo ou adiando a descarga para buscar uma alternativa que coincida com um benefício ampliado no contexto da realidade sempre singular.

Anos depois Freud (1925/1996) teorizou sobre a negativa e colocou que

A afirmação – como um substituto da união – pertence a Eros; a negativa – o sucessor da expulsão – pertence ao instinto de destruição. O desejo geral de negar, o negativismo que é apresentado por alguns pacientes psicóticos, deve provavelmente ser encarado como sinal de uma defusão de instintos efetuada através de uma retirada dos componentes libinais. O desempenho da função de julgamento, contudo, não se tornou possível até que a criação do símbolo da negativa dotou o pensar de uma primeira medida de liberdade das consequências da repressão, e, com isso, da compulsão do princípio do prazer. (p. 271)

Esse extrato agrega duas colocações importantes. A primeira no que se refere ao poder da negativa que parece pertencer ao instinto de destruição, atuando no sentido da retirada de componentes libidinais. E a segunda é a importância da negativa que dota o pensar da primeira medida de liberdade à

medida que abre alternativas diversas dos processos primários que compulsivamente afirmam o princípio do prazer.

Explicamos melhor o trecho acima para evitar qualquer aparência de contradição. Os instintos de destruição são nefastos à medida que destroem os laços libidinais, mas também podem, enquanto símbolo da negativa, dotar o paciente da primeira medida de liberdade que o permitirá incluir gradualmente a realidade.

Se atualizarmos este pensamento, Green (2006) enfatiza o aspecto estruturante e desestrurante do negativo objetual. Estruturante à medida que o que o objeto absolutamente necessário se apaga para a elaboração da estrutura psíquica. E desestrurante quando não há um apagamento adequado e o material excluído forçosamente retorna de diversos modos atacando e invadindo a estrutura psíquica e as relações objetais, podendo em última instância servir de estímulo para o desinvestimento libidinal.

Ainda em Green (2006) e Gibello (in Anzieu et al., 1979) é deixado claro o papel da relação entre a negatividade e o desejo, isto é, o desejo se faz enquanto ausência e é essa mesma ausência que permite o surgimento do desejo.

Também Bion (2004) acentua a importância da ausência quando inspirado por Freud e Kant elabora suas reflexões sobre concepções e pensamentos.

Para o autor, concepções surgem da junção de uma ausência (falta) ou pré-concepção com uma realização positiva. Um exemplo, se há a pulsão pelo seio e ele ocorre, há a formação de uma concepção – o seio.

O pensamento, por outro lado, deriva da realização negativa da pré-concepção, isto é, ausência do seio (frustração) e dois caminhos possíveis se apresentam:

a) forma-se um objeto mau e destrutivo que é evadido ou evacuado de forma onipotente, conferindo alívio, mas sem a alteração da realidade; ou

b) é suportada a ausência até o surgimento de um pensamento que modifica a realidade e satisfaz o desejo ou parte dele por meio da ação adequada na realidade.

Para Bion, de inspiração kantiana, o pensamento antecede o pensador, isto é, o pensamento verdadeiro requer um pensador que vá acolher o pensamento ou a ideia, enquanto que a mentira requer um pensador e uma mente hospedeira. Nas palavras do autor “o pensar passa a existir para dar conta dos pensamentos” (Bion, 1994, p. 128).

Assim, em caso de pouca capacidade de tolerar frustrações, a faculdade de acolher pensamentos é suplantada por uma estrutura que livra a psique do acúmulo de objetos internos maus através de identificações projetivas e busca afirmar de forma onipotente e onisciente uma verdade, sem, contudo, considerar a realidade, o diverso e o outro.

Há, portanto, uma correlação direta entre a capacidade de tolerar frustrações e o desenvolvimento do pensamento. Neste modelo a capacidade de tolerar frustrações advém de uma certa quantidade inata e da capacidade de *rêverie* materna internalizada pelo sujeito.

A *rêverie* materna é a capacidade onírica da mãe acolher as identificações projetivas da criança (objetos maus), transformá-las e devolvê-las como objetos bons. Citando (Bion, 2004), o “pensar depende da introjeção bem-sucedida do seio bom, responsável originalmente pela performance da função alfa²³” (p. 46).

Delineando um modelo gradualista do desenvolvimento do pensar e do aprendizado técnico e emocional. Inicialmente, em caso de grande aversão à frustração, há a fuga e a aniquilação do espaço hipertrofiando as identificações projetivas. Em uma fase intermediária em que ainda há grande desconforto em aceitar a realidade, a personalidade desenvolve a onipotência e onisciência na forma de se relacionar com a realidade. E em terceiro lugar, quando há um aparelho para pensar robusto e uma significativa tolerância à frustração, é possível aprender com a experiência e desenvolver concepções e pensamentos que compõe um conhecimento expresso por meio da linguagem e de sinais (Bion, 1994).

²³ De modo simplificado, seria a capacidade ou função do pensar.

E ainda sobre o conhecimento, Bion ressalta que o impulso epistemofílico é transgressor e ilustra a afirmação com inúmeros exemplos mitológicos como o Jardim do Éden, o Édipo e a Torre de Babel, em que há um deus hostil e avesso ao conhecimento dos seres humanos, uma vez que ameaça a sua supremacia, e somente a ruptura com deus ou com o *status quo* vigente permite o surgimento de algo novo, apesar da ira que poderá provocar naqueles que aspiram por continuidade e reprodução do mesmo.

Sem incluir excessivos referenciais teóricos, podemos sintetizar que a negativa é estruturante e crucial para dotar o universo psíquico de espaço para o surgimento do pensamento, do desejo e do outro. Negativa que a priori já é transgressão, pois promove a ruptura, e pode se tornar transgressão à media que abre espaço para o abominável novo.

Neste caso, fica evidente como Eros agoniza em uma sociedade que extinguiu a transcendência e a transgressão em benefício de uma positivação que busca no outro a confirmação de si.

Lasch (1991) confirma este aspecto quando diz que

The coexistence of advanced technology and primitive spirituality suggests that both are rooted in social conditions that make it increasingly difficult for people to accept the reality of sorrow, loss, aging, and death – to live with limits, in short. The anxieties peculiar to the modern world seem to have intensified old mechanisms of denial. (p. 245)

Há a negação de toda parte dolorosa, exótica e estranha, tudo aquilo que demonstra a condição finita e os limites. E a incapacidade de incluir e tolerar os limites da vida, impossibilita o surgimento da ausência e do espaço que permitiria a aparição vitalizadora de Eros.

Eros, que significa impotência de si mesmo, desaparece no atual universo narcísico com os “impulsos desinibidos do eu e do rendimento” (Han, 2012a, p. 32). Parece-nos que a trama libidinal positiva construída à volta do ideal do ego – herdeiro do narcisismo infantil, torna-se simultaneamente amparo e prisão coletiva que impede a abertura ou ruptura no espaço e tempo para o surgimento de Eros, do pensamento, do desejo e do outro.

Porém, a manutenção da colagem narcísica tem o seu preço. Preço que é estabelecido na inter-relação entre os ideais tirânicos individuais e coletivos que estruturam uma arquitetura gigantesca que aliena o indivíduo do negativo e da realidade vitalizadora e que exaure diante de suas exigências inclementes.

A exaustão advém de parâmetros e exigências infindáveis advindas da grande máquina que tem como ordem única o fluxo, não havendo repouso e limites para tentar acender ao panteão dos deuses. Sendo que a busca incessante por mais fontes de energia e sua utilização compulsiva garantem o mais movimento e a tentativa de iluminar e prevenir o surgimento das trevas. Carvão, petróleo, energia atômica e energia verde, todas fontes de energia necessitam queimar e garantir a aceleração constante.

Após a exaustão ou o famoso *burnout* ou mesmo após um relampejar de lucidez, muitos indivíduos começam a perceber a contradição entre a promessa de ter tudo e a realidade e suas limitações (Lasch, 1991), neste momento se instaura a depressão melancólica.

O agonizar melancólico advém do reconhecimento da inexistência de uma correspondência divina em realidade para o seu desejo onipotente e a incapacidade de abdicar a esse desejo onipotente ou da segurança positivada que ele proporciona.

Neste universo caminha o sujeito narcísico que busca nos reflexos a confirmação de sua fantasia onipotente, mas que se esvai no inferno do mesmo.

Antes de finalizar este tópico, gostaríamos de fazer uma breve reflexão sobre a sedução mencionada acima. Parece-nos que existem dois sentidos que se refugiaram sob a mesma palavra, mas que são distintos e notamos isto graças a Baudrillard (1991). A sedução pode atuar no sentido do descentramento lacaniano, ou seja, como representante inequívoco do mau, aquilo que endoia e faz morrer e matar como foi muitas vezes representado nas tragédias. Mas, a sedução promovida na atual trama descrita por Lipovsky (2013) e por Horkheimer e Adorno (2002) é uma sedução positivada e limitada, isto é, uma sedução que procura infringir vertigem ou uma pequena doideira, mas não em excesso, pois poderia representar a tragédia, a ruptura e, no limite, o perigo latente da desagregação (Canetti, 2014).

5.3 Melancolia e narcisismo de morte

A impossibilidade de poder acompanhar ilimitadamente a busca de satisfação ou a busca de mais desejo içada pelo ideal narcísico insere a realidade com a sua dimensão negativa em algum momento.

Se pensarmos na perda ou na inserção do negativo como oposto à positivação, ela afeta de forma diferente cada indivíduo.

Alguns indivíduos mais tolerantes às frustrações ou que tiveram uma função materna mais adequada no decorrer da vida e conseguiram assentar bem a função enquadrante do objeto primário são capazes de suportar a aproximação da realidade de maneira mais tranquila, necessitando realizar apenas um breve luto.

Outros indivíduos com bases mais frágeis, aproximam-se da realidade com significativa dificuldade e utilizam um forte esquema de cisão em que parte da realidade é aceita em sua dimensão limitadora e negativa, mas outra parte narcísica ainda perdura, buscando avidamente objetos e espaços para satisfazer este traço narcísico, sendo que a figura do líder pode servir de ancoradouro e refúgio.

Lembramos que a positivação narcísica da realidade provavelmente ocupa o espaço da incapacidade de uma boa identificação enquadrante da alucinação negativa do objeto primário. Ou seja, incapaz de perceber o cuidado materno enquanto presença contenedora e cuidadora e, na sua ausência, incapaz de identificar-se com este cuidado que enquadra e delimita; não há espaço ou limite para a liberdade e constantemente o desejo fusional é reiterado. O insucesso em incluir ou tolerar o “mau” e a ausência estruturante avolumam ao redor do ideal do eu grande carga libidinal que tem como expectativa reviver a continuidade mãe-bebê sem a inclusão da ruptura. Continuidade onipotente e que aliena o outro da sua condição de independente e existente.

A estrutura acima em um contexto de aceleração da sedução e inflação do ideal do ego para níveis que o corpo real não consegue mais acompanhar gera um hiato, um encontro brusco com a realidade e com o intolerável negativo.

O que fazer com toda a carga ideal ou refúgio onipotente que orbita à volta do ideal do ego/ líder – um objeto amoroso – se for repentinamente retirada ou frustrada?

Na melhor das hipóteses, um luto, se houver estrutura para suportar os fortes sentimentos ambivalentes originários da privação do objeto. Luto doloroso que aceita a perda/realidade e simboliza o objeto perdido enquanto lembrança, podendo novamente empreender a expansão libidinal em busca de outros objetos após um período de reorganização e adaptação.

Por outro lado, se o objeto for estruturante e ainda absolutamente necessário, dois caminhos parecem possíveis.

Um caminho é a substituição. Quando possível, fazer um ligeiro processo de substituição do objeto amoroso narcísico ou líder por outro mais complacente e menos demandante, mesmo que nesta substituição possa haver uma perda ou concessão narcísica. Ou seja, uma vez incapaz de acompanhar o líder magnânimo do capital que permeia a estrutura invisível, poderia haver a busca de substitutos menos poderosos, mas que ainda ofereçam a aparência de continuidade e segurança almejada pelo ideal narcísico. E entre algumas opções mais imediatas poderíamos listar as religiões, os grupos de acolhimento, coletivos de torcedores esportivos, seitas místicas, fã clubes, profissionais cuidadores entre muitas outras variações tribais (Maffezoli, 2002), mas que no fundo camuflam o rei clandestino do capital.

Contudo, normalmente Narciso não aceita menos que o máximo e o hiato entre a promessa capitalista e a realidade não pode ser preenchida com alternativas substitutas coloridas menores que a promessa de poder ilimitado e imortalidade, fazendo com que o sujeito agonize em melancolia.

O sujeito melancólico, como enfatizou Freud (1917a/1996), é aquele que não é capaz de fazer um luto e simbolizar o seu objeto de afeto após a perda. Neste caso, o objeto constantemente revive no inconsciente. Segundo Freud (1917a/1996) a “melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetual retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda” (p. 251) e segue dizendo que no “luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego” (p. 251).

Depreendemos disso que a perda na melancolia, ainda que possa ter uma contrapartida no mundo real, é muito mais uma perda de uma parte fantasiosa de si.

Freud (1917a/1996) tipifica três precondições para a melancolia: a perda do objeto, a ambivalência e a regressão da libido. Ou seja, a inclusão/intrusão do negativo do objeto ocasionada pela perda conduz a uma luta ambivalente no psiquismo. Por um lado, a parte que fez a escolha objetual narcísica perdeu o seu objeto e o recria internamente, investindo nele, pois ainda é absolutamente necessário; por outro lado, abusa dele uma vez que reconhece a independência do objeto e o odeia, pois ainda queria que este tivesse sob o seu domínio. Nas palavras de Freud (1917a/1996)

Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja – se refugiar na identificação narcísica, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento. (pp. 256-257)

As lutas travadas à volta do objeto buscam ora inserir a separação e ora defender a posição libidinal do objeto, sendo que sua localização “só pode ser atribuída ao sistema Ics (inconsciente), a região dos traços de memória das coisas (em contraste com as catexias da palavra)” (Freud, 1917a/1996, p. 261). Este conflito no universo das coisas se comporta como ferida aberta e atrai e dilapida grande quantidade da energia psíquica e esvazia o ego até este ficar empobrecido.

Gostaríamos de complementar que o conflito é exaustivo e interminável, pois a renúncia é impossível, mas o objeto não mais existe em realidade. Em outros termos, o objeto ocupa uma posição basilar e absolutamente necessária naquela estrutura psíquica, mas, feito o teste de realidade e percebida a sua ausência, não é mais possível endossar plenamente a fantasia narcísica. E, ainda que o objeto seja reerguido internamente, este será odiado, pois se mostrará fraudulento no teste de realidade e a inveja e a dependência em relação àquele objeto reerguido internamente o acoitará repetidamente.

No reino de uma batalha interminável, duas opções se apresentam. A primeira é continuar lutando, ainda que a luta seja extenuante e interminável,

pois, incapaz de realizar o luto ou abdicar do objeto perdido que se confunde com o objeto absolutamente necessário, o objeto é revivido, não havendo a possibilidade de se apagar na ausência, mas simultaneamente o reviver evoca censuras e ódio.

A segunda opção é capitular, virar as costas para todos objetos de desejo, pois eles carregam sempre a marca ou a lembrança oculta da ferida narcísica ou da perda do objeto absolutamente necessário que ainda não pode ser renunciado, sendo, logo, incapaz de ser esquecido.

Neste caso, a luta desigual entre Eros e as pulsões de morte que “sempre têm a última palavra” (Green, 1988, p. 297) torna-se incapacitante. Desejar sempre traz a sombra do perder, e, se a perda for intolerável, a única forma de evitar perdas futuras é renunciar completamente aos objetos libidinais.

Neste caso,

O narcisismo, que com a decadência do eu fica privado do seu objecto libidinal, é substituído pelo prazer masoquista de não mais ser um eu,...). O reino da coisificação e da normalização expande-se assim até à sua extrema contradição: o supostamente anormal e caótico. (Adorno, 2006, p. 57)

A renúncia aos objetos libidinais e a si mesmo transforma tudo em coisas normatizadas, seguras e exatas sujeitas à racionalidade instrumental, objetiva e positiva, criando a fantasia de poder administrar a perda. Desloca-se, portanto, integralmente para o reino do ideal do ego que perfila a sua métrica avaliativa e categoriza o universo que o cerca, visando garantir o controle de um contínuo preenchimento e a ausência de rupturas, mesmo que no seu extremo isso signifique se aproximar daquilo que mais abomina: o anormal e caótico.

Neste caso, a incapacidade ou a intolerância de incluir o inesperado, diverso, exótico, novo e singular exacerba a positividade da vida, incorrendo paradoxalmente no seu oposto: o completo negativo.

Baudrillard (1991) bem explica como o mau quando é banido da sociedade transparece ou reaparece em toda parte. Ou seja, quanto mais as coisas parecem caminhar para uma compressão e homogeneização universal,

mas se impõe a irredutibilidade eterna e inexpurgável do mau. Um princípio do mau que não é

moral; es un principio de desequilibrio y de vértigo, un principio de complejidad y de extrañeza, un principio de seducción, un principio de incompatibilidad, de antagonismo e irreductibilidad. No es un principio de muerte, sino, muy al contrario, un principio vital de desunión.
(Baudrillard, 1991, p. 116)

Eis que o surgimento do mau inevitável – o estranho, o complexo, o exótico, o inesperado, o diferente – pode fomentar duas posturas: o recrudescimento da posição narcísica que nega o mau ou gradualmente fazer concessões à fantasia de unidade e onipotência narcísica, obtendo mais energia à medida que arrefece a sua carapaça narcísica e incluir a diversidade e novos sabores à existência. A segunda postura só é possível se houver segurança e coragem para desligar ou desunir aquela trama inicial que oferece a ilusão autossuficiente de invulnerabilidade.

Mas, em caso de extrema sensibilidade narcísica ou incapacidade de (se) perder ou mesmo de não mais controlar, é buscada a afirmação, a hiperconectividade e unidade que no limite torna-se todo negativo.

Da extrema positividade à extrema negatividade, o inferno do mesmo, uma unidade estéril que apesar de falsamente “segura”, pois o mau é inevitável, não nutre, pois a desunião vital é impossível para a componente narcísica do psiquismo. A incapacidade de desligar e desunir impede o surgimento do vazio que permitiria emergir o desejo, o pensamento e o outro. A positivação e o preenchimento deste vazio fundamental impedem a experiência existencial e o crescimento, tornando o viver tedioso e vazio.

Ademais, é necessária uma vigilância constante para garantir a unidade. Atenção esta que não pode ser desligada, pois pode surgir o mau a qualquer instante, exaurindo de outra forma os indivíduos, pois não é permitido o repouso desprendido.

Retornando para a perspectiva psicanalítica, a negação dos limites e o esforço destrutivo em relação a tudo que é novo faz restar apenas morte ou narcisismo de morte. Neste caso o ideal do Eu megalômano e tirânico arbitra as

questões referentes ao desejo segundo a lei do tudo ou nada. E, uma vez que não pode ter o tudo, almeja o “repouso” no neutro, na ausência de relações objetais, mimetizando a morte para fugir da mesma. É “resolvida” a contradição insuperável entre a necessidade estruturante pelo objeto e o horror à dependência de um objeto que é alheio a onipotência individual por meio do orgulho ascético.

Orgulho que envereda pelo caminho da absoluta ausência de dor, pois, como bem lembrado por Rosenfeld (*in* Spillius, 1991), a idealização narcísica vai além de atribuir a si todas qualidades boas, também inclui a idealização do poder das partes destrutivas do self.

Estas se dirigem contra qualquer relação de objeto libidinal positiva, e contra qualquer parte libidinal do self que tem necessidades de um objeto e que deseja depender dele. As partes onipotentes destrutivas do self frequentemente permanecem disfarçadas, ou podem ser silenciosas e estar excindidas, o que obscurece a sua existência e nos dá a impressão de que não têm nenhum relacionamento com o mundo externo. Na verdade, elas exercem um efeito muito poderoso ao impedir relações objetais dependentes e manter os objetos externos permanentemente desvalorizados, o que é responsável pela aparente indiferença do indivíduo narcisista em relação aos objetos externos e ao mundo. (p. 250)

Fica-nos evidente que a onipotência narcísica tem, em fantasia, o poder de acabar com toda ameaça que comprometa a auto-suficiência narcísica que surge em qualquer relação objetal. E, no extremo, a destrutividade presente no narcisismo de morte, afasta qualquer traço libidinal que pode ameaçar a sua onipotência e organização segura; isto é, afasta tudo que pode gerar dor, ainda que isto signifique a mais terrível das dores que a da fome total ou completo vazio.

Todavia, entre os extremos da pura pulsão de morte e de organizações psíquicas bem estruturadas e capazes de manter relações objetais, há um complexo espectro de organizações narcísicas com suas múltiplas gradações e áreas de investimento e desinvestimento construídas de acordo com a trajetória histórica individual. A título de ilustração, Sohn (*in* Spillius, 1991) expõe exemplos clínicos de organizações narcísicas que vão de pessoas consideradas normais e auto-suficientes até casos de psicose manifesta.

Apesar da variedade e das diferentes intensidades do desenvolvimento das organizações narcísicas, parece-nos que existem duas fases cruciais.

A primeira ocorre na afirmação do ideal narcísico em sua busca por poder, controle e segurança, evitando a negatividade e utilizando todas artimanhas possíveis para tentar extrapolar a continuidade mãe-bebê. Sendo que, acreditamos existir uma significativa inter-relação entre o contexto sociocultural e a parte narcísica individual sempre buscando garantir o binômio poder-continuidade. Binômio que no atual estágio civilizatório encontrou na dinâmica capitalista a sua expressão máxima à medida que este sistema oferece a ilusão de ausência de limites e a possibilidade de afirmação da onipotência individual para aqueles que seguirem a cartilha.

A segunda fase surge quando se percebe a inevitabilidade do negativo e da morte. Eis um trago de realidade que pode ser intolerável em uma estrutura majoritariamente narcísica. Neste ponto se envereda pela depressão melancólica que é incapaz renunciar ao objeto fundamental, mas tampouco de encerrar o sonho. Segundo Han (2012a),

A depressão é característica de um tempo em que, devido ao excesso do abrir e des-limitar, se perdeu a capacidade de fechar, de concluir. Desaprendemos a morrer, porque não somos capazes de concluir a vida. Também o sujeito de rendimento é incapaz de encerramento, de conclusão. (p. 31)

Incapaz de encerrar a vida, a continuidade positiva e arrogante de Narciso gera uma unidade superficial e extremamente cansativa, mas no fundo perdura o vazio e a fome daquilo que nutre.

O paradoxo da atual época é solidão e excesso (Eco, 1996), excesso de conexão, informações e articulações, mas um “mal-estar difuso e invasor, um sentimento de vazio interior e de absurdo da vida, uma incapacidade de sentir as coisas e os seres” (Lipovsky, 2013, p. 115).

Abrir-se aos sentimentos e aos seres pressupõe criar um vazio que pode ser preenchido com algo bom ou mau, algo diferente, algo que podemos gostar e que poderá faltar. Mas, no reino de Narciso não há espaço para a falta e, com

auxílio dos instrumentos e das mídias generalizadas, o vazio é preenchido com um excesso insosso e desprovido de sentido.

Lipovsky (2013) segue afirmando, que

Por toda parte encontramos a solidão, o vazio, a dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si; daí uma fuga para a frente de “experiência” emocional forte. Porque não posso amar e vibrar? Desolação de Narciso, demasiado bem programado na sua absorção em si próprio para poder ser afetado pelo outro, para sair de si – e, no entanto, insuficientemente programado, pois deseja ainda um mundo relacional afetivo. (p. 118)

Desolado, a fuga para frente da experiência emocional forte é realizada pela estrutura dos choques (Benjamim, 1994) que geram algum sentir sem, contudo, mexer na ferida narcísica. Punhaladas cada vez mais fortes são desferidas sobre a estrutura entorpecida e dessensibilizada, gerando alguma descarga ou algum comportamento reflexo, mas incapaz de conferir sentido.

Vazio e indiferença, nada mais tem sentido, há apenas uma grande vaga de “desinvestimento na qual todas as instituições, todos os grandes valores e finalidades que organizaram as épocas anteriores se esvaziam pouco a pouco da sua substância” (Lipovsky, 2013, p. 62). Indiferença, pois nada faz sentido, nada pode fazer sentido e, se, por acaso, algo parecer ter um brilho, basta que a sombra onipotente do capitalismo recaia sobre o pequeno brilho, tornando-o insignificante.

Desvitalizado e desprovido de referência o indivíduo perambula narcotizado, buscando passar o tempo da existência que, sem um sentido, torna-se uma lenta agonia ou um grande deserto.

Estamos assim no extremo do deserto; já atomizado e separado, cada um de nós se torna agente activo do deserto, estende-o e aprofunda-o, incapaz que é de “viver” o Outro. Não satisfeito com produzir o isolamento, o sistema engendra o seu desejo, desejo impossível que, logo que realizado, se revela intolerável: o indivíduo pede para ficar só, cada vez mais só e simultaneamente não se suporta a si próprio, a sós consigo. (Lipovsky, 2013, pp. 78-79)

Deserto externo e deserto interno. O indivíduo passa a se tornar agente ativo do deserto se afastando inicialmente dos sentimentos, “the flight from

feeling” (Lash, 1991), e gradualmente afasta tudo que pode provocar sentimentos, especialmente o outro que não capitula sob os desejos onipotentes da sua parte narcísica.

Freud (1915/1996) constrói a seguinte ordem para o desenvolvimento emocional: indiferença inicial, ódio que provém “do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos” (p. 143) e amor. Porém, se os sentimentos ambivalentes – amor e ódio, ou dependência e inveja – em relação ao objeto forem demasiados, pode o indivíduo regredir à “condição de desinteresse ou indiferença” (p. 138). E alguns anos antes, Freud (1913/1996), já havia ponderado que o narcisismo original das crianças influencia fortemente o desenvolvimento de seu caráter, uma vez que exclui a possibilidade do surgimento de sensações primárias de inferioridade.

Temos, portanto, que o repúdio narcisista ou a incapacidade de lidar com os sentimentos ambivalentes e de inferioridade em relação ao objeto faz com que o indivíduo queira regredir para um estado de ausência de perturbações. Neste caso, a onipotência narcísica não apenas atribui todas as qualidades a si, mas também é onipotente em destruir, destrói ou desinveste o mundo e a si mesmo.

Se recordarmos Ovídio, Narciso se encanta com o seu reflexo e incapaz de largar a sua projeção idealizada definha lentamente até a morte. E mesmo a caminho da sua morada infernal, ainda busca a sua imagem no Estige (rio que separa os vivos dos mortos). Fica-nos evidente que Narciso absorto na sua fantasia ideal de vida, definha para a morte sem perceber. E, como lembra Green (1988), também há civilizações inteiras que “soçobrando na passividade, sinal antecipador de seu desaparecimento” (p. 300), definham lentamente em apatia.

Retrato de Narciso: ser único, todo-poderoso pelo corpo e pelo espírito encarnado no seu verbo, independente e autônomo sempre que queira, mas de quem os outros dependem sem que ele se sinta portador em relação a eles do menor desejo. No entanto, residindo entre os seus, os de sua família, de seu clã e de sua raça, eleito pelos signos evidentes do Universo, do Tempo e da Morte, todo vaidoso de seu diálogo sem testemunhas com Deus único que o enche de favores – inclusive na queda pela qual é o objeto escolhido de seu sacrifício –, intercessor entre Deus e os homens vivendo no isolamento radiante de sua luz. Esta sombra do Deus é uma figura do Mesmo, do imutável, do intangível, do imortal e do intemporal. (Green, 1988, p. 55)

6. Faces do narcisismo de morte

Investigar e qualificar os traços ressentidos que almejam a identificação com a pura vida, mas que no fundo incorrem na morte psíquica ou na afirmação dos impulsos nadificantes e a-objetais, são propostas que poderiam ser realizadas por inúmeras perspectivas teóricas e abordagens metodológicas.

No presente estudo, utilizamos uma abordagem mista que agrega intuição e organização de dados e informações obtidos da realidade de modo a compormos um desenho teórico que dialogue com uma fração da realidade.

Para aqueles demasiado amparados no universo totalizado e exclusivo da ciência positivista, elaboramos neste trabalho um pequeno delírio – do latim, sair do lugar. Este deslocamento é uma alternativa ao espaço fechado do pensamento afirmativo e, para isso, buscamos outros lugares. Lugares obscuros e inseguros cuja sondagem é um tatear que recorre aos sentidos, aos dados, às lembranças que se associam indisciplinadamente, às musas que sussurram sonhos e às confidências de notáveis que a história nos agraciou por meio do rico apanhado denominado cultura.

E, tal como Martins (2011), também nos consideramos hermeneutas. Ora “quem lê textos e se entrega à tarefa de os interpretar é um hermeneuta. E é assim que eu me vejo, como um hermeneuta. Interpreto textos, não apenas com preocupações acadêmicas, mas igualmente com preocupações cívicas” (p. 61). Neste caso, somos hermeneutas com preocupações acadêmicas e cívicas, e essa preocupação faz com que tenhamos que ir além das fronteiras bem

delimitadas das disciplinas acadêmicas e das suas metodologias, enveredando por um esquecimento voluntário para novamente poder lembrar, quiçá algo novo.

O primeiro ponto que nos pareceu importante foi o surgimento e o crescimento de parcela da população que se intitula assexual. Escolhemos este ponto de partida, pois a sexualidade nos parece basilar em nossa espécie. No decorrer de milhões de anos, a junção entre o substrato instintual e camadas culturais organizaram uma pulsão que nos leva ao outro na expectativa de um contato vivificador. Todavia, a despeito dessa inclinação natural e cultural, a ausência de atração ou “opção” por um não-desejo sexual que envolva o outro nos parece sintomática e expressiva.

O segundo elemento que destacamos é a descrença e o desinteresse pela política e pelas instituições políticas especialmente pela juventude. Neste caso, atentamos para a baixa participação nas eleições, o pouco interesse pela vida política e a busca por novas formas de participação nos fenômenos políticos e sociais por meio de ações isoladas e pontuais, muitas vezes no âmbito digital, e a intolerância às antigas formas de associação e interação de grupos e partidos políticos.

O terceiro ponto é o aumento da produção de um saber frio que esvazia a importância das reflexões sobre o humano em suas dimensões mais profundas e controversas. Sendo que as estruturas de avaliação e remuneração dos pensadores, dos pesquisadores e das instituições de ensino e pesquisa se amparam em parâmetros tecnicistas, quantitativos e utilitários, ceifando a possibilidade do surgimento de contrapontos alternativos, críticos e dotados de emoções que possam ampliar o debate para além da reiteração do mesmo.

6.1 Assexualidade

O debate de gênero é um tema que ganhou grande relevância nas últimas décadas. Inicialmente este debate centrava-se no movimento feminista e mais recentemente adquiriu grande amplitude e diversidade.

O feminismo buscou combater desigualdades sociais, políticas e culturais advindas dos antigos modelos patriarcais, hierarquizados e aristocratas. E este

movimento ganhou real volume quando as mulheres ingressaram no mercado de trabalho remunerado tendo possibilidades de se emanciparem financeiramente da estrutura familiar tradicional em que o homem era o único provedor da casa.

Uma vez libertas dos antigos moldes tradicionais, foi iniciada uma guerra sexual, *sexual warfare*, que abalou a antiga estrutura patriarcal e permitiu o surgimento de modelos alternativos entre os quais podemos listar, além do feminismo, os movimentos gays, lésbicos, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queers, assexuais e outros.

A ruptura do antigo paradigma hierárquico gerou profundas consequências. Lipovsky (2013) avalia que

A sedução feminina, misteriosa ou histérica, dá lugar a uma auto-sedução narcísica que homens e mulheres partilham por igual, sedução fundamentalmente transexual, à margem das distribuições e atribuições de sexo. A guerra entre os sexos não terá lugar: longe de ser uma máquina de guerra, o feminismo é muito mais uma máquina de destandartização do sexo, uma máquina que se aplica à reprodução alargada do narcisismo. (p. 110)

Em concordância com o autor, sem diminuir os feitos políticos e sociais do feminismo, o que foi engendrado por esse movimento foi uma destandartização e individualização. A dinâmica relacional, sexual e erótica que tinha as mulheres como fonte de sedução, vertigem e mistério, agora se generalizou e se desorientou. Atualmente, homens e mulheres indiferentemente agem sob a égide de uma miríade sensível e narcísica extravasando em sedução constante.

Sedução que era do âmbito do feminino como aponta Simmel (1985).

A mulher sedutora procede exatamente como se não tivesse outro interesse para além do de seduzir o respectivo parceiro, como se a sua ação tivesse que acabar na entrega completa, qualquer que seja o modo como esta é qualificada. Ora, este sentido de finalidade, digamos que lógico, que a ação da mulher sedutora revela, não corresponde, certamente, à sua intenção. Pelo contrário, ela deixa pairar esta ação, sem consequência, dando-lhe uma finalidade diferentemente orientada: agradar, fascinar, ser desejada, mas, sem se deixar minimamente apanhar pelo seu próprio jogo. (Simmel, 1985, p. 20)

Uma eterna promessa de entrega sem que, de fato, haja uma entrega, este é o segredo da perpetuação da sedução, uma vez que a realização do desejo significaria uma pequena morte e o reconhecimento do fim em sua dimensão cessação da tensão e cissura.

Nesta nova trama narcísica em que todos seduzem ilimitadamente, a contradição que culmina na melancolia se estrutura na reiteração da sedução ilimitada, mas com a gradual extinção do segredo à volta do qual a sedução se estrutura e sem a possibilidade do gozo vivificador no dois ou com o diverso.

Explicamos melhor como a sedução enquanto tensão pode conduzir a três desfechos. Primeiro, adiamento infinito. Segundo, realização do desejo à medida que permite um encontro que introduz simultaneamente vida e morte – vida enquanto encontro e novidade, morte enquanto ruptura e desorientação. Terceiro, a inserção da revelação e do contato, mas para indivíduos incapazes de viverem o encontro em sua dimensão de vida e principalmente de morte. No último caso, o contato em sua dimensão de vida é sempre inferior à idealização inflacionada ou diferente daquilo que é esperado e a morte é intolerável.

Retomando a questão da sexualidade prometida pela sedução, hoje em dia há a promessa da sexualidade em hiper (Maffesoli, 1985) que abole todos os limites morais e tradicionais. O pudor e a proteção do sexo, que tinha como guardião sagrado a mulher, foram solapados, bem como uma série de limites e papéis sociais. Tudo é liberdade desde que o pedágio obrigatório do capitalismo seja pago para ter acesso ao universo dos prazeres ilimitados. Sedução e ação constantes, foram-se os interditos. O incesto consensual já é possível em alguns países e debatido em outros. Não há mais limites, nem horizontais, nem verticais, nem geracionais. Nada é inaceitável.

Rompidas as organizações tradicionais, abre-se um leque ilimitado de possibilidades exploratórias e combinatórias. Mil platôs (Deleuze & Guattari, 1995) de possibilidades e de deleite. O corpo enquanto mídia suprema da experimentação, interface de experiências novas em um parque de diversões infinito. Um universo cumulativo de sedução, ação e sexuação.

A atriz pornô chilena que fez uma maratona de sexo de 12 horas agora promete 16 horas para os seus seguidores. A busca pelos extremos do corpo e

pelo corpo. A banalização de um contato vazio faz com que a única forma de obter alguma sensação seja pelo acréscimo de tensão sobre os limites do corpo. Drogas, trabalho, exercício físico, sexo; tudo visa o extremo para infringir alguma sensação à carcaça narcotizada que nada ou pouco sente. Quem sabe uma pequena excitação, um pequeno júbilo.

Galgar essa onda integrada e integradora de excitação ou de mais excitação não permite o vacilo, a ausência, o sono e o descanso. Non-stop, o ideal é o movimento ilimitado.

Paradoxalmente, a libertação das comportas repressivas que causavam tantos problemas no início do século passado trouxe outras consequências negativas. O sexo enquanto tabu, segredo ou tema delicado oferecia uma zona de ausência ou negatividade sobre a qual era deslocada uma esperança, talvez falsa esperança, de remédio para o sofrimento por meio do contato interpessoal com o objeto de desejo e a possibilidade de viver um amor muitas vezes inflado pelos ideais literários e novelescos burgueses.

Se lembrarmos de Foucault (1994), o sexo até o século XV tinha um papel corriqueiro e presente no cotidiano, apesar de alguns protestos sociais e religiosos. Porém depois do século XVI,

a 'discursificação' do sexo, longe de sofrer um processo de restrição, foi, pelo contrário, submetida a um mecanismo de incitamento crescente; que as técnicas de poder que se exercem sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa mas, pelo contrário, de disseminação e de implementação das sexualidades polimorfos, e que a vontade de saber não se deteve perante o tabu que não se devia destruir, mas se obstinou – através de muitos erros, sem dúvida – em constituir uma ciência da sexualidade. (p. 18)

Nessa perspectiva, a repressão do sexo na era vitoriana permitiu a apropriação do seu poder, poder esse insaciável, pois negado, mas simultaneamente, um poder e uma ordem que ordenava a configuração social.

O seu ordenamento para que se mostrasse efetivo, lançou mão de uma série de estratégias de contrabando ideológico, culminando na estrutura burguesa moderna e nas conhecidas históricas que protegiam altivamente suas

caixinhas de joias²⁴. Este refúgio obscuro, apesar do sofrimento e do constrangimento evidente para muitos elementos da sociedade, oferecia uma estrutura social sob a qual os papéis eram inseridos e uma certa dualidade era organizada. Havia o polo positivo e o negativo, o socialmente aceito e as perversões que só podiam ser satisfeitas na penumbra e, apesar da hipocrisia constante, algo era preservado.

Com o avançar da lógica neoliberal e a independência financeira de vários elementos da sociedade antes organizados sob o fundamento do poder material e intelectual masculino e da proteção do sagrado feminino, o mistério feminino foi invadido e revelado. A reboque da revelação deste mistério, todos os demais mistérios foram revelados em suas facetas de perversões, anomalias e monstruosidades.

A energia libidinal antes habilmente manipulada em benefício de uma ordem social é gradualmente injetada de mais energia. Carvão mineral, petróleo, energia elétrica, energia atômica, tudo é integrado e exposto por uma luz obscena que dinamiza, invade e potencializa.

O desejo antes um misto de pulsão e de negatividade que abria espaço ao fantasiar, foi invadido e erodido por uma energia luminosa e obscena. Qualquer loucura, perversão ou inclinação libidinal pode em três cliques recorrer a uma contrapartida luminosa em um ecrã.

Os produtos culturais abusarem do sexo como motor de venda não é novidade, mas a exploração e abolição de qualquer limite em benefício da monetização de um desejo, isto é novidade. Iluminação e entropia crescentes, vibração constante, transbordamento de movimento.

Todavia, o humano ainda não cessou em ser humano. E discordando daqueles que ponderam não existir negatividade no humano ou desejo enquanto falta, perdura uma ausência desejante. Uma expectativa de encontrar, constatar e obter um remédio – normalmente idealizado – para o sofrimento.

²⁴ Em "Fragmento da Análise de um caso de Histeria" ou também conhecido como o caso Dora, Freud (1905/1996) relata como uma jovem sonha que a casa estava em chamas e ela devia proteger sua caixa de joias que Freud interpreta como a sua preciosa vagina.

Antes, essa organização orbitava à volta de estruturas edípicas tradicionais, a mulher, o homem, a família, o seio materno, o poder masculino, a casa, a vida a dois que permitia o surgimento do três, a aldeia, a pátria mãe. E nessa dinâmica, o sexo, enquanto a mais íntima união e a manutenção da estrutura familiar burguesa, tinha um papel crucial e mágico, uma vez que as luzes iluministas já haviam demovido o contexto natural e divino de sua magia idealizada.

O deslocamento da magia enquanto ausência e simultaneamente onipresença, pois é o reduto sobre o qual a fantasia redentora é constantemente projetada, foi transferida para o segredo entre quatro paredes. Segredo alimentado e manipulado como tudo aquilo que é sagrado. Segredo sustentado por alguns séculos, mas que foi desencantado, extravasado e exposto no avanço da era industrial, hiperindustrial ou ultraindustrial pela invasão e exposição crescente da energia e da luz.

Um desencantamento ou desencanto que não libertou, pois o humano enquanto ser desejante e, em sua maioria, ainda dependente do canto mágico e reconfortante do embalar idealizado do outro ainda busca o canto das sereias ou das bacantes.

Antes a magia reconfortante era atribuída à natureza e ao divino, mas as luzes iluministas destituíram estes espaços da sua magia, fazendo com que ela se refugiasse no seio da intimidade burguesa. A sexualidade e a intimidade burguesa enquanto construção social por muito tempo abrigou a fantasia do amor e do felizes para sempre, mas nos últimos anos este espaço também cedeu.

Poderíamos argumentar que o mistério ou o negativo foi transferido para a dimensão digital e virtual, uma nova arquitetura mitológica e mística que agrega uma dimensão oracular e infinita, mas que, apesar da onipresença contemporânea, não oferece o contato quente que torna o humano um ser humano.

Nessa lógica, o sexo antes sagrado, em um contexto pornográfico, tornou-se fonte de decepção e medo. Decepção, pois não abriga mais o segredo e a

vontade de segredo. E medo, pois as demandas sexuais orbitam à volta de um excesso invasivo e massificado que nada significa.

Entre o ressentimento e o medo, a indiferença ascética ou a sexualidade em hypo (Maffesoli, 1985) é uma saída. Do desejo ao a-desejo. Da sexualidade à assexualidade.

Não é de estranhar que nos últimos 20 anos surgiu muita reflexão sobre a assexualidade que parece ter sido um contingente esquecido até a sua recente constatação. Tecemos acima uma hipótese sobre a evolução da sexualidade na cultura burguesa tradicional até o modelo atual em que o sexo não é mais segredo nem sagrado, e de secreto se tornou obscuro. Obscuridade que pode ter lançado o indivíduo forjado nos ideais burgueses tradicionais em um ressentimento ascético devido a incapacidade de tolerar o excesso sexual ou o vazio que sente no quando do seu contato.

Porém, esta reflexão teórica apenas especula sobre a complexidade envolvida no surgimento dessa nova identidade ou orientação sexual que se coloca ao lado da heterossexualidade, da homossexualidade e da bissexualidade e que tem como pilar fundamental a ausência da atração sexual pelo outro.

Para melhor compreendermos a assexualidade, fizemos uma breve revisão bibliográfica sobre o tema e descobrimos que a produção intelectual sobre a assexualidade é algo recente e começou nos primeiros anos do novo milênio, sendo que os principais livros sobre o assunto são: *Asexuality: A Brief Introduction de Asexuality Archive* (2012), *Understanding Asexuality* de Bogaert (2012), *The Invisible Orientation: An Introduction to Asexuality* de Decker (2014) e *Asexualities: Feminist and Queer Perspectives* de Cerankowski & Milks (2014). Em língua portuguesa, o material encontrado mais substancial foi a tese de doutoramento de Oliveira (2014), alguns artigos acadêmicos que geralmente abordam o tema de forma marginal e inúmeros sites e blogs na internet com material diverso.

Parece haver um consenso que o primeiro artigo acadêmico sobre o assunto foi produzido por Bogaert (2004) em que o autor utiliza uma amostra de dados sobre os residentes britânicos de 1994 e descobre que aproximadamente

1% desta não tinha atração sexual por nenhum sexo. Nesse estudo a assexualidade está correlacionada com: gênero (mais mulheres que homens), religiosidade, baixa estatura, baixo nível educacional, baixo nível socioeconômico e saúde pobre, chegando a conclusão de que inúmeros motivos, biológicos e psicológicos, contribuem para o desenvolvimento da assexualidade.

A partir desse estudo inicial, outros estudos foram produzidos e podemos notar uma série de características interessantes que relataremos abaixo, mas frisamos que há latente uma posição política nesses estudos que objetiva: (1) informar e conscientizar os leitores para a existência de pessoas que não sentem atração sexual por outra pessoa e (2) retirar do âmbito da patologia a discussão sobre a assexualidade.

Reconhecemos a importância de ambos objetivos, mas o segundo ponto nos parece delicado uma vez que parte significativa do material sobre assexualidade é escrito por assexuais e parece justificar e afirmar uma identidade, dificultando a realização de questionamentos subjacentes que poderiam desestabilizar a própria identidade dos autores – assexuais – que versam sobre a temática. Por outro lado, não diminuimos as contribuições desses autores e as demais contribuições realizadas pela comunidade assexual em sites e blogs, pois, mesmo com um viés autoprotetor, a sua contribuição aprofunda e elucida um fecundo aspecto da atualidade que necessita ser explorado.

E ainda que questionemos o segundo ponto elencado acima, endossamos o coro da comunidade assexual no tocante ao reconhecimento da assexualidade como uma orientação sexual legítima e defendemos que não deve ser patologizada, por exemplo, rotulando-a como uma doença (transtorno do desejo sexual hipoativo) e listando-a no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) como distúrbio sexual.

A definição mais usual de assexualidade é a inexistência de atração sexual. As pessoas assexuais relatam recorrentemente que não sentem qualquer atração sexual ainda que muitas já tenham feito sexo e se masturbado.

Nas suas vidas, no que toca a sexualidade, parece haver um nada, uma ausência total de tensão entre o eu e qualquer outro. E entre algumas das possíveis causas temos: eventos pré-natais, questões hormonais pré-natais e após o nascimento, organização cerebral, carga genética, imunidade do sistema imunológico materno, eventos atípicos no útero, quantidade de irmãos mais velhos, eventos na infância, traumas, falha de identificação e na exposição do indivíduo com figuras do mesmo sexo e do sexo oposto, percalços no contato com forças sexualizadoras, entre outras hipóteses (Bogaert, 2006).

A multiplicidade de possibilidades ou eventuais causas para a assexualidade demonstra que nada é conclusivo e que a complexidade do tema permite diversas abordagens. Posto isso, escolhemos concentrar nossa atenção sobre o relato de indivíduos assexuais quando o tema é a sexualidade.

Diferentemente das demais identidades e orientações sexuais cujo cerne da problemática está nos diversos objetos que despertam tensão, no caso dos assexuais o que predomina é a ausência. Isto é, quando é evocado o desejo sexual presente em muitos indivíduos, algo parece não corresponder a tensão esperada.

Bogaert (2012) traz inúmeras pesquisas e dados interessantes sobre o tema. Inicialmente reitera o seu achado de 1994 em que descobriu que 1,05% dos britânicos nunca sentiram atração sexual por ninguém. Em semelhante estudo na Austrália é relatado que 0.4% da população também nunca sentiu atração sexual. Em estudo na Dinamarca 11,2% das mulheres e 3,2% dos homens relatam terem um baixo desejo sexual. Nos EUA um terço das mulheres e um sétimo dos homens teriam baixo desejo sexual, na China 7% da população relata não ter tido desejo sexual por um ano ou mais. Dados dos EUA mostram que 3.9% dos participantes escolheriam “outra opção” em sua orientação sexual. Sendo que os dados podem ser ainda maiores, uma vez que, em geral, os questionários sobre sexualidade são respondidos por pessoas com maior interesse pelo tema, não contabilizando pessoas menos interessadas na sexualidade.

Ainda no estudo de Bogaert (2012), o autor aponta que aproximadamente 13% dos assexuais não se identificam como homem ou mulher, enquanto que

na população geral 1% ou 2% não se identificam como homem ou mulher. Neste caso, notamos certa desidentificação maior dos assexuais com os dois sexos.

Em dados do site www.assexualidade.com.br sobre o universo brasileiro baseado em respostas de 200 questionários, temos que 58% eram do gênero feminino, 26,5% do masculino e o restante de outras definições. Dentro do espectro assexual, 54% se identifica como assexual, 10,5% como gray-a, 22% como demissexual²⁵. O percentual de indivíduos que já esteve num relacionamento romântico é de 57,5% e 44,5% já fez sexo. No tocante a masturbação, 47,5% faz e 49% não faz.

Estima-se que 33% dos assexuais estão em relações duradouras como casamentos, ainda que este dado seja inferior as pessoas não-assexuais em que em geral 64% estão em relações duradouras (Bogaert, 2012). Fica evidente que muitos assexuais têm inclinações românticas e vivem relações românticas apesar de não sentirem uma conexão sexual, sendo que nas relações entre assexuais e não-assexuais, o sexo se torna rapidamente uma obrigação analítica e mecânica sem prazer algum.

Em sua maioria, os assexuais têm órgãos genitais funcionais e, segundo Bogaert (2012), algumas dessas pessoas até têm desejo sexual, mas não têm desejo sexual em relação aos outros. Ou segundo AsexualityArchive.com (2012), assexualidade não é a ausência de libido conhecido como “sex drive” ou desejo/impulso sexual, pois muitos têm a libido, ela apenas está essencialmente “*aimless*” ou sem orientação. Frisamos que discordamos dessa abordagem do desejo e da libido, mas é um ponto de vista possível.

A masturbação entre os assexuais é menos frequente do que entre as pessoas não-assexuais. E normalmente quando acontece é apenas para aliviar alguma tensão nas partes de baixo e enquanto masturbam pensam geralmente em nada em particular e, nos poucos que incluem alguma fantasia no processo de masturbação, elas ocorrem de modo distanciado, despersonalizado e desconectado, um alguém indefinido e sem rosto e às vezes até sem sexo.

²⁵ Grey-assexuais têm alguma atração sexual pouco frequente ou não muito forte e não sabem ao certo o que experienciam. Demissexuais podem ter alguma atração sexual somente após desenvolverem uma estreita relação emocional com alguém.

O mesmo ocorre em relação a sexualidade, segundo alguns exemplos de AsexualityArchive.com (2012), notamos que os assexuais se relacionam com a sexualidade de modo distante, infantilizado ou demasiado intelectualizado e predomina normalmente um tédio ou um sentimento absoluto de deslocamento. Em um exemplo o indivíduo pensa na pessoa em pijamas de flanelas confortáveis, outro sujeito diante de uma pessoa sexualmente excitante a descreve como fofa. Outros descrevem que durante o sexo se sentiam completamente deslocados. Alguns relatam tédio e encenação para corresponder a um personagem, mas que preferivelmente não tomariam parte no sexo.

Ainda em AsexualityArchive.com (2012), um indivíduo descreve que não acha as pessoas sexualmente atraídas, sua namorada teve que ser persistente para convencê-lo a fazer sexo, pornografia é entediante e pouco apelativa e a maioria das conversas sobre sexo fazem com que ele se disperse e perca o fio da conversa, ele nunca sentiu nenhuma necessidade sexual e nunca entendeu o sentido de uma despedida de solteiro.

Segundo Decker (2014), infelizmente muitos assexuais se sentem pressionados a ter relações sexuais, pois é reiterado na sociedade que o sexo é gratificante e belo, e que eles não sabem o que perdem até experimentar.

Percebemos que essa coerção na sociedade é intensa e advém tanto do corpo social como de um eventual parceiro que atribui importância ao sexo. E no limite a coerção pode levar a eventos traumáticos como o mencionado por “Rapha” no fórum da Comunidade Assexual (2016a) cujo título é “Assexual apesar do trauma”,

Bem.. ficamos nisso durante seis meses até que eu comecei a enfiar na minha cabeça que eu estava louco para fazer sexo, e durante quase um mês eu pus isso na minha cabeça. E com essa auto-lavagem cerebral aconteceu. Tudo deu errado e estranhamente eu agradeço por isso... no meio eu comecei a chorar, não queria estar ali e por uma doença que eu tenho eu comecei a sangrar loucamente. Foi assim que minha namorada percebeu a monstruosidade do que tinha feito. (para. 2)

Esse exemplo é notável, pois demonstra a forte dificuldade desses indivíduos. Alguns podem até se deixar levar de forma maquinal, mas para outros

a sexualidade tem uma carga “desgostosa” tão intensa que estressa o corpo ao limite, conduzindo a sintomas intensos.

Outros assexuais até pensam sobre sexo, mas de uma forma antropológica e científica e não de modo erótico. Um relato de AsexualityArchive.com (2012) diz, por exemplo, que, quando o sujeito encontrou um corpo nu de alguém pela primeira vez em uma situação sexual, olhou para ele mais como uma aula de anatomia do que como objeto de desejo. Um outro assexual relata que ama a forma humana e aprecia os indivíduos como obras de arte, mas jamais teve interesse em interagir sexualmente nem com as pessoas consideradas mais bonitas.

Durante o sexo alguns assexuais até relatam sentirem alguma euforia física ou alívio de pressão, mas sem contato emocional algum com o parceiro, apenas algo desligado.

Acrescentamos que em seu vocabulário expressões como “hot”, “sexy” entre outras que demonstram existir um forte desejo são descabidas e parecem ser uma língua estrangeira.

Também nos sonhos e nas fantasias existem elementos peculiares. Muitos assexuais não têm sonhos sexuais e naqueles que relatam terem alguns sonhos, a sexualidade aparece de modo estranho e desconectado ou desligado, como se o indivíduo não fizesse parte do ato sexual. Listamos abaixo duas falas que Bogaert (2012) retirou do site AVEN:

AVEN: “I almost invariably think of fictional characters. My thoughts have never involved people I know, and they never involved myself” (Vicious Trollop, 2005, July 25 in Bogaert, 2012, p. 117)

AVEN: “It’s scenes in 3rd person; I may have a generic male character which is kind of me, but it’s still separate from me, mentally watched rather than participated in” (Teddy Miller, 2005, July 25 in Bogaert, 2012, p. 117)

Notamos que nos poucos casos de quem têm fantasias ou sonhos sexuais, estes ocorrem de modo distanciado e separado. Alguma parte falta ou nunca existiu. Segundo um relato bem-humorado de AsexualityArchive.com (2012), parece que “*whatever subsystem got switched on for their 13th birthday never got enabled in me*” (p. 95).

No fórum Comunidade Assexual (2016b), “Frozen” – cujo nome já é bem sugestivo – argumenta que a ideia de sexo a agrada, tendo até interesse em ler sobre e imaginar duas pessoas fazendo sexo, mas

o problema é que eu nunca estou nessas fantasias, não sou eu fazendo sexo nos livros, não sou eu na minha fantasia de sexo, e foi só lendo os links e postagens desse blog que consegui, pela primeira vez, entender que não sou só eu, que não é uma doença psiquiátrica, e que isso se enquadra sim no conceito de assexualidade. É bom saber que há um nome pra isso. (para. 4)

E Frozen segue argumentando que “o real enoja” de um jeito que a leva a cortar “tudo pela raiz”, ou seja, o contato com o real a conduz a um movimento de cortar o desejo ou a possibilidade de interação sexual pela raiz.

Bogaert (2012) prossegue argumentando que em alguns assexuais pode haver autono sexualismo, isto é, sua identidade ou self está atraído por si mesmo, não havendo atração alguma em relação aos outros, exceto em nível abstrato. Autono sexualismo que muito nos assemelha às estruturas narcísicas.

Entre as eventuais vantagens dos assexuais repetimos a lista de Prause e Graham (2007, p. 351 apud Bogaert, 2012, p. 112): (1) evitar os problemas de relações íntimas; (2) diminuir o risco de problemas de saúde e gravidez indesejada; (3) sofrer menos pressão para achar um parceiro adequado; e (4) ter mais tempo livre, sendo que Bogaert (2012) adiciona um quinto benefício/item (5) evitar a loucura do sexo.

Neste ponto aceitamos a provocação de Bogaert (2012) quando aborda a loucura do sexo (*madness of sex*) e mostra como é bizarra a capacidade de despertar estados irracionais nos indivíduos e especialmente nos homens.

Essa loucura lasciva parece ter origem no lado instintivo e primitivo existente no humano que é composto por impulsos que zelariam pela perpetuação da espécie. Mas também sabemos que é peculiar ao humano a existência de uma camada cultural e civilizadora que regula, orienta, potencializa ou reprime os impulsos instintivos de acordo com o contexto e os interesses de cada época.

Neste caso, a despeito dos apologistas da racionalidade, assumimos que o monstro ainda habita em nós, mas que esse monstro carrega as vicissitudes do tempo e da cultura em que vive, sendo, logo, em parte, socialmente construído.

Bogaert (2012) argumenta que vivemos em uma sociedade excessivamente sexualizada pela cultura pop que, por meio da pornografia, de programas televisivos e muitos outros veículos incitam a sexualidade e fazem crescer vertiginosamente as nossas expectativas sexuais.

Neste ponto, parece que ocorreu uma mudança de estratégia do biopoder no que toca a abordagem da sexualidade na cultura. A construção sexual que obtinha o seu poder da repressão e da manipulação do monstro reprimido, resultando em gerações de neuróticos que buscavam incessantemente controlar os seus desejos, agora ergue os véus e, por meio de uma máquina de incitação invasiva, lança uma torrente de energia sexual e sensual incessante nos indivíduos.

Foucault (1994) relata como a sexualidade era abordada com certa familiaridade tolerante e sem excessivos disfarces até o século XVII. Depois dessa época foram inseridos uma série de mecanismos reguladores e controladores da sexualidade, permitindo o surgimento do biopoder.

Biopoder indispensável para o desenvolvimento do capitalismo que exigia

(...) inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e através de um ajustamento dos fenómenos de população aos processos económicos. Mas exigiu mais; precisou do crescimento de uns e de outros, do seu esforço e da sua utilizabilidade e da sua docilidade; precisou de métodos de poder susceptíveis de fazerem crescer as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isso as tornarem mais difíceis de sujeitar; (...) (Foucault, 1994, p. 143)

O surgimento do capitalismo industrial e a manipulação do sexo como instrumento político reiteraram o mesmo sistema que promoveu uma série de transformações, buscando o “adestramento, intensificação e distribuição de forças, ajustamento e economia de energias. Por outro, tem que ver com a regulação das populações, por todos efeitos globais que induz” (Foucault, 1994, p. 147).

O sexo e o corpo relativamente livres até o capitalismo mercantil necessitavam de uma nova dinâmica e articulação para impulsionar o desenvolvimento industrial, tornando o sexo “num alvo central para um poder que se organiza em torno da gestão da vida mais do que da ameaça da morte” (Foucault, 1994, p. 149). A sexualidade é controlada por mecanismos de poder que se dirigem

(...) ao corpo, à vida, ao que faz proliferar, ao que reforça a espécie, o seu vigor, a sua capacidade de dominar ou a sua aptidão para ser utilizada. Saúde, descendência, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala da sexualidade e à sexualidade; esta não é marca ou símbolo, é objeto e alvo. E o que faz a sua importância não é tanto a sua raridade ou a sua precariedade, como a sua insistência, a sua presença insidiosa, o facto de estar em toda parte simultaneamente acesa e temida. (Foucault, 1994, p. 149)

Surgiu, assim, um hábil mecanismo que fez do sexo tabu e motivo de discrição e vergonha, mas ao mesmo tempo manipulava o seu segredo por meio de inúmeros dispositivos e o estimulava constantemente.

Essa manipulação dos corpos como máquina e do corpo enquanto espécie atravessou o corpo pela “mecânica do vivo” (Foucault, 1994, p. 141) que se estruturou por uma série de intervenções e controles reguladores benéficos à extorsão das forças e à integração em um sistema de controle eficaz.

Eis o biopoder, uma estrutura ou um sistema que articula e administra os corpos e o “velho poder da morte em que se simbolizava o poder soberano está agora cuidadosamente coberto pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida” (Foucault, 1994, p. 142).

Foucault (1994) expõe de forma inteligente a construção do biopoder que manipula e adentra o sexo e a sexualidade, mas parece que enquanto escreve, em 1976, ainda não conseguia antever o potencial acelerador e integrador da sexualidade. Parece-nos que o filósofo pertencente a época analógica via o biopoder como uma ferramenta industrial, cuja cadência da máquina e da imprensa inseria produtos e ritmos, mas não podia prever a potência das nossas estruturas energéticas e mediáticas que se baseiam na velocidade da luz, no tempo real.

Como afirmamos no capítulo 4.2, a dinâmica homogeneizadora e massificadora surgida com a indústria cultural criou as bases técnicas, psíquicas e simbólicas sobre as quais atualmente age a personalização (Lipovetsky, 2013) e diversificação produtiva, mas com as marcas e vicissitudes da antiga indústria cultural, parece-nos que o mesmo destino teve a sexualidade. Ou seja, os antigos instrumentos e as técnicas da modernidade nivelaram o terreno sobre o qual agora é possível que modelos mais intimistas exerçam o seu poder não apenas visando captar e gerir a vida enquanto fonte de energia, mas injetando por meio dos dispositivos acoplados ao humano uma torrente energética e sexual avassaladora e propulsora.

Aqui também poderíamos incluir as reflexões de Lyotard (1993) sobre a economia libidinal. Parece-nos que foi dada grande importância à edificação de estruturas externas que drenavam a energia libidinal dos indivíduos para dentro de sistemas que ofereciam uma aparência de permanência e de estabilidade, tornando-se hegemônicas. Porém, na atualidade, além da drenagem, ocorre forte injeção ou invasão. Recurso agudo que desestabiliza núcleos profundos e significantes, deixando a marca e o traçado construído à volta do anseio narcísico da ausência de limites.

Nada escapa ileso a sexualização potencializada das estruturas virtuais, todo canto é sedução e sexua-ção. Mas como fica o monstro nesse contexto?

O monstro, demónio ou gênio, em um contexto biopolítico de sacralização da vida, da continuidade e da unidade costurado pelos fios do tempo real e açoitado por uma torrente energética-sexual avassaladora agoniza.

Agoniza, pois, além de ter que lidar com a obrigação primitiva ou cobrança original de reprodução da espécie, agregou uma série de substratos culturais que o estimulam a explorar – em realidade ou em fantasia – uma sexualidade infinita e enlouquecedora por meio da produção de mais e mais objetos e tensão, mas inócua em termos biológicos após a introdução dos anticoncepcionais e estéril afetivamente.

Aqui gostaríamos de destacar a relação entre invasão ou impacto psíquico demasiado e a regressão ou criação de estruturas traumatizadas.

Partimos do relato de “Scream” que atribuiu a sua experiência infantil de ver os pais no ato sexual como deflagradora da sua assexualidade. Segundo Scream,

Eles estavam tão entretidos que nem notaram a minha presença, então voltei para o meu quarto e passei o resto da noite triste e com medo, achando que meu pai estivesse agredindo minha mãe.

Passei anos pensando que aquilo que meus pais faziam no quarto quando abri a porta fosse uma briga ou uma agressão, e aquilo me incomodava muito. Eu tinha medo de perguntar para qualquer pessoa, porque sempre tive uma timidez muito grande, e nunca consegui vencê-la. (inclusive agora, eu só consigo contar estas coisas porque não estou me identificando) Às vezes, de noite, eu tinha pesadelos com pessoas me batendo ou me ameaçando, e acordava, com medo (não raro, eu fazia até mesmo xixi na cama, mesmo depois dos dez anos de idade). (Comunidade Assexual c, 2016, para. 2-3)

Há nesta passagem uma analogia evidente entre o poder da cena primitiva em uma idade precoce e os seus desdobramentos psíquicos como já foi constatado no “História de uma neurose infantil” ou “Homem dos Lobos” de Freud (1918/1996). Sem desviarmos demais para este caso já amplamente debatido na literatura psicanalítica, interessa-nos mais o poder que o sexo ou a sexualidade excessiva tem sobre um psiquismo despreparado.

Mas a afirmação acima apenas faz sentido em um contexto tradicional que busca preservar o contexto familiar e os segredos do sexo em sua dimensão de proteção da intimidade burguesa.

Estamos, portanto, em momento de transição em que a sexualidade, por um lado, ainda tem referências e limites ou estruturas simbólicas burguesas protetoras e que sua corrupção precoce ou imatura gera um trauma ou na pior das hipóteses uma regressão no desenvolvimento psíquico. Por outro lado, a mudança de paradigma sexual e familiar desarticula uma série de elementos organizadores e estruturantes, criando talvez outros, por exemplo, com bases mais utilitaristas e baseadas em uma ideologia do progresso em que o sexo nada ou pouco significa, além da repetição de descargas aliviadoras.

Neste íterim ainda incerto parece que muitos indivíduos agonizam por serem invadidos em idades precoces por uma carga sexual excessiva e violenta em um contexto de proteção do sexo segundo o modelo burguês. Mas

simultaneamente, há a destituição do sexo e da intimidade enquanto redentora e significativa, gerando um vazio no encontro dos corpos.

Essa carga dúbia de sedução e sexualização excessiva e pouco valor ou ausência de sentido parece inserir um duplo vínculo – *double bind* – em que duas informações contraditórias são introduzidas em um mesmo fenômeno, acentuando um conflito que pode em último caso aspirar o narcisismo de morte e a indiferença como solução.

Uma indiferença para lidar com uma sexualidade excessiva, invasiva e obscena, mas que não agrega em termos de intimidade, destituindo toda expectativa à volta da caixinha de joias.

No âmbito da contradição, o monstro oscila entre o excesso e perda de sentido, abrigando-se no limite no ressentimento.

Uma outra leitura do mesmo fenômeno pode ser realizada por meio da construção social do amor, isto é, da promessa de união ou satisfação emocional entre dois indivíduos e que teria na sexualidade um ápice.

Este tema é delicado, pois a junção íntima de dois corpos facilmente faz rememorar ou buscar compensar afetos não vividos no passado e assim foi construída uma bela e traiçoeira mística sobre o amor a dois.

Sem termos a pretensão de abordar a contento este tema, parece-nos que a ideologia burguesa tinha no amor e no sexo (fazer amor) parte importante da sua orientação e dinâmica social, servindo de tema orientador para grande parte dos produtos culturais e organizando a sociedade à volta deste encontro.

Nas últimas décadas parece que ruiu a junção entre o encontro dos corpos e o encontro dos afetos. Sexo tornou-se algo banal. E proliferaram os *one night stands*, *fuck buddies* e outros termos que apontam para uma nítida desmitificação do sexo e banalização do mesmo, mas que concomitantemente furta o indivíduo forjado nos objetos culturais burgueses de um ideal romântico que era fortemente investido e aspirado.

Se retomarmos a psicanálise, esta nos lembra que muitos arranjos psíquicos em suas formas de êxito e fracasso não advêm do hoje, da atual geração, mas são consequência de organizações e traços transgeracionais. Ou

seja, que o presente é fruto sim do passado imediato que poderíamos considerar como sendo a infância e toda história de vida individual em sociedade, mas também da transmissão entre gerações de organizações psicoculturais bem-sucedidas e de fantasmas.

Neste caso, consideramos que o surgimento da assexualidade nos últimos anos ou a sua acentuação não se deve ao acaso, mas representa uma dimensão social e cultural que ganha volume, sem excluirmos também eventuais aspectos biológicos.

Freud (1914/1996) já havia nos lembrado que, em caso de doença física e psíquica, as pessoas se desinteressam pelo cotidiano, interessando-se apenas por aquilo que diz respeito ao seu sofrimento e retiram as suas catexias libidinais de seus objetos amorosos, deixando de amar e voltando ao seu próprio ego, podendo novamente investir em objetos externos após a recuperação. E acrescenta que neste caso a libido e o interesse do ego partilham do mesmo destino, tornando-se mais uma vez indistinguíveis entre elas.

Bogaert (2004) corrobora com Freud (1914/1996) quando constata o desinteresse sexual em indivíduos de saúde pobre e em dificuldades socioeconômicas extremas.

Mas, o mesmo traço poderia ser reconhecido em casos de adoecimento psíquico especialmente nas depressões melancólicas em que o indivíduo é incapaz de fazer um luto. Neste caso, uma perda ou ruptura/invasão excessiva pode fazer com que esses indivíduos retirem para si as catexias objetais até conseguirem realizar o luto ou sucumbirem a perda.

A reflexão acima faz sentido, por exemplo, se tomarmos o mesmo estudo de Bogaert (2004) quando afirma que, em geral, pessoas de maior religiosidade são assexuais. Isto, pois diante de uma decepção com o outro desejado, uma das soluções possíveis é se enamorar por deus e seus desdobramentos como ocorre em muitas ordens religiosas.

Distinguímos aqui brevemente o celibato e a assexualidade. No caso dos celibatários pode existir desejo sexual pelo outro que é reprimido ou no melhor dos casos sublimado em benefício de um propósito maior. Já nos assexuais não há necessariamente uma estrutura repressiva ou compensatória, estando o foco

da questão na ausência de desejo pelo outro. Mas, a questão do monaquismo, eremitismo entre outras variações de desenlace das normas sociais e sexuais é muito rica e mereceria um olhar mais atento em estudos posteriores.

De qualquer modo, parece-nos que a invasão libidinal, a superexposição à sexualidade e, ao mesmo tempo, a ausência de um sentido nos encontros íntimos pode ter tornado doente uma fração do psiquismo que se baseava em objetos culturais burgueses que ainda enalteciam o estar a dois, o sexo enquanto encontro de almas e o felizes para sempre.

Essa frustração ou roubo do mistério feminino, incitou uma onda narcísica de auto-sedução e de sedução generalizada, sem, contudo, existirem polaridades orientadoras.

Encontramo-nos, então, em uma era pós-patriarcal ou pós polarização em que bissexualidade, transexualidade e assexualidade são no fundo faces do mesmo fenômeno narcísico.

As duas primeiras são faces da transitoriedade e maleabilidade ilimitada de objetos e identidades sexuais, que, apesar de infinitas, não têm real importância. Este vagar sensório-sexual seria uma conjugação de descargas e interações utilitárias (*Erlebnis*), sem permitir um encontro significativo e temido, pois importante.

A ausência de limites e a manutenção de uma unidade narcísica, positiva e ilesa têm custos. Entre eles, a completa dependência e sujeição ao sistema que reflete o anseio ideal por meio dos múltiplos dispositivos de controle gerados pela “inteligência” narcísica.

Esta unidade ou ausência de limites forjada pela trama narcísica conduz a invasão energético-libidinal através das inúmeras mídias e indivíduos indistintamente, preenchendo e extravasando um frisson homogêneo.

Dizer que sexo vende pode parecer redundante. A relação entre o marketing e o sexo é antiga, e o sexo é constantemente captado pelos dispositivos do biopoder e manipulado para garantir a propulsão do consumo, do movimento, da circulação e do preenchimento/acompanhamento constante.

Incapaz de viver e sustentar a ruptura, a invasão energética e objetual entulha o psiquismo de sensações e lembranças enlouquecedores e vazias, fazendo com que em última instância o indivíduo regrida à indiferença da assexualidade. Ou seja, o sexo precocemente sobre-investido e demasiado explorado é desligado enquanto potencialmente vivificador.

Um membro da comunidade assexual relata bem este distanciamento ou não-vestimento da sexualidade fazendo uma comparação com o pôr do sol. Nas suas palavras, o sexo:

for those who may be more visual: imagine a sunset. The beautiful dance of colors, the way countless hues mix together and constantly change as the light fades. Now picture that same sunset in black and white. You can't see it. The sunset is effectively gone. Asexuality is like seeing a sunset in black and white. (AsexualityArchive.com, 2012, p. 96)

Neste caso, a sexualidade se tornou um objeto em preto e branco. E podemos ir além, a interação com a paixão, o desejo e o outro talvez tenham se tornado um objeto em preto e branco, afastando assim todas as expectativas e frustrações em relação ao contato significativo.

A opção pelo a-desejo sexual torna o indivíduo invulnerável ao sofrimento advindo do excesso e das frustrações em um contexto de inflação das expectativas promovido pelos instrumentos de biopoder.

Paradoxalmente, o sexo continua tendo um papel importante na existência dos indivíduos em diversas circunstâncias sociais e culturais, afetando vários aspectos da vida. E indivíduos que não têm atração sexual construíram algo para se sentirem existentes enquanto grupo e identidade, bem como para gerar um círculo de acolhimento que os compreende e garante um contato social.

A partir desta unidade e identidade sobre o vazio da atração foram construídos alguns símbolos. A sua bandeira nas cores preta (assexualidade), cinza (grey-asexuality e demisexualidade), branco (não-assexuais parceiros e aliados) e rosa (comunidade). O anel negro no dedo indicador da mão direita. Desenhos de bolo ou tortas, pois são melhores do que sexo, e “ace” que é uma abreviação coloquial de assexual.

Mas ser assexual não é fácil e a solidão parece ser um sentimento recorrente neste grupo que fracionou parte importante da dinâmica relacional baseada na sexualidade. Um exemplo evidente está na Comunidade assexual em que a frase de abertura do site é: “você não está sozinho”.

Notamos que os inúmeros sites, blogs e até livros que refletem sobre o assunto assumem um papel social de promover, recriar ou reprogramar (Decker, 2014) parte das relações interpessoais, uma vez que os assexuais navegam neste universo de modo distinto, sendo crucial para eles alguma reinvenção ou criação.

Também no âmbito da criação, notamos um número crescente de personagens ficcionais que poderiam ser considerados assexuais, por exemplo, os personagens das séries televisivas como Sheldon de *Big Ban Theory*, *Sherlock Holmes*, *Doctor Who*, *Dexter* entre outros personagens que normalmente são movidos pelo intelecto e não sentem a necessidade de um contato sexual e emocional mais próximo.

Sabemos que essa temática complexa ainda gerará muito esforço analítico e reflexivo, mas no presente trabalho alguns pontos nos chamaram atenção. O primeiro foi simplesmente constatar o surgimento desta categoria/identidade sexual construída sobre a não atração ou não desejo sexual nos últimos anos. O segundo é o conflito que muitos indivíduos vivem em uma sociedade excessivamente sexualizada, quando se afastam da sexualidade ou quando a sexualidade nada significa para eles. E terceiro é a tentativa de construir uma nova organização para além da sexualidade e do desejo sexual.

Mas, ao reinserirmos a temática da assexualidade no contexto deste trabalho podemos cogitar uma relação entre a dinâmica sociocultural presente e passada que antigamente sacralizava o sexo e o manipulava por meio dos limites e da sua canalização utilitária, mas que nas últimas décadas o explora demasiadamente e em simultâneo o esvazia em segredo e sentido, podendo conduzir o psiquismo a regressão triste e melancólica sobre o nada.

Em acordo com a reflexão acima, finalizamos este tópico com mais dois exemplos de um fórum sobre a sexualidade que tinham como título: “Não consigo sentir nada”. O primeiro relato que segue foi escrito por “Rosenhain”.

Como o título diz, eu não sinto nada. Não fico feliz quando algo bom acontece comigo ou com outras pessoas, não fico triste quando algo ruim acontece comigo ou com outras pessoas. Não tenho raiva de nada, afeto só tenho com meus livros, nem com meus gatos eu to tendo mais, não tenho nenhuma ambição senão assistir series pra caralho, não me arrependo, não me sinto só mas não me sinto acompanhado. Isso incomoda muito, pareço um vegetal, completamente inexpressivo, sem emoções nem nada. Fiquei sentado por quase 4 dias seguidos sem dormir nesse tempo só andei de bicicleta por 10 minutos pq minhas pernas resolveram dormir antes do resto do corpo. Depois voltei e continuei assistindo. Saí de casa de ontem madrugada e cavei um buraco e me enterrei até os joelhos, me senti bem, uma das poucas vezes nesses últimos meses. Tem outras coisas que me fazem me sentir bem também, mas é queimar e da última vez que queimei alguma coisa por acidente quase queimei o carro novo do meu pai - como eu disse no "Eu Confesso" - e as coisas que me fazem me sentir mal é bem mais frequente e não dá pra acontecer acidentes. Também sou completamente desapontado com a realidade, acho que isso só faz com que eu não sinto nada. Tudo o que acontece eu penso em filmes, series, animações, TUDO mesmo, uma vez quase me afoguei num rio, ao invés de tentar nadar pra cima, eu parei e lembrei de alguma coisa que assisti que tinha uma cena parecida. Quase fui atropelado umas 6 vezes e em todas lembrei da o sonho do Oliver, do filme Submarine, da morte dele. Andando de noite até a praça, fui olhando pro alto admirando a Lua cheia, esbarrei numa pessoa e saí rolando ladeira abaixo, pensei em outro filme. Levei uma bolada na cara e quase fiquei inconsciente e novamente pensei em filmes. A realidade não é tão legal quanto a ficção, e eu odeio isso, tudo o que eu poderia sentir seria mais intenso num filme/serie/livro e não consigo parar de pensar nisso. (Comunidade Assexual d, 2016, para. 2)

Complementamos esta passagem com a resposta de Oromë ao mesmo tópico,

A decepção amorosa que eu tive acabou por ser um catalisador pra mim, me levando a um estado semelhante ao que você está. Acredito que eu já tinha uma certa tendência... Entendo completamente essa completa falta de vontade de tudo. "Nem mesmo o tédio me surpreende mais. (Comunidade Assexual d, 2016, para. 13)

Não que a decepção ou o desencanto com algum amor que não pode ser renunciado seja a causa única da assexualidade, mas nos parece que há um traço melancólico e depressivo recorrente em muitos assexuais que advém de um conflito entre um desejo ideal de contato e uma realidade frustrante e temida, podendo fazer com que a única "defesa" possível frente aos sentimentos conflituosos despertados pela realidade seja regressão à indiferença ou ao narcisismo de morte em sua forma de rejeição do contato íntimo com o outro.

Contato que traz em si sempre o germe da morte, pois uma vez realizada a interação e vivido o ápice orgástico, há sempre a sombra da morte em um pequeno momento de ausência de tensão ou ruptura da unidade social que é refutado pelos elementos narcísicos que não querem viver as rupturas, podendo, em certa medida, a assexualidade ser compreendida enquanto uma das faces do fenômeno coletivo da aversão ao limite, à separação e à cissura.

6.2 Apatia política e apolitismo

Uma vez delineada uma eventual trajetória para assexualidade que adviria de uma crise e ressentimento em relação ao modelo familiar burguês e ao contato íntimo com o outro, tentaremos expandir o mesmo movimento para a percepção das relações de poder em âmbito nacional e regional assim como suas consequências para a política.

Após a queda do muro de Berlim, a vida política se organiza sob um único modelo político indistinto com pequenas variações de país para país que devem estar de acordo com os ditames financeiros e produtivos, do contrário são destruídos pelo sistema vigente por meio de guerras ou sanções.

Neste cenário, as vozes dissonantes ou são extremamente hábeis em sugerir uma evolução do atual sistema para algo melhor sem, contudo, rechaçar a base política, econômica e científica atual, ou surgem como um movimento louco e desprovido de adesão à realidade partilhada, sendo, portanto, taxado de impossível.

A existência de forças conservadoras e céticas na sociedade não é algo novo e é até saudável que existam para fazerem um contraponto às forças progressistas, revolucionárias e com ímpeto de mudanças radicais.

Normalmente eram os jovens os idealizadores de mudanças radicais. Em parte por ingenuidade, em parte pelo excesso de energia e em parte por uma rebeldia que lhes é peculiar e necessária, a juventude sempre foi lócus de experimentação e atrevimento político, contestando as estruturas tradicionais. Sua rebeldia e potência geraram inúmeros produtos culturais e políticos sob

forma de rupturas, inovações e encontrões na dinâmica familiar e social, agindo como contrapeso à ordem conservadora.

Especialmente após a criação de modelos políticos mais participativos, foi criado um espaço que permite o protagonismo individual e coletivo à medida que uma certa ideia ou projeto político é encampado por um grupo e, por meio da mobilização social, tal ideia se transforma em uma mudança estrutural e cultural mais adequada àquela realidade em acordo com a disputa de forças vigente.

Porém, algo que ocorreu nas últimas décadas tornou a política e a participação política tradicional em algo destituído de valor principalmente para os jovens.

Essa nova configuração ou ceticismo generalizado parece estender uma unidade e estabilidade que sabota qualquer paixão e desejo de mudança por meio de uma auto-apologia da rendição (Bauman, 2000) com traços conservadores e normalmente permeada pelo medo.

Assim é reificado constantemente uma única verdade, um grande dogma que articula as partes narcísicas sob o signo da segurança e estabilidade e utilizando constantemente os lembretes da exclusão, separação e morte aniquila o potencial transformador da política enquanto espaço de disputa.

Bauman (2000) demonstra como o problema contemporâneo pode ser entendido sob a rubrica da *Unsicherheit* que em alemão significa incerteza, insegurança e falta de garantia.

Após a erosão das comunidades tradicionais e de outros espaços solidários do passado, a inserção da vida no tecido social ampara-se em grande medida no individualismo e na sobrevivência, minando dimensões de amizade, solidariedade e zelo importantes na construção comunitária e na diminuição da *Unsicherheit*.

Os investimentos na dimensão comunitária ofereciam a possibilidade de libertação dos medos ou, ao menos, tornava-os “menos assustadores e intensos do que de outra forma seriam” (Bauman, 2000, p. 24). Mas a fragilização da dimensão comunitária dissolveu os laços de sociabilidade e reciprocidade, esfacelando o tecido social que poderia tornar a *Unsicherheit* menos assustadora.

Bauman (2000) lembra que o medo da morte ou insegurança gerou algumas totalidades mais amplas que davam sentido à vida e permitiam simbolicamente uma oportunidade de derrotar a morte.

A estrutura mais evidente e consolidada para dialogar com a morte foi a religião, mas, após sua crise, duas outras totalidades davam um sentido imortal à vida mortal, estas eram a família e a nação.

A família e a perpetuação do sangue e do nome gradualmente perderam o seu sentido em um universo flexível e instável. Hoje sua importância se restringe a um horizonte temporal diminuto de talvez uma geração a frente e uma para trás. Isto é, os “projetos” e as linhagens familiares que antes se estendiam no decorrer de séculos, hoje em dia oferecem apenas um frágil vínculo entre os pais e os filhos, sendo este vínculo passível de rupturas e reorganizações tão comuns nas nossas estruturas familiares atuais.

Também a construção de uma identidade nacional com suas dimensões políticas e simbólicas que eram fortemente investidas e dignas de matar ou morrer em nome da pátria se tornou cada vez mais frágil diante do fenômeno da globalização e da integração/ homogeneização cultural.

Uma vez fragilizadas essas pontes coletivas que apaziguavam em certa medida o terror frente à morte, o indivíduo encontra-se “cara a cara com a própria insegurança existencial, pura e intacta” (Bauman, 2000, p. 46).

E somadas as exigências de competitividade, eficiência e flexibilidade, já não é possível qualquer rede de segurança coletiva. Tudo o que resta são estruturas caricatas do passado e um aparato compensatório que busca mecanismos de segurança privada.

Retiradas as estruturas comunitárias que mediavam alguma segurança frente ao sofrimento e à morte, resta apenas a afirmação compulsiva da vida e da imortalidade. Neste caso as partes ideais e narcísicas tomam para si as limitações do poder e perpetuam uma docilidade tendo em vista evitar o sofrimento e, simultaneamente, acreditam poder criar uma grande máquina de tudo ver que, em fantasia, produziria uma estabilidade e supervisão ótima. Eis a atualização da estrutura panóptica (Foucault, 1987), estrutura na qual

A eficácia do poder, sua força limitadora, passaram, de algum modo, para o outro lado – para o lado de sua superfície de aplicação. Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retorna por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição. Em consequência disso mesmo, o poder externo, por seu lado, pode-se aliviar de seus fardos físicos; tende ao incorpóreo; e quanto mais se aproxima desse limite, mais esses efeitos são constantes, profundos, adquiridos em caráter definitivo e continuamente recomeçados: vitória perpétua que evita qualquer defrontamento físico e está sempre decidida por antecipação. (Foucault, 1987, p. 179).

Chega-se deste modo em estruturas de poder nas suas dimensões mais sutis e profundas. Para deleite das estruturas narcísicas, controle e antecipação se misturam e é obtido o controle total por meio de ações espelhadas.

Sob o imperativo da transparência e da flexibilidade, nada deve permanecer oculto e todo fluxo é soberano desde que as estruturas de ver e ser visto sejam respeitadas.

Flexibilidade e transparência que por meio dos dispositivos tecnológicos criariam uma *pax* branca ou transparente. Paz e positividade que erodem qualquer negatividade e obscuridade, removendo os possíveis espaços de contestação e crítica cujos efeitos instabilizadores devem ser eliminados.

Nessa trama,

os políticos perdem poder cada vez mais – circunstância simultaneamente responsável por uma crescente apatia política, um progressivo desinteresse do eleitorado por tudo que tenha caráter “político”, à exceção dos saborosos escândalos encenados (...) (Bauman, 2000, p. 27)

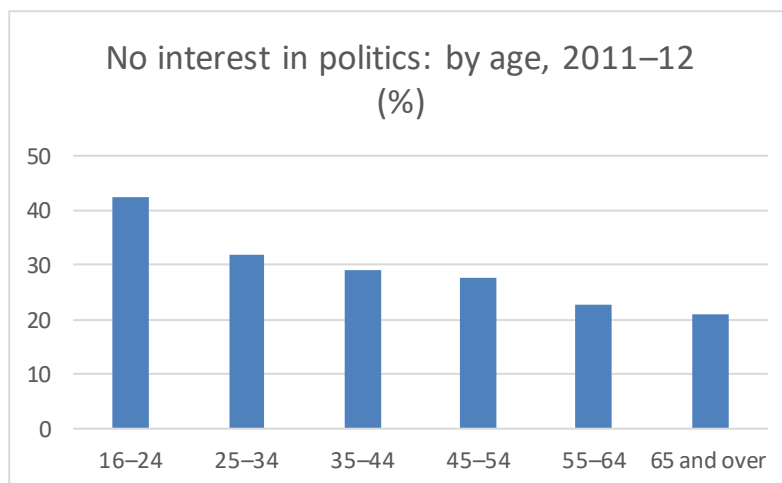
Diante de um sistema que simultaneamente tudo veria e decidiria, a atuação da política se torna supérflua, servindo apenas enquanto jogo de entretenimento que colore o noticiário com alguns escândalos pessoais de dirigentes e satisfaz os elementos narcísicos e céticos por meio de uma indiferença que se arroga superior e odeia aqueles que acreditam que algo novo é possível.

Para melhor compreendermos o cenário atual, incluímos alguns dados.

Segundo dados de PewResearchCenter (2015) de um estudo conduzido nos EUA em 2014, a geração Millennials²⁶ quando perguntada sobre os três tópicos mais importantes apenas 26% incluiu a política, dado inferior a geração X que incluiu a política em 34% dos casos e os Baby Boomers em 45%. Quando indagados se eles falam sobre política durante a semana a relação se repete, 35% dos Millennials falam sobre política, 40% da geração X e 49% dos Baby Boomers. O mesmo estudo revela ainda o baixo interesse na política e em notícias sobre política.

Se tomarmos dados do Reino Unido, o cenário se repete. Segundo dados do Office for National Statistics, os entrevistados foram agrupados de acordo com a faixa etária e quando indagados sobre quão interessados estavam na política, o percentual de indivíduos que diz não ter interesse algum se dá da seguinte forma²⁷:

Gráfico 1 - *No interest in politics: by age, 2011-12(%)*



Fonte: Randall (2014).

Ainda no mesmo relatório, Randall (2014), o reconhecimento do voto como uma obrigação cívica importante também decai significativamente para as gerações mais novas, orbitando à volta dos 80% para pessoas com mais de 65

²⁶ Os Millennials nasceram em meados dos anos 80 até final dos anos 90, geração X nascimento em meados dos anos 60 até anos 70, e Baby Boomers nascidos entre os anos 1946 até 1964.

²⁷ Respondents were asked 'How interested would you say you are in politics?' This chart shows the percentage of those who answered 'Not at all interested'.

anos e descendo gradualmente até os 39% para a faixa etária entre os 18 e 24 anos.

Os dados do Eurobarometer (2015) também são significativos. Segundo o estudo, 16% dos europeus têm um forte interesse na política, 45% um interesse moderado, 21% um interesse pequeno e 18% não têm interesse algum, mas vale observar que há grande variação entre os países. Segue o gráfico com informações sobre os diferentes países da Europa.

Tabela 4 - <i>Political Interest Index 2015</i>				
Country	Strong	Medium	Low	Not at all
Greece	8%	13%	43%	36%
Sweden	3%	19%	51%	27%
Netherlands	7%	25%	42%	26%
Denmark	12%	17%	47%	24%
Spain	29%	16%	34%	21%
Germany	6%	17%	56%	21%
Cyprus	24%	14%	43%	19%
Bulgaria	15%	18%	49%	18%
Estonia	11%	16%	55%	18%
Austria	9%	15%	59%	17%
Hungary	17%	19%	47%	17%
Lithuania	16%	15%	53%	16%
EU (28)	18%	21%	45%	16%
Malta	23%	21%	41%	15%
Italy	19%	24%	43%	14%
Luxembourg	17%	24%	45%	14%
Finland	11%	19%	56%	14%
France	26%	26%	35%	13%
Ireland	26%	23%	38%	13%
Hungary	15%	20%	52%	13%
Czech Republic	13%	24%	50%	13%
United Kingdom	25%	26%	36%	13%
Slovenia	20%	14%	54%	12%
Latvia	12%	22%	54%	12%
Slovakia	18%	15%	56%	11%
Belgium	25%	26%	39%	10%
Romania	26%	19%	45%	10%
Portugal	28%	17%	45%	10%
Poland	16%	22%	52%	10%

Fonte: Eurobarometer (2015)

No tocante à confiança nas instituições, temos que apenas 16% confiam nos partidos políticos, 31% nos governos nacionais, 31% também confiam em seus respectivos parlamentos e 47% nas autoridades regionais e locais. Como demonstra a tabela 5 que segue,

Tabela 5 - <i>For each of the following institutions, please tell me if you tend to trust it or tend not to trust it.</i> (Answer: Tend to trust)												
Country		EU	DE	ES	FR	IT	PL	UK	EL	PT	IE	CY
Political parties	Total	16%	26%	7%	5%	9%	13%	19%	9%	12%	18%	6%
	Gender											
	Man	17%	29%	6%	5%	11%	11%	20%	10%	13%	19%	6%
	Woman	14%	24%	7%	4%	7%	14%	18%	8%	11%	17%	6%
	Age											
	15-24	14%	25%	11%	3%	8%	9%	12%	11%	7%	17%	7%
	25-39	15%	22%	2%	5%	9%	13%	23%	6%	11%	19%	2%
	40-54	16%	27%	6%	6%	12%	10%	19%	8%	14%	17%	6%
	55+	16%	28%	9%	5%	7%	15%	19%	10%	12%	20%	9%
The (nationality) Government	Total	31%	50%	12%	19%	16%	20%	37%	37%	21%	28%	23%
	Gender											
	Man	32%	53%	13%	22%	18%	18%	40%	37%	21%	29%	26%
	Woman	29%	47%	11%	16%	14%	23%	35%	37%	21%	26%	20%
	Age											
	15-24	29%	51%	4%	20%	15%	18%	33%	32%	16%	28%	21%
	25-39	28%	44%	10%	13%	13%	21%	40%	35%	25%	26%	15%
	40-54	30%	51%	12%	20%	18%	17%	33%	40%	24%	24%	22%
	55+	33%	52%	16%	22%	16%	23%	40%	38%	17%	32%	33%
The (nationality) Parliament	Total	31%	53%	12%	21%	17%	17%	38%	25%	25%	28%	16%
	Gender											
	Man	33%	56%	14%	23%	19%	15%	43%	25%	25%	30%	19%
	Woman	29%	51%	11%	19%	15%	18%	34%	24%	26%	27%	14%
	Age											
	15-24	31%	54%	11%	30%	18%	14%	32%	24%	24%	22%	19%
	25-39	28%	46%	7%	18%	13%	20%	39%	25%	28%	30%	14%
	40-54	31%	55%	12%	17%	19%	17%	36%	25%	28%	26%	13%
	55+	32%	56%	18%	22%	17%	15%	42%	24%	22%	32%	19%
Regional or local public authorities	Total	47%	71%	23%	52%	22%	40%	52%	25%	38%	42%	33%
	Gender											
	Man	46%	70%	22%	50%	22%	35%	54%	24%	37%	44%	35%
	Woman	47%	71%	24%	53%	21%	45%	50%	27%	39%	40%	32%
	Age											
	15-24	52%	67%	27%	65%	23%	45%	60%	30%	43%	42%	39%
	25-39	45%	63%	21%	51%	18%	37%	58%	29%	39%	43%	30%
	40-54	47%	75%	22%	47%	26%	39%	49%	21%	44%	37%	32%
	55+	46%	73%	22%	50%	20%	42%	46%	25%	32%	45%	34%

Fonte: Eurobarometer (2015)

Se tomarmos os mesmos dados sobre a confiança e estratificarmos para gênero e idade, observamos que em relação aos partidos políticos há um decréscimo na confiança para as idades mais jovens e em relação ao gênero feminino, ou seja, mulheres e pessoas mais novas tendem a acreditar menos nos partidos políticos. Essa tendência se mantém para o governo e parlamento nacional e só difere na esfera regional e local. Na esfera regional e local, tanto as mulheres como os jovens têm mais confiança na política, ainda que o valor não costuma ultrapassar os 50%.

Os portugueses também não se comportam de modo diverso e têm em geral um interesse diminuto pela política como demonstram os dados da European Social Survey (2014) na tabela 6.

Tabela 6 - Quão interessado está na política, Portugal/ How interested in politics, Portugal..	
Very interested	9,9%
Quite interested	31,2%
Hardly interested	26,4%
Not at all interested	32,5%
Total	100%

Fonte: European Social Survey de 2014.

Neste caso, fica-nos evidente que há maior percentual de portugueses que apresentam desinteresse ou pouco interesse pela política. E, se olharmos para a pesquisa de Lobo *et al* (2015) encomendada pela Presidência da República de Portugal, há evidências que o interesse pela política vem caindo no decorrer dos anos, aumentando especialmente o percentual de indivíduos que não têm nenhum interesse pela política entre os anos de 2007 e 2015 como demonstra a tabela 7 a seguir.

Tabela 7 - Interesse pela política da população portuguesa, 2007-2015. Total da população, por faixa etária (%).

Faixa Etária	2015						Total
	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +	
Muito	1,2	2,1	3,2	3,2	0,5	0,9	1,9
Bastante	6,8	9,8	13,1	10,6	10,2	8,8	10
Pouco	33,8	42,2	36,1	44	45,5	34,8	39,2
Nada	57,3	44,8	46,9	42,1	42,4	53,1	47,8
NS/NR	1	1	0,8	0	1,5	2,3	1,2
Faixa Etária	2007						Total
	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +	
Muito	6,3	7,4	7,7	10,7	13,7	7,8	8,8
Bastante	17,5	23,9	19,5	26,6	24,3	18,1	21,5
Pouco	51,5	46,4	43,7	34,4	24,7	28,9	38,1
Nada	23,5	21,9	28	27,6	35,7	43,5	30,5
NS/NR	1,1	0,3	1,2	0,6	1,5	1,8	1,1

Fonte: Lobo et all (2015)

Neste caso notamos que todos os grupos se mostram desinteressados pela política portuguesa, mas especialmente os jovens de 15 a 24 anos.

Fato esse que se reflete na satisfação com a democracia portuguesa. Segundo dados do mesmo estudo, há um incremento daqueles que pensam que a democracia vai mal e nos saltou a vista a quantidade de jovens entre 15-24 anos que não sabem/não responderam, NS/NR, como aponta a tabela 8 que segue.

Tabela 8 - Satisfação com a Democracia da população portuguesa, 2007-2015. Total da população, por faixa etária (%).

Faixa Etária	2015						Total
	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +	
Mal (0-4)	41	52,5	51	55,1	60,8	45,4	50,8
Nem bem nem mal (5)	21,1	22,7	25,4	24,2	18,8	22,2	22,5
Bem (6-10)	17,3	17,3	18,5	14,9	14,6	16,9	16,6
NS/NR	20,5	7,5	5,1	5,9	5,9	15,6	10
Faixa Etária	2007						Total
	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +	
Mal (0-4)	32	39,9	42,5	46,3	43,6	44,2	41,7
Nem bem nem mal (5)	30,9	23,4	28,3	30,1	27,7	29,4	28,2
Bem (6-10)	33,8	35,9	28	20,1	25,8	19,8	27
NS/NR	3,3	0,9	1,2	3,6	3	6,5	3,2

Fonte: Adaptado de Lobo et all (2015). Pergunta: “Em geral, numa escala de 0 a 10, em que 0 significa ‘muito mal’ e 10 ‘muito bem’, como acha que funciona atualmente a democracia em Portugal?”.

A grande quantidade de jovens que não sabem/não responderam, NS/NR, pode representar o ápice do desinteresse e da alienação em relação aos processos políticos em um regime democrático.

A insatisfação e o desinteresse demonstrados acima se refletem diretamente na baixa participação das diversas atividades políticas. Entre as atividades que tiveram o maior decréscimo entre 2007 e 2015 temos a participação sindical, a participação nas associações e ordens profissionais e a participação de instituições políticas religiosas como vemos na tabela 9 que segue.

Tabela 9 - Participação política da população portuguesa, 2007 e 2015. Total da população que responde 'pertence e participa ativamente' e 'pertence mas não participa ativamente'

	2007	2015	(2015-2007)/ 2007
Um sindicato	9,6%	2,1%	-78%
Uma associação ou ordem profissional	11,4%	2,6%	-77%
Uma paróquia ou outro tipo de associação religiosa	17,9%	4,4%	-75%
Uma associação juvenil ou estudantil	4,7%	1,2%	-74%
Um grupo cultural ou de lazer	10,9%	3,5%	-68%
Um partido político	6,4%	2,1%	-67%
Uma organização de apoio social ou de direitos humanos	7,3%	2,5%	-66%
Outro tipo de associação sem fins lucrativos	7,2%	2,5%	-65%
Um grupo desportivo	12,9%	5,1%	-60%

Fonte: Adaptado de Lobo et al (2015)

Também a avaliação da eficácia das ações sociais e políticas decaiu significativamente entre 2007 e 2015. Sendo que colaborar com um partido político caiu 23%, colaborar com organizações voluntárias ou associações voluntárias 23% e votar nas eleições 22%, havendo uma única exceção que cresceu nos últimos anos que é participar em atividades ilegais de protesto. Segue a tabela 10 com os dados.

Tabela 10 - A eficácia da ação social e política da população portuguesa, 2015-2007.

	2007	2015	(2015-2007)/ 2007
Colaborar com um partido político	3,9%	3,0%	-23%
Colaborar com organizações ou associações voluntárias	7,4%	5,7%	-23%
Votar nas eleições	7,8%	6,1%	-22%
Chamar a atenção dos meios de comunicação	5,7%	4,5%	-21%
Pôr-se em contacto com políticos	3,9%	3,1%	-21%
Participar em manifestações	4,2%	3,7%	-12%
Participar em atividades ilegais de protesto	1,7%	2,1%	24%

Fonte: Adaptado de Lobo et al (2015)

Esse estudo também revelou que entre os entrevistados de 15 aos 34 anos que avaliam positivamente a democracia estão os jovens com escolaridade secundária que vivem confortavelmente ou razoavelmente com o seu rendimento e os trabalhadores por conta de outrem. Já aqueles que vivem com mais dificuldades, os trabalhadores por conta própria e os trabalhadores familiares não remunerados encontram-se mais insatisfeitos.

O cenário português faz com que Lobo *et all* (2015) caracterizem a cidadania portuguesa como “uma cidadania política fraca em que os portugueses se empenham pouco e se sentem pouco recompensados” (p. 46), sendo este afastamento, alheamento e insatisfação influenciado pela crise econômica.

Resultado similar foi obtido em estudo conduzido na Austrália promovido pelo Australian National University em parceria com o Social Research Centre. Neste caso, o pesquisador Tim Battin argumenta que a opção deliberada de 20% da população potencial de eleitores australianos não ir votar está fortemente correlacionado com a idade, pobreza e distância dos grandes centros, havendo nesses indivíduos um desencantamento, *disenchantment*. Em entrevista, o pesquisador Tim Battin afirma que “*be disenchanting with political options is not to be apathetic, in fact, it's to take a conscious decision that the system is in some way failing*” (ABC, 2014, para. 14) e o pesquisador Alex Oliver completa dizendo que este desencanto decorre principalmente por dois motivos “*democracy is only serving the interests of a few and not the majority or there's no real difference between the policies of the major parties*” (ABC, 2014, para. 16).

Temos, portanto, um desencanto pela democracia que advém dela servir os interesses de poucos e não haver uma real diferença entre as políticas dos partidos maiores.

Outra forma de olhar para o mesmo fenômeno é pela perspectiva de Francis Wolff professor da Escola Normal Superior de Paris que em um artigo bem-humorado diz que “o povo está para a democracia como Don Juan está para as mulheres: a conquista mobiliza toda a sua energia, mas a posse o entedia” (SENADO, 2012, para. 2) e segue dizendo que quando “é governado por um tirano, o povo sonha em conquistar o poder. No entanto, ao alcançar a democracia, recusa-se a exercê-lo e abandona a política” (SENADO, 2012, para.

5) causando a negação da democracia. E essa recusa adviria do individualismo que, apesar de ter sido conquistado pela democracia, sua conquista

deixa as pessoas livres para realizar, sozinhas, seus objetivos de vida. Mas, justamente por conseguirem preencher suas necessidades sem depender de outras pessoas, elas se preocupam menos com o grupo e se afastam da política — o que abre espaço para os “políticos profissionais” (SENADO, 2012, para. 11).

Baseados nos dados e perspectivas teóricas apresentados acima, a descrença e um certo grau de cinismo em relação a participação democrática nos últimos anos ocorre devido a três motivos. Primeiro, pois a democracia que temos beneficia apenas uma parte pequena da sociedade. Segundo, que não há mudanças significativas nas propostas e ações dos partidos políticos. E terceiro, que uma vez conquistada a democracia é facultado um individualismo que afasta os indivíduos do tecido social, buscando realizar seus objetivos de vida isolados.

Sem nos aprofundar muito, parece-nos que há uma constatação de que o atual regime democrático-capitalista beneficia mais certos grupos econômicos e políticos. Uma vez constatada essa disparidade, poderia surgir um sentimento de indignação ou revolta que conduzisse o indivíduo para a esfera social, visando articular-se socialmente com outras pessoas que pensam similar e ir para a disputa de poder que objetivaria a transformação social. Porém, a auto-apologia da rendição (Bauman, 2000) se mostra reinante diante da impotência mediada por um sistema global que reitera a impossibilidade de haver alternativas, fazendo capitular grande parte da força de protesto e reafirmando que a única possibilidade existente é endossar o sistema unidimensional e talvez, deste modo, receber uma *proxy* (substituto) de algo que deseja. Em paralelo um discurso purista demoniza a política e os políticos, repousando em um ideal ascético.

O discurso purista conjuga simultaneamente a afirmação da ética e a eficiência econômica e demoniza toda alternativa complexa ou conflituosa existente no reino da política. Este movimento, acentuado pelos diversos movimentos de transparência, veicula uma mensagem de que a corrupção na esfera pública é endêmica e sua relação com os interesses das grandes corporações é imoral. Sendo que, em nível de palpite, parece-nos que a

diminuição da crença nas instituições, especialmente nas governamentais públicas, foi acentuado em dois momentos. Primeiro, com a queda do muro de Berlim e fim da relação capitalista versus socialistas que exigia segredo e estratégia nacional para garantir uma vitória sobre um inimigo e, depois, com a radicalização da globalização e com os movimentos de transparência e vazamento de informações, a percepção e apreciação do segredo enquanto estratégia nacional foi demovido em benefício de uma transparência integradora, cuja única moral é: revelação e aproximação.

Essa nova era da transparência parece incutir um cinismo sobre diversos grupos, especialmente em relação àqueles que exercem o poder político. Segue a tabela 11 que aponta para a percepção da corrupção.

Tabela 11 - <i>Perception of corruption levels for different institutions and groups</i>	
Members of the Parliament	31%
Government officials	30%
Business executives	26%
Local government representatives	26%
The president/Prime Minister and officials in their office	25%
Tax officials	25%
Judges and magistrates	24%
Police	22%
Religious leaders	17%

Fonte: Global corruption barometer (2016)

A acentuação da percepção da corrupção permitida por diversas instituições legais e algumas semi-legais como o Wikileaks somada à descentralização do poder das grandes mídias, gerou um processo/desejo de controle e supervisão do todo que pode ser visto, acessado e julgado por meio dos ecrãs móveis atuando sempre em direção à transparência, integração e vigilância.

Todo aparato de transparência e as múltiplas corrupções descobertas fazem com que as pessoas *"are seeing geopolitics as a series of back door deals, (...). They have become dissatisfied and see the whole system as somehow corrupt"* (BBC, 2016, para. 25), como revela Julian Assange criador do Wikileaks.

Temos, portanto, que a internet e a circulação ilimitada de informações promovidas pelas info-vias do tempo real, trouxeram uma revelação ou momento de complexidade difícil de tolerar à volta da política.

Para sermos francos, não acreditamos que a política de antes era menos ou mais corrupta, pois os jogos de bastidores sempre foram um elemento essencial dela, sendo que antes a preservação do segredo de bastidor e a sua manipulação era essencial para a preservação da dinâmica de poder entre os diversos interesses políticos. Hoje, contudo, não há mais espaço para os segredos e o reconhecimento dessa dinâmica complexa e oculta é motivo de recusa radical ao modelo, sendo, em caso de dúvida e descrença, reafirmada a transparência ou “um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (Foucault, 1987, p. 177).

Temos, portanto, que os dispositivos acoplados ao humano e que erodem todos os segredos ou sombras são uma versão atualizada do panóptico enquanto um poder onipresente e onisciente que busca tornar cada ator “perfeitamente individualizado e constantemente visível” (Foucault, 1987, p. 177).

Criou-se, assim, um ambiente de peste à volta da política que permite o funcionamento perfeito das disciplinas em uma busca pelos pestilentos e o refúgio na pureza. Neste caso, é evocada uma higienização da política e a criação de regimes disciplinares que garantam a pureza ou uma política branca e pura. Foucault (1987) nos lembra que existem duas “maneiras de exercer poder sobre os homens, de controlar suas relações, de desmanchar as suas perigosas misturas” (Foucault, 1987, p. 175).

Neste caso, em nome da extirpação da patologia social existente na política, o controle e a centralização do registro são convocadas para zelar pela pureza. Pureza ou eficácia econômica que automatizam e desindividualizam o poder em nome da vida (Foucault, 1994).

Cria-se um único sistema-discurso, sistema-tecnologia, que isenta a responsabilidade individual, mas garante a sua execução em um sistema de “perpétua referência a outra coisa”. Deste modo o panóptico “funciona fora daquelas formas súbitas, violentas, descontínuas, que estão ligadas ao exercício

da soberania” (Foucault, 1987, p. 183), mas cria uma nova “anatomia política” cujo “objeto e fim não são a relação de soberania, mas as relações de disciplina” (p. 184). Uma projeção disciplinar perfeita, “uma rede de dispositivos que estariam em toda parte e sempre alertas, percorrendo a sociedade sem lacuna nem interrupção” (p. 184).

É construído, portanto, à volta do ideal de pureza um regime disciplinar que garante a unidade e estabilidade em nome do silêncio. Baudrillard (1985) coloca que as massas

Bombardeadas de estímulos, de mensagens e de testes, as massas não são mais do que um jazigo opaco, cego, como os amontoados de gases estelares que só são conhecidos através da análise do seu espectro luminoso - espectro de radiações equivalente às estatísticas e às sondagens. Mais exatamente: não é mais possível se tratar de expressão ou de representação, mas somente de simulação de um social para sempre inexprimível e inexprimido. Esse é o sentido do seu silêncio. Mas esse silêncio é paradoxal - não é um silêncio que fala, é um silêncio que proíbe que se fale em seu nome. E, nesse sentido, longe de ser uma forma de alienação, é uma arma absoluta. (p. 14)

Estamos, portanto, diante de uma arma absoluta que exige silêncio e neutralização de qualquer ímpeto cambiante. Uma neutralização

de todas as mensagens num éter vazio. Fase de uma glaciação do sentido. O pensamento crítico julga e escolhe, produz diferenças, e é pela seleção que ele vigia o sentido. As massas, elas não escolhem, não produzem diferenças, mas indiferenciação - elas mantêm a fascinação do meio, que preferem à exigência crítica da mensagem. Pois a fascinação não depende do sentido, ela é proporcional à insatisfação com o sentido. Obtém-se a fascinação ao neutralizar a mensagem em benefício do meio, ao neutralizar a idéia em proveito do ídolo, ao neutralizar a verdade em benefício do simulacro. Pois é neste nível que os meios de comunicação funcionam. (Baudrillard, 1985, p. 21)

Chega-se assim a mais perigosa forma de destruição da política, uma destruição ou neutralização independente de qualquer faculdade intelectual, emocional ou juízo. Uma destruição ou neutralização sistemática em benefício das estruturas ideais e puras, mas incapaz de descer das alturas ideais e engendrar uma nova política, uma política que diferente da pureza e obliteração material das partes reais, tenha um contato coletivo e conflituoso, ideal e material. E não uma sucessão automática de transformações reguladas e

angelicais, mas que no fundo transvestem de altivez uma grande impotência e um terror diante do desejo e da ação transformadora.

6.3 Saber frio

Uma vez dispostos a aceitar uma estrutura sistêmica que funciona como um verdadeiro laboratório de poder (Foucault, 1987), gostaríamos de qualificar alguns de seus elementos centrais na busca incessante pela segurança e positividade e, em simultâneo, pela exclusão do mau enquanto ruptura e dúvida.

O poder do Panóptico advém dos

seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça. (Foucault, 1987, p. 180)

Estamos em “um local privilegiado para tornar possível a experiência com homens, e para analisar com toda certeza as transformações que se pode obter neles” (Foucault, 1987, p. 180).

O homem, o saber e o conhecimento produzidos enquanto laboratório e espaço de experimentação se estruturam à volta daquilo que corrobora com o anseio de penetração e resposta instantânea como ocorre na publicidade.

Já não há distância nem dilaceramento ontológico. A sutura é imediata. O mesmo acontece com as sondagens de opinião, com os estudos de mercado e com todos os actos em que a grande Pítia da Opinião Pública se induz a falar e a delirar; predizem o acontecimento social e político e, à maneira de retrato-robot, colocam-se no lugar do acontecimento real, que acaba por refleti-los. Assim, “a opinião pública, outrora expressão do público, reveste cada vez mais a forma de uma imagem à qual o público conforma a sua expressão. Tal opinião enche-se com o que já contém. O povo contempla-se no espelho. (Baudrillard, 2011, p. 266)

É erguida uma trama refrataria e instantânea que dissolve e erode a contradição e a dúvida, assim como o não saber, em benefício da crença positivista de que o todo saber é possível soba ordem da expansão visual e

transitiva propiciada pela luz que permitiria a onisciência, a antecipação e todo um controle ideal desde que seja endossada a renúncia ascética.

Prometeu desacorrentado não quer que haja trevas ou negatividade e faz da luz uma dimensão absoluta que tem como propósito último a transparência sem fim sob os auspícios do eu ideal. Lembramos que a visão só é possível quando há luz. E o Panóptico de Foucault está cada vez mais próximo se considerarmos a malha eletroeletrônica global conhecida como *world wide web* que articula, penetra e acompanha todo globo, permitindo um fluxo revelador em dimensão planetária.

Paul Valery (1919) já tinha anunciado no início de século passado que a crise intelectual ou do saber, diferente de uma crise militar ou econômica, é mais sutil e assume aparências enganosas sendo difícil de apanhar em sua real extensão. E diz

But once born, once tested and proved by its practical applications, our science became a means of power, a means of physical domination, a creator of material wealth, an apparatus for exploiting the resources of the whole planet— ceasing to be an "end in itself" and an artistic activity. Knowledge, which was a consumer value, became an exchange value. The utility of knowledge made knowledge a commodity, no longer desired by a few distinguished amateurs but by Everybody. (Valery, 1919, chapter. 2, para. 26)

O extrato bem pontua que a crise intelectual tem o seu derradeiro momento quando é deslocada a importância do saber, com todas as suas contradições, enquanto fim último ou bem de consumo para um bem na esfera das trocas. A subversão do conhecimento do mundo e de si para algo cujo objetivo primeiro e talvez exclusivo é a troca têm consequências importantes especialmente se considerarmos a produção de conhecimento em um contexto de hegemonia das massas e obsessão pela positividade, transparência e unidade.

Nesse contexto, a vendabilidade ou aplicação social tiranizam o conhecimento que deveria ser livre e fundamentalmente um sofrimento/prazeroso e este se torna algo na dimensão da aplicabilidade, utilidade e da importância social, sendo, portanto, (pre-)visto de antemão e financiado ou não em acordo com as instâncias avaliadoras que já sabem o que

querem e o que vão permitir ser agregado desde que não gere instabilidade ao sistema de mais ver, apenas expansão.

Em nome do bem coletivo são criadas instâncias avaliadoras com os seus critérios, indicadores e relatórios que cerceiam o acesso aos recursos e avaliam *ex-ante* a importância daquilo que supostamente deveria ser desconhecido e novo.

Nessa dinâmica, a lógica produtiva e do consumo com suas consultas à maneira retrato-robot inquerem e respondem simultaneamente o que a ciência deve produzir normalmente para expandir a vida em sua dimensão coletiva e coesiva.

Para entendermos melhor este ponto resgatamos a crítica à razão instrumental de Adorno & Horkheimer (1947). Segundo os autores, a intenção inicial do esclarecimento era livrar o homem do medo e investi-lo na posição de senhor. Todavia, o saber enquanto satisfação e verdade cede gradualmente à operacionalidade da coisa ou ao procedimento eficaz. Neste caso o esclarecimento que tinha a intenção de libertar o homem o aprisiona em outra teologia mítica e profética que é a “civilização do objeto” (Baudrillard, 2011) ou ainda a “mentalidade factual” (Adorno & Horkheimer, 1947).

É construído um sistema totalitário que idealmente permitiria “deduzir toda e cada coisa” (Adorno & Horkheimer, 1947, para. 6) por meio da calculabilidade e utilidade. E o que não se submete a estes critérios é suspeito.

Para o esclarecimento, aquilo que não se reduz a números e, por fim, ao uno, passa a ser ilusão: o positivismo moderno remete-o para a literatura. “Unidade” continua a ser a divisa, de Parménides a Russell. O que se continua a exigir insistentemente é a destruição dos deuses e das qualidades. (Adorno & Horkheimer, 1947, p. 7)

A obsessão pela criação de um sistema absoluto necessariamente destruiria todas as dúvidas, diferenças e contradições em benefício do UM e de uma igualdade repressiva que “perante as necessidades e o princípio de satisfação, todos os homens são iguais, porque todos eles são iguais diante do valor de uso dos objetos e dos bens” (Baudrillard, 2011, pp. 50-51).

Igualdade ou estrutura ideal que a todos permeia e oferece, em fantasia, uma segurança idealizada e uma referência universal sem a qual o indivíduo novamente seria remetido às contradições da vida plena e das escolhas.

A necessidade de uma referência absoluta advém do medo. Segundo Adorno & Horkheimer (1947), do “medo o homem presume estar livre quando não há nada mais de desconhecido” (p. 10) e prosseguem dizendo que

O esclarecimento é a radicalização da angústia mítica. A pura imanência do positivismo, seu derradeiro produto, nada mais é do que um tabu, por assim dizer, universal. Nada mais pode ficar de fora, porque a simples ideia do “fora” é a verdadeira fonte da angústia (...) (p. 10)

Para remediar a angústia do estranho (Freud, 1919/1996) e daquilo que está fora, a realidade é forçada para dentro de um sistema matemático que permite apenas a cópia, a reprodução dócil e o igualar.

Deste modo, é excluído tudo que é alheio, externo, contraditório e duvidoso em benefício de uma certeza objetiva. Porém, o estranho e alheio constantemente retorna na forma de sombra, exigindo mais luz para irradiar o seu vulto.

A ciência enquanto imparcial e neutra busca corresponder a um ideal luminoso, absoluto e único. Na expectativa de anular a angústia existencial, a realidade é comprimida para dentro da esfera ideal, exigindo adaptação, conformismo e renúncia.

O poder disruptivo das emoções deve ser afastado, ainda que constantemente o traço básico da angústia existencial reapareça em algum relance apesar dos esforços ideais de expansão, igualação e duplicação empreendidos para dentro de qualquer apanhado desconhecido.

Fica patente a reprodução de uma ciência estéril e fria que supostamente ampara-se no positivismo, mas que no fundo descontextualizada e distorce esta corrente filosófica à medida que omite o papel central da afetividade e do social na elaboração original desta teoria.

Rabot (2012) nos recorda que o amor por princípio é elemento central na obra de Auguste Comte que insere o seu sistema científico dentro de uma ordem

espiritual e social, havendo a prevalência do sentimento sobre a atividade e o saber.

Neste caso, o amor desinteressado, universal e social deveria abranger também a vida ativa e intelectual, fazendo surgir um positivismo mais suave e afetuoso impregnado por uma dimensão relacional e religiosa que dá gozo ao viver. Ou segundo o próprio Comte (1969), cansamo-nos de pensar, e até mesmo de agir, mas não nos cansamos de amar.

Todavia, em um contexto de terror ao estranho o amor morre. Amor ao outro, amor à humanidade e finalmente a capacidade de amar que é substituída pelo conforto frio da distância, mas que não responde e constrói a trama afetiva e espiritual da qual emana a potência e o conhecimento potente.

Encontramo-nos no âmbito da sujeição ou ideologia de sujeição ao seguro e à massa uma que por meio da necessidade de ampliação do seu corpo e da sua forma de pensar e proceder reifica o pensar “num processo automático e autónomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ela possa finalmente substituí-lo” (Adorno & Horkheimer, 1947, p. 14).

O pensamento outrora incluído na trama existencial e conflitiva do viver cede ao ritual de procedimentos matemáticos e factuais que supostamente remediariam a angústia. Gradualmente a dobra matemático-factual ou matemático-objetual torna-se a única referência discursiva que deve ser proferida sem fim, em tudo penetrando, e se tornando uma verdade por meio da autoridade ou da ausência de alternativas ainda que em essência seja falsa.

Surge um pensamento tautológico e frio baseado no formalismo matemático e na operacionalidade factual. Tautológico, pois circular e repetitivo. Frio, pois é avesso às estruturas passionais individuais que devem ser renunciadas em benefício da manutenção da unidade, reprodutibilidade e neutralidade. Surge uma adaptação e subordinação da energia vital/passional à métrica e ao formalismo lógico ou nas palavras de Adorno & Horkheimer (1947) o “animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas” (p. 16).

O que foi sujeito e indivíduo ou poderia vir a ser uma existência vitalizada cede à necessidade imediata de remediar a morte, o estranho e a angústia

existencial. O paradoxo da negação do negativo é que quanto mais este é excluído ou forcluído, mais presente ele se apresenta e um esforço maior é necessário para conter a erupção do seu terror, fazendo o indivíduo regredir “à mitologia da qual jamais soube escapar” (Adorno & Horkheimer, 1947, p. 15).

Sob o jugo do pânico, nada mais existe que não a imediatidade, a repetição e o tautológico. Pânico duplo. Pânico diante da imanência da erupção do mau e pânico diante da impotência frente à totalidade que constantemente o lembra do seu poder absoluto.

Deslocamo-nos para a esfera da conservação, ou segundo Nietzsche (2009) para esfera da preservação da vida por si só, mas que no fundo impede o surgimento de “algo da vida”. Neste caso a automatização da autoconservação gradualmente ceifa a potência da vida em benefício do sobreviver - uma barbárie.

Parafraseando Adorno & Horkheimer (1947), na “difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie” (p. 18). Barbárie gelada em que o “servo permanece subjugado no corpo e na alma, o senhor regride” (Adorno & Horkheimer, 1947, p. 19) diante do temor da autoconservação.

Eis que a “maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão” (Adorno & Horkheimer, 1947, p. 19). Regressão, pois este “progresso” incapaz de incluir as dimensões incomensuráveis, separadoras e lascivas, situa-se na assepsia absoluta da perfeição e do ideal de segurança sem, contudo, compreender que isto é a dupla morte. Morte inevitável que ocorre no transcurso entre o nascimento e o cessar da vida e uma segunda morte se considerarmos o não viver deste breve instante entre atos.

Assim se confirma a afirmação de Foucault (1994) quando diz que o

(...) o biológico reflete-se no político; o fato de viver já não é aquele alicerce inacessível que só de tempos a tempos emerge no mercado da morte e na sua fatalidade; passa em parte para o campo de controle do saber e de intervenção do poder. (pp. 144-145)

A obsessão pela vida ou controle/evasão da morte ingressa decisivamente para dentro do saber e do poder, construindo deste modo um sistema “de interpretação global, espelho em que frui superlativamente de si própria, utopia onde se reflete por antecipação” (Baudrillard, 2011, p. 264) e que tem como imperativo a vida ou a exclusão da morte.

Para não ficarmos apenas na costura teórica, incluímos dados e referências que qualificam a construção do sistema de saber-poder na atualidade. Baseamo-nos na alocação de recursos e em indicadores de “relevância” científica para delinear o cenário atual e as apostas futuras.

Segundo dados do relatório da *National Science Foundation*, NSF (2016), a expansão global em pesquisa e desenvolvimento cresce continuamente. O total de investimento neste setor foi de 1.671 trilhões em 2013, correspondendo a um crescimento de 5,7% desde 2008 e 7,2% se tomarmos por base 2003. E a título de comparação é apresentado o PIB dos EUA para 2013 que era no valor de 16.768 trilhões de dólares no período, ou seja, o montante de recursos aplicados na área de pesquisa e desenvolvimento correspondeu a 10% do PIB dos EUA em 2013.

Se olharmos para a concentração geográfica desses recursos, temos que os países do G20 são responsáveis por mais de 94% deste valor. A América do Norte é responsável por 29% (\$492 bilhões) deste montante em 2013; a Europa por 22% (\$367 bilhões); e o leste e sul da Ásia (incluindo China, Japão, Coreia do Sul, Índia e Taiwan) por 40% (\$660 bilhões). E os 9% restantes são distribuídos entre as demais regiões.

Se quisermos obter informações setorializadas sobre alguns países, observamos que a maior parte do gasto em pesquisa e desenvolvimento é feito no setor privado e o restante dividido entre o governo e o ensino superior como aponta a tabela 12. No tocante aos recursos, grande parte advém do setor privado, mas há parcela significativa que advém do âmbito governamental com algumas especificidades de país para país.

Tabela 12 - *Gross expenditures on R&D for selected countries, by performing sector and source of funds: 2013 or most recent year.*

(Country)					
R&D performance	GERD (PPP \$billions)	Share of total (%)			
		Business	Government	Higher education	Private nonprofit
United States (2013) ^a	457,0	70,6	11,2	14,2	4,1
China (2013)	336,5	76,6	16,2	7,2	na
Japan (2013)	160,3	76,1	9,2	13,5	1,3
Germany (2013)	101,0	67,8	14,7	17,5	**
South Korea (2013)	68,9	78,5	11,2	9,2	1,2
France (2013)	55,2	64,8	13,2	20,8	1,4
Russia (2013)	40,7	60,6	30,3	9,0	0,1
United Kingdom (2013)	39,9	64,5	7,3	26,3	1,9
India (2011)	36,2	35,5	4,1	60,5	na
R&D source of funds	GERD (PPP \$billions)	Share of total (%)			
		Business	Government	Other domestic	From abroad
United States (2013) ^a	457,0	60,9	27,7	6,9	4,5
China (2013)	336,5	74,6	21,1	NA	0,9
Japan (2013)	160,3	75,5	17,3	6,7	0,5
Germany (2013)	101,0	66,1	29,2	0,4	4,3
South Korea (2013)	68,9	75,7	23,9	1,1	0,3
France (2013)	55,2	55,4	35,0	2,0	7,6
Russia (2013)	40,7	28,2	67,6	1,2	3,0
United Kingdom (2013)	39,9	46,6	27,0	5,8	20,7
India (2011)	36,2	NA	NA	NA	NA

Fonte: NSF, 2016

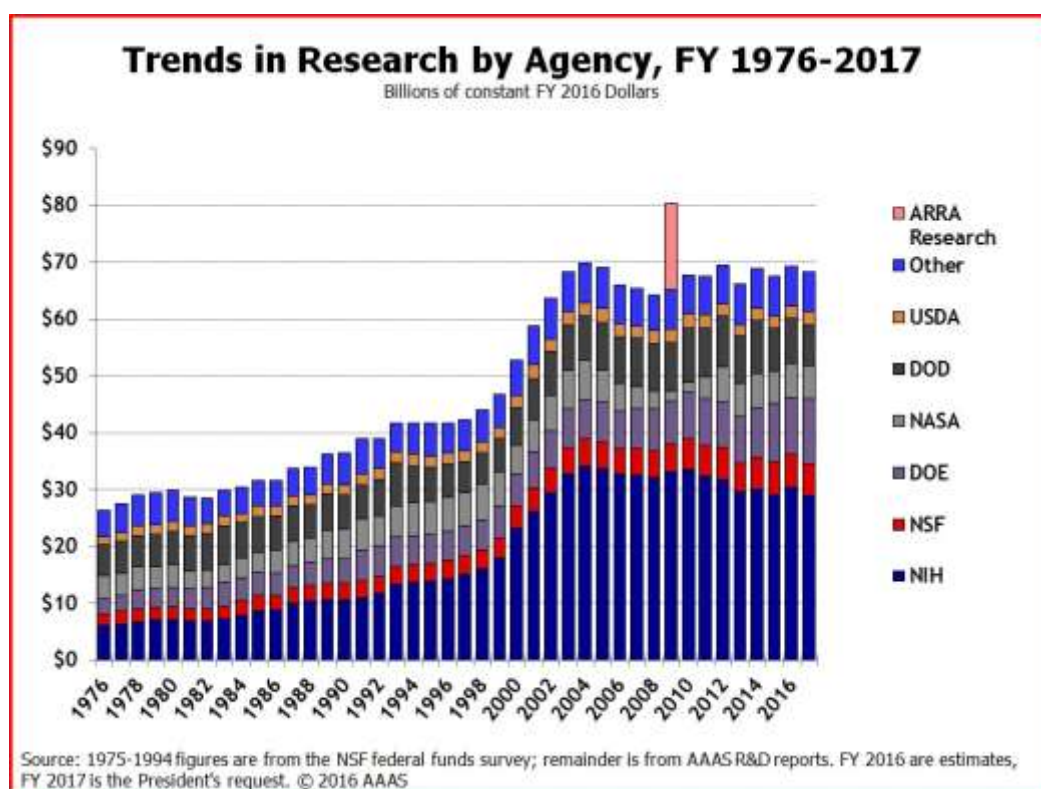
Diante dos dados acima, podemos dizer que geralmente há transferência de recursos do setor governamental para o setor privado no tocante a origem desses recursos e a sua aplicação. Temos um paradoxo interessante, uma vez que os recursos, em geral públicos, são orientados em grande medida para o setor privado e suas prioridades, deixando as prioridades governamentais e públicas para orbitarem a volta da lógica privada.

Esta primeira apresentação permite observar uma concentração geográfica e setorial dos recursos destinados à pesquisa e ao desenvolvimento,

sendo o âmbito privado/empresarial dos países desenvolvidos aquele que dita a produção do saber às expensas das demais.

Ao buscarmos mais informações sobre os diferentes espaços geográficos e suas prioridades, escolhemos inicialmente os EUA. Neste caso específico temos uma divisão dos recursos pelas diferentes agências que existem neste país e obtivemos o seguinte gráfico com as tendências de pesquisa pelas diversas agências.²⁸

Gráfico 2 - *Trends in Research by Agency, FY 1976-2017*



Fonte: American Association for the Advancement of Science, AAAS (2017)

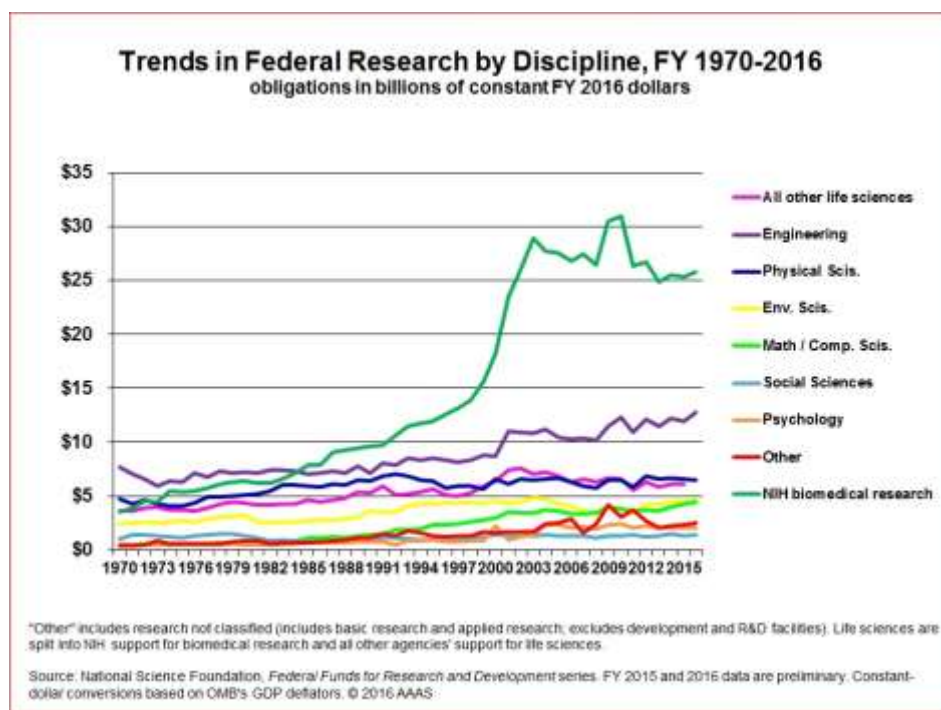
Conforme os dados do gráfico acima, no decorrer dos anos os recursos se concentraram na área de saúde, NIH, energia, DOE, e defesa, DOD. Essa concentração nos parece significativa e aponta os três grandes pilares da

²⁸ National Institutes of Health – NIH, National Science Foundation – NSF, Department of Energy – DOE, National Aeronautics and Space Administration – NASA, Department of Defense – DOD, United States Department of Agriculture – USDA, American Recovery and Reinvestment Act – ARRA research.

indústria da vida: o crescimento substancial dos recursos destinados a sondagem de tudo que se relaciona com saúde em sua dimensão de manutenção da vida, a utilização crescente de mais energia para manter a empreitada prometeica e a defesa da vida contra o mau e o terror.

Se avançarmos para a evolução histórica da destinação de recursos pelas diversas áreas nos EUA temos o seguinte gráfico:

Gráfico 3 - *Trends in Federal Research by discipline, FY 1970-2016.*

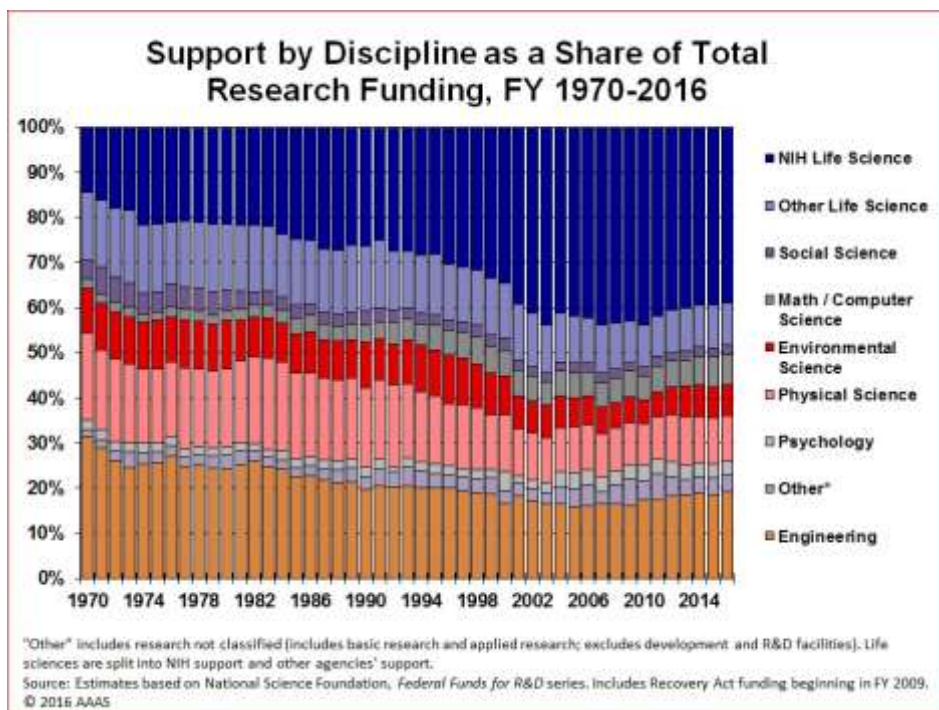


Fonte: American Association for the Advancement of Science, AAAS (2017)

Este gráfico aponta com grande destaque o aumento de recursos para a área biomédica seguida pelas engenharias. E também é possível notar que a área que mais perdeu recursos no decorrer dos 46 anos foi a das ciências sociais.

Outra forma de olhar para este fenómeno é por meio do financiamento às diversas disciplinas. Como apresenta o gráfico a seguir.

Gráfico 4 - *Support by discipline as a share of total research funding, FY 1970-2016.*



Fonte: American Association for the Advancement of Science, AAAS (2017)

Neste caso, temos um aumento evidente do *National Institutes of Health* (NIH), isto é, a área da saúde cresceu volumosamente em detrimento de grande parte das demais áreas exceto a matemática e a ciência computacional que também cresceram.

Se olharmos as diretrizes para a produção científica europeia presentes no projeto Horizon 2020a (2016), temos as seguintes prioridades: produção de novas tecnologias, pesquisa em infraestrutura e infraestrutura digital, nanotecnologia, novos materiais, biotecnologia, tecnologias avançadas de produção e processamento, tecnologias de comunicação e informação, inovações em pequenas e médias empresas, avaliação de risco financeiro, desafio social 1 (saúde, demografia e bem-estar), desafio social 2 (segurança alimentícia, agricultura sustentável e florestas, pesquisas das águas dos mares e do continente e bio-economia)²⁹, desafio social 4 (transporte inteligente, verde

²⁹ No site não havia o desafio social 3.

e integrado), desafio social 5 (ações climáticas, meio-ambiente, eficiência na utilização de recursos e materiais primários), e difundir a excelência científica e ampliar a participação na ciência.

Fica-nos evidente o desprezo pelas artes, filosofias e humanidades, ainda que alguém possa argumentar que em desafios sociais exista um pouco do humano. Se nos aprofundarmos no tópico desafios sociais 1, há entre as prioridades:

Personalised medicine; rare diseases; human bio-monitoring; mental health; comparative effectiveness research; advanced technologies; eHealth/mHealth; robotics; patient empowerment; active and healthy ageing; data security; big data; valorisation; anti-microbial resistance; infectious diseases including vaccines; maternal and child health; and the silver economy. (Horizon 2020b, 2016, para. 2)

Notamos uma concentração na área da saúde especialmente em seus aspetos aplicados e instrumentais que buscam conciliar tecnologia intensiva e a preservação da vida ao custo de uma constante alienação e especialização, corroborando com a crítica de Illich (1975) à industrialização da saúde e à medicalização da vida, uma vez que estes processos alienam o indivíduo do seu corpo, sofrimento e envelhecimento.

Em acordo com a perda da autonomia, este sistema de especialistas e tecnologias restringe a vida ao aparato biológico, ignorando seus elementos sociais e culturais, suas paixões e no limite a sua alma.

Também no eixo reservado às ciências sociais e humanidades, Social Sciences and Humanities (SSH), há uma recomendação de que devem estar

As a cross-cutting issue of broad relevance, Social Sciences and Humanities (SSH) research is fully integrated into each of the general objectives of Horizon 2020. Embedding SSH research across Horizon 2020 is essential to maximise the returns to society from investment in science and technology. (Horizon 2020c, 2016, para.1)

Temos, portanto, que a produção de conhecimento sobre o humano deve estar pautada pelo imperativo de oferecer retornos à sociedade em contrapartida aos investimentos despendidos na pesquisa e no pesquisador. Encontramo-nos deste modo definitivamente no âmbito descrito por Valery (1919) em que o valor

de troca destrona a produção do conhecimento essencial sobre a vida e sobre o humano.

Dando prosseguimento a esta linha de pensamento, as ciências sociais e humanidades, em acordo com o programa Horizon 2020, devem contribuir onde são mais necessárias, integrando outras disciplinas para auxiliar a propor um design socioeconómico, desenvolver e implementar pesquisas e auxiliar na criação de novas tecnologias que ajudem a achar soluções para problemas sociais. Ao olharmos os tópicos sugeridos temos: competitividade, mudanças climáticas, segurança energética e saúde pública. Sendo que é mencionado no relatório que a organização do Horizon 2020 em desafios, e não áreas disciplinares, ilustra a necessidade da articulação dos diversos campos para superação dos desafios. Neste caso, difundir as ciências sociais e humanidades através de todo o programa abriria novas áreas de pesquisa e aumentaria sua qualidade.

Porém, quando observamos os exemplos dados pelo programa ao papel que deveria ser desempenhado pelas ciências sociais e humanidades, fica evidente que este conhecimento deve ser aplicado. Segundo o relatório, as ciências sociais e humanidades devem resolver problemas como reformar o sistema de saúde, antever as necessidades socioeconómicas de transporte, promover estudos no âmbito de aumentar a utilização eficiente dos recursos, gerar novas ideias para a superação da crise na Europa, inovações no setor público, gerar novos modelos inovadores de negócios e aspetos ligados ao património, cultura, história, cultura e identidade e promover formas de liderança e tecnologias aplicadas a serviços e produtos industriais.

As informações contidas no Horizon 2020 evidenciam que as ciências sociais e humanidades foram devoradas pelo sistema, sobrevivendo apenas as partes utilitárias e aplicadas deste saber, relegando todo conhecimento essencial e incapaz de ser integrado à lógica produtiva/sistémica à extinção por inanição.

Esse pequeno apanhado corrobora com Foucault (1987) à medida que diz que o

poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão

diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. (p. 30)

Ainda no âmbito das relações de poder ou campos de saber que são endossados no atual sistema de saber, fizemos uma breve análise da economia das citações, neste caso, entre os 100 artigos mais citados, segundo Nature (2014), temos as áreas: técnicas biológicas, bioinformática, filogenética e estatística.

Se fizermos uma consulta às trinta publicações de maior impacto nos indexadores segundo SCImago (2016), temos a tabela 13 que segue.

Tabela 13 - Publicações de maior impacto nos indexadores

Title	Ranking	Type	Country
Nature Reviews Molecular Cell Biology	1	journal	UK
Annual Review of Immunology	2	journal	USA
Nature Reviews Genetics	3	journal	UK
CA - A Cancer Journal for Clinicians	4	journal	USA
Cell	5	journal	USA
Annual Review of Astronomy and Astrophysics	6	journal	USA
Nature Reviews Immunology	7	journal	UK
Nature Reviews Cancer	8	journal	UK
Annual Review of Biochemistry	9	journal	USA
Reviews of Modern Physics	10	journal	USA
Nature Genetics	11	journal	UK
Nature	12	journal	UK
Nature Methods	13	journal	UK
Nature Reviews Neuroscience	14	journal	UK
Nature Materials	15	journal	UK
Quarterly Journal of Economics	16	journal	UK
Nature Nanotechnology	17	journal	UK
Vital & health statistics.	18	journal	USA
Chemical Reviews	19	journal	USA
Nature Biotechnology	20	journal	UK
Nature Photonics	21	journal	UK
Physiological Reviews	22	journal	USA
Annual Review of Neuroscience	23	book	USA
Nature Reviews Microbiology	24	journal	UK
Immunity	25	journal	USA
Academy of Management Annals	26	journal	USA
Chemical Society Reviews	27	journal	UK
National vital statistics reports: from the Centers for Disease Control and Prevention	28	journal	USA
Lancet	29	journal	UK
New England Journal of Medicine	30	journal	USA

Fonte: SCImago (2016)

Notamos que a língua franca ou universal é inquestionavelmente o inglês e a tônica do poder-saber está na área biomédica. A junção entre biologia e medicina busca ampliar a compreensão das menores partes da vida, especialmente da humana. Neste tópico teríamos a célula, a genética, o câncer, imunologia/imunidade, bioquímica estatísticas da saúde, biotecnologia, fisiologia, microbiologia, neurociência e medicina. Entre outras áreas que aparecem espalhadas pela lista temos astronomia e astrofísica, física moderna,

materiais, economia, nanotecnologia, química, photonics (física) e administração.

Esse cenário nos mostra a grande ênfase dada à saúde e a interrogação das menores partes que compõe o humano e a vida na esperança de cercear a morte e prorrogar ao máximo a vida, no limite, parece existir a esperança de poder transpor a finitude inerente à vida humana.

Se retornamos à estrutura panóptica descrita por Foucault (1987), este modelo inicialmente era utilizado em épocas de exceção,

contra um mal extraordinário, o poder se levanta; torna-se em toda parte presente e visível; inventa novas estratégias engrenagens; compartimenta, imobiliza, quadricula; constrói por algum tempo o que é ao mesmo tempo a contracidade e a sociedade perfeita; impõe um funcionamento ideal, mas que no fim das contas se reduz, como o mal que combate, ao dualismo simples vida-morte. O panóptico ao contrário deve ser compreendido como um modelo generalizável de funcionamento; uma maneira de definir as relações do poder com a vida cotidiana dos homens. (Foucault, 1987, p. 181)

Na atualidade o panóptico ou sistema de mobilização-total (Jünger, 2002) incluiu o funcionamento ideal construído à volta do dualismo vida-morte na trama cotidiana dos homens, criando um modelo único e generalizado que supostamente combate o mal/mau e, para tanto, constrói uma série de relações de poder e saber.

Se pensarmos, nos grandes eixos do mau da atualidade temos algumas frentes. O câncer enquanto surgimento monstruoso e diabólico de algo das profundezas do ser. O terrorismo que ameaça rasgar e romper o tecido social. A crise econômica que impregna as relações sociais e produtivas exigindo tração e movimento contante. A crise ambiental enquanto catástrofe eminente e acrescentaria algum imprevisto vindo do espaço. Ou nas palavras de Baudrillard (1991),

En una sociedad que a fuera de profilaxis, de eliminación de sus referencias naturales, de blanqueamiento de la violencia, de exterminio de sus gérmenes y de todas las partes malditas, de cirugía estética de lo negativo, sólo quiere vérselas con la gestión calculada y con el discurso del Bien; en una sociedad donde ya no existe ninguna posibilidad de nombrar el Mal, éste se ha metamorfoseado en todas las formas virales y terroristas que nos obsesionan. (p. 90)

Cria-se desse modo uma obsessão pelo bem/bom e que exige múltiplas frentes para extinguir o mau com vistas a preservar o bem. Neste cenário o poder orienta e comanda a vida e a produção do saber para remediar ou, quiçá, vencer o mau por meio da expansão do aparelho de visão.

Em nível celular ou atômico é estimulada a criação de máquinas de visão cada vez mais potentes e que com o auxílio da computação podem decifrar o segredo da vida em suas menores partes. Em nível de segurança contra o terrorismo é manipulada uma grande estrutura que obtém, conjuga e controla informações digitais, instrumentos de filmagem, satélites, armas e um contingente crescente de agentes de segurança. Na economia é buscada alguma coerência ou previsibilidade por meio de modelos estatísticos e prescrições/normatizações para zelar por alguma previsibilidade que possa sustentar o crescimento contínuo. Nas questões ambientais são procuradas soluções tecnológicas para mitigar o impacto humano sobre a biosfera, mas, desde que não seja prejudicada a base econômica. E, por último, o espaço é investigado, pois apresenta-se como uma possibilidade de extinção da espécie por meio, por exemplo, do choque de um asteroide, mas também como possibilidade de fuga e sobrevivência em caso de calamidade na terra como anunciou o reverenciado cientista Stephen Hawking (TERRA, 2016).

Temos que o poder ao serviço da vida cria gradualmente uma máquina de tudo ver ou “um edifício transparente onde o exercício do poder é controlável pela sociedade inteira” (Foucault, 1987, p. 183), deixando de estar nas mãos de alguns, torna-se uma estrutura onipresente amparada no ideal tecnológico e suas disciplinas que se baseiam em três táticas de poder:

tornar o exercício do poder o menos custoso possível (economicamente, pela parca despesa que acarreta; politicamente, por sua discrição, sua fraca exteriorização, sua relativa invisibilidade, o pouco de resistência que suscita); fazer com que os efeitos desse poder social sejam levados a seu máximo de intensidade e estendidos tão longe quanto possível, sem fracasso, nem lacuna; ligar enfim esse crescimento ‘econômico’ do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce (sejam os aparelhos pedagógicos, militares, industriais, médicos), em suma fazer crescer ao mesmo tempo a docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema.” (Foucault, 1987, p. 191)

O novo poder abandona gradualmente seus componentes coercitivos e torna-se elemento inerente ao corpo social, individual e psíquico – um substrato “abaixo do nível de emergência dos grandes aparelhos e das grandes disputas políticas” (Foucault, 1987, p. 196). Substrato coletivo que atua no sentido da normalização e padronização em acordo com o desejo da massa que abomina a rutura e os limites, organizando uma coesão à volta do ideal ascético da perfeição, mas que, para isso, exige o afastamento e alienação daquilo que nutre a alma. Segundo Adorno & Horkheimer (1947),

quanto mais o processo da autoconservação é assegurado pela divisão burguesa do trabalho, tanto mais ele força a auto-alienação dos indivíduos, que têm que se formar no corpo e na alma segundo a aparelhagem técnica. Mas isso, mais uma vez, é levado em conta pelo pensamento esclarecido: aparentemente, o próprio sujeito transcendental do conhecimento acaba por ser suprimido como a última reminiscência da subjectividade e é substituído pelo trabalho tanto mais suave dos mecanismos automáticos de controle. (pp. 16-17)

No limite a aparelhagem proporciona à automação da percepção, isto é, a máquina de visão (Virílio, 2002) com apenas um caminho a ser seguido, caminho seguro e pré-estabelecido da extrapolação e recombinação daquilo que é conhecido.

Cumpru-se afinal sua velha ambição de ser um órgão puro dos fins. A exclusividade das leis lógicas tem origem nessa univocidade da função, em última análise no carácter coercitivo da autoconservação. Esta culmina sempre na escolha entre a sobrevivência ou a morte, escolha essa na qual se pode perceber ainda um reflexo no princípio de que, entre duas proposições contraditórias, só uma pode ser verdadeira e só uma falsa. (Adorno & Horkheimer, 1947, p. 17)

Assim é construído um sistema que elimina as contradições, uma “petrificação mecânica, corada por uma espécie de auto-afirmação convulsiva” (Weber, 1990, p. 136), ainda que ofereça a ilusão de ter atingido “um estágio da humanidade nunca antes atingido” (Weber, 1990, p. 136), mas que no fundo aponta apenas para o carácter mais elementar e regredido do humano.

7. Sou amado, amo, amamo-nos: a morte enquanto conselheira

No decorrer deste trabalho demonstramos a existência de um elemento ou elementos ideais e narcísicos existentes em todos nós e que buscam desconstruir todo tipo de vulnerabilidade, fragilidade e limite à medida que investem um ideal acético, absoluto e imune ao mau.

Em nome da luta contra o mau é construída uma arquitetura panóptica que agora se encontra mais no âmbito da psicopolítica e do psicopoder (Han, 2015) do que da biopolítica e que com o pretexto de evitá-lo exige mais iluminação e mais transparência, demovendo toda individualidade, vigor e paixão em benefício de uma máquina reflexa estilo robô que recebe e reage de modo pré-condicionado e dócil, oferecendo a ilusão de *Sicherheit* frente à *Unsicherheit*.

Na esfera da *Unsicherheit*, como salienta Bauman (2010), é abrangida a incerteza, insegurança e falta de garantia. Esse estado temeroso é despertado por inúmeros motivos, citando E. Lisle a partir de Baudrillard (2011),

(...) o custo do progresso rápido na produção das riquezas é a mobilidade da mão-de-obra e, por consequência, a instabilidade do emprego. Renovação, reciclagem dos homens que tem como resultados gastos sociais muito pesados e, sobretudo, a obsessão geral da insegurança. A pressão psicológica e social da mobilidade, do estatuto, da concorrência a todos os níveis (rendimento, prestígio, cultura, etc.) torna-se cada vez mais pesada para todos. Necessita-se de mais tempo para se recriar e reciclar, para recuperar e compensar o desgaste psicológico e nervoso causado por múltiplos danos: trajeto domicílio/trabalho, superpopulação, agressões e stress contínuos. Em última análise, o preço mais elevado da sociedade de consumo é o sentimento de insegurança generalizada que ela engendra (...) (pp. 34-35)

A insegurança generalizada cristaliza-se em uma gigantesca angústia que cresce à medida que as partes ideais buscam livrar o humano da *Unsicherheit* de quaisquer mudanças, rupturas e incompreensões, sendo a maior delas a morte.

Se retomarmos Ellias Canetti em *Diálogo sobre as massas, o medo e a morte* (Adorno & Canetti, 1988), a psicologia de massas e a sua utilização por um líder ou por uma ideia dominante ampara-se fortemente na questão concreta da sobrevivência e da satisfação que este sentimento oferece. Nesta

perspectiva, a experiência da morte alheia pode perigosamente ser acumulada, tornando-se o germe do poder. Aspecto que é afirmado por Baudrillard (1996) quando diz que “(...) na manipulação, na administração da morte que o poder se funda em última instância” (p. 177) e que o “poder só é possível se a morte já não estiver liberta” (p. 176).

Bauman (2010) explica que no coração da política e talvez de todas as narrativas fortes que antes amparavam o humano jaz o desejo profundo e insaciável por segurança, mas que agir nessa perspectiva acaba redundando em mais e maior insegurança, surgindo, no final, um medo ambiente difuso e que se torna o único estilo de vida disponível.

Sogyal Rinpoche (2014) também enfatiza que quanto mais

adiarmos encarar a morte, quanto mais a ignorarmos, maiores serão o medo e a insegurança que se reúnem para nos atormentar. Quanto mais tentarmos escapar desse medo, mais monstruoso ele se tornará. (p. 44)

Temor que no decorrer da história era remediado por investimentos transcendentais que mediavam uma imortalidade simbólica e alguma estabilidade, mas, que com a ascensão da moral acética e factual das partes ideais, foram corroídos em benefício de uma totalidade supostamente apanhável, controlável e manipulável, mas que, apesar do esforço prometeico, se mostram falhos.

Após o declínio da espiritualidade que era a esfera última da transcendência, outras narrativas ou espaços discursivos transicionais foram investidos para mediar elementos transcendentais e remediar o terror frente o incompreensível, entre eles: o trabalho, a família, a nação e a cultura. Mas atualmente, como aponta Bauman (2010), essas totalidades “se esboroam aos poucos mais incessantemente e parecem tudo menos seguras, quanto mais fadadas à imortalidade, e que por isso perdem muito do – senão todo o – poder de dar sentido à vida” (p. 46).

Nessa trajetória, a destituição do trabalho de seu estatuto de significativo e socialmente útil e importante ocorreu por meio da sua fetichização e a fetichização simultânea dos trabalhadores, destituindo o outro da sua posição de

indivíduo – único – e insubstituível em uma dinâmica social, tornando o indivíduo uma peça intercambiável e, logo, diminuindo significativamente o seu valor e sua importância na dinâmica afetiva especialmente no contexto das grandes cidades.

Também a família e a sexualidade, ou a expectativa de um encontro amoroso investido fortemente após o século XVI e que compunha um dos núcleos organizadores e dinâmicos do universo burguês, perde o seu segredo em um contexto de excesso pornográfico se tornando banalizado e insosso para alguns ou assustador e desprezível para outros.

As disputas de poder arbitradas no âmbito das nações igualmente vêm perdendo importância. Os políticos adotam como “estratégia” conciliar o maior número de interesses possíveis e acabam vendendo propostas sem identidade e fundamentos, e que frente às restrições impostas pelo imperativo econômico, acabam frustrando os cidadãos, fazendo esvanecer a paixão e o entusiasmo pela atuação política.

A produção do conhecimento a serviço da preservação da vida – coletiva enquanto espécie e do pesquisador que precisa de financiamento para garantir a sua sobrevivência – adotou um viés fortemente adaptativo, competitivo e instrumental em que as linhas de financiamento e as oportunidades de mercado ditam o que é necessário e os pensadores se tornaram técnicos aptos a manipulação, experimentação e ação, mas incapazes ou relutantes em assumir posições críticas e de discussão dos elementos básicos inerentes ao bem viver.

Esborrou-se, portanto, a reflexão e preparação de totalidades que dialoguem com a morte, sendo este diálogo suplantado pela sua negação. Diferente do passado, como nos lembra Montaigne (2010), quando ressalta que filosofar, para Cícero, não era outra coisa senão preparar-se para a morte. E Montaigne prossegue dizendo que,

A morte é o fim de nossa caminhada, é o objeto necessário de nossa mira; se nos apavora, como é possível dar um passo à frente sem ser tomado pela ansiedade? O remédio do vulgo é não pensar nela. Mas de que estupidez brutal pode vir cegueira tão grosseira? É pôr a brida na cauda do burro, Qui capite ipse suo instituit vestigia retro. (Lucrecio) (Ele, que decidiu andar com a cabeça virada para trás.) (chapter 19, para. 4)

E parece que a brida ou o cabresto realmente está no avesso. O desejo de afirmar somente a vida e negar o inevitável propulsionaram o viver para um estado estático de semi-morte ou semi-vida sem poder ter acesso a ambos.

(In-)felizmente a morte insiste em aparecer. Morte que aparece no findar biológico de vidas, mas que também ressurgue simbolicamente nas constantes rupturas e mudanças que ocorrem no cotidiano. Sogyal Rinpoche (2016) nos lembra que, para a nossa mente, as mudanças “equivalem sempre a perda e sofrimento. E, quando acontecem, tentamos anestesiá-los tanto quanto possível. Presumimos, com teimosia e sem questionar, que a permanência nos proporciona segurança e a impermanência não” (p. 56).

Nesta batalha inglória, o seu terror age “só em mencionar a morte, e a maioria se persigna, como diante do nome do diabo” (Montaigne, 2010, chapter 19, para. 5) ainda que ela seja “a condição de vossa criação; a morte é uma parte de vós: fugis de vós mesmos” (chapter 19, para. 20). Terror que se avoluma com o avançar da idade e com os reforços apresentados pela perda e decadência.

Por outro lado, Montaigne também nos apresenta a solução, isto é, exatamente por ser incerta, devemos aguardar a morte em toda parte, tirando assim a sua vantagem sobre nós. Montaigne (2010) sugere

Tiremos-lhe a estranheza, frequentemo-la, acostumemo-nos com ela, não tenhamos nada de tão presente na cabeça como a morte: a todo instante a representemos em nossa imaginação e em todos os aspectos. No tropeção do cavalo, na queda de uma telha, na menor picada de alfinete, repisemos subitamente: pois bem, e se fosse a própria morte? E diante disso nos enrijeçamos e nos fortaleçamos. Entre as festas e a alegria, tenhamos sempre esse refrão da lembrança de nossa condição, e não nos deixemos arrastar tão fortemente pelo prazer que por vezes não nos volte à memória de quantos modos essa nossa alegria está na mira da morte, e por quantos golpes ela nos ameaça. Assim faziam os egípcios, que no meio de seus festins e entre seus melhores banquetes mandavam vir a anatomia seca de um homem para servir de advertência aos convivas. (chapter 19, para. 7)

O benefício de estar em contato com a morte constantemente, segundo Montaigne (2010) é que

Meditar previamente sobre a morte é meditar previamente sobre a liberdade. Quem aprendeu a morrer desaprendeu a se subjugar. Não há nenhum mal na vida para aquele que bem compreendeu que a

privação da vida não é um mal. Saber morrer liberta-nos de toda sujeição e imposição. (chapter 19, para. 8)

Fazendo a costura entre Montaigne (2010) e Bauman (2000), parece-nos que incluir a morte em sua dimensão inesperada e onipresente liberta o humano de parte significativa da sua *Unsicherheit* à medida que insere uma castração ou limite essencial ao existir. Liberta-se, deste modo, parte significativa da sujeição senão toda sujeição, pois não é passível de dominação aquele que bem compreendeu que a privação da vida não é um mal, mas um transcurso inevitável. Citando Adorno & Horkheimer (1947),

Todo nascimento se paga com a morte, toda ventura com a desventura. Homens e deuses podem tentar, no prazo que lhes cabe, distribuir a sorte de cada um segundo critérios diferentes do curso cego do destino; ao fim e ao cabo, a realidade triunfa sobre eles. (p. 10)

O triunfo da realidade é o triunfo da morte, do limite, sendo o limite mais incompreensível a morte. Nas palavras de Epicuro (2002),

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade. (p. 27)

O nascimento e a morte, os dois grandes limites, inserem a fenda sobre a qual o eu pode ser investido por meio do narcisismo de vida, criando uma unidade que abandona as aspirações fusionais e infinitas. Uma vez realizado o luto das partes ideais, é possível crescer. Isto é, abandonar a esterilidade ideal e enveredar pela co-criação em que parte conhecida do eu, parte desconhecida do eu, parte conhecida da realidade e parte desconhecida da realidade interagem na busca por satisfação, novidades e significado. Mas por que é tão difícil trilhar este caminho?

Apropriando-nos do título do documentário de Al Gore, *An Inconvenient Truth* de 2006, parece que existem frações ou aspectos da realidade em sua dimensão de perda e morte que se apresentam constantemente, mas o seu reconhecimento, inclusão e integração parecem ser inconvenientes ou

impossíveis diante de uma intolerância emocional e uma debilidade da capacidade simbólica.

Neste caso, a mudança que adviria do reconhecimento dos limites e do desconhecido não pode ser vivida, adiando a possibilidade de revolução que “só pode consistir na abolição da separação da morte, e não na igualdade da sobrevivência” (Baudrillard, 1996, p. 176).

O distanciamento da morte e a afirmação compulsiva pela sobrevivência, introduz um lugar inencontrável, mas que, por ser inencontrável, está em toda parte como lembra Baudrillard (1996)

Sabemos, todavia, o que significam os lugares inencontráveis: se a fábrica já não existe, é que o trabalho está em toda parte - se a prisão não existe mais, é que o sequestro e a reclusão estão em toda lugar no espaço/tempo social - se o asilo deixa de existir, é que o controle psicológico e terapêutico se generalizou e banalizou - se a escola acabou, é que todas as fibras do processo social estão impregnadas de disciplina e de formação pedagógica - se o capital desapareceu (assim como sua crítica marxista), é que a lei do valor passou para a autogestão da sobrevivência em todas as suas formas etc. etc. Se o cemitério não existe mais, é que as cidades modernas inteiras assumem essa forma: são cidades mortas e cidades de morte. (p. 173)

Nessa atmosfera de morte, neste deserto que cresce, “lemos nele a ameaça absoluta, a potência do negativo, o símbolo do trabalho mortífero dos tempos modernos até ao seu termo apocalíptico” (Lipovsky, 2013, p. 62). Em outras palavras, o inferno do igual anseia por um apocalipse que o redima desse vazio.

Um desastre que literalmente significa não astro ou morte das partes ideais ou um apocalipse que do grego significa revelação. O desejo por este abalo libertador ou catástrofe da libertação (Marcuse, 2011) é retratado em múltiplos objetos culturais como, por exemplo, *The walking dead*, *Terra Nova*, *The 100*, *Revolution*, *Battlestar Galactica*, *Under the dome*, *Falling Skies* e muitos outros em que a trama narrativa traz normalmente uma grande catástrofe e a possibilidade de recomeçar o projeto civilizatório sob a tônica do contato humano em sua dimensão mais crua possível.

Todavia, também este desejo está sob o manto das partes ideais e narcísicas que, segundo Rosenfeld (1991), também teriam a capacidade de

idealizar o poder das partes destrutivas, criando novamente uma fantasia ideal de relação com o outro amparada fortemente em aspectos idealizados e onipotentes.

Cientes do crepitar incessante da morte e esperançosos de que existe uma parte na maioria dos indivíduos que já reconheceu alguma fração da mesma em sua dimensão de perda, mudanças, morte e limites, ainda que utilizemos muitos mecanismos para tentar excindir essa impressão, parece-nos adequado fomentar a constatação dessa verdade inconveniente, uma vez que quem ensina “os homens a morrer os ensinaria a viver” (Montaigne, 2010, chapter 19, para. 16).

Porém, a inclusão de um bocado demasiado grande e amargo da realidade pode gerar uma reação negativa, aprofundando a fuga da realidade e o refúgio nas partes ideais.

Neste caso, em acordo com as teorias das relações de objeto, a introjeção da função enquadrante do objeto primário ou a criação de um narcisismo primário ou narcisismo de vida suficientemente estruturante para aceitar o encontro com a realidade em sua dimensão de privação/incompreensão só é possível por meio do envolvimento amoroso com o outro.

O cuidado e zelo/compreensão do outro serve de suporte e refúgio para gradualmente constatar e aceitar a falta, a ausência e a morte, ou seja, o indivíduo torna-se capaz de tolerar a existência da morte e assim viver a vida.

Encontramo-nos, portanto, no âmbito da individuação ou da capacidade de tolerar uma solidão ou desligamento fundamentais para a descoberta de si e, também, a descoberta do outro.

Winnicott (1983) em seu artigo originalmente publicado em 1958 bem lembra que a capacidade para estar só é um dos mais importantes aspectos do amadurecimento do desenvolvimento emocional, podendo o indivíduo “mesmo valorizar a solidão como a sua possessão mais preciosa” (p. 32). Mas, como já abordamos acima, o paradoxo desse estado é que ele é conseguido na presença de outrem.

Explicamos melhor, a presença compreensiva e reconfortante do outro assenta gradualmente a confiança de que, apesar do desconforto e da vulnerabilidade inicial, há também um ambiente benigno, diverso e vitalizador.

Mas a transição do terror e do receio para a confiança em si e no ambiente só é possível na presença de alguém que não faz exigências. A partir da soma das experiências positivas, a realidade é gradualmente apreciada e tolerada, desenvolvendo concomitantemente a capacidade de ficar só e capacitando a descoberta do impulso pessoal. Com o passar do tempo o indivíduo se torna capaz de dispensar a presença real do outro, normalmente a figura materna, consolidando um meio interno que suporta a solidão. No entanto, a origem da capacidade de estar só

tem sua base na experiência precoce de estar só na presença de alguém. Estar só na presença de alguém pode ocorrer num estágio bem precoce, quando a imaturidade do ego é naturalmente compensada pelo apoio do ego da mãe. À medida que o tempo passa o indivíduo introjeta o ego auxiliar da mãe e dessa maneira se torna capaz de ficar só sem apoio frequente da mãe ou de um símbolo da mãe. (Winnicott, 1983, p. 34)

Por meio da presença reconfortante do outro e da “repetição de gratificações instintivas satisfatórias” (Winnicott, 1983, p. 34) é criada a base para descansar na ausência de outrem, bem como na sua presença não temendo o seu afastamento.

Segundo Safran (2005), aos poucos o “ambiente auxiliar do ego é introjetado e construído dentro da personalidade do indivíduo de modo a surgir a capacidade de estar realmente sozinho” (p. 166), ainda que em teoria há sempre alguém ou algo “equivalente, inconscientemente, à mãe, à pessoa que, nos dias e semanas iniciais, estava temporariamente identificada com seu lactente, e na ocasião não estava interessada em mais nada que não fosse seu cuidado” (p. 166).

Assim o indivíduo só, isto é, na presença de alguém, pode gradualmente “descobrir sua vida pessoal própria” (Winnicott, 1983, p. 35), mas sem uma suficiência dessa experiência o desenvolvimento é dificultado ou, no limite, inviabilizado, sendo impedida a capacidade de expandir as bases do pensamento e do afeto, pensamento-afetivo.

Isto, pois, a partir desta base, é possível enveredar pela não-integração, “devanear, de estar num estado em que não há orientação, de ser capaz de existir por um momento sem ser nem alguém que reage às contingências externas nem uma pessoa ativa com uma direção de interesse ou movimento” (Winnicott, 1983, pp. 35-36) e, assim, oferecer o vazio e o espaço/tempo cruciais para o surgimento do pensamento significativo, afetivo e novo.

Como nos lembra Matos (2016), pensar ocorre apenas pelo afeto, se não sentisse, não teria apetências para conhecer. Em outras palavras, “penso porque existo. E continuo pensando porque estou em relação com os outros; sobretudo porque amo – alguém, sempre alguém; só a mim, cansava-me depressa – e deixaria de pensar” (Matos, 2016, p. 199). E prossegue dizendo que só “existem conjuntos afectivo-cognitivos e construtos ideoafetivos: o afecto qualifica o conhecimento, o pensamento é determinado por uma emoção e orientado por um sentimento” (Matos, 2016, p. 202). E sem afetos

(...) não sei que existo, nem o que quero e o que fazer da minha existência, sem sonho e pensamento, ficava parado ou andaria à deriva. E depois de mim nada restava. Como poderia então ter acesso à imortalidade simbólica, de que, como ser consciente da minha finitude, careço. Não criador, ficaria prisioneiro de uma terrível angústia existencial, dado o niilismo da minha existência. A psicose, o suicídio ou o estupor melancólico seriam as únicas, tristes e pobres soluções. (Matos, 2016, p. 204)

Para contornar essas tristes e pobres soluções, o afeto enquanto presença, compreensão e continuidade transforma um emaranhado pulsional amorfo e vazio em um indivíduo autônomo e mais desentranhado do objeto primário, sendo, logo, capaz de “tolerar, viver e utilizar criativamente a sua solidão, intrinsecamente humana” (Matos, 2016, p. 159). Solidão e separação que são a gênese da capacidade simbólica, uma vez que a separação exige a habilidade de expressar e nomear a falta e comunicar o desejo.

Também o amor só é possível à medida que é consolidada a presença-ausência que permite reconhecer a solidão. Isto, pois não mais é necessária uma afirmação convulsiva do eu/meu enquanto fantasia projetiva ideal, permitindo ou abrindo espaço ao outro. Outro diverso e com qualidades alheias que não necessitam ser sabotadas invejosamente para garantir um afeto primário ideal.

Outro que compreendo empaticamente em seu sofrimento e suas dificuldades, uma vez que passei/passou pelo mesmo e, ainda que não compreenda integralmente, respeito em seu ritmo e suas dificuldades, pois sei como é difícil integrar a morte e libertar o viver.

Cientes de que consolidar um estofo emocional que advém dos vínculos e do amor alheio-próprio, bem como de um abandono gradual da necessidade desesperada do outro e das partes ideais que anseiam um amor ideal, é um processo longo e delicado; seria conveniente criar uma sociedade ou estruturas sociais sensíveis, zelosas, estáveis e introspectivas que garantam o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Neste ponto, gostaríamos de frisar que os primeiros anos de vida têm um papel crucial no desenvolvimento, pois nesta idade é criado o substrato para amizade e para as transferências futuras, como lembra Winnicott (1983). Substrato que, quando bem assente, pode facilmente ser acessado e permitir o desenvolvimento continuado no decorrer da vida, mas, em caso de falhas graves, exige um dispendioso investimento e tempo para tentar gradualmente empatizar com o indivíduo (se é que é possível dizer que se trata de um indivíduo) alienado e estar disponível ao gesto criativo ou gesto de vida para desta forma gradualmente consolidar um enquadramento ou objeto base que permita viver.

Paradoxalmente, realizar a vida é também realizar a morte. Segundo Safra (2005),

Tanto é importante para o indivíduo que entre no mundo humano, quanto é importante que, em um ponto de seu processo, o abandone. É interessante que, quando a pessoa encontra essa possibilidade, a individualidade de seu self deixa de ter importância em si para haver uma ênfase no self coletivo, na história da humanidade. (p. 167)

Situamo-nos, portanto, na possibilidade da existência do coletivo e de um abandono gradual de si, uma vez que fui amado, compreendido e compreendo, não necessito copiosamente re-afirmar um amor ideal, afrouxando gradualmente o anseio egocêntrico e desejoso por poder, pois aceito a morte, a minha morte, bem como o nascimento do outro. E deixemos claro que essa aceitação ou renúncia, não ocorre por repressão ou adaptação a algum ideal ascético,

filantropo ou altruísta, mas por um desinteresse de quem está saciado e que, sim, ocasionalmente ainda tem alguns desejos e momentos egocêntricos, mas cuja voracidade não necessita de todo o mundo para ser saciada, necessita apenas da parte justa condizente a minha fome.

Stiegler (2007) nos lembra que violência e insegurança são uma questão de narcisismo ou perda da individuação, uma individuação que nunca pode ser concluída, mas que com a introjeção de um objeto base bom, com a crença em um ambiente benigno e com recursos para suportar a solidão e elaborar o pensamento pode ser reconstruída recorrentemente.

Por outro lado, o seu oposto também é possível, a destruição do narcisismo primordial (Stiegler, 2007, p. 95) ou de vida e a exploração e sincronização das partes ideais que acentuam a promessa do amor ideal e da não finitude, erodem gradualmente a capacidade de individuação, pensar e amar.

Cientes de que a individuação é fruto da relação significativa com o outro, há apenas um caminho, ainda que diverso para cada um, mas que envolve necessariamente o encontro afetivo do eu-outro-nós que oferece a base sobre a qual o eu pode se descobrir.

Este encontro gera a trama sobre a qual o social é possível, sendo esta base forjada à luz do amor ou mais verdadeiramente da amizade.

Epicurus (2002) nos lembra que os pilares da sua filosofia do bem viver estariam baseados na amizade, em uma vida analisada e na liberdade ou autossuficiência, visando atingir o objetivo de obter uma vida tranquila ou livre do medo e livre de dor.

Tendo em vista um real bem viver endossamos Epicurus (2002) e reiteramos a importância da apreciação da efemeridade da vida, conferindo, deste modo, sentido à vida e até uma certa urgência em fazer aquilo que realmente importa, sendo, porque não, o fim último o prazer,

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e

de perturbações da alma. Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das iguarias de uma mesa farta que tornam doce a vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos. De todas essas coisas, a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originam todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza, justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. (Epicuro, 2002, pp. 43-45)

A prudência neste caso parece ser a posição mais aconselhada frente o viver e morrer. Uma vez que a vida é preciosa, fazer um julgamento prudente do que realmente importa, como investir o tempo, os pensamentos e os afetos pode ser um bom ponto de partida para o bem viver.

Bem viver amparado mais nos prazeres de repouso do que nos prazeres de movimento. Sendo os primeiros aqueles que

chegam à alma como algo natural à sua atividade, como a satisfação de uma necessidade ou o fácil e gratificante exercício das suas funções. Os segundos consistem naquilo que a alma experimenta como algo acrescentado à sua natureza, e que tem que ser procurado no exterior porque não resulta da sua atividade normal. O prazer de repousar depois do cansaço, beber água com sede, são típicos prazeres em repouso. As drogas e o consumo de bebidas alcoólicas, são exemplos de prazeres em movimento. Epícuro opta decididamente pelos prazeres em repouso, porque os prazeres em movimento a longo prazo produzem dor, transformados em hábito, escravizam a alma submetendo-a às coisas exteriores. (Gambra, 1991, p. 75)

Especialmente no atual contexto de aceleração, os prazeres de repouso parecem ser os mais aconselhados para uma vida em liberdade. Liberdade sempre acompanhada da morte que não deixa tempo para os aprestos de tal viagem (Montaigne, 2010), e, por isso, é uma liberdade banhada pela luz trágica e mágica da transcendência e que exige a mais profunda introspecção e avaliação do que realmente importa convocando e comungando com os elos afetivos, naturais e talvez sobrenaturais no sentido de discriminar o que faz e o que não faz sentido no viver.

Eis que a face reflexa da morte, se mediada por um encontro afetivo, torna-se a maior aliada para a vida plena à medida que concentra, distingue e revela o que importa e o que não importa constantemente, ceifando as partes

narcísicas, ideais e ignorantes, confirmando o pressagio de Tirésias de que Narciso viveria “se não se conhecer”.

8. Da reta ao ciclo

Demonstramos nos capítulos anteriores como as estruturas narcísicas desconstroem ou desinvestem afetivamente o universo relacional, deixando apenas uma carcaça social. Porém notamos que o imperativo narcísico vai além do universo social e invade também a dinâmica natural em um ritmo demasiado acelerado, podendo conduzir a um colapso ambiental.

Já salientamos que as partes narcísicas necessitam de constante ação – *acting out*³⁰ – para descarregar/mobilizar o desconforto e preservar uma unidade idealizada.

Em acordo com este anseio primitivo e instantâneo, foi criado um sistema unidimensional (Marcuse, 2011) que pode a qualquer momento servir de válvula de escape à tensão, assim como gera uma métrica que avalia e marca os incluídos e os excluídos. Sendo o paradigma econômico uma estrutura fortemente investida e reafirmada, orientando e unificando o tecido social à medida que aponta para a salvação que deve ser obtida por meio do crescimento econômico.

Neste caso, o anseio narcísico que exige exclusividade e tensão infinita se identifica com a mística econômica e o seu tempo acelerado e linear, culminando normalmente em três desfechos como foi apresentado no tópico 4.1. Primeiro desfecho, medir força com Chronos e capitular exausto. Segundo, negar o tempo cronológico e enveredar pelo delírio maníaco tonando-se Deus. Ou aceitar a realidade e as conclusões/pausas ou mortes tendo acesso à dimensão kairológica da vida.

A aceitação do último ponto se mostra delicada em um contexto de enaltecimento dos elementos ideais, restando as duas primeiras opções que no fundo têm um ponto comum, isto é, a atemporalidade que ocorre pela conquista do tempo/aceleração ou pela sua negação.

Atemporalidade que tem por característica uma dilatação “sem princípio nem fim” (Han, 2016, p. 19) do tempo, uma duração vazia, “sem pódio de

³⁰ *Acting out* é a passagem ao ato, colocação em prática ou a realização impulsiva de uma pulsão sem o intermédio de uma elaboração, reflexão ou pensamento.

chegada ou beijo de namorada”³¹, uma extensão ilimitada e incapaz de ser significada e de significar.

Esta incapacidade de terminar, de concluir, faz com que se rompam os diques temporais, não havendo o que regule, articule e dê “ritmo ao fluxo do tempo, que possam detê-lo e guiá-lo, sustentando-o, no tão belo duplo sentido da palavra” (Han, 2016, p. 14).

As perdas dos dois diques que continham o tempo fazem com que este se esparrame, perdendo a capacidade de gerar unidades simbólicas/estruturas afetivas-significativas que comprovem a validade do viver, tornando a vida em um flutuar à deriva. Ou, segundo Han (2016), o tempo vem se desintegrando “numa sucessão cada vez mais acelerada de acontecimentos isolados em si mesmos, com que o tempo, à falta de uma gravitação ou de uma ancoragem no sentido, se precipite sem rumo nem sustentação” (p. 81).

Reinstituir os diques e o ritmo é a alternativa ao flutuar passivo e amorfo. Ritmo que exige movimento e pausa, aceleração e calma, ação e contemplação, expansão e contração, desorganização e organização, não integração e integração.

Ritmo que ao conter e constranger “simultaneamente a força inerente ao querer-viver individual, permite uma espécie de autocriação equilibrada, por um lado, e uma harmonia coletiva” (Maffesoli, 2002, p. 170). Ritmo que advém da experiência dos encontros que ora machuca ora potencializa, ora endossa e ora contraria, necessitando acessar a sensibilidade entre os diversos tempos para encontrar um ritmo bom que não faça soçobrar na calma, mas, tampouco, esfacelar-se em excesso de excitação e vibração.

No fundo estamos falando de uma tensão boa que oferece uma tração ao crescimento individual e coletivo, harmonizando o individual, o social e o natural ou ecossistêmico.

A menção a um bom ritmo nos coloca no âmbito da ética, ou seja, na reflexão sobre uma boa forma de viver e conviver, um aprendizado e um

³¹ Trecho da música de Cazuza: *O tempo não para*. “Disparo contra o sol / Sou forte, sou por acaso / Minha metralhadora cheia de mágoas / Eu sou o cara / Cansado de correr / Na direção contrária / Sem pódio de chegada ou beijo de namorada / Eu sou mais um cara”.

crescimento que se baseie em um ritmo adequado e prudente capaz de sustentar a experimentação, a mudança, a transgressão, o regresso, o retorno, o cansaço, o descansar, a construção e a destruição.

Infelizmente na atualidade o ethos social pouco espaço/tempo oferece para o oposto do movimento, da descarga e do fluxo. Sem descanso, contenção e repouso, é perdida uma dimensão crucial para o bem viver e para o conviver.

A injeção incessante de energia, fragmenta e faz vibrar em dissintonia, apesar dos grandes esforços sincronizadores. A entropia se mostra cada vez mais presente e um frenesi oscilatório exacerba um estado de alta tensão, de agitação e de desorganização.

Eis uma contradição básica, as esferas narcísicas e regredidas buscam manter a estabilidade e um referencial exclusivo por meio da injeção aumentada de mais energia e velocidade no circuito dromológico do progresso, mas essa aceleração e vibração desorganizam e demandam mais energia para manter o curso rumo ao crescimento infinito e, assim, corresponder às partes ideais que abominam a descontinuidade e a morte.

Neste caso, a única solução é enveredar infinitamente pela dinâmica alucinante do crescimento econômico que é ora objeto redentor e ora objeto perseguidor. Delírio este que se sustenta no plano abstrato do mais número da circulação econômica, mas que ignora uma contrapartida ecológica, corroborando com uma cisão e negação de parte da realidade.

Recordamos que o narcisismo é uma reação ao encontro com a realidade em sua dimensão de perda ou ausência de controle, necessitando criar uma compensação positivada e segura. Mas também é verdade que o mau pode e deve ser gradualmente integrado à medida que é transformado por meio do contato afetoso, compreensivo e inteligente com o outro.

No esquema compensatório, parece-nos que grande parte dos indivíduos já teve o primeiro encontro com a realidade e buscam avidamente uma compensação positiva ideal que ignora quaisquer limites.

Clinicamente esta afeição, mesmo que deslocada para outros representantes substitutos como o dinheiro, o poder, a fama ou mesmo um outro idealizado, faz sentido. Mas diferente da clínica que é compreensiva em relação

ao desejo/necessidade de uma afetividade ilimitada do paciente, a realidade física, biológica e social necessita manter alguns limites.

Limite natural que podemos derivar da lei dos recursos escassos enunciada pela economia e pelo meio-ambiente. Ou seja, se assumirmos que a humanidade é diretamente dependente da base material e biológica planetária em que vive, deve ser imposto um corte ao desejo de onipotência humana para zelar por uma utilização sustentável e prudente do bioma terrestre se considerarmos o desenvolvimento humano continuado.

Outro limite que nos parece crucial envolve uma dimensão empática mínima entre o eu e o outro. Neste caso, apesar dos protestos de Narciso em não reconhecer o outro, há normalmente uma dimensão social rudimentar na maioria dos indivíduos caracterizada pelos valores humanistas e humanitários que admitem a existência do outro e suas necessidades.

Entre esses dois limites ao narcisismo humano, vários sistemas de organização social podem ser pensados, experimentados e vividos. Mas é crucial que a compensação narcísica e busca pela onipotência tenham limites mínimos que permitam a sobrevivência enquanto espécie e aquilo que nos vincula enquanto humanos.

Este limite ético e moral novamente acorrentaria o nosso Narciso prometeico, gerando espaço para a convivialidade, para o desenvolvimento individual e coletivo e para as disputas ideológicas saudáveis. Limite que deve ser vastamente debatido, refletido e, em caso de dúvida, adotar um viés prudente, podendo ser alterado à luz de novos conhecimentos e novas posições ideológicas, mas que precisa ser revelado e não ignorado ou negligenciado.

Porém, o que parece ocorrer atualmente é o oposto. A fantasia onipotente e ilimitada narcísica infla as expectativas coletivas e em nome da vida ou da negação da morte exige movimento, expansão e crescimento constantes, ignorando qualquer limite.

Tomemos o exemplo do crescimento econômico. Este tem uma dimensão cruel, pois serve de indicador para as economias em um contexto competitivo e atualiza constantemente a sua referência para o último ano, gerando um ciclo de horrores. Para melhor compreender este ponto, simulamos a criação de um país

A no ano 1996 e fixamos a taxa de crescimento em 1.5%, 3% e 6%. Segue a tabela com os valores para os 10 primeiros anos, 20 anos, 50 anos e 100 anos após a sua criação.

Ano	Crescimento 1.5%	Produção para 1.5%	Crescimento 3%	Produção para 3%	Crescimento 6%	Produção para 6%
1996		100,0		100,0		100,0
1997	1,5%	101,5	3%	103,0	6%	106,0
1998	1,5%	103,0	3%	106,1	6%	112,4
1999	1,5%	104,6	3%	109,3	6%	119,1
2000	1,5%	106,1	3%	112,6	6%	126,2
2001	1,5%	107,7	3%	115,9	6%	133,8
2002	1,5%	109,3	3%	119,4	6%	141,9
2003	1,5%	111,0	3%	123,0	6%	150,4
2004	1,5%	112,6	3%	126,7	6%	159,4
2005	1,5%	114,3	3%	130,5	6%	168,9
2006	1,5%	116,1	3%	134,4	6%	179,1
2016	1,5%	134,7	3%	180,6	6%	320,7
2046	1,5%	210,5	3%	438,4	6%	1842,0
2096	1,5%	443,2	3%	1921,9	6%	33930,2

Este exemplo nos permite observar que em 20 anos, se fixarmos o crescimento em 1.5%, teria que ocorrer um acréscimo na produção de 34,7, um acréscimo de 80,6 para 3% e de 220,7 para 6%. Se expandirmos o horizonte para 50 e 100 anos no cenário de uma taxa de crescimento de 3%, o aumento da produção teria que ser, respectivamente, de 338,4 e de 1821,4.

Se nos basearmos em dados reais entre o período de 1961 e 2015, verificaremos que houve um crescimento real médio de 3,8% (WORLD ECONOMICS, 2016) de ano em ano. Isso significa que em 54 anos o produto cresceu na ordem dos 650,0%, havendo a necessidade desse crescimento ser extraído de algum lugar, sendo a técnica a grande coqueluche.

A respeito da técnica, parece que muitos teóricos e políticos colocam uma fé exacerbada na tecnologia para solucionar as dificuldades de um crescimento econômico contínuo e contornar uma catástrofe ambiental. Fé que propaga uma substituíbilidade dos fatores de produção, a transição para uma economia imaterial e a ecoeficiência que gerará um sistema produtivo limpo. Porém Latouche (2006) nos explica que, apesar de existir uma queda relativa da

atividade industrial em relação ao setor de serviços, ainda há um crescimento absoluto de ano para ano que necessita de matérias primas e gera uma série de “externalidades” poluentes, sendo que grande parte das promessas ecoeficientes esbarram no imperativo dos lucros, sendo escanteadas em benefício do menor preço.

Retornamos assim à dinâmica do crescimento com três ingredientes básicos para a manutenção do circuito do consumo que são: “a publicidade, que cria o desejo de consumir, o crédito, que lhe fornece os meios, e a obsolescência acelerada e programada dos produtos, que renova a suas necessidades” (Latouche, 2012, p. 30).

Se olharmos por outro ângulo, é fácil observar que a publicidade lança o indivíduo ao futuro e o coloca em dívida simbólica com a moda; o crédito sempre a juros, torna compulsório um compromisso crescente em relação ao futuro; e a obsolescência acelerada e programada esfacela os produtos em prazos cada vez menores, fazendo com que o indivíduo tenha que constantemente repor ou substituir algo que já foi útil por outro produto.

O último ponto é extremamente delicado se pensarmos que a engenhosidade humana nos faculta uma maior qualidade de vida em muitas esferas, mas também pode furtar esta qualidade de vida intencionalmente em nome da manutenção do consumo continuado e do lucro.

De qualquer forma, a lógica do crescimento baseada nos valores do ano passado exige um esforço crescente que necessita ser obtido de alguma forma. Entre os meios mais comuns estão: ampliar a população economicamente ativa, buscar tecnologias melhores que incrementem a produtividade e ampliar a exploração ou reduzir os custos dos recursos ambientais e da remuneração do trabalho. Especialmente a última opção é muitas vezes empregada por ser mais rápida e fácil, ainda que suas consequências vão no rumo da precarização do trabalho e do maior impacto ambiental.

Ademais a lógica do crescimento e da abundância do sistema econômico com a sua contabilidade agregada facilmente caduca como demonstra Baudrillard (2011).

Em suma, em toda a parte se toca num ponto em que a dinâmica do crescimento e da abundância se mostra circular e começa por girar sobre si mesma e em que o sistema se esgota, de modo progressivo, na sua reprodução. Limiar de patinagem, onde todo o aumento da produtividade passa a alimentar as condições de sobrevivência do sistema. O único resultado objetivo é então o crescimento canceroso dos números e dos balanços; mas, no essencial, regressa-se propriamente ao estágio primitivo, que é o da penúria absoluta do animal ou do indígena, cujas forças se esgotam todas na preocupação pela sobrevivência. (p. 36)

Triste observar como a técnica e a capacidade intelectual que um dia foram idealizadas como elementos libertadores do tempo e uma possibilidade da humanidade se dedicar às faculdades superiores, novamente esbarram no antigo paradigma da auto-conservação.

E é de espantar que existem poucas críticas sobre o atual contexto de fluxo compulsório que promove uma lógica contábil da adição mágica dos números com uma “circularidade admirável do positivo e negativo (venda de álcool e construção de hospitais)” (Baudrillard, 2011, p. 38) e uma unificação mistificadora que impede de ver, refletir e discriminar. Cegueira tamanha que o discurso do crescimento compulsório surge tanto nas ideologias de direita como nas de esquerdas sem muitos questionamentos sobre a atual fé ou religião da economia, do crescimento, do progresso e do desenvolvimento (Latouche, 2006).

Eis que o preço da exclusão do mau – da separação – é a atrofia do espaço/tempo que permite o surgimento do discernimento, do pensamento e da atuação política enquanto disputa de visões. Atrofia que sob a lógica mágica e exclusiva dos números tudo iguala e exige um movimento incessante que nada mais é do que um *acting out* das partes narcísicas que utilizam um funcionamento mental primário para lidar com o desconforto.

Isso demonstra como o motor econômico acelera o tempo e oferece uma solução única e imediata que exige sempre ação. Ação que responde ao desejo onipotente e reflexo de descarga das partes primárias (Freud, 1911b/1996), mas que ceifa gradualmente a possibilidade para o surgimento do pensamento abrangente e complexo, sendo normalmente uma reprodução da clivagem narcísica.

Se, por outro lado, esforçarmo-nos por integrar e compor uma realidade mais completa, temos que considerar o alerta de uma série de intelectuais e pesquisadores que discorrem vastamente sobre os efeitos da ação antropogênica sobre a biosfera.

Discurso que correlaciona a lógica do crescimento econômico e suas implicações predatórias e disruptivas sobre a biosfera, uma vez que é ignorada uma dimensão de reciprocidade entre o homem e o meio com os seus ritmos próprios que permitem regeneração, resiliência e uma vida boa e continuada para a espécie humana.

Neste caso, um projeto alternativo teria que considerar uma série de subsídios, por exemplo, da química e da ecologia que alertam constantemente para os efeitos entrópicos do atual sistema produtivo. Isto, pois, até o presente momento, os modelos econômicos excluem a irreversibilidade do tempo, ignorando a entropia, ou seja, “a não reversibilidade das transformações da energia em matéria. Deste modo, os resíduos e a poluição, produzidos aliás pela atividade econômica, não entram nas funções de produção padrão” (Latouche, 2006, p. 18).

Fica evidente que o vício pelo crescimento impede a constatação ou inclusão de qualquer limite ecológico e biofísico, contrariando a localização da economia dentro da biosfera planetária. A exigência da reprodução ampliada ou fuga para frente impõe um modo de funcionamento automático que ignora bocados de informações importantes e uma dimensão sensível evidente.

No caso da dimensão sensível poderíamos listar uma série de impactos estéticos como a sujeira que impregna os mares, a destruição das florestas, o mal-estar advindo do stress e muitas outras anomalias fruto do crescimento que ignora o tempo de repouso, assimilação e transformação da ação antropogênica nos diversos sistemas biológicos.

Sobre as informações ignoradas, poderíamos retornar às advertências malthusianas, mas nos basta o relatório do clube de Roma de 1972. Este relatório, após reuniões e estudos de uma equipe multidisciplinar, apontou que a análise em separado dos diversos problemas ambientais não é capaz de fazer um bom equacionamento para o crescimento e o progresso, uma vez que

negligencia ou não toma em consideração consequências que podem tornar o planeta inabitável para os seres humanos.

Em linhas gerais o relatório alerta que o planeta não suportará o crescimento populacional devido ao aumento da exploração dos recursos naturais e energéticos e a poluição gerada, mesmo que sejam considerados os avanços tecnológicos. E apresenta as seguintes conclusões:

1. If the present growth trends in world population, industrialization, pollution, food production, and resource depletion continue unchanged, the limits to growth on this planet will be reached sometime within the next one hundred years. The most probable result will be a rather sudden and uncontrollable decline in both population and industrial capacity.
2. It is possible to alter these growth trends and to establish a condition of ecological and economic stability that is sustainable far into the future. The state of global equilibrium could be designed so that the basic material needs of each person on earth are satisfied and each person has an equal opportunity to realize his individual human potential.
3. If the world's people decide to strive for this second outcome rather than the first, the sooner they begin working to attain it, the greater will be their chances of success. (Meadows, D.; Meadows, D.; Randers, J.; Behrens III, W., 1972, pp. 23-24)

E encerra o estudo alertando para a necessidade de mais estudos que possam dimensionar e preparar a transição de uma sociedade baseada no crescimento para uma outra que busque o equilíbrio global.

Se olharmos para alguns dados oficiais recentes como os do painel intergovenamental para mudanças climáticas temos que

Warming of the climate system is unequivocal, and since the 1950s, many of the observed changes are unprecedented over decades to millennia. The atmosphere and ocean have warmed, the amounts of snow and ice have diminished, and sea level has risen. (IPCC, 2014, chapter 1, topic 1, para. 1)

E neste mesmo relatório é afirmado que a origem do aquecimento global advém significativamente da ação antropogênica tendo consequências imprevistas, mas que provavelmente irão exacerbar eventos extremos e criar uma série de riscos para os sistemas naturais e humanos. E frisam que muitos aspectos da mudança climática e outros associados continuarão por séculos,

mesmo que os efeitos antropogênicos cessem, aumentando o risco de mudanças irreversíveis e abruptas à medida que o aquecimento aumentar.

Mas sabemos que o aquecimento global é apenas um dos problemas e que poderíamos listar outros como a poluição do ar, água e solo, o desmatamento da cobertura vegetal, a extinção de espécies, a diminuição da camada de ozônio, o esgotamento do solo, os acidentes nucleares entre outros.

O que há de comum em todos, uma exploração/impacto extremo e inconsequente na biosfera que pode culminar em calamidades.

Impacto advindo da atual religião do crescimento encampada principalmente depois da Segunda Guerra Mundial e que ignora os limites ecológicos, improvisando com argumentos insuficientes ou mesmo falaciosos.

Entre os muitos argumentos que necessitam ser repensados, está a articulação do crescimento econômico e do bem-estar social, uma vez que há uma ilusão de que o crescimento econômico promove a eliminação das injustiças sociais e econômicas.

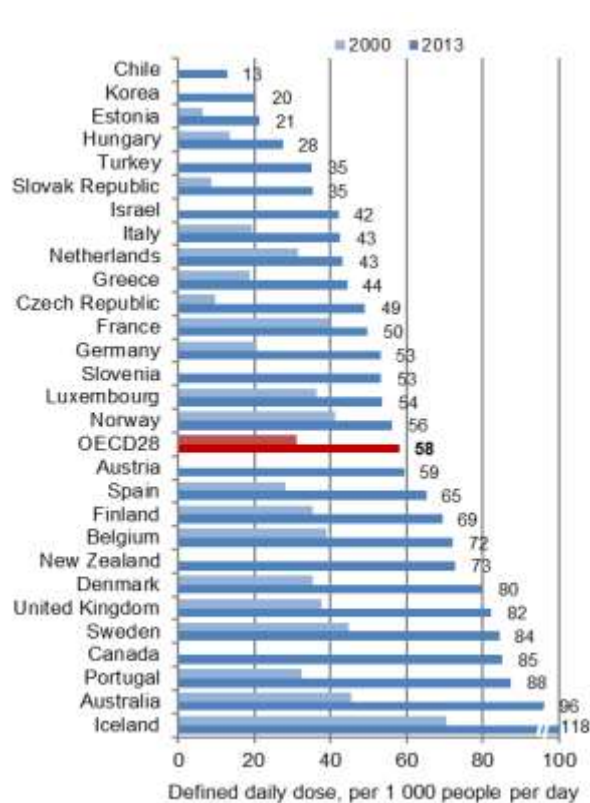
Argumento que não é válido, pois a disparidade entre os ricos e os pobres continua imensa e cresce no decorrer do tempo. Em um relatório da OCDE (2011) é dito que a renda dos 10% mais ricos é por volta de nove vezes a renda média dos 10% mais pobres. Sendo a disparidade menor nos países nórdicos e em muitos países da Europa continental, mas que chega a uma proporção de 1 para 10 na Itália, Japão, Coreia e Reino Unido; perto de 1 para 14 em Israel, Turquia e Estados Unidos; e 27 para 1 no México e Chile. Se adotarmos uma abordagem longitudinal por meio do Índice de Gini que oscila de 0 (quando toda população tem uma renda idêntica) e 1 (quando a renda vai apenas para uma pessoa), notamos que na década de 80 o índice era de 0.29 para os países da OCDE e no avançar dos anos 2000 subiu aproximadamente 10% alcançando 0.316. Isso demonstra um incremento da desigualdade em 17 dos 22 dos países da OCDE em um período de 30 anos.

Fica evidente que o atual sistema econômico, apesar de relacionar crescimento econômico e redução da desigualdade, acirra as assimetrias entre ricos e pobres, cria um bem-estar ilusório baseado em bens e serviços, mas não constrói uma sociedade prazerosa e convival para os próprios ricos, culminando

em uma “anti-sociedade” que orbita ao redor da preservação da sua riqueza (Latouche, 2006).

A preservação da riqueza e a corrida maluca dos números, em vez de gerar satisfação, faz perdurar o esgotamento e um descontentamento generalizado como demonstra, por exemplo, o consumo colossal e crescente de antidepressivos.

Gráfico 5 - Antidepressant drugs consumption, 2000 and 2013 (or nearest year)



Fonte: OECD (2015).

O gráfico acima demonstra a fragilidade de vincular crescimento económico ou riqueza e bem-estar, sendo que Latouche (2006) vai além ao afirmar que

A miséria psíquica e espiritual dos ricos produz, no outro extremo, a miséria material dos excluídos, porque, numa sociedade que faz da vida um combate e da morte um fracasso, o remédio para a depressão psíquica é a excitação, um dos exemplos da qual é a especulação bolsista. (p. 56)

A pobreza e a disparidade se generalizam, os ricos agonizam em sofrimento e um pequeno gozo é obtido nos movimentos oscilatórios da bolsa de valores, uma pequena excitação para uma vida de miséria.

Entre as alternativas à miséria existencial sugerimos romper, desligar, parar, ponderar, contemplar, observar e outros verbos que causam arrepio às estruturas narcísicas.

Não nos colocamos a favor do imobilismo, apenas frisamos que no cerne da organização e do ethos social não deve existir uma tautologia ideológica exclusiva e alucinante, mas o reencontro com ritmo cosmológico, planetário e natural com os seus diversos tempos que permitem uma interrogação continuada sobre o que é o bem-viver.

Ritmo das estações, do sol e da lua, da música e da dança como demonstra Han (2016) ao mencionar Martin Heidegger

O mundo é uma “dança de roda” entre “terra e céu, os divinos e os mortais”. A “dança de roda” é também uma fórmula temporal, um eterno voltar em torno de si próprio. Evita qualquer dispersão espaço-temporal. Tudo permanece recolhido no “anel” do mundo, no “esplendor da sua simplicidade” (Han, 2016, p. 85)

Concentração e recolhimento que permitem um eterno retorno sobre si mesmo. Repetição que forja uma unidade, um anel e um identidade quando preenchido, e também gera unidades comparativas que permitem a comparação, a descoberta, a elaboração, a distinção entre o desejado e o real, abrindo espaço para a transformação.

Tudo vai, tudo torna; a roda da existência gira eternamente.

Tudo morre, tudo torna a florescer; eternamente fluem as estações da existência.

Tudo se destrói, tudo se constrói; eternamente se edifica a mesma casa da existência. Tudo se separa, tudo se saúda outra vez, o anel da existência conserva-se eternamente fiel a si mesmo.

A existência principia em cada instante; em torno de cada ‘aqui’ gira a esfera do ‘acolá’. O centro está em toda a parte. O caminho da eternidade tona sobre si mesmo. (Nietzsche, 2011, p. 249)

Auxiliados pelo advogado da vida, advogado da dor e “advogado do Ciclo” (Nietzsche, 2011, p. 247), consideramos que o caminho circular, pendular e repetitivo gera unidades temporais e existenciais que permitem a comparação, a discriminação e uma gradual escolha, apesar da força do hábito.

Ritmo que abre espaço para a elaboração mental, para experimentação prudente diante da sucessão de repetições passadas e para um deslocamento marginal do raio da circunferência existencial. Recordar, repetir e elaborar está no cerne da psicanálise e serve de base para uma vida desperta, analisada, lúcida e que propicie a transformação.

Transformação e transmutação lenta e prudente ou moderada como recorda Maffesoli (2010), pois somente na moderação é possível se conectar com o nascimento e a morte de todas as coisas dentro do círculo demarcado do possível, podendo edificar a “sabedoria sobre aceitação trágica de um presente que se pressente precário e que, desde sempre, precisa de intensidade” (p. 66).

O trágico lacera, divide e cria pedaços/unidades que podem ser investidas de intensidade e ancorados novamente no “tempo-forte” (Eliade, 2000), tempo cíclico que se encerra e se abre renovadamente, reatualizando e revivendo alguma “história verdadeira (...) altamente preciosa, porque sagrada, exemplar e significativa” (Eliade, 2000, p. 9). Tempo do sagrado e dos primórdios, tempo no domínio da religiosidade que integra em sua dimensão significativa, preciosa e exemplar, sendo jamais superado diante dos renovados ciclos de vida e morte.

Uma vez deixada ou suavizada a dimensão linear do tempo, é aberta a fenda que permite o ciclo e o centro sobre o qual é possível investir e trilhar o caminho da eternidade não mais amparado na dimensão distal da perfeição, mas da intensidade proximal enquanto durar como nos ensina o “poetinha” brasileiro.

Soneto de Fidelidade

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

(Moraes, 1960, p.96)

9. Considerações finais

Refletir sobre os elementos narcísicos na sociedade e como eles podem, no limite, configurar uma arquitetura social caracterizada pela destruição dos diversos elementos vinculadores e afetivos se mostrou um processo difícil e instigante. Difícil frente à complexidade do tema e à multiplicidade de abordagens possíveis, fazendo desse trabalho um corpo vivo e em disputa. É instigante pela atualidade do tema e pelo potencial de dialogar com o ser humano de hoje, tornando este trabalho um elemento de poder em um contexto de disputa ideológica ou mesmo um esforço de compreender e construir algo sobre o atual declínio que certamente pode representar o sinal de uma nova gênese (Maffesoli, 2010).

Se fossemos escolher três pontos principais no trabalho, listaríamos os seguintes.

Primeiro, baseados em Freud (1914/1996), endossamos que o narcisismo tem curso regular no desenvolvimento humano e que sua função original migra para o ideal do ego no decorrer do desenvolvimento psíquico, sendo a fase narcísica crucial para uma gradual apreensão da realidade em sua dimensão de perda e a criação de uma organização psíquica capaz de estabelecer vínculos, lidar com as mudanças e evoluir.

Segundo, que é possível regredir ao narcisismo ou mesmo enveredar pela onipotência destrutiva à medida que se destrói os vínculos e, no limite, desinvestir a si mesmo frente ao terror da mudança, do mau e da morte.

E terceiro, que o investimento afetivo e compreensivo de A sobre B pode gradualmente minimizar os elementos narcísicos e abrir espaço para o surgimento do diverso, do pensamento, do contexto natural e do afeto em B que poderá nutrir/compreender C.

Deste modo, parece-nos que a mudança ou a criação de uma sociedade e sociabilidade diferente é possível, apesar do esforço narcísico em profetizar a esterilidade, e que a velocidade de transformação social não é previsível uma vez que pode ocorrer um esquema de contágio ou feito multiplicador, criando um

montante crescente de indivíduos capazes de suportar a solidão, produzir pensamentos adequados à realidade e criar vínculos afetivos nutritivos.

Mas também é necessário dizer que os atuais elementos narcísicos apresentam forte resistência em integrar o mau e suportar o mal-estar, utilizando abusivamente de mecanismos reflexos e primários, ceifando a possibilidade de crescimento e desenvolvimento psíquico e social e arruinando a ecologia.

Ademais, esta forma primitiva e reflexa de evitar o mau pode até funcionar em fantasia, mas empobrece a existência, erode a liberdade e torna, no extremo, o indivíduo refém de um sistema automático de evitar tensão, incapaz de sustentar o mau e transformá-lo em algo.

Para gerar uma sociedade em que o pensamento ainda é importante, consideramos fundamental estimular a criação de contextos sociais, afetivos e reflexivos que auxiliem os indivíduos a tolerar o desconforto, suspender ou adiar a descarga e buscar/criar pensamentos mais adequados e completos diante da realidade.

Essa posição é simultaneamente de resistência e de atrevimento, pois abrange o novo, atua sobre o ritmo da moderação, do prazer e da completude. As sucessivas descontinuidades são oportunidades de nascer, viver e morrer renovadamente, sendo a morte ou a impermanência o grande presente, pois sua intromissão continuada atualiza, revela e discrimina aquilo que tem importância daquilo que não tem.

Uma vez acolhida a ideia da morte e deligadas ou desinvestidas as partes ideais/imortais, o presente ganha vigor. A transitoriedade do viver confere responsabilidade ao breve íterim e é deflagrada uma dimensão expansiva da existência que concilia relaxamento e atenção, conduzindo o fluxo de atenção/energia para os aspectos sutis de si mesmo, da relação com o outro, da relação com o meio natural e com o transcendente.

Temos, portanto, que Narciso morre pelo conhecimento. Uma morte significativa e simbólica à medida que confronta o humano com as trevas do submundo, mas que permite o renascimento e a fertilidade de todos os seres.

A morte narcísica também é o nascimento do outro, pois antes não havia espaço para o outro, mas depois que Narciso morre há espaço para descobrir e

desfrutar o diverso. Assim como há espaço para o surgimento do nós, isto é, apenas quando os elementos narcísicos diminuem, é possível criar relações que erodem o eu/outro para surgir algo que não está compreendido na unidade individual, mas a transcende.

Uma vez transcendida a unidimensionalidade narcísica, o viver e a convivência se tornam complexos e plurais. Neste contexto, também a economia necessita de uma reinvenção ou de um resgate de uma complexidade perdida.

Se pensarmos uma nova economia, ela não estaria centrada exclusivamente no menor preço, no maior ganho e no maior crescimento, mas em múltiplos elementos que configurariam uma nova macro e microeconomia.

Uma nova macroeconomia poderia, por exemplo, contemplar aspectos agregados da felicidade, do prazer nas atividades diárias, da gestão dos resíduos humanos, da responsabilização socioambiental, da preservação e do aprendizado ambiental, da capacidade de introspecção e de viver a solidão, da capacidade de criar vínculos, da administração do tempo humano, das habilidades manuais, das capacidades emocionais, da maleabilidade para o bom envelhecer, da reflexão sobre a morte e sobre o além morte, do letramento histórico, sociológico, filosófico, artístico, da capacidade de expressão artística, da capacidade de concentração, etc.

E uma nova microeconomia consideraria o tempo ou o fluxo de atenção em vida nas diversas atividades internas e externas. Este fluxo singular e coletivo é capaz de promover transformações, criando elementos significativos, belos, harmonizados e harmonizadores na/da ecologia.

Esta nova economia madura e complexa seria a convergência entre o prazer e o sentido à medida que os valores ou pontos de referência não mais estariam baseados numa tautologia automática, externa e estéril, mas no encontro do desejo, da criação, da potência vivificadora individual com o desejo, a beleza e a profundidade alheia, fazendo surgir múltiplos elos dinâmicos.

Divino, por que não. Onde estaria o divino senão nos encontros. Deste modo, trilhar a eternidade e as suas dificuldades pode resgatar gradualmente uma dimensão curiosa e encantada do enigma que é o viver. Enigma supremo e majestoso que constantemente suscita incompreensão e que pode ser

acolhido por meio de duas posições subjetivas. A de terror e desejo por segurança e controle próprio das partes narcísicas. Ou resignar-se diante das estripulias do destino e apreciar com humor e graça o curso sinuoso e belo da vida.

Assim, pois, em 1937 — um dia, outro dia, outro dia... — quando chegou a hora de o Sagarana ter de ser escrito, pensei muito. Num barquinho, que viria descendo o rio e passaria ao alcance das minhas mãos, eu ia poder colocar o que quisesse. Principalmente, nele poderia embarcar, inteira, no momento, a minha concepção-do-mundo. (Rosa, 2015, para. 3)

Mais um barquinho.

10. Referências

ABC. (11 de agosto de 2014). *Apathetic Aussies*. Acesso em 27 de dezembro de 2016. Disponível em: <http://www.abc.net.au/lateline/content/2014/s4065314.htm>

Adorno T. W. & Horkheimer, M. (1947). *Dialética do Esclarecimento, fragmentos filosóficos*. Acesso em 27 de março de 2017. Disponível em: https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf?1349572420

Adorno, T. W. & Canetti, E. (1988). Dialogo sobre as massas, o medo e a morte (uma conversa entre Elias Canetti e Theodor W. Adorno). *Novos Estudos Cebrap*, julho de 1988, 21, pp. 116-132.

Adorno, T. W. (1972). Freudian theory and the pattern of facist propaganda. Em: *Sociologische Schriften I*, Frankfurt: Suhrkamp.

Adorno, T. W. (2002). *Indústria cultural e sociedade*. Seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo. Paz e Terra.

Adorno, T. W. (2006). *Mínima Moralía*. Lisboa: Edição 70.

Agamben, G. (2007). *Profanações*. São Paulo: Boitempo.

Amaral, M. G.T. (1997). *O espectro de Narciso na modernidade: de Freud a Adorno*. São Paulo: Estação Liberdade.

American Association for the Advancement of Science, AAAS. (2017). *Historical Trends in Federal R&D*. Acesso em 27 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.aaas.org/page/historical-trends-federal-rd>

Anzieu et al. (1979). *Psicanálise e linguagem, do corpo à palavra*. Lisboa: Moraes editores.

Arthur, B. & Louis A. (2006). *Technicity*. [kindle edition]. Litteraria Pragensia: Prague.

AsexualityArchive.com. (2012). *Asexuality: A brief introduction*. [Kindle edition]. Editora: CreateSpace (Plataforma independente de publicações).

Baptista, M. M. (2009). Estudos culturais: o quê e o como da investigação, *Carnets, Cultures littéraires: nouvelles performances et développement*, nº spécial, automne / hiver 2009, pp. 451-461. Acesso em 15 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://carnets.web.ua.pt/> .

Baudrillard, J. (1981). *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'água.

Baudrillard, J. (1985). *À sombra das maiorias silenciosas*. O fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Editora Brasiliense.

Baudrillard, J. (1991). *La transparencia del mal*. Ensayo sobre los fenómenos extremos. Barcelona: Editorial Anagrama.

Baudrillard, J. (1996). *A troca simbólica e a morte*. São Paulo: Edições Loyola.

Baudrillard, J. (2011). *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.

Bauman, Z. (2000). *Em busca da Política*. Rio de Janeiro: Zahar.

BBC. (19 de outubro de 2016). *Wikileaks: Is Julian Assange interfering in US election?* Acesso 13 de dezembro de 2017. Disponível em <http://www.bbc.com/news/uk-37704393>.

Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense.

Bion, W. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W. (2004). *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

Blacke, W. (1984). *Poesia e prosa selecionadas*. São Paulo: J. C. Ismael.

Bogaert, A. (2004). *Asexuality: Prevalence and Associated Factors in a National Probability Sample*. The Journal of Sex Research. Vol. 41, nº 3, p. 279-287.

Bogaert, A. (2006). Toward a Conceptual Understanding of Asexuality. *Review of General Psychology*. 10(3):241-250.

Bogaert, A. (2012). *Understanding asexuality*. [Kindle edition]. Plymouth, UK: The Rowman & Littlefield Publishing Group, Inc.

Braudel, F. (1987). *A dinâmica do capitalismo*. Rio de Janeiro: Rocco.

Brown, M. K. (2002). *The Narratives of Konon*. Munchen: Saur.

Campbell, J. (1990). *O poder do mito*. Entrevista de Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowers. São Paulo: Palas Athena. Acesso 28 de março de 2017, Disponível em: http://www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/joseph_campbell_%20o_poder_do_mito.pdf

Canetti, E. (2014). *Massa e Poder*. Lisboa: Cavalo de Ferro.

Carvalho, R.N.B. de (2010). *Metamorfoses em Tradução*. Relatório Final apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como trabalho de

conclusão de pós-doutoramento. Acesso em 28 de maio de 2015. Disponível em :<http://www.usp.br/verve/coordenadores/raimundocarvalho/rascunhos/metamorfosesovidio-raimundocarvalho.pdf>

Castells, M. e Barroso, G. (2005). *A sociedade em rede. Do conhecimento à ação política*. Acesso em 13 de fevereiro de 2016. Disponível em <http://eco.imooc.uab.pt/elgg/file/download/51670>

Catalyst. (2015). *Statistical Overview Of Women In The Workforce*. Acesso 15 de abril de 2015. Disponível em <http://www.catalyst.org/knowledge/statistical-overview-women-workplace>.

Cerankowski & Milks. (2014). *Asexualities: Feminist and Queer Perspectives*. New York: Routledge.

Chomsky, N. (1999). *O neoliberalismo e a ordem global. Crítica ao lucro*. Lisboa: Editorial Notícias.

Chomsky, N. (2002). *Duas horas de lucidez*. (entrevistas de Denis Robert e Weronika Zarachowicz, tradução Miguel Cardoso). Mira-Sintra: Editorial Inquérito.

Comte, A. (1969). *Système de politique positive ou Traité de sociologie instituant la religion de l'humanité*, Vol. I, in Œuvres d'Auguste Comte, tome VII, Paris: Anthropos.

Comunidade Assexual. (2016a). *Assexual apesar do trauma*. Acesso em 07 de setembro de 2016. Disponível em: <http://assexualidade.forumeiros.com/t2811-assexual-apesar-de-trauma>

Comunidade Assexual. (2016b). *É muito bom saber que não sou a única*. Acesso em 07 de setembro de 2016. Disponível em: <http://assexualidade.forumeiros.com/t2937-e-muito-bom-saber-que-nao-sou-a-unica>

Comunidade Assexual. (2016c). *Quero deixar o meu depoimento um pouco longo*. Acesso em 07 de setembro de 2016. Disponível em: <http://assexualidade.forumeiros.com/t2896-quero-deixar-meu-depoimento-um-pouco-longo>

Comunidade Assexual. (2016d). *Eu não consigo sentir nada*. Acesso em 07 de setembro de 2016. Disponível em: <http://assexualidade.forumeiros.com/t2765-eu-nao-consigo-sentir-nada>

Conon (1738). *Récits de Conon*. Bibliothèque de Photius in Histoire de L'academie Royale des inscriptions et belles lettres. Tradução de Abbé Gedoyn. Paris. Acesso em 13 de agosto de 2015. Disponível em: <http://remacle.org/bloodwolf/erudits/photius/conon.htm>

Correia, C. J. N. (2003). *Mitos e narrativas: ensaios sobre a experiência do mal*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade.

Decker, J.S. (2014). *The Invisible Orientation: An Introduction to Asexuality*. [Kindle edition]. New York: Skyhorse Publishing.

Deleuze & Guattari, (1995). *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de janeiro: Ed. 34.

Eco, U. (1996). *From Internet to Gutenberg*. Conferência apresentada por Umberto Eco na The Italian Academy for Advanced Studies in America, 12 de novembro de 1996. Acesso em 03 de março de 2014. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/InternetPort.html>

Eliade, M. (2000). *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70.

Elvira, A. R. (1975). *Mitologia clássica*. Madrid: Gredos, cop.

Epiruco. (2002). *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. São Paulo: Editora Unesp.

Eurobarometer. (2015). *Standard Eurobarometer 83, public opinion in the European Union*. Spring 2015. Acesso 23 de dezembro de 2016. Disponível em: http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/eb/eb83/eb83_publ_en.pdf

European Social Survey. (2014). *Politics*. Acesso 23 de dezembro de 2016. Disponível em: <http://www.europeansocialsurvey.org/data/themes.html?t=politics>

Ferenczi, S. (1910). *Introjeção und Übertragung, eine psychoanalytische Studie*. Leipzig und Wien: Franz Deuticke.

Forbes. (2014). *Ranking Of The World's Most Powerful People*. Acesso 29 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/forbespr/2014/11/05/2014-ranking-of-the-worlds-most-powerful-people/#7b52fc524d93>

Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

Foucault, M. (1994). *História da Sexualidade I, A vontade de saber*. Lisboa: Relógio d'água.

Freud, S. (1905/ 1996). Fragmento da análise de um caso de histeria. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1905/ 1996). Três ensaios sobre a Teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1910/ 1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1911a/ 1996). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1911b/ 1996). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1913/ 1996). Totem e tabu. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1914/ 1996). Sobre o Narcisismo: Uma introdução. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1915/ 1996). Os instintos e suas vicissitudes. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1917a/ 1996). Luto e melancolia. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1917b/ 1996). Conferências introdutórias sobre psicanálise. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 16). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1917c/ 1996). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1918/ 1996). História de uma neurose infantil. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1919/ 1996). O estranho. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1920/ 1996). Além do Princípio do Prazer. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18.). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1921/ 1996). Psicologia de Grupo e a Análise do ego. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1923a/ 1996). Dois verbetes de enciclopédia. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1923b/ 1996). O ego e o id. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1925/ 1996). A negativa. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1930/ 1996). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1940/ 1996). Esboço de psicanálise. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago.

Fromm, E. (1980). *Ter ou ser?* Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Gambra, R. (1991). *Pequena história da filosofia*. Lisboa: Planeta Editora.

Garcia, C. A. & Penna, C. M. P. e A. (2010). *O trabalho do negativo e a transmissão psíquica*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 62(3), 68-79. Recuperado em 14 de abril de 2016, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-526720100003000009&lng=pt&tlng=pt

- García, C. G. (1997). *La mitología*. 3ª ed. Montesinos: C.G.G.
- Global Corruption Barometer. (2016). *People and corruption: Europe and Central Asia 2016*. Acesso 12 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.transparency.org/whatwedo/publication/7493> .
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta.
- Green, A. (2006). *El trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Guirand, F. (2006). *História das mitologias*. Lisboa: Edições 70. Tit. orig.: *Mythes et mythologies: partie histoire*. Vol.1: Pré-histórica, egípcia, assírio-babilónica, fenícia, grega, romana.
- Hall, S. (1996). *The centrality of culture: Notes on the cultural revolutions of our time*, In Thompson, K. (Org.) *Media and Cultural Regulation*. London: Sage.
- Hall, S. (2005). *Critical dialogues in cultural studies*. London: Routledge.
- Han, B. (2010). *A sociedade do Cansaço*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Han, B. (2012a). *A agonia de Eros*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Han, B. (2012b). *A sociedade da transparência*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Han, B. (2015). *Psicopolítica*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Han, B. (2016). *O aroma do tempo*. Relógio D'Água.
- Harvey, D. (2001). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola.
- Hoggart, R. (1973). *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Horizon 2020a. (2017). *The EU Framework Programme for Research and Innovation*. Acesso em 20 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://ec.europa.eu/programmes/horizon2020/en/what-work-programme>
- Horizon 2020b. (2017). *SC 1 Health, demographic change and wellbeing - Work Programmes 2016-2017 and 2018-2020*. Acesso em 20 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://ec.europa.eu/programmes/horizon2020/node/1602>.
- Horizon 2020c. (2017). *Social Sciences & Humanities*. Acesso em 20 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://ec.europa.eu/programmes/horizon2020/en/area/social-sciences-humanities>

Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (2002). A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra.

Illich, I. (1975). *A expropriação da saúde. Nêmesis da Medicina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

IPCC. (2014). *Climate Change 2014: Synthesis Report*. Acesso 28 de março de 2017. Disponível em: <http://ipcc.ch/report/ar5/syr/>

Jesus, C. A. M. (2006). Re(leituras) de Narciso, a partir de um novo papiro de Oxirrinco (P. Oxy. 69. 4711), *Boletim de Estudos Clássicos* 45. Junho. P. 11-18. Acesso 28 de março de 2017. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/bec45>

Johnson, R. (2004) O que é, afinal, Estudos Culturais? in Silva, T. (Org.) *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica.

Jünger, E. (2002). *Revista Natureza Humana*. 4(1): 189-216, jan.-jun. Acesso em 25 de agosto de 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v4n1/v4n1a06.pdf>

Laplanche, J. & Pontalis, J. (2004). *Diccionario de psicoanálisis*. (traducción Fernando Gimeno Cervantes). Buenos Aires: Paidós.

Lasch, C. (1991). *Culture of narcissism: American life in an age of diminishing expectations*. Nova York: W.W.Norton & Company, Inc.

Latouche, S. (2006). *O desafio do decrescimento*. Lisboa: Instituto Piaget.

Latouche, S. (2012). *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. Lisboa: Edições 70.

Le Bon, G. (1980). *Psicologia das multidões*. Lisboa, Portugal: Edição Roger Delraux.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo, SP: Editora 34.

Lipovetsky, G. & Serroy, J. (2011). *A cultura-mundo, respostas a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras.

Lipovetsky, G. (2013). *A era do vazio, ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Edições 70.

Lobo et all. (2015). *Emprego, mobilidade, política e lazer: situações e atitudes dos jovens portugueses numa perspectiva comparada*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Acesso em 20 de dezembro de

2016.

Disponível

em:

http://www.igfse.pt/upload/docs/2015/RoteirosdoFuturo_EstudoJovens2015.pdf

Löwy, M. (2005). *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo.

Lyotard, J. F. (1993). *Libidinal economy*. London: The Athlone Press.

Maffesoli, M. (1985). *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal.

Maffesoli, M. (2002). *A transfiguração do político. A tribalização do mundo pós-moderno*. Lisboa: Instituto Piaget.

Maffesoli, M. (2010). *Saturação*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural.

Marcuse, H. (2011). *O homem unidimensional*. Lisboa: Letra livre.

Martins, L. M. (2011). *Crise no castelo da cultura. Das estrelas para os ecrãs*. Coimbra: Grácio.

Marx, K. (1996a). *O Capital. Crítica da economia política (Tomo 1)*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. Acesso 20 de maio de 2014. Disponível em: www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/ocapital-2.pdf

Marx, K. (1996b). *O Capital. Crítica da economia política (Tomo 2)*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. Acesso 20 de maio de 2014. Disponível em: www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/ocapital-2.pdf.

Massi, M. L. G. (2001). *Deméter: A repulsão medida*. Dissertação de mestrado apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Matos, C. (2016). *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores.

McDougall, W. (1927). *The group mind*. Cambridge: Cambridge University Press.

McLuhan, M. (1999). *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix.

Meadows, D. H.; Meadows, D. L.; Randers, J.; Behrens III, W. W. (1972), *The Limits to Growth: a report for the Club of Rome's, Project on the predicament of Mankind*. New York: Universe Books.

Mill, S. (1997). *Sobre a liberdade*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Montaigne, M. (2010). *Os Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Moraes, V. (1960). *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.
- National Science Foundation – NSF. (2016). *Report*. Acesso em 5 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.nsf.gov/statistics/2016/nsb20161/#/report>
- Nature. (29 de outubro 2014). *The top 100 papers*. (Data provided by Thomson Reuters, extracted on 7 October 2014). <http://www.nature.com/news/the-top-100-papers-1.16224>
- Nietzsche, W. F. (2005). *O Anticristo*. São Paulo: Centauro.
- Nietzsche, W. F. (2009). *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nietzsche, W. F. (2011). *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Petrópolis: Vozes.
- OCDE. (2011). *An Overview of Growing Income Inequalities in OECD Countries: Main Findings*. Acesso 12 de março de 2017. Disponível em: <http://www.oecd.org/els/social/inequality>
- OECD. (2015). *Health Statistics*. Acesso 02 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/health-data-en>.
- Oliveira, E. R. B. de. (2014). *Minha vida de ameba: os scripts sexonormativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola*. Tese de doutoramento. Acesso em 5 de janeiro de 2016. Disponível em: file:///C:/Users/MatthiasA/Downloads/ELISABETE_REGINA_BAPTISTA_DE_O_LIVEIRA_rev.pdf
- Pausanias. (1918). *Description of Greece*. Translated by Jones, W. H. S. and Omerod, H. A. *Loeb Classical Library Volumes*. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. Acesso em 13 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www.theoi.com/Text/Pausanias9B.html>
- Pessoa, F. (1972). *Mensagem*. Lisboa: Ática. Acesso em 28 de março de 2017. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1274>
- Pessoa, F. (1982). *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. Vol.II. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática. Acesso em 28 de março de 2017. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1522>
- PewResearchCenter. (2015). *Political Interest and Awareness Lower Among Millennials*. Acesso 23 de dezembro de 2016. Disponível em:

<http://www.journalism.org/2015/06/01/political-interest-and-awareness-lower-among-millennials/>

Pinto, A. P. F. (2012). *Mitos e heróis: a expressão do imaginário*. Braga: Aletheia.

Rabot, J. M. (2012). L'amour dans l'œuvre de Auguste Comte. *Les Cahiers Européens de l'imaginaire*. CNRS Éditions. Acesso 23 de dezembro de 2016. Paris, n^o4, pp. 244-252. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29906/1/Rabot2012CEI.pdf>

Randall, C. (2014). *Measuring National Well-being – Governance*. Office for National Statistics. Acesso 23 de dezembro de 2016. Disponível em: http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20160105160709/http://www.ons.gov.uk/ons/dcp171766_352561.pdf

Rosa, J. G. (2015). *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Consultado em 28 de março de 2017. Disponível em http://imagem.vermelho.org.br/biblioteca/sagarana_-_joao_guimaraes_rosa89360.pdf

Rouanet, S. P. (2008). *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Safra, G. (2004). *A poética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.

Safra, G. (2005). *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco Editora.

Schrape, J. F. (2011). *Berliner Journal Fur Soziologie*, Vol.21(3), pp.407-429.v. Acesso 4 agosto de 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/242025533_Social_Media_Massenmediend_und_gesellschaftliche_Wirklichkeitskonstruktion

SCImago. (2016). *Journal Rankings*. Acesso em 2 de janeiro de 2017. Disponível em: <http://www.scimagojr.com/journalrank.php>

Sedlacek, T. (2011). *Economics of good and evil: the quest for economic meaning from Gilgamesh to Wall Street*. [Kindle edition]. New York: Oxford University Press.

SENADO. (20 de junho de 2012). *Desinteresse por política ameaça a democracia, diz filósofo francês*. Acesso em 2 de janeiro de 2017. Disponível

em:<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2012/06/20/201cdesinteresse-por-politica-ameaca-a-democracia201d>

Simmel, G. (1985), *Coquetterie et esthétique*. *Sociétés*, vol. 1, nº 3, pp. 20-21.

Simmel, G. (2004). *Fidelidade e gratidão e outros textos*. Lisboa: Relógio d'Água.

Simmel, G. (2005). *As grandes cidades e a vida do espírito*. *Mana*, 11(2), 577-591. Acesso em 28 de março de 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27459.pdf>.

Smith, A. (1982). *The Theory of Moral Sentiments*, vol. I of the Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith. Indianapolis: Liberty Fund.

Smith, A. (1996). *A riqueza das nações. Investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda.

Sogyal Rinpoche. (2016). *O livro tibetano da vida e da morte*. Lisboa: Editorial Presença.

Spillius, E. B. (1991). *Melanie Klein hoje: Desenvolvimento da teoria e da técnica*. Vol.1. Rio de Janeiro: Imago.

Stiegler, B. (2007). *Reflexões (não)contemporâneas*. Chapecó: Argos.

TERRA. (27 de agosto de 2007). *Entrevista com Luiz Gonzaga Belluzzo. Os governos e a alta finança nos Estados Unidos*. Acesso 27 de abril de 2015. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1859239-EI8212,00-Os+governos+e+a+alta+financa+nos+Estados+Unidos.html>

TERRA. (29 de junho de 2016). *Hawking diz que homens não sobreviverão sem deixar o planeta*. Acesso 27 de abril de 2015. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/ciencia/espaco/stephen-hawking-diz-que-nao-poderemos-viver-mais-mil-anos-sem-sair-da-terra,4b995e789c9281aae42c63d451abe59actj5usy3.html> .

Thoreau, H. (2007). *Walden, ou, A vida nos bosques; e, A desobediência civil*. São Paulo: 7.ed.

Turville-Petre, E.O.G. (1964). *Myth and Religion of the North: The Religion of Ancient Scandinavia*. New York: Richard and Winston.

Ubinha, P. de T., & Cassorla, R. M. S. (2003). *Narciso: polimorfismo das versões e das interpretações psicanalíticas do mito*. Estudos de Psicologia

(Campinas), 20(3), 69-81. Acesso em 07 de novembro de 2015. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X20030003000006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X20030003000006&lng=en&tlng=pt) 10.1590/S0103-166X20030003000006

Urribarri, F. (2010). *André Green: paixão clínica, pensamento complexo. Em direção ao futuro da psicanálise*. Revista: Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade, Porto Alegre, n.10, Jul/Dez 2010. Acesso em 03 de outubro de 2015. Disponível em: www.revistacontemporanea.org.br

Valery, P. (1919). *Crisis of the Mind. Second letter*. Acesso em 03 de outubro de 2016. Disponível em: <http://www.historyguide.org/europe/valery.html>

Vírilio, P. (2002). *A máquina de visão*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

Weber. M. (1990). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Lisboa: Presença.

Winnicott, D.W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.

Winnicott, D.W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago.

WORLD ECONOMICS. (março de 2016). *Global Growth Tracker. The World Economy – 50 Years of Near Continuous Growth*. Acesso 30 de março de 2017. Disponível em http://www.worldeconomics.com/papers/Global%20Growth%20Monitor_7c66ffc-a-ff86-4e4c-979d-7c5d7a22ef21.paper

Outros sítios da internet:

pregadormanasses.com

www.cinrh.com.br

lucianonevesdossantos.com

www.institutoeu.org

meiobyte.com

www.esoterikha.com

blog.passadori.com.br

www.recrutamentodepessoal.com

faflor.com.br

www.adcaminho.com.br

www.sbcoaching.com.br

www.g4solutions.com.br

www.sbcoaching.com.br

www.ambienteenergia.com.br

www.altag.net

tomerodrigues.org

marketingnegociodesucesso.com

anderson-toledo.blogspot.com

acijs.com.br

estudos.gospelmais.com.br

www.infomoney.com.br/carreira/gestao-e-

[lideranca/noticia/3204345/qualidades-que-todo-bom-lider-deve-ter](http://www.infomoney.com.br/carreira/gestao-e-)

<http://www.portaldalideranca.pt/arquivo/destaque/as-21-indispensaveis-qualidades-de-um-lider>

<http://www.portalcursos.com/Lider/Curso/Lecc-6.htm>

<http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/as-5-qualidades-de-um-lider/13888/>

http://www.jornaldoempreendedor.com.br/destaques/lideranca/5qualidades-do-lider-moderno#.VS_cdNzF-9Y

11. Anexos

11.1 Anexo I - Hino Homérico à Deméter I, versão Massi (2001)

Deméter de belos cabelos, augusta deusa, começo a cantar, e sua filha de finos tornozelos, que Edoneu raptou. Deu-a o gravitroante longividente Zeus, longe de Deméter de dourada espada de esplêndido fruto, quando, no prado macio, com as filhas de fundos colos do Oceano, brincava de apanhar flores: rosas, açafão, violetas belas, lírios, jacinto e um narciso, prodigioso brilhante, que a Terra, como dolo, para a filha de olhos de pétala e para agradar ao Hóspede de muitos, fez nascer conforme os desígnios de Zeus. Um objeto de temor foi então visto por todos, tanto pelos deuses imortais quanto pelos homens mortais. De sua raiz nasceu uma cabeça de cem pétalas, e com a fragrância da flor todo o céu vasto do alto e toda a terra e a onda salina do mar sorriram. Ela, então, maravilhada esticou juntas ambas as mãos para pegar o belo brinquedo. Abriu-se a terra de vasta via na planície de Nisa, por ali saiu o senhor Hóspede de muitos, filho de muitos nomes de Cronos, nos seus cavalos imortais. Tendo-a raptado contrariada para as douradas carruagens conduzia-a gemendo. Ela, então, gritou alto com a voz chamando o Cronida, o pai supremo e melhor. Nenhum dos imortais e nenhum dos homens mortais ouviram a voz e nem as oliveiras de esplêndidos frutos, a não ser a jovem filha de Perses que prudente ouvia de seu antro, Hécate de clara mantilha, e o senhor Sol, filho luminoso de Hipério, que ouvia a filha chamando o pai Cronida. Longe, esse estava, afastado dos deuses num templo muito freqüentado por suplicantes, a receber belas oferendas dos homens mortais. O tio paterno, Comandante de muitos seres, Hóspede de muitos, filho de muitos nomes de Cronos, conduzia-a contrariada nos seus cavalos imortais por instigações de Zeus. Enquanto a deusa via a terra, o céu estrelado, o impetuoso mar piscoso e os raios do sol, ela ainda tinha a esperança de ver a mãe devotada e a grei dos deuses sempre vivos, pois a esperança lhe seduzia o grande espírito, apesar de aflita. - - - - -
- - - - - Ecoaram os cumes das montanhas e as profundezas do mar pela voz imortal, e a ouvia a soberana mãe. Dor aguda então tomou-lhe o coração. Com as mãos, arrancou a mantilha ao redor dos cabelos imortais e lançou sobre ambos os ombros um escuro véu, e, atirou-se, como um pássaro, sobre o sólido

e sobre o líquido procurando-a. Ninguém queria contar-lhe a verdade, nem dentre os deuses, nem dentre os homens mortais, e nem dentre os pássaros um verdadeiro mensageiro veio até ela. Em seguida, durante nove dias, a soberana Déo vagava pela terra, tendo tochas acesas nas mãos; nenhuma vez sorveu a ambrosia e o néctar suave porque estava aflita, e nem seu corpo lançou nos banhos. Mas quando dela se aproximou a décima brilhante Aurora, encontrou-a Hécate, que tinha archote nas mãos, e para dar-lhe uma mensagem tomou a palavra e falou então: Soberana Deméter, que trazes as estações, de esplêndidos dons, qual dos deuses celestes ou dos homens mortais raptou Perséfone e afligiu teu ânimo amável? Pois ouvi a voz, porém não vi com meus olhos quem quer que seja. Digo-te num átimo a verdade toda. Assim falava Hécate. Não lhe respondia com palavra, a filha de Réia de belos cabelos, mas, num átimo, com ela, precipitou-se tendo tochas acesas nas mãos. Foram até o Sol, que observa os deuses e os homens, colocaram-se na frente dos cavalos dele e a diva das deusas perguntava-lhe: Sol, respeita-me como deusa ao menos tu, se alguma vez ou com palavra ou com ação teu coração e teu ânimo alegrei. Da filha que pari, doce rebento, gloriosa na aparência, a voz intensa ouvi através do ar infinito, como se forçada, porém não vi com meus olhos. Mas, tu, pois, que de fato sobre toda a terra e ao longo do mar olhas do alto do ar divino com teus raios, diz-me com verdade se de alguma forma tu viste quem quer que ou dentre os deuses ou dentre os homens mortais partiu tendo, com coerção, longe de mim, pego minha filha contrariada. Assim falava. O Hiperionida respondia-lhe com esta palavra: Filha de Réia de belos cabelos, Deméter, Senhora, tu saberás. Pois muito te venero e tenho piedade de ti que estás aflita por causa da filha de finos tornozelos. Nenhum outro é o responsável dentre os imortais, a não ser o agrega-nuvens Zeus, que a deu ao Hades para ser chamada jovem esposa pelo seu próprio irmão. Esse, tendo-a raptado, a conduzia nos seus cavalos até a treva nevoenta, embora ela gritasse muito. Vamos, deusa, faz parar o teu grande lamento. Nenhum pouco é preciso que tu em vão tenhas imensa cólera como essa. Não é para ti genro inconveniente, entre os imortais, o comandante de muitos seres, Edoneu, teu próprio irmão e do mesmo sangue. Por sua honra coube-lhe sua parte quando no princípio em três a partilha foi feita. Ele habita entre aqueles a quem coube-lhe ser o soberano. Assim tendo dito animou os cavalos que, pelo grito, rapidamente levaram o carro veloz, como pássaros de

longas asas. Dor mais maligna e terrível o ânimo da deusa invadiu. Tendo com o Cronida de sombrias nuvens se irritado, em seguida, afastando-se da assembléia dos deuses e do alto Olimpo, partiu para as cidades e os campos opulentos dos homens, dissimulando a aparência por muito tempo. Nenhum dos homens que a olhasse a reconhecia e nenhuma das mulheres de fundas cinturas, até que ela chegasse ao palácio do prudente Celeu, ele que era, então, soberano da perfumada Elêusis. Ofendida no coração, perto da estrada sentou, no poço das Virgens, de onde os cidadãos tiravam água, na sombra (por cima nascia um ramo de oliveira), parecida uma velha nascida antigamente, que tanto do parto se abstinha quanto dos dons da ama-coroa Afrodite: tais são as nutrizes dos filhos dos reis justiceiros e as intendentess no interior dos palácios rumorosos. Viram-na as filhas de Celeu, filho de Eleusino, quando iam até a água fácil de puxar, a fim de levarem nos baldes de bronze para o palácio do pai. Eram quatro e, como deusas, tinham a flor da juventude, Calídice, Cleicidice, a encantadora Demo e Calitoé, que delas todas era a mais velha, e não a reconheceram. Díficeis são os deuses de serem vistos pelos mortais. Colocando-se perto dela, aladas palavras lhe dirigiram: Quem és e vens de onde, oh! velha, dentre os homens antigamente nascidos? Por que enfim longe da cidade foste e não te aproximaste das nossas casas? Lá há mulheres nos paços sombreados, tão idosas, assim como tu, e mais jovens, que te dedicariam amizade seja com palavra seja com ação. Assim falavam. Com estas palavras respondia-lhes a soberana das deusas: Filhas queridas, quem quer que sejais dentre as mais femininas mulheres, eu vos contarei, alegrai-vos. Não é por certo inconveniente para vós que perguntastes a verdade contar. se abstinha quanto dos dons da ama-coroa Afrodite : tais são as nutrizes dos filhos dos reis justiceiros e as intendentess no interior dos palácios rumorosos. Viram-na as filhas de Celeu, filho de Eleusino, quando iam até a água fácil de puxar, a fim de levarem nos baldes de bronze para o palácio do pai. Eram quatro e, como deusas, tinham a flor da juventude, Calídice, Cleicidice, a encantadora Demo e Calitoé, que delas todas era a mais velha, e não a reconheceram. Díficeis são os deuses de serem vistos pelos mortais. Colocando-se perto dela, aladas palavras lhe dirigiram: Quem és e vens de onde, oh! velha, dentre os homens antigamente nascidos? Por que enfim longe da cidade foste e não te aproximaste das nossas casas? Lá há mulheres nos paços sombreados, tão idosas, assim como tu, e mais jovens, que

te dedicariam amizade seja com palavra seja com ação. Assim falavam. Com estas palavras respondia-lhes a soberana das deusas: Filhas queridas, quem quer que sejais dentre as mais femininas mulheres, eu vos contarei, alegrai-vos. Não é por certo inconveniente para vós que perguntastes a verdade contar. Dós é meu nome. Pois colocou-o minha soberana mãe. Agora há pouco, de Creta, sobre as vastas costas do mar eu vim não querendo, pela força e contrariada, com coerção homens piratas me levaram. Em seguida, eles, com a nau veloz, em Torico, aportaram, lá mulheres do continente embarcaram em massa, e lá mesmo eles, perto das amarras da nau, a refeição preparavam. Mas não se encantava meu ânimo do alimento doce como o mel, então, aventurando-me pelo continente negro, escondida, fugia dos soberbos comandantes, a fim de que não tirassem proveito de meu preço vendendo a mim que não fui comprada. Desse modo aqui cheguei errante, e nem um pouco sei que terra é, e quem são os nascidos. Mas que, para vós, todos os que têm o palácio Olímpio dêem jovens maridos e filhos sejam paridos como querem os pais. De mim ao contrário tende compaixão, filhas, de boa vontade. Queridas filhas, de quem ao palácio posso ir, homem ou mulher, a fim de que para eles eu trabalhe de boa vontade, como são feitos os trabalhos de uma mulher idosa? E se tivesse nos braços uma criança recém nascida bem a amamentaria, o palácio vigiaria e o leito do senhor no fundo dos tálamos bem construídos estenderia, e disporia as mulheres para os trabalhos. Falava a deusa. Logo a ela respondia a jovem virgem, Calídice, das filhas de Celeu, a de melhor aparência. Mãe, os dons dos deuses mesmo aflitos ainda que com coerção nós os homens suportamos. Pois de fato eles são muito mais fortes. Essas coisas a ti de modo seguro ensinarei e nomearei os homens para os quais há aqui grande poder de honra, e entre o povo são os primeiros, e as muralhas da cidade protegem com deliberações e retas justiça, seja do sagaz Triptolemo, seja de Diocles, seja de Polixeno, seja do irreprovável Eumolpo, seja de Dolico, seja do nosso pai viril, deles todos as esposas dos seus palácios cuidam. Mesmo que uma delas, logo à primeira vista, a tua aparência desonrasse, da casa não te afastaria, mas todas te receberão. Pois de fato és semelhante aos deuses. Mas se tu quiseses, espera, a fim de irmos ao palácio do nosso pai e dizermos a nossa mãe de funda cintura Metaneira todas essas coisas do princípio ao fim, oxalá ela te exorte a ires para o nosso palácio e de outros não procurares. Seu filho temporão, nascido de pais idosos, no paço bem

construído é nutrido, filho muito desejado e bem-vindo. Se tu o nutrisse e se na idade da juventude ele chegasse, facilmente aquela que dentre as mais femininas mulheres te visse te invejaria. Tanto pela nutrição ela te daria. Assim falava. A deusa aprovou com a cabeça, e elas que os brilhantes vasos tinham enchido de água levavam-nos orgulhosas. Rapidamente chegaram à grande casa do pai, e num átimo, à mãe, disseram o que viram e ouviram. Ela bem depressa ordenou que fossem chamá-la sob imensa recompensa. Então elas como as corças ou as novilhas na estação da primavera saltam no prado após saciarem suas entranhas na pastagem, assim elas erguendo as pregas das vestes sedutoras precipitaram-se ao longo do cavado caminho, os seus cabelos balançavam ao redor dos ombros iguais à flor do açafreão. Encontraram a gloriosa deusa perto da estrada, ali onde antes a deixaram. Depois, enquanto ao palácio do pai delas a conduziam, ela então atrás, ofendida em seu coração, caminhava coberta da cabeça para baixo; o manto escuro se enrolava ao redor dos esbeltos pés da deusa. Prontamente chegaram ao palácio de Celeu nutrido por Zeus, atravessaram o pórtico, ali a soberana mãe delas permanecia ao lado da coluna do teto solidamente feito, em seu colo mantinha uma criança, um jovem rebento. Elas junto dela correram, e quando a deusa caminhou com os pés sobre a soleira, então, sua cabeça alcançou a padieira e encheu as portas de luz divina. A veneração, o temor e o pálido horror tomou Metaneira. Cedeu-lhe seu divã e a sentar-se a exortava. Mas Deméter que traz as estações de esplêndidos dons, não quis sentar-se sobre brilhante divã, mas em silêncio permanecia, tendo os belos olhos abaixado, até que lhe colocasse lambé, devotada mulher, um sólido banco, e por cima lançasse alva lã. Sentando-se ali manteve com as mãos o xale diante de si. Ofendida, sem voz, por muito tempo permanecia no assento, a nenhuma se dirigia nem com palavra e nem mesmo com ação, mas, sem rir, sem apetite de comida e de bebida, permanecia, consumindo-se pela saudade da filha de funda cintura, até que com escárnio lambé, devotada mulher, zombando-se muito dela, fizesse a soberana pura voltar a sorrir e a rir e a ter propício ânimo. Ela que de fato também mais tarde agradou seu espírito. Dava-lhe, Metaneira, um copo de vinho doce como o mel tendo-o enchido, mas ela recusou. Pois não lhe era permitido, dizia, beber vinho vermelho, exortou-a, então, a dar-lhe cevada e água para beber, tendo-as misturado com tenro poejo. Tendo feito a bebida, passou-a à deusa, como essa ordenava. Recebeu-a, por causa da lei divina, a

multi-soberana Déo. ----- Entre elas, tomava primeiro a palavra, a bem cinturada Metaneira. Alegra-te, mulher, já que penso que não és descendente de maus pais, mas de bons. É aparente em teus olhos a veneração e a graça, como se (fossem) dos reis justiceiros. Mas os dons dos deuses mesmo aflitos ainda que com coerção nós os homens suportamos. Pois um jugo jaz sobre nosso pescoço. Agora, já que chegaste aqui, quanto é meu será teu. Nutra este meu filho, que, nascido de pais idosos e não aguardado, deram-me os imortais, objeto de muitas preces ele é para mim. Se tu o nutrisses e se na idade da juventude ele chegasse, aquela que dentre as mais femininas mulheres te visse te invejaria certamente. Tanto pela nutrição eu te daria. Disse-lhe, por sua vez, a bem coroada Deméter: Também tu, mulher, alegra-te muito, que os bens os deuses te passem. Teu filho receberei de boa vontade, como me pedes. Eu o nutrirei, e espero que não pelas imprudências de uma ama nem sortilégio nem poção o prejudique. Conheço antídoto bem mais proveitoso do que poção de flora, contra tal sortilégio de males, conheço pois bela defesa. Assim que acabou de falar recebeu-o em seu perfumado colo com as mãos imortais. Exultou nas entranhas a mãe. Assim ela, o esplêndido filho do prudente Celeu, Demofonte, que a bem cinturada Metaneira pariu, nutria nos paços. Ele crescia igual a um deus, não comendo pão, nem mamando. Deméter ungia-o com ambrosia como se fosse nascido de um deus, e docemente o assoprava enquanto em seu colo o mantinha. Durante as noites, o ocultava no ardor do fogo como um tição, às escondidas dos seus pais. Para eles era grande espanto que ele crescesse rápido e fosse na face semelhante aos deuses. E Deméter o faria sem velhice e imortal, se, por sua demência, a bem cinturada Metaneira, durante a noite, vigiando do perfumado tálamo, não a observasse. Ela gritou e feriu ambas as coxas receosa por seu filho e muito errada no ânimo, então, gemendo aladas palavras lhe dirigiu: Filho Demofonte, a estrangeira em muito fogo oculta-te, e em mim lamento e desgostos pérfidos coloca. Lamentando-se, assim falava. Ouvia-a, a diva das deusas. Tendo se irado com ela, Deméter de bela grinalda, o caro filho, que não aguardado nos paços gerara, libertando-o do fogo, colocou-o com as mãos imortais longe dele, no solo, estando muito terrivelmente encolerizada no ânimo, e, de imediato, disse à bem cinturada Metaneira: Homens néscios e insensatos que não prever conseguem seu destino, nem bom nem mau quando se aproxima. Também tu por tua

demência erras grandemente. Atesto pois a jura dos deuses, amargosa água do Stix. Imortal por certo e para sempre sem velhice faria o filho teu, dando-lhe imperecível honra. Agora, não há como possa fugir dos infortúnios e da morte. Honra imperecível, contudo, sempre haverá sobre ele porque em nossos joelhos subiu e em nossos braços dormiu. No tempo em que os ciclos dos anos, para ele, se acabarem, os filhos dos Eleusinos batalha e discórdia terrível continuamente, entre uns e outros, farão aumentar para sempre. Sou Deméter honrada, a que é grandíssima valia e alegria para os imortais e mortais. Vamos, que a mim um templo grande e um altar sob ele faça o povo todo, sob a cidade e sob seu escarpado muro, no alto do Calicoro, sobre proeminente colina. Os ritos eu própria vos ensinarei, a fim de que mais tarde vós santamente celebrando-os possam meu espírito apaziguar. Assim tendo dito, a deusa o talhe e a aparência trocou, despojando-se da velhice em volta dela a beleza esplendia. Uma fragrância sedutora dos seus perfumados mantos espalhava-se, e, ao longe, a luz do corpo imortal da deusa luzia, e seus cabelos louros caíam sobre seus ombros, e de um clarão encheu-se a sólida casa como de um relâmpago. Atravessou os paços, os joelhos de Metaneira logo fraquejaram e por muito tempo tornou-se sem voz, e nem sequer se lembrou de levantar o filho temporão do chão. As irmãs dele ouviram sua voz lastimosa, e, então, pularam dos seus bem estendidos leitos. Uma, depois de levantar o menino com as mãos, colocou-o em seu colo, outra inflamava o fogo e outra atirava-se com pés suaves para erguer e afastar a mãe do perfumado tálamo. Agrupadas ao redor dele o lavavam, embora se debatesse cercavam-no de afeto. Mas o ânimo dele não se deixava adoçar; pois de fato eram as mais inferiores nutrizas e amas que o tinham. Elas a noite toda apaziguavam a gloriosa deusa porque tremiam de medo. Na hora em que brilhou a aurora contaram a verdade a Celeu de vasta força, o que determinava a deusa, Deméter de bela grinalda. Ele, então, depois de chamar para a ágora seu numeroso povo mandava que fizessem, para Deméter de belos cabelos, um opulento templo e um altar sobre proeminente colina. Muito prontamente obedeceram e ouviam aquele que falava, e faziam como ele determinava. A obra crescia segundo o destino da deusa. Depois que acabaram e abandonaram o esforço, cada um caminhou para ir para casa. Porém, a loura Deméter ali sentando-se, longe de todos os bem-aventurados, permanecia consumindo-se com saudade da filha de funda cintura. Terribilíssimo

ano sobre a terra multinutriz fez para os homens e o mais maléfico, a terra nem sequer uma semente fazia brotar, pois ocultava-a a bem coroada Deméter. Muitos arados encurvados inutilmente os bois arrastavam nos campos, e muita cevada branca vãmente caiu na terra. Ela teria completamente aniquilado a raça dos homens mortais pela fome penosa, e teria privado os que têm o palácio Olímpio da honra muito gloriosa dos privilégios e dos sacrifícios, se Zeus não compreendesse e refletisse em seu ânimo. Primeiro impeliu Íris de asas douradas para chamar Deméter de belos cabelos, que tinha aparência muito amável. Assim falava. Íris obedecia a Zeus Cronida de sombrias nuvens e o espaço percorreu num átimo com seus pés. Chegou na cidadela de Elêusis perfumada e encontrou Deméter de escuro manto no templo, e falando aladas palavras lhe dirigiu: Deméter, chama-te Zeus pai que conhece o imperecível para ires junto a grei dos deuses sempre vivos. Vamos, que não fique sem cumprimento minha palavra que vem de Zeus. Assim falava suplicando. Mas o ânimo da mãe não se deixava persuadir. De novo, em seguida, os bem-aventurados deuses que sempre existem, todos, impelia um a um. Alternadamente os que iam chamavam-na e ofereciam-lhe muitos belíssimos dons e honras, as que ela preferisse escolher entre os imortais. Mas nenhum era capaz de persuadir as entranhas e o espírito da mãe irritada no ânimo; ela duramente repelia as palavras. Dizia que jamais subiria no perfumado Olimpo e que jamais faria brotar o fruto na terra, antes que visse com os próprios olhos a filha de belos olhos. Depois que o gravitroante longividente Zeus ouviu isso, enviou para o Êrebo o Argeifonte de bastão dourado, a fim de que persuadindo Hades com brandas palavra conduzisse a pura Perséfone da treva nevoenta para a luz junto aos deuses, a fim de que sua mãe vendo-a com os próprios olhos pusesse fim à cólera. Hermes não desobedeceu. De um golpe arremessou-se sob o covil da terra com impetuosidade, depois de deixar a sede do Olimpo. Encontrou o senhor da casa, no interior dela, estando deitado no leito com a veneranda esposa, que agia muito contrariada com saudade da mãe. Ela, contra as intoleráveis ações dos deuses bem-aventurados, tramava plano. Colocando-se perto dele, falou-lhe o duro Argeifonte: Hades de escuros cabelos que reina sobre os mortos, Zeus pai mandou que eu conduza a nobre Perséfone do Êrebo para eles, a fim de que sua mãe, vendo-a com os próprios olhos, faça parar a cólera e o ressentimento terrível contra os imortais. Visto que ela trama a grande

ação de destruir a grei amena dos homens nascidos no chão, ocultando a semente sob a terra, destruindo inteiramente as honras dos imortais. Ela sustém terrível cólera e nem com os deuses se mistura, mas longe, no interior do seu perfumado templo, permanece, habitando a rochosa cidadela de Elêusis. Assim falava. Edoneu, senhor dos mortos, sorriu com as sobrancelhas, e não desobedeceu às ordens de Zeus rei. E com impetuosidade ordenou à prudente Perséfone: Vai, Perséfone, para junto de tua mãe de escuro manto, mantendo em teu peito furor e ânimo favorável, e nem um pouco te apavores muito excessivamente em vão. Não serei para ti entre os imortais inconveniente esposo, eu que sou o próprio irmão de Zeus pai. Quando aqui estiveres, serás a senhora de todos quantos vivem e se movem, e terás entre os imortais as maiores honras. Sempre haverá castigo aos que te injustiçarem; aos que não apaziguarem teu furor com sacrifícios santamente celebrando-te, fazendo-te as oferendas apropriadas. Assim falava. A prudentíssima Perséfone exultou, e rapidamente pulou de contente. Mas ele, escondido, deu-lhe para comer um grão de romã doce como o mel, depois de espreitar ao seu redor, a fim de que ela não permanecesse para sempre lá junto da veneranda Deméter de escuro manto. Edoneu, comandante de muitos seres, arreava, na frente das douradas carruagens, os cavalos imortais. Ela subiu na carruagem junto ao duro Argeifonte que, segurando as rédeas e o chicote com as mãos, movia os animais através dos paços. A parelha não compelida voava. Rapidamente concluíram o longo caminho; nem o mar, nem a água dos rios, nem os vales verdejantes, e nem os píncaros detiveram a vivacidade dos cavalos imortais, mas indo sobre eles cortavam a funda névoa. O condutor colocou-se lá onde permanecia a bem coroada Deméter, na frente do perfumado templo. Ao vê-los, ela precipitou-se descendo como uma louca a montanha sombrosa na floresta. Perséfone vindo de outro lado. de sua mãe descendo. saltou para correr. e a ela.
. parando. Filha, não de qualquer modo contra mim.
. do alimento? Fala. assim pois subirias à superfície.
. e junto a mim e a teu pai Cronida de sombrias nuvens habitarias, honrada por todos os imortais. Mas, se voares de novo indo sob o covil da terra lá morarás a terceira parte do tempo, por ano, e as duas (outras) junto a mim e aos outros imortais . Quando a terra se cobrir de odoríferas flores primaveris, de

todas as espécies, então da treva nevoenta de novo subirás para grande espanto dos deuses e dos homens mortais. - - - - -

-- E por qual dolo te enganou o enérgico Hóspede de muitos? Por sua vez a belíssima Perséfone em sua face falou: Pois bem mãe eu te direi a verdade toda: Quando o benfazejo Hermes rápido mensageiro veio de junto do pai Cronida e dos outros filhos do Céu para me tirar do Êrebo, a fim de que tu vendo-me com teus olhos pusesse fim à cólera e ao ressentimento terrível contra os imortais, logo eu pulei de contente. Mas ele, escondido, lançou-me um grão de romã, alimento doce como o mel, e contrariada e à força coagiu-me a comê-lo. Como ele me raptou mediante a sólida astúcia do Cronida, meu pai, e partiu me levando sob o covil da terra, eu te falarei, e te relatarei tudo o que me perguntas. Pelo prado muito sedutor, nós todas, Leucipa, Faino, Eléctra, Ianta, Melita, Iaca, Ródia, Caliroa, Melóbois, Tica, Ocíroa de olhos de pétala, Criséia, Ianira, Acasta, Admeta, Ródopa, Plutó, a sedutora Calipso, Stix, Urânia, a graciosa Galaxaura, Palas a estimuladora do combate e a frecheira Ártemis brincávamos e com as mãos colhíamos misturadamente flores encantadoras, açafão afável, lírios, jacinto, botões de rosa, lis, prodígio de ser visto, e um narciso, que a vasta terra fez nascer como açafão. Quando eu contente as colhia, a terra por baixo cedeu, e por ali irrompeu o enérgico senhor Hóspede de muitos. E foi me levando sob a terra nos seus carros dourados, muito contrariada, então gritei alto com a voz. Ainda que aflita anuncio-te toda essa verdade. Assim o dia inteiro (mãe e filha) mantendo o ânimo concorde uma alegrava o coração e o ânimo da outra completamente, cercando-se de afeto, e o ânimo delas parou de doer, pois recebiam e davam uma para outra grandes alegrias. Perto delas veio Hécate de clara mantilha, e então cercou a filha da pura Deméter de muito afeto. Desde então (essa) senhora fez-se sua servidora e companheira. Entre elas o gravitroante longividente Zeus fez chegar a mensageira Réia de belos cabelos para que conduzisse Deméter de escuro manto junto a grei dos deuses, prometeu dar-lhe as honras, as que ela escolhesse entre os deuses imortais. Concordou que sua filha do ano que evolui (permanecesse) a terceira parte sob a treva nevoenta, e as duas (outras) junto à mãe e aos outros imortais. Assim falava. A deusa não desobedeceu às mensagens de Zeus. E com impetuosidade precipitou-se dos cimos do Olimpo, e veio então para Raros, seio nutriz do campo outrora, mas, nessa hora, nem um pouco nutriz, mas inativo colocava-se

todo sem folha, pois escondia a cevada branca, por desígnios de Deméter de belos tornozelos. Mas, em seguida, quando a primavera crescesse, devia, de um golpe, colmar alongadas espigas de trigo, e, então, em seu solo, opulentas fileiras carregar-se-iam de espigas de trigo, que seriam atadas em feixes. Ali, Réia subiu primeiramente do ar infinito. Com alegria uma viu a outra e ficaram alegres no ânimo. Réia de clara mantilha disse-lhe assim: Vem, filha, o gravitroante longividente Zeus te chama para ires junto a grei dos deuses, prometeu dar-te as honras, as que tu quiseses entre os deuses imortais. Concordou que tua filha do ano que evolui (permaneça) a terceira parte sob a treva nevoenta, imortais. [Ele disse que assim será feito]. E aprovou com a cabeça. Vamos, minha filha, e obedece, nem um pouco esteja sem cessar furiosa com o Cronida de sombrias nuvens. Prontamente faz crescer o fruto nutriz para os homens. Assim falava. A bem coroada Deméter não desobedeceu, e prontamente fez brotar o fruto dos campos fecundos. Toda a vasta terra ficou carregada de folhas e flores. Depois, ela foi aos reis justiceiros, a Triptolemo, a Diocles domador de cavalos, a Eumolpo forte e a Celeu o guia de povos e mostrou-lhes o cumprimento dos seus mistérios sagrados e indicou os belos ritos [a Triptolemo, a Polixeno e, além deles, a Diocles], ritos augustos, que de modo nenhum é possível violar, nem investigar, nem divulgar, pois um grande temor pelas deusas detém a voz. Feliz quem dentre os homens supraterrâneos os viu. Mas, o não iniciado e o não participante nos mistérios sagrados, jamais têm destino igual, ainda que pereça sob a treva bolorenta. Depois que de fato ensinou tudo, a diva das deusas caminhou para ir à reunião junto aos outros deuses no Olimpo. Ali habitam junto a Zeus que ama o raio augustas e venerandas. Muito feliz é quem dentre os homens supraterrâneos, elas, de boa vontade, dedicam amizade. Envia prontamente a sua grande casa, a seu lar, Pluto, que dá riqueza aos homens mortais. Vamos vós que tendes a região perfumada de Elêusis e Paros banhada ao redor e Antrona pedregosa, tu, Déo, soberana de esplêndidos dons, senhora que trazes as estações, e tua filha, belíssima Perséfone, de boa vontade, em troca do meu canto, dai-me vida aprazível. Depois eu me lembrarei de ti e de outro canto.

11.2 Anexo II - Ovídio, Metamorfoses, I. d.C, versão Carvalho (2010)

A primeira a sentir-lhe a veracidade, foi cerúlea Liríope, que outrora, em curvo curso enlaçou Cefiso, e, presa na corrente, a violou. A ninfa belíssima, grávida, pariu um filho, mui digno de ser amado, e de Narciso o chama. Consultado, então, se viveria até a senectude, o vate fatídico falou: “Se não se conhecer”. Durante anos, vã parece a voz do áugure. Furor estranho e o tipo de morte comprovam-na. O Cefísio contava, então, dezesseis anos, podendo ser tomado por menino ou jovem. Muitos moços e muitas moças desejavam-no; mas, tão dura soberba havia em ternas formas, nenhum rapaz, nenhuma moça lhe tocou. Viu-o alçando as redes com os cervos trêmulos, ninfa loquaz, que ao ouvir não fica calada, nem fala antes de alguém, a ressoante Eco. Eco tinha, então, corpo, não só voz; porém, igual agora, a boca repetia, gárrula, entre tantas, somente as últimas palavras. Fez isto Juno, pois podendo surpreender as ninfas se deitando em montes com seu Júpiter, Eco sempre a retinha com longas conversas, para as ninfas fugirem. Satúrnica entendeu e disse: “a tua língua, que me iluiu tanto, pouco poder terá, no uso parvo da voz”. E a ameaça confirma: quando alguém diz algo, Eco repete apenas o final das frases. Quando, então, viu Narciso errando pelos campos, arde de amor por ele e a furto os passos segue-lhe; e quanto mais o segue, mais a chama arde, tal, quando se unta a extremidade de uma tocha, o vivo enxofre inflama-se perto da chama. Oh! Quantas vezes quis abordá-lo com brandas preces e afagos. Sua natureza impede que ela fale primeiro; mas a deixa apenas acolher e ecoar as palavras que ouve. Por acaso, o rapaz, desviado dos colegas, gritou: “alguém me escuta?”, “escuta!” rediz Eco. Queda-se atônito, dirige o olhar a toda parte, alça a voz e diz: “vem!”; ela chama quem chama. Volve o olhar e não vendo ninguém diz: “Por que foges de mim” e ouve de volta a mesma frase. Detém-se e, iludido por voz replicante, fala: “aqui nos juntemos!”, e Eco, com volúpia nunca experimentada, devolveu: “juntemos!” Seguindo suas próprias palavras, da selva sai e vai abraçar-se ao pescoço do amado. Ele fugindo, diz: “tira as mãos, não me abrases, morrerei antes que tu possas me reter!” E ela, apenas: “Que tu possas me reter!” Desdenhada, se esconde em selva e de vergonha e ramos cobre o rosto e vive em grutas ermas. No entanto, arde o amor e cresce com a dor; a insônia lhe consome o corpo

miserável, a magreza lhe enruga a pele e no ar se esvai o suco corporal. Restam só voz e ossos. A voz vive; viraram pedra os ossos, dizem. Assim, se esconde em selva e em monte nunca é vista. Todos ouvem-na; é som o que nela vive. Assim Narciso, esta e outras ninfas de águas e montes e também rapazes, iludira. Logo, um dos desprezados, ergue as mãos ao céu: “Que ele ame e quiçá não possua o amado!” Disse. Assentiu à justa súplica Ramnúsia. Havia uma fonte argêntea de águas límpidas, que nem pastor, nem cabras que pastam nos montes tocaram, nem um outro gado ou algum pássaro ou fera perturbara, ou ramo quedo de árvore. Havia grama em volta nutrida de húmus, e uma selva vetando o sol neste lugar. Aqui, cansado de calor e caça, o moço se deitou, atraído pela fonte amena. Enquanto anseia a sede aplacar, outra nasce. Enquanto bebe, preso à bela imagem vista, ama objeto incorpóreo, sombra em vez de corpo. Se embevece de si, e no êxtase pasma-se, como um signo marmóreo, uma estátua de Paros. Contempla, à beira, os seus olhos, estrelas gêmeas, a cabeleira digna de Apolo e de Baco, a face impúbere, o pescoço ebúrneo, a grácil boca e o rubor à nívea candura mesclado; e admira tudo aquilo que o torna admirável. Sem o saber, deseja a si mesmo e se louva, cortejando, corteja-se; incendeia e arde. Quantos beijos irados deu na falaz fonte! Quantas vezes querendo abraçar a visão, na água os braços mergulhava achando nada! Não sabe o que está vendo; mas ao ver se abrasa, e o que ilude os seus olhos mais o incita ao erro. Por que, em vão, simulacro fugaz buscas, crédulo? O que amas não há; se te afastas, desfaz-se. Isto que vês reflexo é sombra, tua imagem; nada tem de si; vem contigo e se estás fica; se partes, caso o possa, partia contigo. Nem os frutos de Ceres, nem o sono, podem demovê-lo; mas, ele, imerso em relva opaca, contempla a falsa forma sem faltar os olhos, e por seus olhos fina-se. E erguendo, um pouco, os seus braços à selva que o rodeia, indaga: “Acaso, ó selva, alguém mais cruelmente amou? sabes, pois deste a muitos refúgio oportuno. Acaso, posto que viveste tantos séculos, lembras de alguém que, outrora, assim tenha sofrido? E vejo o que me apraz; mas o que ver me apraz, tocar não posso, e em tanto engano sigo amando. E para mais sofrer, não nos separa o mar ingente, estrada, monte ou sólidas muralhas. Água exígua nos obsta. Ele aspira a mim; pois, quantas vezes beijo sua face líquida, ele, outras tantas, tenta unir-se aos meus lábios. Crês possível o toque: um mínimo nos obsta. Quem és? Vem cá! Rapaz sem par, por que me iludes? Aonde vais

sem mim? Em beleza e idade somos pares, e até mesmo as ninfas me amaram. Esperança me dás com teu semblante amigo; quando te estendo os braços, teus braços me estendes; quando rio, sorris; sempre vejo em ti lágrimas, se lacrimo, e ao meu aceno tu assentes; e, pelo movimento de teus belos lábios, colho palavras que aos ouvidos não me vêm. Esse sou eu! Sinto; não me ilude a imagem dúbia. Ardo de amor por mim, faço o fogo que sofro. Que faço? Rogo ou sou rogado? A quem rogar? Quero o que está em mim; posse que me faz pobre. Oh! Se eu pudesse separar-me de meu corpo! Desejo insólito: querer longe o que amamos! Já a dor me tira a força, resta-me de vida pouco tempo e na minha mocidade expiro. A morte não me pesa, alivia-me as dores. Este que amo queria que vivesse muito. Agora, os dois concordes, morreremos juntos”. Disse e, demente, torna o olhar à mesma face, de lágrimas turvou a água e a imagem movendo obscureceu. Ao vê-la ir-se, grita: Foges para onde? Espera, não deixes, cruel, teu amante. Que eu possa ao menos contemplar-te sem tocar e nutrir o meu triste furor”. Enquanto se lamenta, rasga, no alto, a túnica, e soca o peito nu com os punhos marmóreos. Tênuo rubor tingiu-lhe o peito golpeado, tal qual maçã que, branca em parte, em outra parte se enrubesce; ou uva imatura que toma, nos cachos variegados, uma cor purpúrea. Quando ele se reviu na água de novo límpida, não o suportou mais; mas, qual a flava cera se funde em fogo brando e o orvalho matinal ao sol nascente, assim, definhado de amor, se liquida, e o devora um fogo lento e cego. E já não há nenhum rubor na branca tez, nem ânimo ou vigor, que dava gosto ver, nem subsiste o corpo que outrora amou Eco. Quando ela o vê, ainda que bem ressentida, dele se condói, e quantos “ai!” o triste moço diz, tantos “ai!” repete em ressoante voz. E quando ele golpeia os braços com as mãos, também ela devolve o mesmo som plangente. Uma vez mais se vê na água e com voz extrema, diz: “Ai, rapaz amado em vão” e o sítio em torno tudo repete; e diz “Adeus”, “Adeus” diz Eco. Cansado, a cabeça tombou na verde relva, fechou-lhe a morte os olhos loucos pelo dono. Mesmo depois de entrar na morada infernal, ele se olha no Estige. As suas irmãs Náíades choraram, ofertando-lhe os cachos cortados; as Dríades choraram; Eco ressoou, e preparavam já a pira e as tochas fúnebres; corpo nenhum havia. No lugar acharam uma flor, cróceo broto entre pétalas brancas.

11.3 Anexo III - Sites sobre as qualidades do líder

Consulta realizada dia 16 de abril de 2015.

Resultado 1 utilizado para confeccionar a lista 1.

10 qualidades que todo bom líder deve ter

Além de mostrar resultados e ser um profissional engajado, para ser um bom líder é preciso ter qualidades específicas. Veja quais são elas

SÃO PAULO - Crescer na empresa e conquistar cargos de liderança é o sonho da maioria dos profissionais do Brasil. Segundo um estudo do LinkedIn, 52% dos brasileiros acreditam que o principal motivo para mudar de emprego é a oportunidade de conquistar cargos mais altos.

Contudo, chegar a esse objetivo não é tarefa fácil. Além de mostrar resultados, ter domínio pleno das funções e ser um profissional engajado, para ser um bom líder é preciso ter qualidades específicas - exatamente as que diferem dos demais empregados. Pensando nisso, o site da revista norte-americana Forbes compilou uma lista das 10 maiores qualidades que o líder "ideal" deve ter, confira quais são elas:

1. Honestidade

Um líder precisa ser admirado para ser seguido. Para isso, sua conduta ética tem que ser exemplar. Normalmente, os líderes seguem e passam aos subordinados os valores e crenças da empresa. O ideal é incentivar seus funcionários a criar o hábito da honestidade, o que influenciará no ambiente de trabalho e no resultado da empresa.

2. Capacidade de delegar

Delegar funções é essencial para criar uma equipe organizada e eficiente. Além de mostrar confiança nos empregados, você também tem liberdade para focar nas suas competências. O caminho para delegar é identificar os pontos fortes de cada um da equipe e tirar o proveito deste sistema.

3. Comunicação

Ser capaz de descrever de forma clara o que você quer é extremamente importante para o bom funcionamento de uma equipe. Treinar novos membros e criar um ambiente de trabalho mais produtivo depende de uma comunicação saudável também. Estar acessível aos seus funcionários e conversar fora do horário de trabalho pode ajudar no processo de estabelecer comunicação.

4. Senso de humor

O ambiente de trabalho influencia - e muito - na produtividade. Ter um chefe mal-humorado pode atrapalhar nesse quesito. O bom humor, por outro lado, é um motivo a mais para as pessoas acordarem de manhã para virem trabalhar. Não levar problemas e preocupações tão a sério pode quebrar o clima tenso do dia-a-dia.

5. Confiança

Qualquer empresa enfrentará tempos ruins, mas cabe ao líder mostrar confiança no negócio e passar tranquilidade aos funcionários. Grande parte do trabalho do líder é apagar incêndios e manter a moral da equipe, assim como o nível de confiança no negócio.

6. Compromisso

Se você espera que sua equipe trabalhe duro e o faça com qualidade, você é o primeiro a dar esse exemplo. Não há motivação maior do que ver o chefe estar comprometido com o projeto

que você também ajuda a criar. Provar seu comprometimento com a empresa só vai ganhar o respeito dos subordinados, assim como inspirá-los a ir além.

7. Atitude positiva

Se sua equipe está feliz e otimista, ela não vai se importar de se doar um pouco mais por um objetivo comum. Como já foi dito, o exemplo é fundamental para os funcionários seguirem o líder. Portanto, ser otimista e ter atitudes positivas tornará o ambiente mais leve e produtivo.

8. Criatividade

Como líder, é importante aprender a ter decisões rápidas e lidar com imprevistos. Abusar da criatividade pode ajudar nessas horas.

9. Intuição

Nem tudo vai correr conforme o planejado, e aí que sua intuição entra em cena. Geralmente, se basear nas experiências passadas pode ajudar a tomar uma boa decisão.

10. Capacidade de inspirar

A criação de um negócio, muitas vezes, envolve um pouco de visão. Especialmente em startup, inspirar sua equipe para investir no futuro é vital. Incentivar os funcionários e passar a sensação de que o negócio também é deles é a melhor forma de reter talentos e mantê-los engajados.

Fonte: <http://www.infomoney.com.br/carreira/gestao-e-lideranca/noticia/3204345/qualidades-que-todo-bom-lider-deve-ter>

Resultado 2 utilizado para confeccionar a lista 2.

As 21 Indispensáveis Qualidades de Um Líder

Título: As 21 Indispensáveis Qualidades de Um Líder

Título (EUA): The 21 Indispensable Qualities of a Leader: Becoming the Person Others Will Want to Follow

Autor: John C. Maxwell

Edição: junho, 2010

Páginas: 153

Editor: SmartBook (PT); Thomas Nelson - Singular (BR); Thomas Nelson (EUA)

As 21 Indispensáveis Qualidades de Um Líder vai diretamente ao fundamental na liderança. O Maxwell, mais uma vez, aborda o processo de desenvolvimento da arte da liderança ao dar ao leitor conselhos e ferramentas práticas que lhe permitirão desenvolver as qualidades que estão presentes nos grandes líderes." - Kenneth Blanchard, Coautor do *The One Minute Manager®*

O Dr. John Maxwell é uma autoridade no tema da liderança. Os seus princípios inovadores mas ao mesmo tempo intemporais sobre como liderar com eficácia, tiveram um impacto pessoal na minha vida e no meu negócio. Este livro é uma leitura obrigatória para qualquer empresa que queira ter sucesso neste novo milénio." - Peter Lowe, Presidente do Peter Lowe International e do Peter Lowe's SUCCESS Seminars

O meu querido amigo John Maxwell demonstrou a sua capacidade de liderar líderes. Temo aprender ainda mais com este seu novo livro." - Max Lucado, autor do livro *Just Like Jesus*

Sinopse

Com o que é que sonha? Qual é o seu maior sonho? Entretanto, o que é que está entre si e esse sonho?

A resposta é liderança: "Tudo começa e acaba com a liderança", diz o Dr. John Maxwell, autor do livro *As 21 Irrefutáveis Leis da Liderança* e agora do livro *As 21 Indispensáveis Qualidades de um Líder*, "mas saber como liderar é apenas metade da batalha. Compreender a liderança e liderar, de facto, são duas atividades diferentes."

A chave para o transformar de uma pessoa que compreende a liderança numa pessoa que lidera com sucesso no mundo real é o carácter. As qualidades do seu carácter ativam e capacitam a sua liderança - ou atrapalham o seu sucesso!

O Dr. Maxwell diz: "Parte do desenvolvimento de qualquer líder vem da aprendizagem das leis da liderança, pois estas são as ferramentas que ensinam como funciona a liderança. Mas os líderes são eficazes por causa de quem são interiormente. Para alcançar o nível mais elevado de liderança, tem de desenvolver estas qualidades de carácter, de dentro para fora."

Se olhar para todos os grandes líderes, descobrirá que eles possuem as 21 qualidades contidas neste livro, que é um complemento do livro *As 21 Irrefutáveis Leis da Liderança*. Se conseguir tornar-se o líder que deve ser interiormente, poderá tornar-se o líder que quer ser exteriormente.

Se for capaz de fazer isso descobrirá que no mundo não há nada que não consiga fazer." -
- John C. Maxwell

Sobre o autor

John C. Maxwell é um especialista em liderança internacional reconhecido, e autor de livros que já venderam mais de 13 milhões de cópias. As suas organizações já formaram mais de um milhão de líderes por todo o mundo. Maxwell é fundador da Injoy Stewardship Services e da EQUIP. Todos os anos dá palestras a companhias mencionadas na revista Fortune 500, a líderes governamentais mundiais e a diversas outras organizações tais como a Academia Militar dos Estados Unidos, em West Point, e à liga Nacional de Futebol (americana). Um dos autores mais vendidos do New York Times, do Wall Street Journal e da Business Week. Maxwell foi um dos vinte e cinco autores nomeados para o 10º Aniversário do Hall of Fame da Amazon.com. Dois dos seus livros, *As 21 Irrefutáveis Leis da Liderança* e *Developing the Leader Within you*, venderam mais de um milhão de cópias cada.

Se tirasse tempo para olhar realmente para si, encontraria as qualidades necessárias para viver os seus sonhos mais ousados, aqueles que são tão grandes que nunca os compartilhou com ninguém? Essa é uma pergunta que cada um de nós deve ter a coragem de colocar – e responder – honestamente, se quiser alcançar o seu verdadeiro potencial.”

Neste livro, John C. Maxwell aborda 21 qualidades que entende serem as que permitem ser um líder eficaz e fazer a diferença. Todas elas são apresentadas de forma muito resumida mas muito direta e capaz de gerar a reflexão e motivar a mudança nos comportamentos adotados e assim potenciar as nossas capacidades de liderança.

Cada uma das qualidades fundamentais e diferenciadoras abre com algumas citações que nos “ambientam” ao tema em causa. Segue-se uma pequena história ilustrativa da realidade abordada e que nos permite, através do exemplo, perceber o impacto que esta qualidade pode tomar na nossa liderança e nos resultados que conseguimos produzir. Depois surge uma fundamentação do autor, onde nos dá as ferramentas necessárias para gerarmos a mudança na nossa liderança e desenvolvermos o nosso domínio dessa capacidade. Segue-se uma reflexão, propostas de aplicação dos ensinamentos veiculados e um exemplo da prática diária do proposto.

A título de exemplo, sabia que “uma sondagem realizada junto a 100 milionários, que venceram pelos seus próprios esforços, mostrou apenas um denominador comum”? “Estes homens e mulheres tão bem-sucedidos, apenas conseguiam ver o bem nas pessoas.”, diz-nos Jacques Wiesel. O que nos recomenda Maxwell? Esperar sempre o melhor das pessoas, ajudá-los a terem uma autoimagem melhor. Como nos diz, “Se aprecia os outros, encoraje-os e ajude-os a alcançarem o seu potencial, eles o amarão por causa disso.”

E quais os verdadeiros obstáculos ao carisma? O que faz com que não o tenha? Segundo Maxwell apenas cinco coisas que está na sua mão mudar, o orgulho, a insegurança, o humor instável, o perfeccionismo e o cinismo. Porquê e como melhorar o seu carisma? Sim, Maxwell diz-nos exatamente porquê e como o conseguir em três simples conselhos perfeitamente realizáveis, mesmo para o líder mais ocupado.

O autor aconselha os leitores a lerem uma qualidade por dia e a pensarem nela e a reverem a sua aplicação na sua liderança durante esse dia. Sem dúvida que só assim conseguiremos retirar o maior potencial deste magnífico pequeno-grande livro e realmente gerar melhorias visíveis na nossa liderança.

As 21 qualidades que John C. Maxwell apresenta como as que um líder tem de ter para ser um

líder de sucesso, ser inspirador e eficaz, e que pensa serem passíveis de desenvolver por qualquer pessoa que pretenda ser um verdadeiro líder são:

Caráter: Seja uma parte da rocha

Carisma: A primeira impressão pode selar o acordo

Compromisso: Separar os empreendedores dos sonhadores

Comunicação: Sem ela, viajará sozinho

Competência: Se a desenvolver, eles virão

Coragem: Uma pessoa com coragem é uma maioria

Discernimento: Coloque um fim aos mistérios insolúveis

Foco: Quanto mais preciso for, mais perspicaz será

Generosidade: A sua vela não perde nada quando ilumina os outros

Iniciativa: Não saia de casa sem ela

Escutar: Para se ligar com o coração deles, use os seus ouvidos

Paixão: Aceite esta vida e ame-a

Atitude positiva: Crer é poder

Resolução de problemas: Não pode deixar que o seu problema seja um problema

Relacionamentos: Se tiver bons relacionamentos, as pessoas terão bons relacionamentos

Responsabilidade: Se não assumir o controlo, não conseguirá liderar a equipa

Segurança: A competência nunca compensa a insegurança

Autodisciplina: A primeira pessoa que lidera é a si próprio

Serviço: Para chegar à frente, coloque os outros em primeiro lugar

Disposição para aprender: Para continuar a liderar, continue a aprender

Visão: Sós e toca naquilo que se vê

Um excelente livro que, recheado de exemplos, numa linguagem muito clara e direta, apresenta claramente o porquê da fraca liderança e o como tornar-se um líder de referência, tudo isto em poucas páginas. Conselhos preciosos que todos os líderes deveriam seguir e que acredito que realmente tornarão quem o faça em líderes inspiradores e verdadeiramente eficazes, líderes que são amados, que concretizam e que não se esquecem.

Fonte: <http://www.portaldalideranca.pt/arquivo/destaque/as-21-indispensaveis-qualidades-de-um-lider>

Resultado 3 utilizado para confeccionar a lista 3.

Lição 6

Características básicas do líder

Muitas são as qualidades que definem ao líder

Nesta lição vamos falar sobre aquelas que podemos considerar básicas (são necessárias para que exista um autêntico líder), enquanto que na lição seguinte analisaremos outras complementares (contribuem a realçar a figura do líder).

O líder deve possuir todas estas qualidades básicas, logicamente umas mais que outras, mas todas elas devem estar presentes.

A ausência de alguma delas dificulta para exercer uma autêntica liderança.

Como qualidades básicas mencionamos:

Visionário: o líder se caracteriza pela sua visão em longo prazo, por se adiantar aos acontecimentos, por antecipar os problemas e detectar oportunidades muito antes que os demais.

O líder não se conforma com o que tem, é uma pessoa inconformista, criativa, que gosta ir à frente.

Pessoa de ação: o líder não só marca uns objetivos exigentes senão que luta de forma denodada por alcançá-los, sem render-se, com enorme persistência, o que no final das contas constitui a chave do sucesso.

O líder não se contenta com sonhar, o líder quer resultados.

Brilhante: o líder destaca sobre o resto da equipe, bem por sua inteligência, bem por seu espírito combativo, bem por a claridade de seus planejamientos, etc., ou provavelmente por uma combinação de tudo o anterior.

Coragem: o líder não se derruba ante as dificuldades, as metas que propõe são difíceis (embora impossíveis), temos que salvar muitos obstáculos, tendo que convencer a muita gente, mas o líder não se desanima, está tão convencido da importância das mesmas que lutará por elas, superando aqueles obstáculos que vão surgindo.

O líder defende com determinação suas convicções.

Contagia entusiasmo: o líder consegue entusiasmar a sua equipe; eles percebem que as metas que persegue o líder são positivas tanto para a empresa como para os empregados.

O futuro que oferece o líder é tão sugestivo que vale a pena lutar por isso.

Esta é uma das características fundamentais do líder, o saber contagiar seu entusiasmo, o conseguir que a equipe lhe siga, que comparta seus objetivos.

Sem uma equipe que lhe acompanhe, uma pessoa com as demais características seria um lobo solitário, mas nunca um líder (a liderança vai sempre unida a uma equipe).

Grande comunicador: outra qualidade que caracteriza ao líder são seus dotes de bom comunicador, habilidade que permite “vender” sua visão, dar a conhecer seus planos de maneira sugestiva.

Convincente: o líder é persuasivo, sabe apresentar seus argumentos de forma que consegue ganhar o apoio da organização.

Grande negociador: o líder é muito hábil negociando. A luta por seus objetivos exige negociar continuamente, tanto dentro da empresa, como com clientes, provedores, entidades financeiras, acionistas, etc.

O líder demonstra uma habilidade especial para ir avançando no longo caminho de conseguir seus objetivos.

Capacidade de mando: o líder deve basear sua liderança na arte da convicção, mas também tem que ser capaz de utilizar sua autoridade quando seja necessário.

O líder é uma pessoa compressiva, mas nunca deve ser uma pessoa branda (os subordinados lhe perderiam respeito).

O líder não pode abusar do “eu ordeno e mando”, pois assim resulta impossível motivar a uma equipe em base de autoridade, mas deve ser capaz de aplicar sua autoridade sem tremer em aquelas ocasiões que o requeram.

Exigente: com seus empregados, mas também, e muito especialmente, consigo mesmo. A luta por algumas metas difíceis requer um nível de excelência no trabalho que somente se consegue com um alto nível de exigência.

Se o líder fora exigente com seus empregados mas não consigo mesmo não seria um líder, seria um déspota que colocaria toda a organização em sua contra.

Carismático: se além do mais das características anteriores, o líder é uma pessoa carismática, nos encontraríamos ante um líder completo.

O carisma é uma habilidade natural para seduzir e atrair as pessoas, é autêntico magnetismo pessoal. O carisma permite ganhar-se a equipe, que se sente atraída por seu líder.

No entanto, temos que marcar que é perfeitamente possível um líder sem carisma.

Para uma empresa é preferível ter um líder sem carisma com um alto sentido da honestidade, que um líder carismático que utilize a organização em seu próprio benefício.

Honestidade: uns elevados valores éticos são fundamentais para que a liderança se mantenha no tempo e não se trate de uma simples “moda” passageira.

A equipe tem que ter confiança plena em seu líder, tem que estar absolutamente convencido que o líder vai atuar honestamente e não os vai a deixar na rua.

Se os subordinados detectam que o líder não joga limpo e que só lhe preocupa seus próprios interesses, perderão sua confiança nele, processo que uma vez iniciado é muito difícil de parar.

Cumpridor: o líder tem que ser uma pessoa de palavra: o que promete e cumpre.

É a única forma de que a equipe tenha confiança cega nele.

Coerente: o líder tem que viver aquilo que predica.

Se ele exige dedicação, ele tem que ser o primeiro: se fala de austeridade, ele tem que dar exemplo; se pede lealdade, ele tem que ir à frente.

O líder predica principalmente com o exemplo: não pode exigir algo a seus subordinados que ele não cumpre.

Além disso, a mensagem do líder deve ser coerente no tempo.

Não pode pensar hoje de uma maneira e amanhã de outra radicalmente distinta: confundiria a sua equipe.

Isto não implica que não possa ir evoluindo em seus planejamentos.

Fonte: <http://www.portalcursos.com/Lider/Curso/Lecc-6.htm>

Resultado 4 utilizado para confeccionar a lista 4.

As 5 qualidades de um líder

Semanticamente gerenciar é exercer funções de gerente, gerir, administrar. Liderar é direcionar, comandar, assumir a posição de líder em uma competição. É difícil acreditar, mas existem pessoas que ainda pensam que ser líder é a mesma coisa que ser gerente ou chefe. Diferente do que muita gente pensa, assumir um papel de liderança não está atrelado à função que você exerce em uma instituição ou em uma sociedade, ela está ligada a uma série de atributos, qualidades, que utilizadas por uma pessoa o proporciona uma posição de destaque mesmo que ela não assuma uma posição de chefia ou gerência. Dentro dessas qualidades podemos destacar cinco:

1. **VISÃO** Identificar uma oportunidade e persegui-la. Muitas pessoas sonham alto, mas o líder agita a si mesmo e aos outros para perseguir o sonho. A visão envolve saber onde quer estar ou mesmo onde todos poderiam estar, e recusando-se a estabelecer qualquer coisa menor do que conseguir alcançar o sonho.

2. **CRATIVIDADE** Algumas vezes, o potencial da liderança fica visível em algo tão simples quanto encontrar uma maneira melhor de fazer operações-padrão. Outros podem ficar satisfeitos em fazer a mesma coisa, do mesmo modo, dia após dia. Além de tudo, eles provavelmente não terão seus salários aumentados por serem mais inovadores. Mas um líder de verdade vê sempre uma maneira de fazer algo melhor, e nunca ocorre a ele a idéia de que não deva executá-la. Se for capaz de ser inovador com bastante frequência, o futuro lhe reservará uma abundância de aumentos de salário.

3. **CONFIANÇA** Muitas pessoas confundem confiança com arrogância. Não estou falando sobre ser impetuoso ou arrogante. Confiança é uma característica de maturidade, uma confiança em si mesmo, que flui da convicção. Uma pessoa com real confiança acredita que suas idéias e habilidades têm valor, e assim consegue seguir adiante sem necessitar da validação de outras pessoas.

4. **HONESTIDADE** Naturalmente você não quer fazer negócios com pessoas que não dizem a verdade. Uma pessoa genuinamente honesta abstém-se da pretensão, optando por ser ela mesma, em dizer o que sente. Você saberá onde está sempre que tiver perto de um bom líder.

5. **HUMILDADE** Há uma diferença entre humildade e humilhação. O último é coberto por um senso de vergonha, fraqueza e falha e está sempre se desculpando por alguma coisa. Entretanto, alguém que é verdadeiramente humilde não se deixa levar para baixo; em vez disso, levanta os demais, considerando-os tão importantes quanto ele mesmo. Visão, Criatividade, Confiança, Honestidade, Humildade. O mais importante sobre essas características é que elas trabalham igualmente bem em todos os níveis hierárquicos, incluindo a sala da diretoria. Onde quer que esteja, seja quem for, concentre-se em desenvolver essas cinco qualidades e você fará a diferença no mundo.

Fonte: <http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/as-5-qualidades-de-um-lider/13888/>

Resultado 5 utilizado para confeccionar a lista 5.

5 qualidades do líder moderno

Para vencer no mundo de hoje é preciso deixar velhas práticas para trás. Aqui está uma lista do que fazer

Enrico Cardoso Por Enrico Cardoso em terça-feira, 27 de agosto de 2013

5 qualidades do líder moderno 5 qualidades do líder moderno

Para vencer no mundo de hoje é preciso deixar velhas práticas para trás. Aqui está uma lista do que fazer

O mundo do trabalho continua mudando, assim como as qualidades e características que os líderes precisam para liderarem as empresas.

O trabalho, como um todo, não é o mesmo que costumava ser e nós estamos percebendo mudanças dramáticas no comportamento das pessoas diariamente. Por outro lado, a tecnologia não mudou apenas nossas relações pessoais, mas também as relações interpessoais.

Isso significa que só porque os gestores tiveram sucesso no passado, isso não vai assegurar o sucesso no futuro à frente das empresas.

Quando se trata de evoluir a forma como trabalhamos, os líderes precisam possuir 5 qualidades para ajudar suas organizações a evoluir no futuro do trabalho.

#1. Siga em frente

O modelo de gestão é sobre tirar os obstáculos dos caminhos de seus funcionários para ajuda-los a ter sucesso.

Isso se estende além da gestão de pessoas para capacitar e envolver as pessoas. A ideia tradicional de gestão foi baseada na liderança pelo medo e pela noção de comando e controle.

Funcionários costumavam trabalhar duro para permitir que seus gestores tivessem sucesso e agora são os gestores que se voltam para garantir que seus funcionários tenham sucesso.

Os funcionários são o ativo mais valioso que uma organização tem.

Ajude seus funcionários a superarem os obstáculos.

Ajude seus funcionários a superarem os obstáculos.

#2. Compreenda a tecnologia

Isso não significa perícia técnica. Não estamos dizendo que o importante para os gestores é se tornarem profissionais de TI.

No entanto, os líderes precisam entender o cenário da tecnologia em geral e como ela está afetando a forma com que trabalhamos.

Isso significa ter um bom termômetro do que está acontecendo com o consumidor na internet, bem como a compreensão das tecnologias e mídias sociais que estão mudando os rumos dos negócios.

Líderes que compreendem o que está acontecendo com a tecnologia serão sempre capazes de estar à frente da concorrência.

#3. Lidere pelo exemplo

Há um tempo atrás, dizer o que fazer era o suficiente para obter algum resultado das coisas. Um gestor só precisava aprovar as ações de seus funcionários e dizer “vá em frente”.

Mas hoje isso não é mais o suficiente. Os líderes precisam se comprometer com mais do que apenas financiar a colaboração.

Eles precisam estar ao nível dos funcionários, utilizando as mesmas ferramentas que o resto dos funcionários estão usando.

Não há nenhuma maneira dos funcionários evoluírem a menos que eles vejam seus gestores fazendo o mesmo.

#4. Abrace a vulnerabilidade

Essas características andam de mãos dadas com ser aberto e transparente. Nossas organizações foram modeladas após o período militar e, se tem algo que um comandante não pode ser é vulnerável.

No entanto, os tempos mudaram e não podemos liderar nossas empresas como militares. Levamos toda a nossa vida aprendendo a ser o oposto de vulneráveis e acabamos vestindo um escudo que impede de ver nossa vulnerabilidade.

No entanto, a vulnerabilidade é sobre ter a coragem de aparecer e ser visto. Ela é o coração absoluto da inovação e criatividade. Ser vulnerável não é ser fraco. É sobre ser corajoso: uma qualidade fundamental que todo líder deve ter.

Não tente esconder sua vulnerabilidade com um escudo.

Não tente esconder sua vulnerabilidade com um escudo.

#5. Acredite no compartilhamento

Tradicionalmente os gestores estão no topo da organização e têm acesso a todas as informações necessárias para tomar decisões. Os gerentes distribuem as ordens e os funcionários executam as ordens sem perguntas.

Gestores de hoje precisam partilhar as informações e o conhecimento, acreditando assim na inteligência coletiva.

Os líderes precisam ter certeza de que os funcionários podem se conectar uns com os outros e com a informação que precisam para realizar o trabalho a qualquer momento.

Os líderes contemporâneos já passaram a confiar em seus funcionários para ajudá-los a tomar decisões em vez de isolá-los desse processo.

Este artigo foi adaptado do original, “5 Must-Have Qualities Of The Modern Manager”, da Forbes.

Fonte: http://www.jornaldoempreendedor.com.br/destaques/lideranca/5-qualidades-do-lider-moderno#.VS_cdNzF-9Y